

O ENIGMA DE ANDRÔMEDA



MICHAEL CRICHTON

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [Le Livros](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

[Le Livros](#)

<http://LeLivros.com>



O ENIGMA DE ANDRÔMEDA

MICHAEL CRICHTON

TRADUÇÃO DE
STELLA ALVES SOUZA



Título do original norte-americano: *The Andromeda Strain*.

Copyright (c) 1969, Centesis Corporation.

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa
no Brasil adquiridos pela

Exped – Expansão Editorial S. A.,
Av. Pedro II, 374 – Rio de Janeiro.

Edição em livro de bolso autorizada pela

Exped – Expansão Editorial S. A.,

com a anuência dos proprietários do direito autoral.

Copyright (c) 1978 para edição de bolso,
em língua portuguesa,

EDITORA EDIBOLSO S. A.,
Rua Atílio Piffer, 119 – São Paulo.

Direitos reservados.

Arte de capa: Ítalo Attene.

Composição própria.

Impressão e Acabamento: Círculo do Livro S. A.

AGRADECIMENTOS

Este livro descreve os cinco dias da mais grave crise da história científica americana.

Tal como sucede na maioria das crises, os acontecimentos que envolveram a Espécie Andrômeda constituíram um complexo de precaução e insensatez, inocência e ignorância. Quase todos os que estiveram envolvidos nesses acontecimentos tiveram os seus instantes de grande brilho, bem como momentos de inacreditável estupidez. Torna-se, portanto, impossível narrar os fatos sem ofender alguns de seus participantes.

Entretanto, creio ser importante o relato dos fatos. Este país possui a maior organização científica de toda a história da humanidade. Continuamente fazem-se novas descobertas, muitas delas com importantes implicações políticas ou sociais. No futuro próximo poderão surgir novas crises do tipo de Andrômeda. Acredito, portanto, ser útil colocarmos o público a par da maneira como surgem as crises e como elas são enfrentadas.

Ao pesquisar e relatar a história da Espécie Andrômeda, contei com o auxílio generoso de inúmeras pessoas que compartilhavam o meu ponto de vista e que me encorajaram a narrar os fatos com exatidão e detalhes.

Quero apresentar meus agradecimentos aos participantes do Projeto Wildfire e da investigação da assim. chamada Espécie Andrômeda. Todos eles concordaram em me receber e com muitos deles as minhas entrevistas prolongaram-se por dias. Além disso, tive a oportunidade de consultar as transcrições de seus depoimentos arquivados em Arlington Hall (Subestação número 7), somando mais de quinze mil páginas datilografadas. Esse material, reunido em vinte volumes, constitui a história completa dos acontecimentos que se desenrolaram em Flatrock, Nevada, conforme o relato de cada um dos participantes. Dessa forma, tive a oportunidade de utilizar os seus pontos de vista individuais ao elaborar um relato conjunto.

Trata-se de uma narrativa um tanto técnica, detendo-se nos problemas complexos da ciência. Sempre que possível, procurei explicar os aspectos científicos, os problemas e as técnicas. Evitei a tentação de simplificar demasiado tanto as indagações quanto as soluções, e assim, caso o leitor seja por vezes obrigado a lutar com uma passagem contendo detalhes técnicos, peço desculpas,

Tentei, igualmente, captar e transmitir a tensão e a agitação dos acontecimentos que se desenrolaram naqueles cinco dias, pois há um drama inerente na história

de Andrômeda e se esta é uma crônica de erros estúpidos e letais, é também uma crônica de heroísmo e inteligência.

M.C.

Cambridge, Massachusetts.

Janeiro de 1969

ESPÉCIE ANDRÔMEDA

ESPÉCIE ANDRÔMEDA

O CONTEÚDO DESTA PASTA É ABSOLUTAMENTE
CONFIDENCIAL

Seu exame por pessoas não autorizadas a fazê-lo importa em crime sujeito à pena de prisão de 20 anos e multa de US\$ 20.000.

NÃO ACEITE DO PORTADOR CASO O SELO ESTEJA
VIOI ADO

A lei prevê que o portador deverá exigir o seu cartão 7.592. Ele não tem autorização para entregar a pasta sem essa prova de identidade.

REGISTRO AUTOMÁTICO:

□□□□□□□□ □□ □ □□□ □□
□□□□□□□□ □□ □□□□□□□□
□□□□ □□□□ □ □□□ □□ □
□□□□ □□□□ □ □□□ □□□□
□□ □□□□ □□□□ □□□□□□□□
□ □□□□□ □□□□ □□□ □
□□□ □□□□□□□□ □□□□
□□□□□□ □ □ □ □ □ □ □

dia 1 / CONTATO



A REGIÃO DAS FRONTEIRAS PERDIDAS

Um homem com binóculo. Foi assim que começou: com um homem parado junto à estrada, numa elevação de onde se descortinava a vista sobre uma pequena povoação do Arizona, numa noite de inverno.

O Tenente Roger Shawn deve ter encontrado dificuldade em manipular o binóculo.

O metal estaria frio, e ele se sentiria desajeitado em seu casaco de pele e suas grossas luvas. Sua respiração, em contato com a atmosfera iluminada pelo luar, embaçaria as lentes. Seria forçado a interromper-se para limpá-las frequentemente, usando um dedo enluvado e rígido.

Não poderia avaliar a inutilidade desse ato. O binóculo era inútil na tentativa de examinar aquela cidade e desvendar seus segredos. Ficaria espantado se soubesse que os homens que finalmente conseguiram fazê-lo usaram, para tal, instrumentos um milhão de vezes mais possantes do que um simples binóculo.

Há algo de triste, tolo e humano na figura de Shawn, recostado numa pedra, sobre a qual apoiava os braços, segurando o binóculo junto aos olhos. Apesar de desajeitado, o binóculo ao menos seria reconfortante e familiar em suas mãos. Aquela seria uma das últimas sensações familiares antes da sua morte.

Podemos imaginar e tentar reconstituir o que aconteceu desse momento em diante.

O tenente examinou a cidadezinha lenta e metodicamente. Pôde ver que ela não era grande, com apenas uma meia dúzia de construções de madeira distribuídas ao longo de uma única rua principal. Estava envolta na quietude, sem luz, sem atividade, sem qualquer som que fosse trazido pelo vento suave.

Desviou sua atenção do povoado para os morros circundantes, os quais eram baixos, poeirentos e áridos, com vegetação raquítica, percebendo-se aqui e ali uma iuca murcha em meio à neve. Além daqueles morros, ao longe, estendia-se a vastidão plana do Deserto de Mojave, enorme e desprovido de trilhas. Os índios o denominavam de Região das Fronteiras Perdidas.

O Tenente Shawn verificou que tremia com o vento. Era fevereiro, o mais frio dos meses, e já passava das 22 horas. Voltou pela estrada acima em direção ao furgão Ford Econovan, com sua grande antena rotativa ao alto. O motor trabalhava suavemente, e era esse o único som audível. Abriu a porta traseira e subiu fechando-a atrás de si.

Foi envolvido por uma luz vermelha, destinada a evitar o ofuscamento ao sair do veículo. Sob aquela luz vermelha, os instrumentos e o equipamento eletrônico tinham um brilho esverdeado.

O soldado Lewis Crane, técnico em eletrônica, encontrava-se dentro do furgão, usando também um pesado agasalho. Debruçava-se sobre um mapa, fazendo cálculos e consultando de quando em quando os instrumentos que tinha diante de si.

Shawn perguntou a Crane se ele estava certo de terem chegado ao ponto; Crane confirmou. Os dois homens estavam cansados: haviam dirigido o dia inteiro, provenientes de Vandenberg, em busca do último satélite Scoop. Nenhum dos dois sabia grande coisa a respeito dos Scoops, além do fato de que se tratava de uma série de cápsulas secretas, com a finalidade de analisar as camadas superiores da atmosfera, regressando em seguida. Shawn e Crane eram encarregados da recuperação das cápsulas depois da sua aterrissagem.

Para facilitar sua recuperação, os satélites eram equipados com dispositivos eletrônicos que começavam a emitir sinais sonoros ao baixarem a uma altitude de oito quilômetros.

Esta a razão para a grande quantidade de equipamento radio-direcional no interior do furgão. Basicamente, ele efetuava sua própria triangulação. Em linguagem militar, aquilo era conhecido como triangulação unitária que, apesar de lenta, mostrava-se muito eficiente. O sistema era bem simples: o furgão detinha-se e determinava sua posição, registrando a potência e a direção da onda de rádio proveniente do satélite.

Isso feito, dirigia-se no rumo mais provável, percorrendo uma distância de trinta quilômetros.

Então, detinha-se novamente, estabelecendo novas coordenadas. Dessa forma, era marcada uma série de pontos da triangulação, e o furgão prosseguia em direção ao satélite através de uma trajetória em ziguezague, detendo-se a cada trinta quilômetros, a fim de corrigir os possíveis erros. O método era mais lento do que poderia obter com a utilização de dois veículos. Entretanto, era bem mais seguro. O Exército era de opinião de que dois furgões numa área serviriam para despertar suspeitas.

Durante seis horas, o furgão viera aproximando-se do satélite Scoop. E agora já haviam quase chegado. .

Crane bateu nervosamente com um lápis no mapa e anunciou o nome daquela cidadezinha ao pé da montanha: Piedmont, Arizona. População: quarenta e oito habitantes.

Os dois homens riram diante dessa informação, se bem que intimamente

estivessem preocupados. O ponto previsto para a chegada, determinado por Vandenberg, situava-se a dezoito quilômetros ao norte de Piedmont. Vandenberg estabelecera esse ponto com base em observações do radar e trajetória fornecida pelo computador 1410. As estimativas geralmente não apresentavam erros superiores a algumas centenas de metros.

Não havia como descrever das informações do equipamento radio-direcional, que indicava o dispositivo sonoro do satélite estar bem no centro do povoado. Shawn sugeriu que talvez algum habitante do lugar o tivesse visto descer - ele estaria brilhando com o sol - e talvez o apanhasse, levando-o para Piedmont.

Aquilo parecia razoável, exceto pelo fato de que qualquer pessoa que deparasse com um satélite americano recém-chegado do espaço teria informado a alguém: repórteres, polícia, NASA, Exército, alguém, enfim.

Entretanto, não houvera qualquer informação.

Shawn desceu novamente do carro, seguido por Crane, tremendo ao ser atingido pelo ar gélido. Os dois homens juntos contemplaram o povoado.

O lugarejo estava calmo, completamente às escuras. Shawn observou que tanto o posto de gasolina quanto o motel estavam com as suas luzes apagadas. E no entanto tratava-se do único posto de gasolina e do único motel numa grande extensão.

Foi então que Shawn notou os pássaros.

À luz da lua cheia, ele podia vê-los. Eram pássaros enormes, descrevendo círculos lentos acima das casas, passando qual sombras negras pela lua. Ficou imaginando por que não os notara antes e indagou o que Crane pensava daquilo.

Crane respondeu que não sabia.

- Talvez sejam abutres - acrescentou à guisa de piada.

- E é isso mesmo o que parecem - disse Shawn.

Crane riu nervosamente. Sua respiração chiava em contato com o ar da noite.

- Mas por que haveria abutres por aqui? Eles só aparecem quando há alguma coisa morta.

Shawn acendeu um cigarro, formando uma concha com as mãos, a fim de proteger a chama do vento. Não disse nada, mas olhou para baixo, em direção às casas.

Em seguida, voltou a examinar o povoado através do binóculo, mas não percebeu qualquer sinal de vida ou de movimento.

Ato contínuo, abaixou o binóculo e jogou o cigarro na neve fresca, onde a pequena chama se apagou com um chiado.

- Acho melhor descermos para dar uma olhada - disse Shawn, voltando-se para Crane.

VANDEBERG

A 480 quilômetros de distância, na grande sala quadrada desprovida de janelas que servia como Controle de Missão para o Projeto Scoop, o Tenente Edgar Comroe estava sentado com os pés sobre a mesa e uma pilha de artigos de publicações científicas à sua frente. Naquela noite, Comroe se encontrava de serviço como oficial de controle. Ele cumpria essa tarefa uma vez por mês, dirigindo as operações noturnas da turma de elite composta de doze elementos. Naquela noite, a turma acompanhava os progressos e as informações fornecidas pelo furgão codificado como Caper Um, o qual se deslocava através do deserto do Arizona.

Comroe não gostava daquele trabalho. A sala era cinzenta, iluminada por lâmpadas fluorescentes; o ambiente era apenas funcional, o que o desagradava. Não costumava vir ao Controle de Missão, exceto por ocasião dos lançamentos, quando então o ambiente era bem diferente. Nessas ocasiões, a sala enchia-se de técnicos atarefados, cada qual encarregado de um serviço específico e complexo, todos tensos naquela expectativa fria e característica que precede qualquer lançamento de nave espacial.

As noites, porém, eram monótonas. Jamais acontecia algo durante a noite. Comroe aproveitava o tempo para pôr a leitura em dia. Sua especialidade era a fisiologia cardiovascular, com especial interesse pelas tensões provocadas por acelerações muitas vezes superiores à da gravidade.

Naquela noite, Comroe estava revendo um artigo intitulado "Estoiquiometria da Capacidade de Transportar Oxigênio e Gradientes de Difusão com Tensões Gasosas Arteriais Aumentadas". Achou-o de leitura lenta e apenas vagamente interessante.

Assim, de certa forma, estava desejoso de ser interrompido quando percebeu o clique do alto-falante que trazia as transmissões vocais do furgão de Shawn e Crane.

Ouviu-se a voz de Shawn:

- Aqui é Caper Um para Vandal Deca. Caper Um para Vandal Deca. Está me ouvindo? Câmbio.

Comroe confirmou.

- *Estamos a ponto de penetrar em Piedmont e recuperar o satélite.*
- *Muito bem, Caper Um. Deixe o rádio ligado.*
- *Entendido!*

Esta era uma das regras da técnica de recuperação, segundo determinava o Manual de Regras e Sistemas do Projeto Scoop. Esse manual era uma brochura grossa de cor cinza que se encontrava numa ponta da mesa de Comroe para facilitar a consulta.

Comroe sabia que a conversa entre a base e o furgão seria gravada e que mais tarde passaria a fazer parte do arquivo permanente do projeto. Entretanto, jamais descobrira uma boa razão para esse procedimento. Na realidade, aos seus olhos, a coisa sempre se afigurara como sendo da maior simplicidade: o furgão partia, apanhava a cápsula e retomava.

Deu de ombros, voltando ao seu artigo sobre as tensões gasosas, ouvindo apenas vagamente a voz de Shawn que informava:

- Estamos agora dentro do povoado. Acabamos de ultrapassar uma bomba de gasolina e um motel. Tudo está quieto por aqui. Não há sinal de vida. Os sinais do satélite estão ficando mais fortes. Há uma igreja distante meio quarteirão daqui. Não há luzes ou qualquer espécie de atividade.

Comroe largou sua leitura. A tensão na voz de Shawn era inconfundível. Normalmente, Comroe acharia engraçada a ideia de dois homens adultos que ficavam nervosos ao penetrar num pequeno povoado desértico adormecido. Entretanto, conhecia Shawn pessoalmente e sabia que ele, independentemente de quaisquer outras virtudes, era um sujeito literalmente desprovido de imaginação. Era uma dessas pessoas capazes de dormir durante um filme de terror. Assim era Shawn.

Comroe começou a prestar atenção.

Acima da estática podia ouvir o ruído do motor do furgão. E também ouvia a conversa dos dois homens que estavam em seu interior.

Shawn: - Tudo muito quieto por aqui.

Crane: - Está mesmo.

Depois uma pausa, e então:

Crane: - Tenente?

Shawn: - Sim?

Crane: - O Senhor viu aquilo ali?

Shawn: - Aquilo o quê?

Crane: - Ali atrás, na calçada. Parecia um corpo.

Shawn: - Você está imaginando coisas.

Outra pausa e então Comroe ouviu o furgão parar com um ranger de freios.

Shawn: - Jesus!

Crane: - É outro, tenente.

Shawn: - Parece morto.

Crane: - Será que eu...

Shawn: - Não. Fique dentro do furgão.

A voz de Shawn tornou-se mais alta e mais formal enquanto fazia o chamado.

- Aqui é Caper Um chamando Vandal Deca. Câmbio!

Comroe pegou o microfone.

- Estou ouvindo. O que aconteceu?

A voz de Shawn estava tensa.

- Senhor, estamos vendo corpos. Muitos corpos. Parecem mortos.

- Tem certeza, Caper Um?

- Por Deus! - protestou Shawn. - É claro que temos certeza.

Comroe falou com tom suave:

- Prossiga em direção à cápsula, Caper Um.

Enquanto dava essa ordem, correu os olhos pela sala. Os demais doze homens da turma olhavam-no, com um olhar distante, parecendo não vê-lo. Estavam atentos à transmissão.

O furgão pôs-se novamente em movimento.

Comroe tirou os pés da mesa e apertou o botão vermelho situado no painel. Tratava-se de um dispositivo de segurança que isolava automaticamente a sala do Controle de Missão. Ninguém, daí em diante, poderia entrar ou sair sem a sua

permissão.

Em seguida, pegou o telefone, ordenando:

- Chame o Major Manchek M-A-N-C-H-E-K. É um chamado oficial. Eu espero.

Manchek era o oficial de serviço naquele mês. Era o homem diretamente responsável por todas as atividades do Projeto Scoop no mês de fevereiro.

Enquanto esperava, Comroe acomodou o fone no ombro e acendeu um cigarro.

Através do alto-falante vinha a voz de Shawn que dizia:

- *Não lhe parecem mortos, Crane?*

Crane: - Sim, senhor. Muito calmos, mas mortos.

Shawn: - De certa forma não parecem realmente mortos. É como se estivesse faltando alguma coisa. É estranho... Mas estão por toda a parte. Deve haver dezenas deles.

Crane: - Como se estivessem indo para algum lugar e caíssem. Tropeçassem e caíssem mortos.

Shawn: - Estão por toda a parte, pelas ruas, pelas calçadas...

Outro silêncio, e então o grito de Crane:

- *Senhor!*

Shawn: - Deus do céu!

Crane: - Está vendo? O homem de manto branco, atravessando a rua...

Shawn: - Estou vendo, sim!

Crane: - Ele está pisando por cima deles como se...

Shawn: - Ele vem em nossa direção!

Crane: - Tenente, escute, acho melhor dar o fora daqui, se é que permite a minha...

O som seguinte foi um grito agudo e um ruído de trituração. A transmissão foi interrompida nesse ponto e o Controle da Missão Scoop não foi mais capaz de entrar em contato com os dois homens.

CRISE

Dizem que Gladstone, ao ser informado da morte de Gordon, o "Chinês", no Egito, teria resmungado irritado que o seu general poderia ter escolhido um momento mais propício para morrer. A morte de Gordon lançaria o governo de Gladstone em caos e crise. Um auxiliar teria explicado que as circunstâncias haviam sido especiais e imprevisíveis, ao que Gladstone teria respondido mal-humorado: "Todas as crises são iguais."

Evidentemente referia-se a crises políticas. Em 1885, não havia crises científicas, e na realidade não ocorreriam quaisquer crises dessa categoria nos quarenta anos seguintes.

Desde então, ocorreram oito de maior importância, duas das quais receberam ampla publicidade. É interessante notar que as duas crises divulgadas publicamente - energia atômica e capacidade espacial - referiam-se à química e física e não à biologia.

Isso era previsível. A física foi a primeira das ciências naturais a modernizar-se e a tornar-se altamente matemática. A química seguiu os passos da física, mas a biologia, a criança atrasada, viria bem atrás. Mesmo nos tempos de Newton e Galileu, os homens tinham mais conhecimento sobre a lua e outros corpos celestes do que a respeito de si mesmos.

Somente nos fins da década de quarenta, as coisas mudariam de figura. O período pós-guerra deu margem a uma nova era de pesquisa biológica, estimulada pela descoberta dos antibióticos. Repentinamente surgiu o entusiasmo pela biologia, atraindo fundos para pesquisas, havendo, em consequência, uma verdadeira torrente de descobertas: tranquilizantes, hormônios esteroides, imunoquímica, o código genético.

Em 1953, foi efetuado o primeiro transplante de rim e, em 1958, foram testadas as primeiras pílulas anticoncepcionais. Não demorou muito para que a biologia se transformasse no campo de maior desenvolvimento dentre todas as ciências. Seus conhecimentos eram duplicados a cada dez anos. Pesquisadores previdentes falavam seriamente em mudanças de genes, controle da evolução, ordenação da mente - idéias essas que dez anos antes não passavam de especulação inconsequente.

E no entanto nunca, até então, houvera uma crise biológica. A Espécie Andrômeda se encarregaria da primeira delas.

De acordo com Lewis Bornheim, uma crise é uma situação em que um conjunto

de circunstâncias, anteriormente tolerável, subitamente, por adição de um novo fator, transforma-se em algo totalmente intolerável. Se o fator adicional é político, econômico ou científico, pouco importa: a morte de um herói nacional, a instabilidade dos preços, ou uma descoberta tecnológica podem igualmente desencadear os acontecimentos.

Nesse sentido, Gladstone estava com a razão: todas as crises são iguais.

Alfred Pockran, conhecido estudioso, fez, em sua análise das crises (*Culture, Crisis and Change*), diversas observações interessantes. Em primeiro lugar observa ele que toda crise tem os seus primórdios em fase bem anterior à situação atual. Dessa forma, Einstein publicou suas teorias da relatividade em 1905-1915, quarenta anos antes do seu trabalho culminar na conclusão de uma guerra, no início de uma nova era e no começo de uma crise.

Paralelamente, no início do século XX, os cientistas alemães, russos e americanos interessavam-se pelo problema das viagens espaciais; entretanto, apenas os alemães reconheceram o potencial militar dos foguetes. E, finda a guerra, quando a instalação de foguetes alemães em Peenemunde foi desmantelada pelos soviéticos e americanos, somente os russos deram passos imediatos e decisivos no sentido do desenvolvimento das capacidades espaciais. Os americanos contentaram-se em brincar galhofeiramente com foguetes, coisa que, mais tarde, redundaria na crise científica americana, envolvendo o Sputnik, problemas de educação, míssil balística intercontinental e a lacuna nos mísseis.

Pockran observa ainda que uma crise é composta de indivíduos e personalidades específicas:

"E tão difícil imaginar Alexandre no Rubicão e Eisenhower em Waterloo quanto é difícil imaginar Darwin escrevendo para Roosevelt narrando o potencial de uma bomba atômica. Uma crise é feita por homens que entram nela com os seus próprios preconceitos, propensões e predisposições. Uma crise é o somatório de intuição e pontos cegos, uma mistura de fatos notórios e fatos ignorados.

"Entretanto, subjacente à singularidade de cada crise, está uma perturbadora semelhança. Uma característica de todas as crises é a sua previsibilidade em retrospecto. Parece haver uma certa inevitabilidade, como se fossem predestinadas. Isto não é verdadeiro em todas as crises, mas ocorre em tantas delas que se torna o suficiente para transformar o mais empedernido historiador em cínico e misantropo."

À luz dos argumentos de Pockran, torna-se interessante analisarmos os antecedentes bem como as pessoas que tomaram parte no caso da Espécie Andrômeda. Até então, jamais ocorrera uma crise de ciência biológica, e os primeiros americanos que se defrontaram com os fatos não estavam em condições de pensar em termos de crise.

Shawn e Crane eram homens hábeis, não sendo, contudo, previdentes. E Edgar Comroe, o oficial noturno em Vandenberg, apesar de cientista, não estava preparado para maiores considerações além da irritação imediata diante do problema inexplicável que perturbara uma noite calma.

De acordo com o protocolo, Comroe chamou o seu superior, Major Arthur Manchek e nesse ponto os acontecimentos tomam um rumo diverso. Pois Manchek estava preparado e em condições de enfrentar uma crise de graves proporções.

Mas não estava preparado para reconhecê-la.

.....
O Major Manchek, com o rosto ainda enrugado pelo sono, sentou-se na extremidade da mesa de Comroe e ouviu a fita gravada da transmissão do furgão.

- É a coisa mais estranha que jamais ouvi - disse ele quando a fita terminou. Em seguida, tocou-a mais uma vez. Enquanto ouvia, enchia cuidadosamente seu cachimbo com fumo, acendendo-o e socando-o.

Arthur Manchek era engenheiro, um homem pesado e quieto, sofrendo de hipertensão oscilante que ameaçava as suas futuras promoções como oficial do Exército. Por diversas vezes, fora aconselhado a perder peso, mas não conseguira fazê-lo. Estava, portanto, levando em consideração a possibilidade de abandonar o Exército em troca de carreira científica em alguma indústria particular, onde ninguém se incomodaria com o seu peso ou a sua pressão arterial.

Manchek chegara a Vandenberg, vindo da Wright Patterson, em Ohio, onde fora o responsável pelas experiências em métodos de aterrissagem de naves espaciais. Sua incumbência fora a de desenvolver um desenho de cápsula que possibilitasse sua descida igualmente segura em terra ou no mar. Manchek conseguira desenvolver três novos modelos promissores. Seu sucesso redundara em promoção e em sua transferência para Vandenberg.

O seu trabalho era administrativo e ele o detestava. As pessoas o aborreciam e ele não sentia qualquer fascínio pelas tarefas sob a sua responsabilidade. Frequentemente desejava poder estar de volta aos túneis aerodinâmicos da Wright Patterson; sobretudo nas noites em que era tirado da cama por algum problema estúpido.

Nessas ocasiões, sentia-se irritado e tenso. Sua reação natural era tornar-se lento. Movia-se com lentidão, pensava devagar, avançava com uma deliberação laboriosa e lerda. Esse era o segredo do seu sucesso. Toda a vez que as pessoas ao seu redor se tornavam agitadas, Manchek parecia mergulhar em crescente

desinteresse, até chegar a dar a impressão de que estava prestes a adormecer. Aquilo era um truque para conseguir manter-se totalmente objetivo e de mente clara.

Agora, enquanto a fita girava pela segunda vez, Manchek suspirava, tirando baforadas de seu cachimbo.

- Segundo compreendi, não houve avaria no sistema de comunicação, não é?

- Verificamos todos os sistemas - anuiu Comroe. Aliás ainda continuamos em sintonia com a frequência. Dizendo isso, ligou o rádio, e o ruído da estática invadiu a sala.

- Conhece o sistema da tela de áudio? - perguntou.

- Vagamente - respondeu Manchek, reprimindo um bocejo.

Na realidade, tratava-se de matéria que ele desenvolvera três anos antes. Em resumo, podia-se dizer que era a maneira de se encontrar uma agulha num palheiro com o auxílio de um computador. Tratava-se de um programa capaz de detectar irregularidades num som aparentemente qualquer, escolhido ao acaso. Por exemplo: poder-se-ia gravar o burburinho das conversas num coquetel de embaixada, fornecendo, em seguida, a gravação ao computador, o qual selecionaria uma das vozes, separando-a das demais.

- Pois bem - continuou Comroe. Depois de encerrada a transmissão não pudemos ouvir nada além da mesma estática que está ouvindo agora. Recorremos, então, à tela de áudio para ver se o computador seria capaz de selecionar alguma coisa. Utilizamos igualmente o osciloscópio ali do canto.

Do outro lado da sala, a superfície verde da tela exibia uma linha recortada, branca e oscilante: o som resumido da estática.

- Então - prosseguiu Comroe - entramos com o computador. Assim.

Apertou um botão no seu painel de mesa. A linha visível no osciloscópio mudou abruptamente de aspecto. Tornou-se subitamente mais suave, mais regular, como que representando batidas, pulsações.

- Compreendo - disse Manchek

Ele realmente já o identificara, entendendo o seu significado. Sua mente estava vagando em outras paragens, examinando outras possibilidades, com ramificações mais amplas.

- Aqui está o áudio - anunciou Comroe.

Dizendo isso, apertou outro botão e a versão de áudio do sinal veio encher a sala.

Tratava-se de um ranger regular mecânico, contendo um estalido metálico repetido.

Manchek meneou a cabeça.

- Um motor. Com uma batida irregular - comentou.

- Sim senhor. Acreditamos que o rádio do furgão continue emitindo e que o motor ainda esteja funcionando. É isso o que estamos ouvindo agora, com a estática filtrada.

- Muito bem - disse Manchek.

Seu cachimbo se apagara. Ele o sugou por um instante, depois reacendeu-o, retirou-o da boca e arrancou um fiapo de fumo que estava preso à sua língua.

- Precisamos de prova - falou Manchek, como que para si mesmo.

Pensava nas variedades de provas, bem como nas possíveis descobertas e eventualidades.

- Prova de quê? - perguntou Comroe.

Manchek não prestou atenção à sua pergunta.

- Temos algum Scavenger na base?

- Não estou certo. Se não tivermos, poderemos conseguir um em Edwards.

- Então faça isso.

Dada a ordem, Manchek pôs-se de pé. Tomada a sua decisão, voltava a sentir-se cansado .. Tinha diante de si uma noite de telefonemas, com telefonistas irritadas, ligações mal feitas e vozes surpresas na outra extremidade.

- Vai ser preciso sobrevoar aquele povoado - disse ele. - E também fazer um levantamento fotográfico detalhado. Todas as latas de filmes deverão vir diretamente para cá. Previna os laboratórios.

Deu também ordens a Comroe para que convocasse os técnicos, especialmente Jagers.

Manchek não gostava de Jagers, que era um sujeito delicado e minucioso. Sabia, porém, que Jagers seria bom, e naquela noite ele precisava de gente boa.

Às 23h07, Samuel Wilson, o "Artilheiro", sobrevoava o deserto de Mojave a mil quilômetros por hora. Acima dele, à luz do luar, podia ver os dois jatos líderes, com os seus queimadores de saída brilhando ferozmente contra o céu noturno. Os aviões tinham um aspecto pesado, grávido: havia bombas de fósforo sob suas asas e fuselagem.

O avião de Wilson era diferente, lustroso, comprido e negro. Era um Scavenger, um dos sete existentes em todo o mundo.

O Scavenger era a versão operacional do X-18. Tratava-se de um jato de

reconhecimento, com raio de ação médio, totalmente equipado para missões secretas diurnas ou noturnas. Dispunha de duas máquinas de filmar, de 16mm, colocadas lateralmente, uma delas para o espectro visível e a outra para radiação de baixa frequência.

Além disso, dispunha de uma máquina central Homans, de multispex infravermelho, bem como equipamento eletrônico convencional e de radiodeteção. Evidentemente, todos os filmes e chapas eram processados automaticamente, em pleno voo, podendo ser examinados imediatamente após a chegada do avião à base.

Toda essa tecnologia transformava o Scavenger em um aparelho incredivelmente sensível. Ele era capaz de delinear os contornos de uma cidade em meio a um blackout, podendo acompanhar o deslocamento de caminhões e carros de uma altura de 2.500 m. Era capaz de detectar um submarino até a profundidade de sessenta metros. Localizava minas em portos, através das deformações nos movimentos das ondas, sendo igualmente capaz de obter uma fotografia precisa de uma fábrica por intermédio do calor residual do edifício, quatro horas depois do seu fechamento.

Assim sendo, o Scavenger era o aparelho ideal para sobrevoar Piedmont, na calada da noite.

Wilson examinou cuidadosamente o seu equipamento, com suas mãos percorrendo os controles, tocando cada um dos botões e alavancas, examinando as luzes verdes que piscavam indicando o bom funcionamento de todos os sistemas.

Ouviu um estalido em seus fones. Era o avião líder. A voz soou preguiçosa:

- Estamos nos aproximando de Piedmont, "Artilheiro". Pode vê-la?

Wilson inclinou-se para frente em sua cabina apertada. Voava baixo, apenas a uns 150 metros acima do solo, e por um instante não viu nada além de uma mancha de areia, neve e iúcas. E então, mais adiante, avistou casas ao luar.

- Confirmado. Estou vendo ..

- Certo, "Artilheiro". Abra espaço para nós.

Ele se deixou ficar para trás, mantendo a distância de aproximadamente 800 metros entre o seu avião e os outros dois, que estavam se colocando em formação Pquadrado para visualização direta do alvo com iluminação fosfórica. A visualização direta na realidade não era necessária, uma vez que o Scavenger podia funcionar sem ela. Entretanto, Vandenberg insistira na necessidade de obter toda a informação possível a respeito do povoado.

Os dois aviões afastaram-se, tomando posição paralela à rua principal do lugarejo.

- Tudo pronto, "Artilheiro"?

Wilson colocou os seus dedos delicadamente sobre os botões da câmara de filmar.

Quatro dedos, como se fosse tocar piano.

- Pronto.

- Lá vamos nós.

Os dois aviões mergulharam graciosamente em direção ao povoado. Estavam agora bem afastados e pareciam distantes apenas centímetros do solo ao começarem a soltar as bombas. Ao atingir o solo, elas produziam uma esfera luminosa de um branco incandescente que se elevava, banhando a cidadezinha de uma luz espectral e brilhante, refletindo os ventres metálicos dos aviões.

Concluída sua tarefa, os jatos ganharam altitude, mas agora o "Artilheiro" não mais os via. Toda a sua atenção, seu corpo e sua mente estavam concentrados na cidade.

- Ela é toda sua, "Artilheiro".

Wilson não respondeu. Baixou o nariz, abriu os flapes, sentindo um tranco, enquanto o avião mergulhava, qual uma pedra, em direção ao solo. Abaixo dele, toda a área ao redor do povoado estava iluminada, por centenas de metros, em todas as direções.

Ele apertou os botões, sentindo, mais que ouvindo, o zunido vibrante das câmaras.

Por um longo momento, continuou a cair e então empurrou o manche com força.

O avião pareceu agarrar o ar, para alçar voo e ganhar altitude. Wilson teve um rápido vislumbre da rua principal. Viu corpos, corpos por toda parte, estendidos, caídos na rua, por cima dos carros.

- Meu Deus... - murmurou.

Agora voltava a subir, fazendo com que o avião descrevesse uma curva suave preparando-se para nova descida e mais uma passagem. Esforçava-se por não pensar no que vira. Uma das primeiras regras do reconhecimento aéreo é "não dar atenção ao cenário". A análise e a avaliação não são assuntos da alçada do piloto. Essa tarefa deveria ser deixada para os especialistas. Os pilotos que esqueciam essa regra, interessando-se demasiado pelo objeto de suas fotografias, geralmente acabavam mal e até estatelados.

Enquanto o avião sobrevoava o alvo pela segunda vez, Wilson tentou não olhar para o solo. Mas o fez e voltou a ver os corpos. O brilho do fósforo era agora menos intenso, a iluminação mais fraca e mais sinistra. Mas os corpos continuavam no lugar; não tinham sido fruto de sua imaginação.

- Meu Deus - murmurou novamente. - Meu Deus do céu!

Na porta, havia uma placa com os dizeres: DATA PROSEX EPSILON, e abaixo, em letras vermelhas: ENTRADA SOMENTE COM CARTÃO DE AUTORIZAÇÃO.

O interior parecia o de uma confortável sala de aula: tela numa das paredes, uma dúzia de cadeiras de aço e couro diante dela e um projetor no fundo.

Quando Manchek e Comroe entraram na sala, Jagers já os estava aguardando, em pé, junto à tela. Jagers era um homem baixo, com passo elástico e um rosto com expressão ansiosa. Apesar de não gozar de grande popularidade na base, era reconhecidamente um perito na interpretação de levantamentos. Sua mente era do tipo que se deliciava com ínfimos e misteriosos detalhes, coisa bastante apropriada ao seu ramo de trabalho.

Jagers esfregava as mãos, enquanto Manchek e Comroe se acomodavam.

- Muito bem, senhores - disse ele. - Acho que podemos começar. Parece que esta noite temos algo que lhes interessará. - Fez um sinal ao operador da máquina de projeção. - Primeira foto.

As luzes da sala foram apagadas. Ouviu-se um estalo e a tela iluminou-se mostrando a vista aérea de um pequena cidade do deserto.

- Aqui têm uma chapa fora do comum - informou Jagers. - É foto tirada dos nossos arquivos. Foi feita há dois meses pelo nosso satélite de reconhecimento Janos 12. Esse satélite, conforme sabem, encontrava-se em órbita a uma distância de 300 quilômetros. A qualidade técnica é bastante boa. Ainda não é possível ler os números das placas dos automóveis, mas já estamos providenciando. No ano que vem, quem sabe.

Manchekremexeu-se em sua cadeira, mas não disse nada.

- Aqui está a cidade - continuou Jagers. - Piedmont, Arizona. Quarenta e oito habitantes e pouca coisa para ver, mesmo a trezentos quilômetros de distância. Aqui o armazém geral; o posto de gasolina; reparem como se lê nitidamente GULF; o correio; o motel. As demais são casas particulares. Aqui está a igreja. Foto seguinte, por favor.

Mais um estalo. A chapa agora era escura, com um tom avermelhado, tratando-se evidentemente de uma vista aérea do povoado em branco e vermelho-escuro. Os contornos das casas eram escuros.

- Agora estamos começando com as chapas infravermelhas tiradas pelo Scavenger. Conforme sabem, estes são filmes infravermelhos que produzem fotos com base em calor em vez de luz. O que quer que esteja quente aparecerá em branco na chapa; as coisas frias aparecem escuras. Agora... Estão vendo que

as casas são escuras, são mais frias do que o solo. Com o cair da noite as casas perdem o calor mais rapidamente.

- E o que são esses pontos brancos? - perguntou Comroe.

Havia umas quarenta ou cinquenta dessas pequenas áreas brancas no filme.

- Aquilo ali são corpos - informou Jagers. - Alguns no interior das casas, outros na rua. São cinquenta ao todo. No caso de alguns deles, como por exemplo este aqui, é possível distinguir nitidamente a cabeça e os quatro membros. Este corpo está estendido na rua.

Jagers acendeu um cigarro e apontou para um retângulo branco.

- Ao que tudo indica, podemos afirmar que isto aqui é um carro. Reparem que há um ponto branco e brilhante numa das extremidades. Isto quer dizer que o motor ainda continua funcionando, gerando calor.

- O furgão - disse Comroe, e Manchek anuiu.

- Agora impõe-se a pergunta: continuou Jagers - estarão mortas todas essas pessoas? Quanto a isso não podemos ter certeza. Os corpos parecem ter temperaturas variadas. Quarenta e sete estão bastante frios, indicando que a morte ocorreu há algum tempo. Três estão mais quentes. Dois deles se encontram aqui neste carro.

- Os nossos homens - disse Comroe. - E o terceiro?

- O terceiro parece um tanto misterioso. Aqui está ele, aparentemente em pé ou encolhido na rua. Observem que está bem branco e portanto bastante quente. Os testes que fizemos indicam que sua temperatura deverá estar oscilando em torno dos 34°C, o que é um tanto baixa, mas que pode ser provavelmente atribuído à vasoconstrição periférica em contato com o ar frio da noite. Isso faz com que caia bastante a temperatura da pele. Outra foto.

A terceira foto foi projetada na tela.

Manchek reagiu imediatamente.

- O ponto se moveu.

- Exatamente. Esta foto foi tomada por ocasião da segunda passagem. O ponto se deslocou aproximadamente vinte metros. Outra foto.

Mais outra imagem.

- Se mexeu novamente!

- Correto. Mais uns cinco ou dez metros.

- Isso quer dizer que há uma pessoa viva lá embaixo?

- Parece-me ser esta a conclusão lógica - disse Jagers.

Manchek pigarreou,

- Quer dizer que esta é a sua opinião.

- Sim, senhor. Esta é a nossa opinião.

- Que há uma pessoa lá embaixo, caminhando por entre os cadáveres?

Jaggers deu de ombros, enquanto dedilhava a tela. - Parece-me difícil imaginar qualquer outra coisa e...

Nesse instante, um soldado entrou na sala, trazendo três latas circulares debaixo do braço.

- Aqui estão os filmes de visualização direta através do P-quadrado.

- Exiba-os - pediu Manchek

O filme foi colocado no projetor. Em seguida, o Tenente Wilson foi introduzido na sala.

- Eu ainda não revi estes filmes - informou Jaggers. - Talvez seja melhor que o piloto os narre para nós.

Manchek concordou e olhou para Wilson que se levantou dirigindo-se para a extremidade da sala, esfregando nervosamente as mãos nas calças. Postou-se do lado da tela e encarou a audiência, começando a falar num tom monocórdio:

- Sobrevoei a região entre 23h08 e 23h13 desta noite. Fiz duas passagens, de leste para oeste e de oeste para leste, à velocidade de 350 quilômetros por hora, numa altitude média com altímetro corrigido de 240 metros e...

- Um instante, meu filho - interrompeu Manchek, levantando a mão. - Isto aqui não é um interrogatório. Basta contar as coisas naturalmente como se passaram.

Wilson anuiu e engoliu em seco. As luzes foram apagadas e o projetor começou a funcionar. A tela mostrava a cidadezinha banhada por luz brilhante, enquanto o avião descia sobre ela.

- Esta é a minha primeira passagem - informou Wilson. - De leste para oeste, às 23h08. São tomadas feitas pela câmara da asa esquerda, funcionando a 96 quadros por segundo. Conforme podem ver, a minha altitude está caindo rapidamente. Bem em frente está a rua principal do alvo...

Ele se deteve. Os corpos eram nitidamente visíveis. Bem como o furgão, parado no meio da rua, com a sua antena do teto ainda girando lentamente. Enquanto o avião prosseguia em sua trajetória, passando mais próximo ao veículo, puderam avistar o motorista tombado sobre o volante.

- Excelente exposição - comentou Jaggers. - Este filme de grão fino é realmente eficiente.

Manchek interrompeu-o

- Wilson nos falava sobre a sua passagem.

- Sim, senhor - continuou Wilson pigarreando e olhando para a tela. - Aqui estou bem em cima do alvo quando então pude observar os mortos que os senhores estão vendo aqui. Nessa ocasião, eu calculei uns setenta e cinco.

Sua voz era baixa e tensa. Houve uma interrupção das imagens, surgindo uma série de números, mas logo a imagem retornou.

- Agora estou voltando para fazer a minha segunda passagem - informou Wilson.

- Conforme podem ver, as luzes estão mais fracas mas ainda assim se pode...

- Pare o filme - ordenou Manchek:

O operador imobilizou o filme num dos quadros. Via-se a rua principal, longa e reta, bem como os corpos.

- Volte atrás.

O filme foi rodado ao contrário, dando a impressão de que o jato se afastava da rua.

- Ai! Pare agora!

O quadro foi imobilizado. Manchek levantou-se e dirigiu-se para a tela, colocando-se num dos lados.

- Olhem para isto aqui - disse ele apontando para uma figura.

Era um homem com um manto branco até os joelhos, em pé, olhando para cima em direção ao avião. Tratava-se de um velho, com o rosto seco e os olhos muito arregalados.

- O que é que acha disso? - perguntou Manchek, dirigindo-se a Jagers.

Jagers aproximou-se, o sobrolho franzido.

- Rodem o filme um pouco.

O filme foi posto em movimento. Puderam ver nitidamente que o homem virava a cabeça, deslocando os olhos e seguindo o avião, enquanto este o sobrevoava.

- Agora para trás - pediu Jagers.

Seu pedido foi atendido. Jagers sorriu ligeiramente.

- Na minha opinião, o homem está vivo, senhor.

- Isso mesmo - concordou Manchek em tom decidido. - Não há dúvida que sim.

E dizendo isso deixou a sala. Na saída, deteve-se por um instante para anunciar que estava declarando estado de emergência; que todos os presentes na base não poderiam deixar o local até ordem em contrário; que não haveria comunicações com o exterior e que tudo aquilo que haviam visto naquela sala era confidencial.

Uma vez no corredor, tomou o rumo do Controle da Missão, seguido por Comroe.

- Quero que chame o General Wheeler - disse Manchek - Diga a ele que eu declarei o estado de emergência sem a devida autorização e peça a ele que venha para cá imediatamente.

Tecnicamente apenas o comandante e ninguém mais tinha o direito de declarar um estado de emergência.

- Não gostaria de dizê-lo o senhor mesmo?

- Tenho outras coisas para fazer.

ALERTA

Quando Arthur Manchek entrou na pequena cabina à prova de som e sentou-se diante do telefone, sabia exatamente o que iria fazer, sem contudo estar bem certo por que o faria.

Na qualidade de um dos oficiais graduados do Projeto Scoop, recebera, aproximadamente um ano antes, instruções referentes ao Projeto Wildfire. Tais instruções, recordava Manchek, haviam sido transmitidas por um sujeito baixinho, que se expressava de maneira seca e precisa. Era um professor universitário que explicara o projeto em linhas gerais. Manchek esquecera os detalhes, exceto o fato de que havia um laboratório montado num certo ponto do país e uma equipe de cinco cientistas que, mediante aviso de alerta, assumiriam suas funções nesse laboratório. A função dessa equipe seria a investigação de possíveis formas de vida extraterrestre que fossem trazidas por uma nave espacial americana de retorno à Terra.

Manchek não sabia quem eram esses cinco homens, pois não fora informado das suas identidades. Sabia, porém, que havia uma linha especial do Departamento de Defesa que serviria para convocá-las. Para poder entrar nessa linha, teria que discar o binário de um determinado número. Meteu a mão no bolso e retirou sua carteira.

Procurou por alguns instantes até encontrar o cartão que lhe fora entregue pelo professor.

EM CASO DE FOGO
Notificar Divisão 222
Exclusivamente emergências

Fitou longamente o cartão, imaginando o que exatamente aconteceria se discasse o binário de 222. Tentou visualizar o encadeamento dos acontecimentos: Quem o atenderia? Alguém voltaria a chamá-lo? Haveria alguma investigação, ou informação junto a autoridade superior?

Esfregou os olhos e voltou a olhar o cartão. Por fim deu de ombros. Acabaria descobrindo de uma forma ou de outra.

Arrancou uma folha de papel do bloco que tinha diante de si, junto ao telefone e escreveu:

2^7 2^6 2^5 2^4 2^3 2^2 2^1 2^0

Esta era a base do sistema binário: base dois elevada a alguma potência. Dois elevado a zero era um; dois a um era dois; dois ao quadrado era quatro; e assim por diante. Manchek escreveu rapidamente outra linha abaixo da primeira:

2^7 2^6 2^5 2^4 2^3 2^2 2^1 2^0
128 64 32 16 8 4 2 1

Então começou a somar os números com a finalidade de obter um total de 222.

Marcou um traço embaixo desses números:

2^7	2^6	2^5	2^4	2^3	2^2	2^1	2^0
128	64	32	16	8	4	2	1
—	—		—	—	—	—	

Em seguida, introduziu o código binário. Os números binários eram previstos para os computadores que utilizam o tipo de linguagem ligado-desligado, sim-não. Certa vez, um matemático gracejara dizendo que os números binários eram o processo utilizado pelas pessoas que só tinham dois dedos para contar. Basicamente os números binários exprimiam os números normais (que necessitam de nove algarismos e decimais) por intermédio de um sistema que depende somente de dois algarismos: um e zero.

2^7	2^6	2^5	2^4	2^3	2^2	2^1	2^0
128	64	32	16	8	4	2	1
1	1	0	1	1	1	1	0

Manchek olhou para o número que acabara de escrever e introduziu os travessões:

1-101-1110

Um número de telefone perfeitamente razoável.

Manchek pegou o fone e discou.

Era meia-noite em ponto.

dia 2 / PIEDMONT



AS PRIMEIRAS HORAS

A maquinaria estava lá. Os cabos, os códigos, os teletipos haviam esperado inativos por dois anos. Bastava o chamado de Manchek para pôr o mecanismo em movimento.

Ao terminar a discagem, ouviu uma série de estalidos mecânicos, seguidos por um zumbido abafado, o que, segundo ele sabia, significava que a sua ligação estava sendo feita através de um dos troncos especiais. Decorrido um instante, o zumbido cessou e ouviu-se uma voz que dizia:

"Isto é uma gravação. Declare o seu nome e transmita a sua mensagem, desligando em seguida."

- Major Arthur Manchek Base Vandenberg da Força Aérea, Controle da Missão Scoop. Creio ser necessária a convocação de Alerta Wildfire. Tenho em meu poder dados para confirmação visual, os quais se encontram neste local, que acabou de ser isolado por medida de segurança.

Enquanto falava, teve a súbita impressão de que tudo aquilo era um tanto irreal.

Até mesmo o gravador não acreditaria nele. Continuou com o fone na mão, como que de certa forma aguardando uma resposta.

Entretanto, não houve qualquer resposta, apenas um estalo quando a ligação foi automaticamente cortada. O telefone estava mudo. Manchek desligou, suspirando.

Aquilo tudo era altamente frustrante.

Decorridos dez minutos do chamado de Manchek, a seguinte mensagem era recebida pelas unidades de teletipo nos setores de segurança da nação:

.....
UNIDADE

ALTAMENTE SECRETO

SEGUE CÓDIGO

DE ACORDO COM

CBW 9/9/234/435/6778/90

PULG COORDENA DELTA 8997

SEGUE MENSAGEM

CONFORME ABAIXO
ALERTA WILDFIRE CONVOCADO.
REPETIMOS ALERTA WILDFIRE FOI
CONVOCADO. LEITURA DE COORDENADAS
NASA/AMC/NSC COMB DEC.
LEITURA DA HORA DE COMANDO
LL-59-D7 NA DATA.
ANOTAÇÕES ADICIONAIS
CONFORME ABAIXO
SILÊNCIO PARA IMPRENSA
ESQUEMA 7-4-2 POTENCIAL
ESTADO DE ALERTA ATÉ NOVO AVISO
FIM DA MENSAGEM
DESLIGAR

.....

Tratava-se de mensagem automática. Todo o seu conteúdo, inclusive o referente à imprensa e a possibilidade de utilização do esquema 7-12, era automático, decorrente do chamado de Manchek

Cinco minutos depois, foi transmitida uma segunda mensagem, contendo os nomes dos integrantes da Equipe Wildfire:

.....

UNIDADE
ALTAMENTE SECRETO
SEGUE CÓDIGO
DE ACORDO COM
CBW 9/9/234/435/6778/900
SEGUE MENSAGEM
CONFORME ABAIXO
OS SEGUINTEs CIDADÃOS AMERICANOS
DO SEXO MASCULINO SÃO ENQUADRADOS
NA CONDIÇÃO ZED KAPPA. ANTERIOR
LIBERAÇÃO ALTAMENTE SECRETA FOI

CONFIRMADA. OS NOMES SÃO
STONE, JEREMY Π Π 81
LEAVITT, PETER Π Π 04
BARTON, CHARLES Π L51
CHRISTIANS ENKRIKE CANCELAR ESTA LINHA
CANCELAR ESTA LINHA CANCELAR
LEIA-SE CONFORME ABAIXO
KIRK, CHRISTIAN Π 142
HALL, MARK Π L77
CONCEDER A ESTES HOMENS
CONDIÇÃO ZED KAPPA ATÉ NOVO AVISO
FIM DA MENSAGEM FIM DA MENSAGEM

.....

Teoricamente também essa mensagem era simples rotina; seu propósito era o de enumerar os cinco membros enquadrados na condição Zed Kappa, ou seja, o código para condição "OK". Infelizmente, porém, a máquina soletrou errado um dos nomes e deixou de reler a mensagem completa. (Normalmente quando uma das unidades do tronco secreto transmitia um erro em algum ponto de uma mensagem, toda essa mensagem era re-escrita, ou melhor, relida pelo computador, a fim de assegurar a sua forma correta.)

Consequentemente a mensagem deixava margem a dúvidas. Em Washington e outros lugares, foi convocado um especialista em computadores com a finalidade de averiguar a exatidão da mensagem através do chamado "traçado reverso". O perito de Washington expressou sua grande preocupação quanto à validade da mensagem, uma vez que a máquina estava cometendo, além daqueles, outros erros de menor vulto, tais como imprimindo "L" em lugar de "I".

Em consequência, os dois primeiros nomes da lista foram considerados qualificados, enquanto os demais ficaram em suspenso, aguardando confirmação.

Allison Stone estava cansada. Em sua casa localizada nas montanhas, com vista sobre a Universidade de Stanford, ela e seu marido, presidente do Departamento de Bacteriologia da Universidade, haviam organizado uma festa para quinze casais, sendo que todos se demoraram até tarde. A Sra. Stone estava aborrecida. Fora educada em meio à formalidade de Washington, onde uma segunda xícara

de café, oferecida ostensivamente sem conhaque, era recebida como um aviso de que chegara a hora de ir para casa. Infelizmente, pensava ela, os acadêmicos não se sujeitavam a tais regras. Haviam decorrido horas desde que servira o segundo café, e todos ainda se deixavam ficar.

Faltava pouco para uma hora da manhã, quando a campainha da porta de entrada tocou. Ao abrir deparou, surpresa, com dois militares, lado a lado. Eles pareciam embaraçados e nervosos, e ela imaginou que estivessem perdidos. Era bastante comum as pessoas se perderem durante a noite ao enveredarem pelas áreas residenciais.

- Em que posso servi-los?

- Sentimos muito incomodar, minha senhora, - disse um dos militares, amavelmente.

- Mas esta não é a residência do Dr. Jeremy Stone?

- Sim - respondeu ela, franzindo o sobrolho. - É aqui mesmo.

Dizendo isso olhou para além dos dois homens, em direção à entrada de automóveis.

Avistou um sedã militar de cor azul, e junto a ele, um homem em pé, parecendo segurar algo nas mãos.

- Aquele homem está armado? - perguntou ela.

- Senhora - insistiu o homem. - Temos que ver o Dr. Stone imediatamente, por favor.

Aquilo tudo lhe pareceu muito estranho, e ela sentiu medo. Correu os olhos pelo gramado e percebeu a presença de um quarto homem que se aproximava da casa e olhava através da janela. Em meio à luz pálida que banhava o gramado, ela pode perceber nitidamente o rifle em suas mãos.

- Que é que está acontecendo?

- Escute, minha senhora. Não queremos estragar a sua festa. Por favor, peça ao Dr. Stone que venha até a porta.

- Não sei se...

- Caso contrário, seremos obrigados a ir buscá-lo - avisou o homem.

Ela hesitou por um breve instante, dizendo em seguida:

- Esperem aqui.

Deu um passo para trás, fazendo menção de fechar a porta, mas um dos homens já deslizara para o corredor. Foi postar-se junto à porta, muito ereto e cortês, com o quepe na mão. - Vou aguardar aqui, minha senhora informou ele, sorrindo-lhe.

A Sra. Stone retornou à sua festa, esforçando-se por não permitir que os convidados percebessem o que se passava. Todos continuavam conversando e rindo. Havia muito barulho e fumaça na sala. Encontrou Jeremy num dos cantos, mergulhado numa discussão a respeito de arruaças. Tocou o seu ombro, e ele afastou-se do grupo.

- Sei que parece estranho, mas acontece que há um militar lá no corredor, outro do lado de fora e mais dois com armas no gramado. Eles dizem que querem vê-lo.

Por um instante, Stone pareceu surpreso, mas logo em seguida acenou com a cabeça.

- Pode deixar que eu vou tratar disso.

Sua reação aborreceu-a; ele deu a impressão de quase estar esperando pela coisa.

- Bem, se você sabia, poderia ter-me avisado.

- Eu não sabia - protestou ele. - Depois explico.

Dirigiu-se para o corredor onde o militar continuava esperando. Ela seguiu o marido.

- Sou o Dr. Stone.

- Capitão Morton, senhor - apresentou-se o oficial. Não estendeu a mão para um aperto. - Há fogo, senhor.

- Muito bem - disse Stone, olhando para o seu traje a rigor. - Há tempo para trocar de roupa?

- Infelizmente não.

Para sua surpresa, Allison viu o marido concordar calmamente.

- Está bem.

Stone voltou-se para ela.

- Tenho que sair.

Seu rosto estava pálido e inexpressivo, e ela teve a impressão de estar vivendo um pesadelo. Sentia-se confusa e assustada.

- Quando vai voltar?

- Não sei bem. Uma semana ou duas. Talvez mais.

Ela tentou conservar a voz calma, mas não conseguiu. Estava por demais perturbada

- O que é isto? Você está sendo levado preso?

- Nada disto - protestou Stone, com um ligeiro sorriso. - Não é nada disso.

Apresente minhas desculpas a todos, está bem?

- Mas... e as armas?

- Sra. Stone - interferiu o oficial - É nossa tarefa proteger o seu marido. Nada deverá lhe acontecer daqui por diante.

- E isso mesmo - confirmou Stone. - Procure compreender. Repentinamente eis que me transformo numa pessoa muito importante.

Dizendo isso voltou a sorrir, um sorriso estranho e forçado, e deu-lhe um beijo.

E então, antes mesmo que ela percebesse o que se passava, saiu de casa, ladeado pelo Capitão Morton e pelo outro militar. O homem do rifle postou-se atrás deles, sem uma palavra. O outro, que se encontrava junto ao carro, fez uma continência e abriu a porta.

Os faróis foram acesos, as portas bateram e o carro pôs-se em movimento, afastando-se e desaparecendo dentro da noite. Ela ainda continuava em pé junto à porta quando um dos convidados acercou-se perguntando:

- Você está bem, Allison?

Ao voltar, ela percebeu que era capaz de sorrir e dizer: - Está tudo bem, não foi nada. Apenas Jeremy foi obrigado a sair. Foi chamado ao laboratório. Mais uma das suas experiências noturnas que não está dando certo.

O convidado meneou a cabeça.

- Que pena. A festa está adorável.

No carro, Stone recostou-se e fitou os militares. Mais tarde lembraria que seus rostos eram inexpressivos.

- O que é que vocês têm para mim? - perguntou.

- O que temos?

- Claro, maldição! O que foi que mandaram para mim? Devem ter-lhes dado alguma coisa para mim.

- Ah, sim senhor.

Passaram-lhe uma pasta fina. Sobre a capa de papelão marrom estava escrito: RESUMO DE PROJETO: SCOOP.

- Nada mais?

- Não senhor.

Stone suspirou. Jamais ouvira falar em Projeto Scoop. A pasta deveria ser lida cuidadosamente. Entretanto, interior do carro era escuro demais para ler. Teria tempo para fazê-lo mais tarde, no avião. Passou a rememorar aqueles últimos cinco anos. Relembrou aquele simpósio um tanto estranho, realizado em Long

Island, bem como aquele orador britânico também um tanto estranho e que de certa forma desencadeara tudo aquilo.

No verão de 1962, J. J. Merrick, biofísico britânico, apresentou um trabalho ao Décimo Simpósio Biológico em Cold Spring Harbor, Long Island. O título do seu trabalho era: "*Frequência de Contato Biológico de Acordo com as Probabilidades de Diferenciação das Espécies.*"

Merrick era um cientista rebelde, muito pouco ortodoxo, cuja reputação em nada se beneficiaria do seu recente divórcio ou da presença de sua bonita secretária loura que ele levava consigo ao simpósio. Seguindo-se à apresentação da sua tese, houve bem poucas discussões sérias quanto à natureza de suas idéias que estavam resumidas na parte final do trabalho:

"Sou levado a concluir que o primeiro contato com vida extraterrestre será determinado pelas probabilidades conhecidas da diferenciação das espécies. É um fato indiscutível que os organismos complexos são raros sobre a Terra, enquanto organismos simples florescem abundantemente. Há milhões de bactérias e milhares de espécies de insetos. Há poucas espécies de primatas e somente quatro de macacos de grande porte. Existe exclusivamente uma espécie humana.

Essa frequência de diferenciação das espécies é acompanhada por uma frequência correspondente em números. As criaturas simples são muito mais comuns do que os organismos complexos. Há três bilhões de homens sobre a Terra e isso pode parecer muito até que nos lembremos de que dez ou até mesmo cem vezes esse número de bactérias poderá ser contido num só frasco grande.

Todas as provas disponíveis quanto à origem da vida levam-nos a uma evolução progressiva das formas de vida das mais simples às mais complexas. É o que acontece na Terra. Provavelmente o mesmo se aplica a todo o universo. Shapley Merrow e outros calcularam o número de possíveis sistemas planetários no universo próximo. Os meus próprios cálculos, divulgados mais acima neste trabalho, tratam da relativa abundância de diferentes organismos através do universo.

O meu propósito foi o de determinar a probabilidade de contato entre o homem e outra forma de vida. Esta probabilidade é a seguinte:

FORMA	PROBABILIDADE
Organismos unicelulares ou inferiores (in- formação genética isolada)7840
Organismos multicelulares, simples1940
Organismos multicelulares, complexos, porém desprovidos de sistema nervoso coordenado0140
Organismos multicelulares com órgãos integrados, inclusive sistema nervoso0078
Organismos multicelulares com sistema nervoso complexo capaz de controlar da- dos 7 + (capacidade humana)	<u>.0002</u>
	1.0000

Essas considerações me levam a acreditar que a primeira interação com vida extraterrestre consistirá em contato com organismos semelhantes, se não idênticos, a bactérias ou vírus terrestres. As consequências de tal contato parecem-nos perturbadoras quando lembramos que três por cento de todas as bactérias terrestres são capazes de exercer algum efeito danoso sobre o homem.”

Mais tarde, o próprio Merrick aventara a possibilidade de que o primeiro contato consistiria numa praga trazida da lua pelo primeiro homem que lá chegasse. Essa

ideia foi acolhida com hilaridade pelos cientistas presentes.

Um dos poucos a levar a coisa a sério fora Jeremy Stone. Com 36 anos, Stone seria talvez a personalidade mais destacada a comparecer ao simpósio daquele ano.

Era professor de Bacteriologia em Stanford, posto que ocupava desde os 30 anos, e acabara de receber o Prêmio Nobel.

A relação dos feitos de Stone - isso sem levar em consideração a série de experiências que culminaram no Prêmio Nobel - é realmente espantosa. Em 1955, ele foi o primeiro a utilizar a técnica da contagem multiplicativa de colônias de bactérias. Em 1957, aperfeiçoou um método para a suspensão purificada. Em 1960, Stone apresentou uma nova teoria radical da atividade operon de *E. coli* e *S. tabuli*, e desenvolveu provas da natureza física das substâncias indutivas e repressivas. O seu trabalho a respeito das transformações viróticas lineares, apresentado em 1958, abriu novas frentes para pesquisa científica, sobretudo junto à equipe do Instituto Pasteur de Paris que subseqüentemente recebeu o Prêmio Nobel de 1966.

Em 1961, o próprio Stone recebeu o Prêmio Nobel. Esse laurel lhe foi concedido por seu trabalho sobre a reversão bacteriana que ele tinha elaborado nas horas vagas em seus tempos de estudante de direito em Michigan, quando contava vinte e seis anos.

Talvez o fato mais significativo sobre a pessoa de Stone fosse o de ter elaborado o seu trabalho digno de um prêmio dessa categoria quando estudante de direito, uma vez que isso demonstra a profundidade e a variedade dos seus interesses. A seu respeito disse uma vez um amigo: "Jeremy sabe tudo e tem fascinação pelo resto." Lá estava sendo comparado a Einstein e Bohr, como um cientista possuidor de consciência, visão global e justa valorização da importância dos acontecimentos.

Fisicamente, Stone era um homem magro, ligeiramente careca, possuidor de memória prodigiosa, capaz de catalogar fatos científicos e anedotas infames com igual facilidade. Entretanto, a sua característica mais marcante era uma espécie de impaciência, fazendo com que todos ao seu redor se sentissem como se estivessem desperdiçando o seu tempo. Tinha o péssimo hábito de interromper oradores e encerrar conversas, hábito esse que tentava controlar sem grande sucesso. Suas maneiras imperiosas, acrescidas ao fato de ter sido agraciado com o Prêmio Nobel muito jovem ainda, bem como os escândalos da sua vida particular - casara-se quatro vezes, duas das quais com esposas de seus colegas - não contribuíam em nada para aumentar a sua popularidade.

Entretanto, fora Stone quem, no início da década de sessenta, representara a nova classe científica junto aos círculos governamentais. Ele próprio encarava esse

papel com uma tolerância divertida. Seu comentário era de que se tratava de "um vácuo impaciente por ser enchido com gás quente". Na realidade, porém, sua influência era bastante considerável.

No início da década de sessenta, a América compreendia com certa relutância que possuía, na qualidade de nação, o mais poderoso complexo científico de toda a história do mundo. Oitenta por cento das descobertas científicas feitas nas últimas três décadas eram devidas aos americanos. Os Estados Unidos possuíam 75 por cento de todos os computadores e 90 por cento dos lasers existentes no mundo. Os Estados Unidos possuíam três vezes e meia mais cientistas do que a União Soviética e os gastos em pesquisas obedeciam a essa mesma proporção. Possuíam ainda quatro vezes mais cientistas do que a Comunidade Econômica Europeia, gastando em pesquisa sete vezes mais do que esta. A maior parte desse dinheiro provinha, direta ou indiretamente, do Congresso, e este tinha grande necessidade de homens para aconselharem-no quanto à sua aplicação.

Durante a década de cinquenta, todos os grandes conselheiros tinham sido físicos: Teller, Oppenheimer, Bruckman e Weidner. Entretanto, decorridos dez anos, com mais verbas para a biologia e maior interesse pelo assunto, surgiu um novo grupo liderado por DeBakey, em Houston; Farmer, em Boston; Heggeman, em Nova York; e Stone, na Califórnia.

A notoriedade de Stone devia-se a muitos fatores: o prestígio decorrente do Prêmio Nobel; seus contatos políticos; sua nova mulher, filha de Thomas Wayne, Senador pelo Estado da Indiana; sua experiência jurídica. Todos esses fatores associados possibilitaram a Stone o comparecimento frequente aos confusos subcomitês do Senado, concedendo-lhe o poder de qualquer conselheiro acreditado.

E foi esse mesmo poder que ele utilizou com tanto sucesso para pôr em prática a pesquisa e a construção que resultariam em Wildfire.

As idéias de Merrick despertaram a curiosidade de Stone por se assemelharem a alguns de seus próprios conceitos. Ele os expusera num trabalho curto intitulado "Esterilização de Espaçonaves", publicado na revista Science e mais tarde reproduzido na revista britânica Nature. Defendia o ponto de vista de que a contaminação bacteriana era uma faca de dois gumes e que o homem deveria proteger-se contra ambos os gumes.

Antes do aparecimento do trabalho de Stone, a maior parte das discussões referentes à contaminação restringia-se aos riscos que correriam os outros planetas no caso de satélites e sondas que levassem inadvertidamente organismos terrestres em seu bojo. Esse problema fora aventado bem no início do programa espacial americano.

Em consequência, por volta de 1959, a NASA estabelecera normas severas

quanto à esterilização de sondas de origem terrestre. Tais normas tinham por finalidade prevenir a contaminação de outros mundos. Evidentemente, uma sonda que fosse enviada para Marte ou Vênus, em busca de novas formas de vida, teria anulada a finalidade de sua missão caso levasse em seu bojo bactérias terrestres.

Já Stone se preocupava com a situação inversa. Alegava que seria igualmente possível que organismos extraterrestres contaminassem a Terra através das sondas espaciais. Fazia ver que as espaçonaves que se incendiavam por ocasião da re-entrada na atmosfera não apresentavam qualquer problema. Entretanto, os retornos "vivos", os voos tripulados e sondas do tipo em que se enquadrava o satélite Scoop, apresentavam aspecto totalmente diverso. Nesses casos, afirmava ele, o problema da possibilidade de contaminação era muito sério.

Seu trabalho provocou um certo alvoroço e interesse, sem ser, conforme ele mesmo declararia mais tarde, "nada de espetacular". Portanto, em 1963, Stone deu início a um seminário coletivo informal, com o grupo reunindo-se duas vezes por mês na Sala 410, no último andar da seção de Bioquímica da Escola de Medicina de Stanford.

Nessas ocasiões, almoçavam e discutiam os problemas de contaminação. Foi esse grupo de cinco homens - Stone e John Black, de Stanford; Samuel Holden e Terence Lisset, da Cal Med; e Andrew Weiss, da Biofísica de Berkeley - que acabaram constituindo o núcleo primitivo do Projeto Wildfire. Em 1965, apresentaram uma petição ao presidente, conscienciosamente calcada na carta escrita em 1940 por Einstein a Roosevelt, com referência à bomba atômica.

*Universidade de Stanford
Palo Alto, Califórnia
10 de junho de 1965*

*Ao Presidente dos Estados Unidos da América
Casa Branca
1600 Pensylvania Avenue
Washington, D. C*

Caro Senhor Presidente,

Recentes exames teóricos levam a crer que os processos de esterilização das sondas espaciais que são recuperadas talvez sejam inadequados para garantir a reentrada estéril na atmosfera deste planeta. A consequência disso é a introdução potencial de organismos virulentos na presente estrutura ecológica terrestre.

É nossa opinião que a esterilização de sondas recuperáveis e cápsulas

tripuladas jamais poderá ser totalmente satisfatória. Nossos cálculos indicam que mesmo no caso de ser processada uma esterilização das cápsulas no espaço, ainda assim a probabilidade de contaminação seria de uma em dez mil, ou talvez muito mais.

Tais estimativas são baseadas nos nossos conhecimentos sobre a vida organizada; poderão existir outras formas de vida inteiramente resistentes aos nossos métodos de esterilização.

Assim sendo, solicitamos insistentemente que sejam criadas condições visando à possibilidade de enfrentar uma forma de vida extraterrestre no caso de sua introdução inadvertida em nosso planeta. O propósito de tal instalação seria duplo: limitar a disseminação dessa forma de vida e dispor de laboratórios para seu estudo e análise, visando a proteger as formas de vida terrestre de sua influência.

Recomendamos que tal estabelecimento fique localizado em região desabitada do território americano; que seja construído subterraneamente; que seja dotado de todos os dispositivos técnicos de isolamento conhecidos; e que seja equipado com um dispositivo nuclear para a sua autodestruição no caso de emergência. Ao que nos é dado saber, não há forma de vida capaz de sobreviver a dois milhões de graus de calor que sucedem uma detonação nuclear.

Cordialmente, subscrevemo-nos

*Jeremy Stone
John Black
Samuel Holden
Terence Lisset
Andrew Weiss.*

A reação a essa carta foi agradavelmente rápida. Vinte e quatro horas depois, Stone recebia um chamado de um dos conselheiros do presidente e no dia seguinte voava para Washington, a fim de conferenciar com o presidente e com os membros do Conselho de Segurança Nacional. Duas semanas depois, voava para Houston, a fim de discutir novos planos com o pessoal da NASA.

Se bem que Stone recorde uma ou duas confusões a respeito da "desgraçada penitenciária para micróbios", a maioria dos cientistas com quem discutiu o assunto mostrou-se favorável ao projeto. Decorrido um mês, a equipe informal constituída por Stone foi reforçada e transformada em comitê oficial que deveria estudar os problemas da contaminação, apresentando recomendações nesse sentido.

O comitê foi incluído na Relação dos Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa e subvencionado por este último. Nessa ocasião

estavam sendo feitos investimentos substanciais nos campos de Química e da Física - pulverização iônica, duplicação reversa, substratos pimeson - mas havia também um interesse crescente pelos problemas biológicos. Dessa forma, havia um grupo das Pesquisas Avançadas estudando o ritmo eletrônico das funções cerebrais (um eufemismo para designar controle da mente); um outro preparava um estudo sobre a bios-sinergia, ou seja as possíveis combinações futuras de homem e máquina implantada no corpo; um terceiro grupo, ocupava-se do Projeto Ozma, levado a efeito no período 1961-64 em busca de vida extraterrestre. Havia ainda um quarto grupo tratando dos estudos preliminares de uma máquina capaz de desempenhar todas as funções humanas.

Todos esses projetos eram essencialmente teóricos, sendo dirigidos e constituídos por cientistas de prestígio. A admissão às Pesquisas Avançadas era sinônimo de boa situação e de garantia de subvenções futuras para o seu desenvolvimento e incremento.

Portanto, quando o comitê chefiado por Stone apresentou um plano primário para o Protocolo de Análise da Vida, plano esse que detalhava a maneira pela qual deveria ser estudada qualquer forma de vida, o Departamento de Defesa reagiu fornecendo uma verba direta de vinte e dois milhões de dólares para a construção de um laboratório especial e isolado. (Essa importância tão elevada justificava-se, uma vez que o projeto teria aplicação em outros estudos já então em cursos. Em 1965, todo esse setor referente à esterilidade e contaminação tinha grande importância e destaque.)

A NASA, por exemplo, estava construindo o Laboratório de Recepção Lunar, instalação de segurança destinada aos astronautas do Projeto Apollo quando de volta da Lua, pois seriam possivelmente portadores de bactérias ou vírus ao homem. Cada astronauta de retorno da Lua seria encerrado nesse laboratório, permanecendo em quarentena por três semanas, até que fosse completada a descontaminação. Havia, além disso, os problemas das "salas limpas" na indústria, onde o nível de poeira e bactérias deveria ser o mínimo possível, e também as "câmaras estéreis", em estudo em Bethesda, igualmente da maior importância. Coisas como ambientes assépticos, "ilhas de vida" e sistemas estéreis de manutenção pareciam ter grande significado para o futuro e, conseqüentemente, a verba posta à disposição de Stone era considerada um bom investimento em todos esses setores.)

Uma vez havendo numerário disponível, a construção prosseguiu rapidamente, surgindo assim, em 1966, o Laboratório Wildfire, construído em Flatrock, Nevada. O projeto foi entregue aos arquitetos navais da Electric Boat Division da General Dynamics, uma vez que essa organização possuía considerável experiência em projetar alojamentos em submarinos atômicos onde homens precisavam sobreviver e trabalhar por longos períodos.

O plano consistia de uma estrutura subterrânea cônica, com cinco pavimentos. Cada um desses pavimentos possuía planta circular, com um núcleo central abrigando os cabos, as instalações em geral e os elevadores. Cada pavimento era mais estéril do que aquele que lhe era superior. Assim, o primeiro andar não era estéril, o segundo moderadamente estéril, o terceiro estritamente estéril e assim por diante. Não havia liberdade de circulação entre os andares; os funcionários eram submetidos a descontaminação e quarentena ao subir ou descer.

Uma vez concluída a construção do laboratório, restava apenas selecionar a equipe do Alerta Wildfire: o grupo de cientistas que deveria estudar qualquer novo organismo.

Após demorados estudos para a composição de uma equipe, foram selecionados cinco homens, incluindo o próprio Jeremy Stone. Os cinco foram preparados para uma mobilização imediata no caso de ocorrer uma emergência biológica.

Decorridos apenas dois anos da sua carta dirigida ao presidente, Stone tinha a satisfação de verificar que "este país está em condições de lidar com qualquer agente biológico estranho". Declarou-se feliz com a reação de Washington e a rapidez com que as suas idéias haviam sido postas em prática. Entretanto, muito particularmente, ele confessava aos amigos que tudo havia sido quase que demasiado fácil, que Washington concordara com seus planos de maneira excessivamente rápida.

Stone não poderia adivinhar então quais os motivos existentes por trás da ansiedade de Washington ou avaliar a grande e genuína preocupação de muitos membros do governo com esse problema. Pois Stone ignorava totalmente a existência do Projeto Scoop até a noite em que deixou a festa e entrou naquele sedã militar de cor azul.

- Foi a coisa mais veloz que conseguimos arranjar - informou o militar.

Stone entrou no avião com uma sensação de que tudo aquilo era absurdo. Era um Boeing 727, inteiramente vazio, com os assentos arrumados em filas.

- Pode acomodar-se na primeira classe, se quiser - gracejou o oficial. - Não faz diferença.

Em seguida, saiu. Em seu lugar não surgiu uma aeromoça, e sim um austero membro da Polícia Militar, com uma pistola na cintura, postando-se junto à porta, enquanto os motores eram ligados e começavam a zunir suavemente em meio ao silêncio noturno.

Stone acomodou-se em seu assento, com a pasta Scoop diante de si. Começou a ler, percebendo imediatamente que o seu conteúdo era fascinante. Terminou tão rapidamente que o policial deve ter pensado que o passageiro estava apenas

folheando a pasta e passando os olhos ligeiramente. Stone, entretanto, estava lendo palavra por palavra.

O Projeto Scoop. fora idealizado pelo General-de-divisão Thomas Sparks, chefe do Corpo Médico do Exército, Divisão Militar de Química e Biologia. Sparks era o responsável pela pesquisa das instalações CBW em Fort Detrick, Maryland, Harley, Indiana e Dugway, Utah. Stone tivera a oportunidade de encontrá-lo uma ou duas vezes e se recordava dele como sendo um sujeito afável que usava óculos. Não era o tipo do homem que se imaginaria para o posto que ocupava.

Prosseguindo com a leitura, Stone ficou sabendo que o Projeto Scoop fora contratado ao Laboratório de Propulsão a Jato do Instituto de Tecnologia da Califórnia, em Pasadena, no ano de 1963. Seu propósito declarado era o de coletar quaisquer organismos que pudessem ser encontrados no "espaço próximo", ou seja, a camada superior da atmosfera terrestre. Em termos claros, tratava-se de um projeto do Exército, porém custeado através da NASA, supostamente uma organização civil. Na realidade, a NASA era um órgão do governo, com grandes conotações militares; 43 por cento do seu trabalho contratual em 1963 eram de caráter secreto.

Teoricamente, o objetivo do LPJ era projetar um satélite que penetrasse nos limites do espaço, com a finalidade de coletar organismos e poeira para exame. O projeto era considerado puramente científico - quase como simples curiosidade -, sendo aceito como tal por todos os cientistas envolvidos em seu estudo.

Na realidade, porém, os verdadeiros propósitos eram bem diversos.

As reais finalidades do Scoop eram as de encontrar novas formas de vida visando a incrementar o programa de Fort Detrick. Em essência, tratava-se de pesquisa destinada a descobrir novas armas biológicas para a guerra.

Detrick era uma estrutura desconexa situada em Maryland e dedicada à descoberta de armas químicas e biológicas. Ocupando uma área de 5,2 km², com instalações avaliadas em cem milhões de dólares, era considerada como um dos maiores estabelecimentos de pesquisa de todos os gêneros dentro dos Estados Unidos. Somente 15 por cento de suas descobertas chegavam a ser divulgados em publicações científicas às quais o público tinha acesso; o restante era secreto, o mesmo acontecendo com relatórios apresentados por Harley e Dugway.

Harley era um estabelecimento de máxima segurança, ocupando-se, de um modo geral, com pesquisas de vírus. Nos dez anos anteriores, haviam sido desenvolvidos nesse local inúmeros novos vírus, desde a variedade codificada como Carrie Nation (que provocava diarreia) até a denominada Arnold (que

ocasiona espasmos clônicos e morte). O campo de provas de Dugway era maior do que o estado de Rhode Island, sendo utilizado principalmente para testar gases venenosos, tais como Tabun, Sldar e Kuff-11.

Stone sabia que bem poucos americanos conheciam a extensão das pesquisas feitas nos Estados Unidos no campo das armas químicas e biológicas. O total da verba governamental para tais atividades era superior a meio bilhão de dólares anuais. Boa parte dessa importância era distribuída pelos centros acadêmicos, tais como Johns Hopkins, Pensilvânia e Universidade de Chicago, onde pesquisas referentes a armas eram contratadas sob condições nebulosas. Por vezes, é claro, essas condições não eram tão vagas assim. O programa de Johns Hopkins visava a *"estudos de danos e moléstias reais ou potenciais, estudos referentes a moléstias potencialmente significativas como armas biológicas, e avaliação de certas reações químicas e imunológicas a determinados toxoides e vacinas"*.

Nos últimos oito anos, nenhuma das conclusões obtidas em Johns Hopkins fora divulgada publicamente. Os estudos de outras universidades, como Chicago e UCLA, eram publicados ocasionalmente, sendo, porém, considerados nos círculos militares como "balões de ensaio", visando a divulgar itens das pesquisas em curso com a finalidade de intimidar os observadores estrangeiros. Um exemplo clássico era o trabalho elaborado por Tendron e outros cinco, intitulado: *"Pesquisas Referentes a uma Toxina que Desacopla Rapidamente a Fosforilação Oxidativa Através da Absorção Cutânea."*

O trabalho descrevia, mas não identificava, um veneno capaz de matar uma pessoa em menos de um minuto, sendo absorvido através da pele. Dizia-se que a descoberta era relativamente sem importância, se comparada a outras toxinas isoladas em anos recentes.

Com tanto dinheiro e empenho aplicado no programa das armas químicas e biológicas, seria de esperar que novas armas cada vez mais virulentas fossem continuamente aperfeiçoadas. Entretanto, isso não ocorreu de 1961 a 1965. A conclusão a que chegou em 1961 o subcomitê do Senado para o estado de prontidão foi de que "a pesquisa convencional fora menos que satisfatória" e que "novos caminhos e processos de investigação" deveriam ser adotados nesse campo.

Era essa precisamente a intenção do General-de-divisão Thomas Sparks ao idealizar o Projeto Scoop.

Em sua forma definitiva, o projeto visava a colocar dezessete satélites em órbita, em torno da Terra, os quais coletariam organismos, trazendo-os de volta ao nosso planeta. Stone leu os relatórios referentes a cada um dos voos anteriores.

O Scoop I era um satélite revestido de ouro de formato cônico, pesando dezessete quilos, incluindo-se o equipamento. Fora lançado da base aérea de Vandenberg,

em Purisima, Califórnia, no dia 12 de março de 1966. Vandenberg é a base de lançamento para órbita de trajetória oeste-leste, em oposição ao Cabo Kennedy, onde são feitos lançamentos leste-oeste. Vandenberg conta ainda com a vantagem adicional de melhores condições de sigilo do que em Cabo Kennedy O Scoop I permaneceu em órbita por seis dias antes de ser trazido de volta. Aterrisou com sucesso num pântano nas proximidades de Athens, na Geórgia Infelizmente chegou-se à conclusão de que continha tão-somente organismos terrestres conhecidos.

O Scoop II incendiou-se por ocasião da re-entrada, em consequência de falha nos instrumentos.

O Scoop III incendiou-se igualmente, apesar de contar com um novo tipo de blindagem antitérmica, sob forma de um laminado à base de plástico e tungstênio.

Os Scoops IV e V foram recuperados intatos no Oceano Índico e junto aos Montes Apalaches, respectivamente, sem que contivessem quaisquer organismos radicalmente novos; os encontrados eram variantes inofensivas de *S. Albus*, um contaminante comum da pele humana normal. Esses insucessos levaram à intensificação dos processos de esterilização que precediam aos lançamentos.

O Scoop VI foi lançado no dia do Ano Novo, em 1967. Estava equipado com os últimos aperfeiçoamentos decorrentes das mais recentes descobertas no ramo. Grandes esperanças acompanhavam a missão desse satélite, o qual retomaria depois de onze dias, aterrisando nas proximidades de Bombaim, na Índia A 34ª Unidade Aerotransportada, baseada em Evreux, perto de Paris, na França, foi despachada em sigilo para recuperar a cápsula. Essa unidade ficava de prontidão todas as vezes que se iniciava uma viagem espacial.

Tal procedimento obedecia ao disposto na Operação Scrub, um plano que inicialmente visara a proteger as cápsulas Mercury e Gemini, caso fossem obrigados a descer na Rússia ou num dos países do bloco oriental. Scrub era, portanto, a razão básica para a manutenção de uma única divisão de paraquedistas na Europa Ocidental na primeira metade da década de sessenta.

O Scoop VI foi recuperado sem grandes novidades. Continha uma forma já conhecida de organismo unicelular, de formato cocobacilar, gram-negativo, coagulase e trioquinase-positivo. Esse organismo, entretanto, revelou-se inofensivo de um modo geral para com as coisas vivas, com exceção das galinhas domésticas, nas quais provocava uma ligeira moléstia com quatro dias de duração. Em meio ao pessoal de Detrick, diminuía as esperanças de conseguir a recuperação de uma forma patogênica através do programa Scoop.

Apesar disso, o Scoop VII foi lançado logo após o Scoop VI. A data exata é mantida em sigilo, entretanto acredita-se que tenha sido 5 de fevereiro de 1967.

O Scoop VII entrou imediatamente numa órbita estável, com um apogeu de 507 quilômetros e um perigeu de 360 quilômetros. Permaneceu em órbita por dois dias e meio. Nessa ocasião, o satélite abruptamente abandonou a órbita, por motivos desconhecidos, sendo tomada a decisão de fazê-lo retomar por intermédio de controle pelo rádio.

O ponto previsto para a sua aterrissagem era uma área deserta na região nordeste do Arizona.

Em meio ao voo, sua leitura foi interrompida por um oficial que lhe trouxe um telefone, afastando-se em seguida e mantendo-se a uma distância respeitosa, enquanto Stone falava.

- Sim? - disse Stone, com uma sensação estranha. Não estava habituado a conversas telefônicas em plena viagem aérea.

- Aqui fala o General Marcus - informou uma voz cansada. Stone não conhecia o General Marcus. - Desejo apenas informar-lhe que todos os membros da equipe foram convocados, exceto o Professor Kirke.

- O que aconteceu?

- O Professor Kirke está no hospital- informou o General Marcus. - Receberá maiores detalhes quando aterrissar.

A conversa terminou aí. Stone devolveu o telefone ao oficial. Pensou por um instante nos demais membros da equipe, imaginando quais teriam sido as suas reações ao serem tirados da cama.

Havia Leavitt. Este reagiria rapidamente. Leavitt era um microbiologista clínico, um homem altamente experimentado nos processos de tratamento de doenças infecciosas. Leavitt já tivera oportunidade de se defrontar com inúmeras pragas e epidemias, sabendo da importância de uma ação rápida. Além disso, havia o seu pessimismo inato que não o abandonava jamais (Leavitt dissera certa vez: "No meu casamento, eu só conseguia pensar na pensão que minha mulher me custaria."). Era um sujeito irritadiço, rabugento e pesado, com expressão taciturna e olhos tristes que pareciam contemplar um futuro negro e miserável. Entretanto, era também um indivíduo cuidadoso, imaginativo e não temia pensar ousadamente.

E havia também Burton, o patologista de Houston. Stone jamais apreciara Burton, sem deixar de reconhecer, contudo, seu talento científico. Burton e Stone eram muito diferentes: enquanto Stone era organizado, Burton era displicente; enquanto Stone era controlado, Burton era impulsivo; enquanto Stone era confiante, Burton era nervoso, tenso e ranheta. Seus colegas referiam-se a ele como o

"tropeçador", em parte devido ao seu hábito de andar com os cordões dos sapatos desatados e as bainhas das calças despregadas, e em parte devido à frequência com que esbarrava por acaso em descobertas importantes.

E também Kirke, o antropologista de Yale, que aparentemente estaria impedido de comparecer. Caso a informação fosse confirmada, Stone sentiria sua falta. Kirke era um homem mal informado e também um tanto afetado, mas que possuía, como que por obra do acaso, um cérebro espantosamente lógico. Era capaz de destacar os detalhes essenciais de um determinado problema e manipulá-los de forma a obter o resultado necessário; se bem que fosse incapaz de contabilizar o seu próprio talão de cheques, era frequentemente procurado pelos matemáticos que buscavam sua ajuda para a solução de problemas altamente abstratos.

Esse tipo de mente faria falta a Stone. Certamente, o quinto homem não seria de grande valia. Stone franziu o sobrolho ao pensar em Mark Hall. Seu ingresso na equipe era consequência de uma concessão. Stone teria preferido um médico com experiência em distúrbios do metabolismo, e a escolha de um cirurgião foi acolhida com grande relutância. Tinha havido fortes pressões por parte da Defesa do AEC visando à aceitação de Hall, pois esses grupos acreditavam na *Hipótese do Homem Só*; por fim, Stone e os demais acabaram cedendo.

Stone não conhecia Hall muito bem. Ficou imaginando o que ele teria dito ao ser informado do estado de alerta. Stone não estava a par da demora havida em notificar os demais membros da equipe. Não sabia, por exemplo, que Burton, o patologista, não fora convocado até às 5 da manhã e que Peter Leavitt, o microbiologista, só fora chamado às 7h30, hora em que estava chegando ao hospital.

E quanto ao Hall, este só foi chamado às 7h05. Segundo Mark Hall diria depois:

"Aquele foi uma experiência aterrorizante. Num instante, fui arrancado do mais familiar dos mundos e mergulhado no mais desconhecido deles." Às 6h45, Hall encontrava-se no banheiro adjacente à sala de operação nº7, preparando-se para a primeira intervenção do dia. Estava em meio à rotina diária executada anos a fio; sentia-se repousado e gracejava com o residente que também estava se lavando.

Ao terminar, dirigiu-se para a sala de operação, com os braços estendidos diante de si, e a instrumentadora passou-lhe uma toalha para que enxugasse as mãos. Na sala havia ainda outro residente que estava preparando o paciente para a intervenção, bem como uma enfermeira. Houve uma troca geral de saudações.

Dentro do hospital, Hall era considerado um cirurgião vivo, impaciente e imprevisível. Operava rapidamente, com quase o dobro da velocidade dos demais cirurgiões.

Se as coisas corriam bem, ele ria e pilheriava com os assistentes, as enfermeiras e o anestesista, enquanto estava trabalhando. Entretanto, quando as coisas se desenrolavam com lentidão e dificuldade, Hall era capaz de tornar-se extraordinariamente irascível.

Como acontece com a maioria dos cirurgiões, dava grande importância à obediência de uma rotina. Tudo deveria seguir uma certa ordem, uma determinada maneira. Caso contrário, Hall perdia a calma.

Sabedores disso, os demais presentes na sala de operação olharam apreensivamente para Leavitt, quando esse surgiu na galeria do anfiteatro. Leavitt ligou o sistema de intercomunicação da galeria com a sala e cumprimentou:

- Olá, Mark..

Hall estava recobrando o paciente com panos verdes esterilizados, deixando apenas descoberto o abdome. Olhou surpreso pra cima.

- Ah, olá Peter.

- Sinto muito atrapalhá-lo - declarou Leavitt. - Mas acontece que se trata de uma emergência.

- Terá que esperar. Estou iniciando uma intervenção. Hall concluíra a arrumação do campo operatório e estava pedindo um dermatômetro. Apalpou o abdome para localizar a área onde iniciaria a incisão.

- Não é possível esperar - insistiu Leavitt.

Hall deteve-se. Largou o escalpelo e olhou para cima. Seguiu-se um longo silêncio.

- Que história é essa de não poder esperar?

Leavitt conservou a calma.

- Você vai ter que interromper. Trata-se de uma emergência.

- Escute, Peter. Estou com um paciente aqui na mesa. Anestesiado. Pronto para começar. Não posso sair como se nada houvesse...

- Kelly o substituirá.

Kelly era um dos cirurgiões do hospital.

- Kelly?

- Isso mesmo. Ele já está se preparando. Está tudo arranjado. Vou esperá-lo na sala dos cirurgiões. Procure-me imediatamente.

E dizendo isso, Leavitt desapareceu.

Hall correu o olhar pelos presentes na sala. Ninguém se moveu ou falou. Em

seguida, retirou as luvas e deixou a sala praguejando bem alto.

Hall encarava a sua ligação com o Projeto Wildfire como coisa sem grande importância.

Fora procurado por Leavitt, chefe de bacteriologia do hospital em 1966. Este lhe explicara esquematicamente a finalidade do projeto. Hall achou tudo aquilo um tanto divertido e concordou em juntar-se à equipe, caso algum dia os seus préstimos se tornassem necessários. Sua opinião pessoal era de que aquela história jamais daria em coisa alguma.

Leavitt se oferecera para fornecer-lhe todas as informações, bem como para mantê-lo a par do desenvolvimento do projeto. Inicialmente, Hall aceitara as pastas amavelmente, mas logo tornou-se evidente que não se dava ao trabalho de lê-las, e assim Leavitt desistiu de fornecer-lhas. Essa decisão agradou a Hall já que preferia não ver a sua mesa abarrotada de papéis.

Um ano antes, Leavitt perguntara-lhe se Hall não tinha qualquer curiosidade com relação a algo com que concordara associar-se e que, no futuro, poderia tornar-se perigoso.

- Não - respondera Hall.

Agora, porém, na sala dos médicos, Hall lamentava essas palavras. O aposento era pequeno, com escaninhos nas quatro paredes e não tinha janelas. No centro, havia uma grande máquina de café tendo ao lado uma pilha de copos de papel. Leavitt estava se servindo, com o seu rosto solene e aparentemente pesaroso.

- Aposto que esse café está horrível - comentou ele.

- Não se consegue uma xícara de café decente em todo o hospital. Ande logo e mude de roupa.

- Será que não se incomoda de me dizer primeiro por quê?

- Me incomoda sim. Vamos; troque de roupa. Há um carro esperando lá fora e já estamos atrasados. Talvez já seja até tarde demais.

Leavitt falava de modo melodramático e grosseiro, coisa que sempre aborrecera a Hall.

Ouviu-se um ruído característico, enquanto Leavitt bebia o seu café.

- Exatamente como desconfie - disse ele. - Como é que vocês conseguem suportar esta porcaria? Vamos depressa, por favor.

Hall destrancou o seu escaninho e chutou a porta para mantê-la aberta. Encostou-se à porta e arrancou a cobertura plástica dos sapatos. Essa proteção era usada na sala de operações com a finalidade de prevenir descargas de eletricidade estática.

- Imagino que a próxima coisa que me dirá é que isto tem alguma relação com

aquele desgraçado projeto.

- Isso mesmo. Agora trate de andar depressa. O carro está esperando e o tráfego matinal é ruim.

Hall trocou de roupa rapidamente, sem pensar, com a sua mente instantaneamente obnubilada. Na realidade, jamais imaginara que isso fosse possível. Uma vez pronto, seguiu Leavitt em direção à entrada do hospital. Do lado de fora, ao sol, avistou o sedã verde-oliva do Exército, estacionado junto ao meio-fio, com as luzes piscando.

De repente, compreendeu, um tanto horrorizado, que Leavitt não estivera brincando, que ninguém estava brincando e que uma espécie de pesadelo terrível estava se tomando realidade.

Peter Leavitt, por sua vez, mostrava-se irritado com Hall. Leavitt, de modo geral, não tinha muita paciência com médicos praticantes. Apesar de ele próprio ter-se formado em medicina, jamais a praticara, preferindo dedicar o seu tempo à pesquisa.

Seu campo era o da microbiologia clínica e epidemiologia, sendo especializado em parasitologia. Fizera pesquisas parasitológicas em diversos países; o seu trabalho conduziu à descoberta da tênia brasileira, *Taenia renzi*, que ele descrevera em 1953.

Entretanto, sentindo-se envelhecer, Leavitt deixara de viajar. Gostava de dizer que os problemas da saúde pública eram brincadeiras para os jovens. Depois da quinta crise de amebíase intestinal, era chegado o momento de cair fora. Leavitt contraíra a sua quinta amebíase na Rodésia, em 1955. Ficara gravemente enfermo por três meses, perdendo vinte quilos. Depois disso, pedira demissão do seu cargo no serviço de saúde pública. Tendo-lhe sido oferecido o cargo de chefe de microbiologia do hospital; ele o aceitou, ficando estabelecido que lhe seria permitido dedicar boa parte de seu tempo à pesquisa.

Dentro do hospital, era considerado como um extraordinário bacteriologista clínico.

Seu interesse verdadeiro, entretanto, eram parasitas. No período de 1955 a 1964, publicou uma série de bem elaborados estudos metabólicos sobre *Ascaris* e *Necator*, estudos esses que foram considerados por outros especialistas do ramo como sendo da melhor qualidade.

A reputação de Leavitt o transformara em escolha lógica para o Projeto Wildfire, e o convite a Hall fora feito por seu intermédio. Leavitt conhecia as razões existentes por trás da escolha de Hall, se bem que o próprio Hall as desconhecesse.

Quando Leavitt lhe dissera para entrar na equipe, Hall indagara da razão para tal.

- Afinal sou apenas um cirurgião.
- E verdade - concordara Leavitt. - Mas é entendido em eletrólitos.
- E daí?
- Isso pode ser importante. Química do sangue, pH, acidez e alcalinidade. Tudo isso. Talvez isso se torne vital quando chegar o momento. .
- Mas há inúmeros outros especialistas em eletrólitos. Muitos deles mais capacitados do que eu. .
- Sim - concordara Leavitt novamente. - Mas são todos casados.
- E então?
- Nós precisamos de um solteiro.
- Por quê?
- É preciso que um dos membros da equipe seja solteiro.
- Isso é loucura.
- Talvez sim, talvez não.

Deixaram o hospital, dirigindo-se para o sedã do Exército. Um jovem oficial os esperava, muito ereto, e fez uma continência quando se aproximaram.

- Dr. Hall?
- Sim.
- Posso ver o seu cartão, por favor? .

Hall entregou-lhe o pequeno cartão plástico com o seu retrato. Por mais de um ano, vinha trazendo aquele cartão em sua carteira. Era um documento bastante estranho: apenas um nome, um retrato e a impressão do polegar; mais nada. Nada absolutamente que o identificasse como sendo um cartão oficial.

O oficial olhou para o cartão, depois para Hall e novamente para o cartão, devolvendo-o em seguida.

- Muito bem, senhor.

Abriu a porta traseira do veículo. Hall entrou, seguido por Leavitt que protegia os olhos contra a luz vermelha que piscava no teto do carro. Hall percebeu o seu gesto.

- Alguma coisa errada?
- Não. Apenas não gosto de luzes giratórias. Elas me recordam os tempos da guerra, quando era motorista de ambulância.

Leavitt acomodou-se e o carro partiu.

- Voltando ao assunto - disse ele. - Quando chegarmos ao aeroporto, você

receberá uma pasta para ler durante a viagem.

- Que viagem?

- Você vai embarcar num F-104 - disse Leavitt.

- Para onde?

- Para Nevada. Trate de ler a pasta a caminho. Quando chegarmos, não vai haver tempo para mais nada.

- E os outros da equipe?

Leavitt deu uma espiada no relógio.

- Kirke está com apendicite e foi hospitalizado. Os outros já começaram a trabalhar. Agora mesmo se encontram num helicóptero sobrevoando Piedmont, no Arizona.

- Nunca ouvi falar a respeito.

- Ninguém tinha ouvido falar, até agora.

PIEDMONT

Às 9h59 dessa mesma manhã, um helicóptero a jato, modelo K-4, decolou do concreto do Hangar de Segurança Máxima nº 9, em Vandenberg, tomando a direção leste, rumo ao Arizona.

A decisão de decolar de um HSM fora tomada pelo Major Manchek, preocupado em não chamar atenção para os trajes utilizados. E isso porque no interior do helicóptero encontravam-se três homens - um piloto e dois cientistas -, todos envergando roupas plásticas infláveis, que lhes conferiam o aspecto de marcianos obesos ou ainda, conforme o comentário de um dos funcionários da manutenção do hangar, de balões num desfile do Macy's.

Enquanto o helicóptero alçava voo rumo ao claro céu matinal, os dois passageiros entreolharam-se. Um deles era Jeremy Stone; o outro, Charles Burton. Ambos haviam chegado a Vandenberg apenas algumas horas antes. Stone viera de Stanford, e Burton, da Universidade de Baylor, em Houston.

Burton, com 54 anos de idade, era patologista. Ocupava uma cadeira na Escola de Medicina de Baylor, sendo também consultor do Centro de Voos Tripulados da NASA, em Houston. Anteriormente, fizera pesquisas nos Institutos Nacionais de Bethesda.

Sua especialidade tratava dos efeitos das bactérias sobre os tecidos humanos. .

Um fato curioso a respeito do desenvolvimento científico é que esse ramo vital estava praticamente virgem, antes dos estudos de Burton. Se bem que desde a hipótese de Henle, de 1840, os homens soubessem que os germes acarretavam doenças, ainda nos meados do século XX não se sabia nada a respeito de como as bactérias causavam os seus danos. Os mecanismos específicos eram ignorados.

Burton, como tantos outros contemporâneos seus, começou pelo *Diplococcus Pneumoniae*, o agente causador da pneumonia. Tinha havido grande interesse pelo pneumococo na década de quarenta, antes do advento da penicilina. Depois disso, tanto o interesse quanto as verbas para as pesquisas pareceram evaporar-se. Em seguida, Burton dedicou-se ao *Staphylococcus aureus*, um patógeno comum da pele, responsável por espinhas e furúnculos. Na ocasião em que se ocupava desse trabalho, os seus colegas o ridicularizaram: o estafilococo, como o pneumococo, era muito sensível à penicilina. Duvidaram que Burton jamais conseguisse o numerário suficiente para prosseguir com o seu trabalho.

Durante cinco anos, essa sua opinião prevaleceu. O dinheiro era escasso e

frequentemente Burton se via obrigado a suplicar junto a fundações e estabelecimentos filantrópicos. Entretanto, ele persistiu, elucidando pacientemente as camadas da parede da célula que causavam reação em tecido hospedeiro, ajudando a descobrir uma meia dúzia de toxinas segregadas pelas bactérias para fracionar o tecido, disseminar a infecção e destruir os glóbulos vermelhos.

Subitamente, em 1950, surgiram as primeiras espécies de estafilococos resistentes à penicilina. Essas novas espécies eram virulentas, produzindo mortes estranhas, frequentemente por abscesso cerebral. Praticamente da noite para o dia, Burton viu seu trabalho assumir a maior importância. Dezenas de laboratórios em todo o mundo voltavam a estudar os estafilococos. Num só ano, Burton teve as suas verbas ampliadas de seis mil para trezentos mil dólares. Pouco tempo depois, era nomeado professor de patologia.

Fazendo um retrospecto, Burton não se orgulhava muito de seu feito... Sabia que tinha sido questão de sorte, por estar ele no lugar certo fazendo a coisa apropriada no momento exato.

Estava imaginando em que daria a sua presença naquele helicóptero, àquela hora.

Sentado diante dele, Jeremy Stone procurava disfarçar o desprazer que lhe causava o aspecto de Burton. Por baixo do traje plástico, Burton vestia uma camisa esporte em padrão xadrez, suja, com uma mancha bem visível no bolso, por cima do peito esquerdo. Sua calça estava puída e amassada e, até mesmo, o seu cabelo parecia a Stone desalinhado e pouco asseado.

Stone olhava pela janela, procurando desviar os seus pensamentos para outras coisas.

- Cinquenta pessoas - disse, sacudindo a cabeça. Cinquenta pessoas mortas oito horas após a aterrissagem do Scoop VII. A dúvida é a forma de disseminação.

- Provavelmente pelo ar - atalhou Burton.

- Sim, provavelmente.

- Todos parecem ter morrido nas proximidades imediatas. Há notícias de mortes em locais mais afastados?

Stone meneou a cabeça.

- O pessoal do Exército está verificando isso a meu pedido. Estão trabalhando com a colaboração da Polícia Rodoviária. Até o momento, não há notícias de mortes em outras áreas.

- E o vento?

- Foi um verdadeiro golpe de sorte. Na última noite, o vento era bastante forte,

soprando a catorze quilômetros por hora, constante, e na direção sul. Entretanto, por volta da meia-noite, parou. Segundo fui informado, isso é pouco comum nesta época do ano.

- Mas foi bom para nós.

- Sim - concordou Stone. - Tivemos sorte em diversos outros sentidos. Não há nenhuma área habitada significativa num raio de 100 quilômetros. Mais adiante, é claro, estão Las Vegas, ao norte, San Bernardino, a oeste, e Phoenix, a leste. Não vai ser nada engraçado, se o negócio chegar a qualquer um desses lugares.

- Mas enquanto o vento estiver calmo, temos tempo.

- Parece que sim.

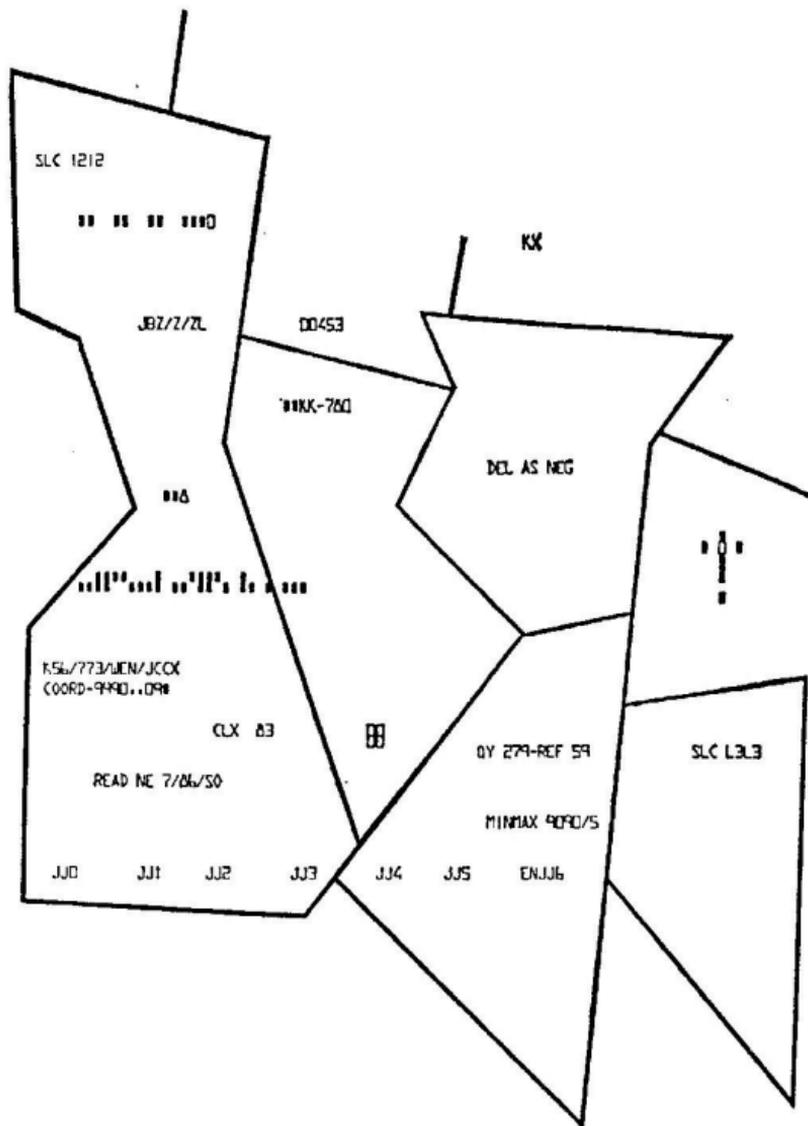
Durante a meia hora seguinte, os dois homens discutiram o problema do vetor, consultando frequentemente um maço de mapas de saída produzidos durante a noite pela divisão de computadores de Vandenberg. Os mapas constituíam análises muito complexas dos problemas geográficos. No caso específico, eram levantamentos da região sudoeste dos Estados Unidos, com destaque dado aos problemas de direção dos ventos e distribuição demográfica.

Em seguida, a discussão recaiu sobre o provável decurso da morte. Os dois homens tinham ouvido a gravação do furgão; concordavam que, aparentemente, todos os habitantes de Piedmont tinham encontrado morte súbita.

- Nem mesmo cortando o pescoço de um homem com uma navalha se conseguiria uma morte tão rápida - comentou Burton. - Mesmo seccionando-se carótida e jugular ainda há de dez a quarenta segundos precedendo a inconsciência, e quase um minuto até a morte.



Nota a respeito dos mapas de saída: estes três mapas constituem exemplos de distribuição de mapeamento computado. O primeiro mapa assemelha-se ao tipo padrão, com acréscimo das coordenadas do computador junto aos centros populacionais e outras áreas importantes.



O segundo mapa visa a definir fatores de ventos e população, e, por conseguinte, sua apresentação é distorcida.

- Em Piedmont, a morte parece ter ocorrido em um ou dois segundos.

Burton deu de ombros.

- Talvez trauma. Ou alguma espécie de ataque cerebral súbito.

- Sim. Ou gás nervoso.

- Também é possível.

- Será isso ou algo muito semelhante - disse Stone. - Se fosse o caso de alguma obstrução enzimática, como por exemplo arsênico ou estriquinina, ainda teríamos quinze a trinta segundos, ou talvez até mais. Mas uma obstrução da transmissão nervosa ou um bloqueio da junção neuromuscular, ou envenenamento cortical, isso sim poderia ser muito rápido. Poderia ser instantâneo.

- Se se tratar de um gás de ação rápida, então deverá ter alto poder de dispersão através dos pulmões.

- Ou da pele - atalhou Stone. - Mucosas, também. Qualquer superfície porosa.

Burton tocou o plástico do seu traje.

- Se o tal gás é tão dispersável assim...

Stone sorriu ligeiramente.

- Logo iremos descobrir.

Através do sistema de intercomunicação, ouviu-se a voz do piloto:

- Estamos nos aproximando de Piedmont, senhores. Queiram fornecer instruções.

- Descreva um círculo e deixe-nos dar uma espiada pediu Stone.

O helicóptero inclinou-se em ângulo agudo. Os dois homens olharam para fora e avistaram a cidadezinha abaixo deles. Os abutres haviam chegado durante a noite e se amontoavam ao redor dos corpos.

- Eu já temia isso - comentou Stone.

- Eles poderão representar um vetor da disseminação infecciosa. Comendo a carne infectada e carregando consigo os organismos.

Stone anuiu, olhando pela janela.

- O que vamos fazer? - perguntou Burton.

- Vamos atacá-los com gás - Dizendo isto, Stone ligou o sistema de comunicação interna e perguntou ao piloto: - As latas estão aí?

- Sim senhor.

- Sobrevoe a cidade mais uma vez e lance sobre toda a área.

O helicóptero oscilou e voltou atrás. Ato contínuo, os dois homens ficaram

impedidos de ver o solo que era encoberto pelas nuvens de um gás azul-pálido.

- Que substância é essa? - perguntou Burton.

- Clorazina. Usada em baixa concentração é muito eficiente sobre o metabolismo das aves. Como se sabe, os pássaros têm um índice metabólico elevado. São criaturas com pouco além de penas e músculos; seus batimentos cardíacos oscilam geralmente em torno de cento e vinte por minuto e várias das espécies ingerem diariamente mais do que o seu próprio peso.

- E esse gás é de efeito instantâneo?

- E sim.

O helicóptero afastou-se e então flutuou no ar. O gás dispersou-se lentamente com o vento fraco afastando-se em direção ao sul. Logo voltaram a ver o solo. Havia ali centenas de pássaros caídos. Alguns deles ainda agitavam as asas em movimentos convulsos; mas a maioria já estava morta.

Stone franziu o sobrolho ao contemplar a cena. Lá em algum ponto no fundo de sua mente sabia ter esquecido algo, deixado passar alguma coisa. Seria algum fato, alguma pista vital fornecida pelas aves e que ele não deveria negligenciar .

Voltaram a ouvir a voz do piloto:

- Às suas ordens, cavalheiros.

- Dirija-se para o centro da rua principal - ordenou Stone. - Então desça a escada de corda. Deve conservar-se a uns seis metros de altura. Não desça mais do que isso. Está claro?

- Sim senhor.

- Quando tivermos descido, deverá subir até uma altitude de 150 metros.

- Sim senhor.

- Volte quando lhe fizermos sinal.

- Sim senhor.

- E se alguma coisa nos acontecer...

- Devo seguir direto para o controle Wildfire - concluiu o piloto, com um tom seco.

- Correto.

O piloto sabia o que isto significava. Seu pagamento estava sendo feito de acordo com os níveis mais altos dentro da Força Aérea; recebia salário normal, acrescido de taxa de periculosidade, mais tarefas especiais em tempo de paz; mais missão sobre região hostil; mais bônus referente ao tempo de permanência no ar. Somente por aquele único dia de trabalho, ele receberia mil dólares, e sua família receberia dez mil dólares adicionais referentes à apólice de seguro por

curto prazo, caso ele não retomasse.

Havia uma razão para todo aquele dinheiro: se alguma coisa acontecesse a Burton e Stone em sua permanência no solo, o piloto tinha ordens de voar diretamente para as instalações do controle Wildfire, onde deveria ficar planando a nove metros do solo até o momento em que a Equipe Wildfire decidisse sobre a melhor forma de incinerá-lo em pleno ar junto com o aparelho.

Estava sendo pago para correr aquele risco. Apresentara-se voluntariamente para a missão. E também sabia que lá no alto, descrevendo círculos a seis mil metros de altura, encontrava-se um jato da Força Aérea equipado com mísseis. O jato tinha ordens de abater o helicóptero caso o piloto fosse acometido por um desequilíbrio nervoso de última hora e deixasse de rumar para Wildfire.

- Cuidado para não escorregar - preveniu o piloto.

O helicóptero manobrou acima da rua principal do povoado e deteve-se suspenso no ar. Ouviu-se um som chocalhante: era a escada de corda sendo atirada. Stone ergueu-se e colocou o seu capacete. Fechou bem a vedação e inflou o traje, que pareceu inchar ao seu redor. Um pequeno depósito de oxigênio forneceria ar suficiente para duas horas de exploração.

Esperou até que Burton concluísse a vedação do seu traje e então abriu a escotilha, olhando para baixo, em direção ao solo. O helicóptero levantava uma pesada nuvem de poeira.

Stone ligou o seu rádio.

- Tudo pronto?

- Tudo pronto!

Stone começou a descer a escada. Burton esperou um instante e então seguiu-o.

Não conseguia ver nada em meio à poeira turbilhonante, mas por fim sentiu que seus sapatos tocavam o solo. Largou a escada e olhou ao seu redor. Quase não conseguia distinguir o traje de Stone, que não passava de um contorno irregular em meio àquele mundo sombrio e obscuro.

A escada afastou-se, enquanto o helicóptero alçava voo. A poeira baixou. Já podiam ver.

- Vamos - disse Stone.

Desajeitados em seus trajes, os dois puseram-se em movimento através da rua principal de Piedmont.

PROCESSO DESCONHECIDO

Decorridas apenas doze horas do primeiro contato humano com a Espécie Andrômada, estabelecido em Piedmont, Burton e Stone chegavam à cidade. Semanas depois, ao apresentarem os seus relatórios, os dois cientistas recordaram vivamente aquela cena, descrevendo-a em minúcias.

O sol matinal estava ainda baixo no céu, fraco e melancólico: Longas sombras projetavam-se sobre o solo recoberto por fina camada de neve. De onde estavam, podiam avistar as casas de madeira, cinzentas e gastas, dispostas ao longo da rua. Entretanto, a primeira coisa a chamar sua atenção foi o silêncio. Havia um silêncio mortal, interrompido tão-somente pelo vento suave que zunia levemente por entre as casas vazias. Os corpos estavam espalhados por toda parte, empilhados e estirados no solo, congelados e em atitude de surpresa.

Não se ouvia, porém, qualquer som. nenhum ruído reconfortante do motor de algum carro, nenhum cão latindo, nenhuma criança gritando.

Silêncio absoluto.

Os dois homens entreolharam-se. Estavam dolorosamente cômicos do muito que havia por descobrir e por fazer. Alguma catástrofe havia atingido aquele lugarejo, e eles teriam que descobrir tudo o que pudessem a esse respeito. Mas praticamente não dispunham de quaisquer pistas, nenhum ponto de partida.

Na realidade, só tinham conhecimento de duas coisas.

Em primeiro lugar, que; aparentemente, o problema começara com a descida do Scoop VII. E, em segundo lugar, que a morte atingira os habitantes da cidade com espantosa rapidez. Caso se tratasse de moléstia proveniente do satélite, então estariam diante de algo sem precedente na história da medicina.

Por muito tempo, os dois homens ficaram em silêncio, permanecendo em pé na rua, olhando ao redor, sentindo o vento acariciar os seus trajes excessivamente amplos.

Por fim, Stone falou:

- Por que é que eles estão todos do lado de fora? Na rua? Se a moléstia tivesse chegado durante a noite, a maioria das pessoas estaria dentro das casas.

- E não é só isso - acrescentou Burton. - A maioria está vestindo pijamas. É de se imaginar que eles deveriam vestir um casaco, ou uma capa. Qualquer coisa que os aquecesse. A noite passada foi fria.

- Talvez estivessem com pressa.

- Com pressa de quê?

- Talvez de ver alguma coisa - respondeu Stone, erguendo os ombros num trejeito desanimado.

Burton inclinou-se sobre o primeiro corpo que encontraram.

- É estranho. Veja só como este homem está apertando o peito. Há alguns deles fazendo a mesma coisa.

Examinando os corpos, Stone verificou que realmente as mãos de muitos deles estavam apertadas de encontro ao peito, algumas espalmadas, outras crispadas.

- E no entanto não parecem ter sentido dor - asseverou Stone. - Veja que suas fisionomias estão tranquilas.

- Parecem quase surpresos, para falar a verdade. Estas pessoas parecem ter sido surpreendidas, atingidas a caminho. Mas estão apertando o peito.

- Seriam as coronárias?

- Duvido. Fariam caretas. É doloroso. O mesmo se aplica à embolia pulmonar.

- Se fosse muito rápido, eles não teriam tempo.

- Talvez, mas por alguma razão acho que essas pessoas morreram sem dor. Portanto, isto quer dizer que estão apertando seus peitos porque...

- Porque não conseguiam respirar - concluiu Stone.

Burton concordou.

- É possível que estejamos diante de asfixia. Uma asfixia rápida, indolor, quase instantânea. Mas ainda assim duvido. Uma pessoa que não consegue respirar, procura, em primeiro lugar, afrouxar as roupas, principalmente ao redor do pescoço e do peito. Olhe só para aquele homem ali. Está de gravata e não tocou nela. E também aquela mulher com a gola alta abotoada.

Burton estava começando a recobrar a serenidade depois do choque inicial que se seguira ao seu primeiro contato com a cidade. Começava a pensar com clareza. Dirigindo-se até o furgão que estava no meio da rua com seus faróis ainda brilhando enfraquecidos.

Stone estendeu o braço e apagou os faróis. Afastou do volante o corpo rijo do motorista e leu o nome no bolso de seu agasalho.

- Shawn.

O homem que estava sentado rígido na parte traseira do furgão era um soldado de nome Crane. Os dois homens estavam paralisados pelo rigor mortis. Stone fez um gesto em direção ao equipamento que se encontrava na parte de trás.

- Será que isso ainda funciona?

-Acho que sim – disse Burton.

- Bem, então vamos tratar de encontrar o satélite. Isto é a nossa primeira tarefa. Mais tarde, poderemos nos preocupar com...

Ele deteve-se. Estava olhando para o rosto de Shawn que evidentemente fora arremessado com violência de encontro ao volante no momento da morte. Havia um grande corte, em formato de arco, despedaçando o nariz e rasgando a pele.

- Não estou entendendo - disse Stone.

- Não está entendendo o quê?

- Este ferimento... olhe só.

- Muito limpo. Na realidade, espantosamente limpo. Praticamente sem sangue...

Foi então que Burton se deu conta. Fez menção de coçar a cabeça, mas o seu gesto foi impedido pelo capacete plástico .

- Um corte como este... no rosto. Capilares seccionados, um osso fraturado, veias da cabeça cortadas... isso deveria sangrar como o diabo.

- Pois é - acrescentou Stone. - Deveria mesmo. E olhe para os outros corpos... até mesmo nos lugares em que os abutres bicaram a carne: nenhum sangue...

Burton olhava em meio a crescente espanto. Nenhum dos corpos havia perdido uma gota sequer de sangue. Imaginou por que não o teriam notado antes.

- Talvez o mecanismo desta doença...

- Sim - interrompeu Stone. - Creio que deve ter razão. - Resmungando, arrastou Shawn para fora do furgão, depois de ter arrancado o seu corpo rígido de trás do volante.

- Vamos ao maldito satélite. Estou começando a ficar realmente preocupado.

Burton dirigiu-se à parte traseira e tirou Crane para fora, através de uma das portas, entrando em seguida, enquanto Stone punha o motor em movimento. O arranque virou lentamente, mas o motor não pegou. Stone tentou diversas vezes seguidas, sem conseguir pôr o veículo em funcionamento.

- Não compreendo - disse por fim, - É verdade que a bateria está baixa, mas ainda assim deveria ser suficiente.

- E a gasolina?

Houve uma pausa e em seguida Stone praguejou em voz alta. Burton sorriu e saltou do carro. Caminharam juntos até o posto de gasolina onde encontraram um balde e o encheram na bomba, depois de terem perdido alguns instantes procurando desvendar o seu funcionamento. Uma vez de posse da gasolina, voltaram ao carro, encheram o tanque, e Stone tentou mais uma vez.

O motor pegou e continuou funcionando. Stone sorriu.

- Vamos embora.

Burton subiu atrás, ligou o equipamento eletrônico e pôs a antena em funcionamento.

Logo pôde ouvir o fraco bipe emitido pelo satélite.

- O sinal está fraco, mas ainda existe. Parece estar em algum ponto situado para a esquerda.

Stone engrenou o furgão. Puseram-se em movimento, desviando dos corpos espalhados pela rua. O bipe foi aumentando de intensidade. Continuaram descendo a rua principal, ultrapassaram o posto de gasolina e o armazém. Subitamente o sinal enfraqueceu.

- Fomos longe demais. Faça a volta.

Stone levou algum tempo para descobrir a marcha-a-ré e então voltaram atrás, guiando-se pela intensidade do som. Passaram-se mais quinze minutos até que conseguissem localizar o ponto de origem do sinal, ao norte, nos limites da cidade.

Finalmente detiveram-se diante de uma casa simples, de um só pavimento, feita de madeira. Uma placa rangia ao vento: DR. ALAN BENEDICT.

- Poderíamos ter adivinhado que eles o levariam ao médico - disse Stone.

Os dois cientistas saltaram do furgão e dirigiram-se para a casa. A porta da frente estava aberta e batia com o vento fraco. Entraram na sala e a encontraram vazia. Virando à direita, depararam com o consultório do médico.

Benedict, um homem atarracado e grisalho, estava sentado à sua mesa, com diversos livros abertos. Numa das paredes, viam-se frascos, seringas, retratos de família e outros mostrando homens em uniformes de combate. Um deles mostrava um grupo de soldados sorridentes, com as seguintes palavras rabiscadas: Para Benny, dos rapazes da Anzio. Benedict parecia fitar inexpressivamente um dos cantos do aposento, com os olhos arregalados, mas o rosto sereno.

- Bem - comentou Burton. - É óbvio que Benedict não conseguiu chegar lá fora.

Foi nesse momento que avistaram o satélite.

Era um cone com aproximadamente noventa centímetros de altura, bem polido, com as arestas feridas e queimadas pelo calor da re-entrada na atmosfera. Fora aberto brutalmente, aparentemente com o auxílio de um alicate e um cinzel que estavam caídos no chão, juntos à cápsula .

- O desgraçado abriu o satélite - disse Stone. - Um filho da puta estúpido!

- Como é que ele iria adivinhar?

- Poderia ter perguntado a alguém - protestou Stone, suspirando. - De qualquer modo, acabou sabendo. Ele e as outras 49 pessoas. - Inclinou sobre o satélite, fechando a portinhola triangular que estava escancarada. - O recipiente está aí?

Burton apanhou um saco plástico dobrado e abriu-o. Os dois juntos envolveram o satélite com ele e em seguida o selaram.

- Espero que ainda tenha ficado alguma coisa - disse Burton.

- Já eu, de certa forma, espero que não tenha ficado...

Em seguida, voltaram a sua atenção para Benedict. Stone aproximou-se e sacudiu-o.

O homem caiu rígido da cadeira para o chão.

Burton reparou em seus cotovelos e subitamente ficou agitado. Debruçou-se sobre o corpo e chamou por Stone.

- Venha cá, ajude-me.

- A fazer o quê?

- A despi-lo.

- Para quê?

- Eu quero examinar a lividez.

- Mas para quê?

- Espere um pouco.

Dizendo isso, Burton começou a desbotar a camisa de Benedict e a afrouxar suas calças. Os dois trabalharam por alguns instantes em silêncio até que o corpo do médico ficasse nu sobre o chão.

- Aí está - disse Burton, afastando-se um pouco.

- Macacos me mordam! - exclamou Stone.

Não havia livor de decúbito. Normalmente, quando uma pessoa morre, o sangue tende a acumular-se nos pontos mais baixos, levado pela gravidade. uma pessoa que morre na cama, fica com as costas roxas em consequência do sangue aí acumulado.

Benedict, porém, que morrera sentado, não tinha vestígio de sangue nos tecidos de suas nádegas ou coxas.

E nem nos cotovelos que tinham ficado apoiados nos braços de sua cadeira.

- Trata-se de uma descoberta bem estranha - disse Burton.

Correu o olhar pela sala e descobriu uma pequena autoclave para esterilização de instrumentos. Abrindo-a pegou um escalpelo e munuiu-o com uma lâmina. Fez

essa operação com grande cautela para não perfurar o seu traje inflado. Em seguida, voltou para junto do corpo.

- Vamos pegar a maior artéria e veia superficial.

- E qual é ela?

- A radial. No pulso.

Empunhando o escalpelo com cuidado, Burton correu a lâmina ao longo da pele na parte interna do pulso, logo atrás do polegar. A pele afastou-se deixando aberto o corte em que não se via sinal de sangue. Secionou o tecido subcutâneo e o adiposo.

Nada de sangue.

- E extraordinário.

Cortou mais profundamente. Ainda assim, a incisão não provocava sangramento. Súbita e abruptamente atingiu uma artéria. Um material vermelho-escuro esfarelou-se

e foi cair em migalhas no chão.

- Macacos me mordam! - exclamou Stone.

- Coágulo solidificado - declarou Burton.

- Não admira que essa gente não tenha sangrado.

- Ajude-me a virá-lo - pediu Burton.

Os dois colocaram o corpo deitado de costas e Burton fez uma incisão profunda na coxa, atingindo a artéria e veia femoral. Mais uma vez, não houve sangramento e, ao atingirem a artéria, grossa como um dedo, verificaram que o seu conteúdo era uma massa consistente e avermelhada.

- É inacreditável!

Burton procedeu a mais outra incisão, desta vez no peito. Cortou até expor as costelas, e então procurou ao redor por uma faca bem afiada. Queria um osteótomo, mas não encontrou nenhum. Decidiu-se finalmente pelo cinzel que fora utilizado para abrir a cápsula. Com ele partiu diversas costelas, a fim de ter acesso aos pulmões e ao coração. Novamente não houve sangramento.

Burton respirou fundo e então abriu um corte no coração, através do ventrículo esquerdo.

O interior estava cheio de um material vermelho e esponjoso. Não havia nem um pouco de sangue líquido.

- Coagulação completa. Não há sombra de dúvida.

- Tem alguma ideia sobre o que possa provocar esse tipo de coagulação? -

perguntou Stone.

- De todo o sistema vascular? De todo o sangue do corpo? Não. - Burton sentou-se pesadamente na cadeira do médico, olhando para o corpo que acabara de retalhar. - Nunca ouvi falar em nada desse gênero. Existe uma coisa denominada coagulação intravascular disseminada, mas é muito rara e é necessário que haja toda uma série de condições especiais para deflagrá-la.

- Uma simples toxina seria capaz de fazê-lo?

- Teoricamente, creio que sim. Entretanto, na realidade, não existe uma só toxina no mundo...

Ele estacou. - Sim - atalhou Stone. - Acho que é isso mesmo.

Apanhou o satélite designado Scoop VII e levou-o para fora até o furgão. Ao voltar, disse:

- Acho melhor examinarmos as casas.

- Começando por aqui?

- Pode ser.

Foi Burton quem encontrou a Sra. Benedict. Era uma mulher de meia-idade, de aspecto agradável, que estava sentada numa cadeira, com um livro aberto ao colo. Parecia prestes a virar a página. Burton examinou-a ligeiramente e então ouviu Stone chamá-lo.

Dirigiu-se ao seu encontro na outra extremidade da casa. Stone estava num pequeno dormitório, debruçado sobre o corpo de um adolescente deitado numa cama. Sem dúvida, aquele era o seu quarto: cartazes psicodélicos pelas paredes, modelos de aviões numa prateleira ao lado.

O rapaz estava deitado de costas, com os olhos abertos, fixos no teto. Sua boca estava aberta. Numa das mãos um tubo de cola para aeromodelos vazio e fortemente apertado; sobre a cama havia vidros vazios de verniz, aguarrás, solvente.

Stone deu um passo atrás. - Dê uma olhada.

Burton olhou para dentro da boca do rapaz, colocou um dedo dentro dela e tocou a massa já agora endurecida.

- Meu Deus - murmurou por fim.

Stone franzia o sobrolho. - Este aqui demorou. Independentemente do que tenha causado essa demora, o fato é que levou algum tempo. É evidente que nós estivemos assumindo uma atitude demasiado simplista. Vê-se que nem todos morreram instantaneamente. Alguns morreram em suas casas, outros saíram para a rua. E este garoto... - E sacudindo a cabeça: - Vamos verificar as outras casas.

Antes de sair, Burton voltou ao consultório do médico, caminhando em torno do seu corpo. Era estranha, a visão do punho e da perna seccionados, do peito exposto e sem sangue. Havia algo de louco e desumano naquilo tudo. Como se o sangramento fosse um sinal de humanidade. Bem, pensou Burton, talvez seja mesmo. Talvez o fato de sangrarmos até morrer nos faça humanos.

Para Stone, Piedmont era um quebra-cabeças cujo segredo ele estava desafiado a desvendar. Tinha plena convicção de que a cidade seria capaz de lhe fornecer todos os elementos com referências à natureza do mal, seu desenvolvimento e seus efeitos. Seria apenas uma questão de reunir e arrumar os dados corretamente.

Entretanto, era obrigado a admitir, enquanto prosseguiam com o seu exame, que os dados eram desconcertantes.

Em uma das casas havia um homem, sua mulher e sua filha moça, todos sentados em torno da mesa do jantar. Pareciam serenos e felizes e nenhum deles tinha tido tempo sequer para afastar as cadeiras da mesa. Permaneciam paralisados em atitude de congenialidade, sorrindo por cima dos pratos de comida que já começava a apodrecer, e em meio às moscas. Stone observou que as moscas zuniam suavemente pelo aposento. Não deveria esquecer as moscas, pensou com seus botões.

Encontraram uma velha, de cabelos brancos e rosto enrugado, sorrindo suavemente, pendendo de um laço preso a uma viga do teto. A corda gemia ao roçar de encontro à madeira da viga. Aos seus pés havia um envelope, no qual, com letra caprichada, as palavras aparentemente escritas sem pressa, estava escrito: “*A quem interessar possa*”.

Stone abriu a carta e leu:

“É chegado o dia do Juízo final. A terra e as águas se abrirão e a humanidade será consumida. Que Deus tenha piedade de minha alma e também daqueles que mostraram piedade para comigo. Os demais que vão para o inferno. Amém.”

Burton escutava, enquanto Stone lia a carta.

- Velha louca. Demência senil. Ficou biruta ao ver que todos ao seu redor estavam morrendo. - E então se suicidou?
- Acho que sim.
- Não lhe parece uma forma bem esquisita de se matar?
- Aquele garoto também achou uma forma bem estranha - disse Burton...

Stone concordou.

Roy O. Thompson, que vivia sozinho. A julgar pelos seus cobertores cheios de graxa, concluíram que seria o encarregado do posto de gasolina. Roy aparentemente teria enchido a banheira com água, ajoelhando-se então e metendo a cabeça dentro, deixando-a assim até morrer. Quando o encontraram, seu corpo estava rígido, mantendo-se por baixo da superfície da água, sem que por perto encontrassem alguém ou algum sinal de luta.

- Impossível - disse Stone. - Ninguém pode suicidar-se desta forma.

Lydia Everett, costureira da localidade, dirigira-se calmamente aos fundos do quintal, sentara-se numa cadeira, espalhando gasolina sobre o corpo e riscando um fósforo. Junto a seus restos carbonizados, encontraram uma lata de gasolina chamuscada.

William Arnold, um homem de 80 anos, sentava-se ereto numa cadeira de sala, trajando o seu uniforme da I Guerra Mundial. Nessa guerra tinha sido capitão e voltara a ocupar esse posto mais uma vez, se bem que por pouco tempo, antes de dar um tiro com um Colt 45 em sua têmpora direita. Não havia sangue no quarto, quando o encontraram. Era grotesco vê-lo sentado ali, com um buraco limpo e seco na cabeça.

Ao seu lado, encontraram um gravador, e sua mão esquerda repousava sobre a caixa. Burton olhou para Stone, como que o consultando, e então ligou-o.

Ouviu-se uma voz trêmula e irritada:

“Vocês não se apressaram nem um pouco, não é? Ainda assim estou satisfeito que tenham finalmente chegado. Estamos precisando de reforços. Posso lhes dizer que a batalha contra os alemães tem sido um inferno. Perdemos quarenta por cento na noite passada, ao ultrapassar o cume, e dois dos nossos oficiais estão fora de combate por doença. As coisas não vão bem, nada bem. Se ao menos Gary Cooper estivesse aqui. É de homens assim que precisamos, dos homens que tornaram a América forte. E difícil lhes dizer o que isso significa para mim, com aqueles gigantes lá fora nos discos voadores. Agora eles estão nos liquidando e o gás está chegando. Vamos morrer e não temos máscaras contra gases. Nenhuma. Mas eu não vou ficar esperando. Vou fazer o que é preciso agora mesmo. Só lamento ter uma única vida para dar pela minha pátria.”

A fita continuava, porém silenciosa. Burton desligou.

- Sujeito maluco. Inteiramente alucinado.

Stone anuiu.

- Alguns deles tiveram morte instantânea, e outros... outros ficaram birutas.

- Mas nós aparentemente retornamos à mesma indagação básica. Por quê? Qual seria a diferença?

- Talvez haja uma imunidade gradual ao tal micróbio - disse Burton. - Algumas pessoas podem ser mais suscetíveis que outras. Algumas resistem, pelo menos por algum tempo.

- Escute, havia aquele relatório do avião que sobrevoou a cidade e os filmes que mostravam um homem vivo aqui embaixo. Um homem com um manto branco.

- Acredita que ele continue vivo?

- Não sei. Mas se algumas pessoas sobreviveram mais tempo do que outras, o suficiente por exemplo para gravar um discurso, ou para providenciar um enforcamento, então impõe-se a pergunta se não haveria a possibilidade de alguém sobreviver por muito tempo. E o caso de se imaginar se não haverá alguém nesta cidade que ainda continue vivo.

Foi nesse exato instante que ouviram o choro.

A princípio, parecia o som do vento, de tão alto, fino e agudo. Mas eles prestaram atenção, inicialmente intrigados e depois estupefatos. O choro persistia, interrompido apenas por breves acessos de tosse seca.

Sairam correndo.

O som era fraco e difícil de localizar. Correram pela rua afora, e o som parecia aumentar; isso os estimulava.

E então, abruptamente, o som cessou.

Os dois estacaram, respirando com dificuldade, ofegantes. Estavam parados no meio da rua deserta, entreolhando-se.

- Será que estamos ficando loucos? - perguntou Burton.

- Não - protestou Stone. - Nós ouvimos realmente.

Esperaram. Tudo permaneceu quieto por alguns instantes. Burton olhava a rua, as casas, o furgão estacionado na outra extremidade, em frente à casa do Dr. Benedict.

O choro recomeçou então, muito alto, um uivo frustrado.

Os dois homens correram.

Não era muito longe, apenas duas casas adiante, do lado direito. Um homem e uma mulher estavam caídos do lado de fora, na calçada, apertando os seus peitos.

Passaram por eles correndo e entraram na casa. O choro era mais alto ainda e enchia os aposentos vazios.

Subiram correndo as escadas, aos tropeções, e chegaram a um dormitório. Uma grande cama de casal, por fazer, uma penteadeira, um espelho, um armário.

E um pequeno berço.

Inclinaram-se sobre ele e afastaram os cobertores, descobrindo um bebezinho de rosto muito vermelho e aspecto extremamente infeliz. O bebê parou imediatamente de chorar, permanecendo quieto o tempo suficiente para examinar os seus rostos por baixo dos trajes plásticos.

Em seguida, recomeçou a berrar.

- O coitadinho está assustado - disse Burton.

Pegou o bebê com cuidado e começou a embalá-lo. A criança continuava a gritar. Sua boca desdentada estava muito aberta, suas bochechas vermelhas e as veias saltavam em sua testa.

- Deve estar com fome - disse Burton. Stone estava preocupado. - É muito pequeno ainda. Não deve ter mais que dois meses. E menino ou menina?

Burton desenrolou os cobertores e foi verificar em meio às fraldas.

- É menino e está precisando trocar a fralda. E também ser alimentado. - Olhou ao redor. - Certamente deve haver uma mamadeira na cozinha.

- Nada disso - protestou Stone. - Nós não vamos alimentá-lo.

- Por que não?

- Não vamos fazer coisa alguma com esta criança antes de tirá-la desta cidade. Talvez a alimentação faça parte do processo da doença e as pessoas que não foram atingidas tão violenta e rapidamente sejam justamente as que não se haviam alimentado recentemente. Talvez haja algum elemento protetor na dieta deste bebê. Talvez...

- Stone deteve-se. - Enfim, haja o que houver, o fato é que não podemos arriscar. Temos que esperar até que possamos colocá-lo num lugar seguro e sob controle.

Burton suspirou. Sabia que Stone estava com a razão, mas também sabia que o bebê não tinha sido alimentado pelo menos nas últimas doze horas. Não era de admirar que a criança estivesse berrando.

- Isto é um fato extremamente importante. É a nossa grande oportunidade, e por

isso temos que protegê-la. Sou de opinião que devemos voltar imediatamente.

- Ainda não concluímos a contagem.

Stone meneou a cabeça.

- Não faz mal. Temos em nosso poder algo muito mais valioso do que qualquer outra coisa que possamos eventualmente encontrar. Temos um sobrevivente.

Por um instante, o bebê parou de chorar, colocando um dedo na boca e olhando para Burton como que à espera de alguma coisa. Depois, convencido de que não receberia comida, recomeçou a berrar.

- E uma pena que ele não nos possa dizer o que aconteceu.

- Pois eu espero que possa - disse Stone.

Estacionaram o furgão no centro da rua principal, abaixo do helicóptero que planava e lhe fizeram sinal para o piloto baixar a escada. Burton segurava a criança, e Stone, o satélite Scoop. Estranhos troféus aqueles, pensou Stone, provenientes de um lugar estranho. O bebê estava sossegado; finalmente se cansara de chorar e agora dormitava, acordando de quando em quando para choramingar e tornar a adormecer em seguida.

O helicóptero baixou, levantando redemoinhos de poeira. Burton enrolou as cobertas em torno do rosto do bebê, a fim de protegê-lo. A escada foi descida e ele começou a subir com dificuldade.

Stone esperava embaixo, em pé, segurando a cápsula, envolto pelo vento, a poeira e o barulho do helicóptero.

Então, subitamente, percebeu que não estava sozinho ali na rua. Virou-se e avistou um homem atrás de si.

Era um velho, com cabelos grisalhos e finos, o rosto enrugado e gasto. Vestia uma longa camisola manchada de sujeira e amarelecida pela poeira. Seus pés estavam descalços. Cambaleava e tropeçava ao aproximar-se de Stone. Seu peito arfava de exaustão por baixo da camisola.

- Quem é você? - perguntou Stone.

Entretanto, ele já sabia: era o homem das fotos. Aquele que fora fotografado pelo avião.

- Você... - balbuciou o homem.

- Quem é você?

- Foi você... você que fez isso?

- Como é o seu nome?

- Não me faça mal... eu... eu não sou como os outros...

O homem tremia de medo diante de Stone em seu traje plástico. Stone imaginou que, aos olhos do velho, o seu aspecto deveria ser muito estranho. Como um marciano, ou homem de outros mundos.

- Não me façam mal...

- Não vamos fazer-lhe mal - assegurou Stone. - Como é o seu nome?

- Jackson, Peter Jackson. Por favor, não me faça mal. - Dizendo isso, fez um sinal em direção aos corpos espalhados pela rua. - Eu não sou como os outros...

- Pode deixar, não lhe faremos nada de mal- voltou a dizer Stone.

- Mas vocês fizeram mal aos outros.

- Não. Não fomos nós.

- Mas eles estão mortos.

- Nós não tivemos nada...

- Você está mentindo! - Os olhos do velho estavam arregalados e ele gritava. - Vocês estão mentindo. Vocês não são humanos, só estão fingindo! Sabem que eu sou um homem doente. Sabem que não podem fingir para mim. Eu estou doente... estou sangrando. Eu sei... eu já tive isto... isto...

O velho cambaleou, dobrando-se em dois, segurando o estômago e contorcendo-se de dor.

- Está sentindo alguma coisa?

O homem caiu por terra. Respirava com dificuldade e estava muito pálido. Apareceram gotas de suor em seu rosto. - Meu estômago... - disse ele por fim, ofegante. - É o meu estômago.

E então vomitou. Seu vômito surgiu abundante, vermelho vivo, cheio de sangue.

- Sr. Jackson...

Mas o homem não ouvia. Estava desacordado. Seus olhos estavam fechados e ele jazia de costas. Por um momento, Stone pensou que estivesse morto, mas logo percebeu que seu peito se movia; lenta, muito lentamente, mas se movia.

Burton desceu novamente . . - Quem é ele?

- O nosso homem que vagava pela cidade. Ajude-me a levá-lo para cima.

- Ele está vivo?

- Por enquanto sim.

- Macacos me mordam!

Usaram o guincho para içar o corpo inconsciente de Peter Jackson e depois o utilizaram mais uma vez, a fim de subir a cápsula. Em seguida, Burton e Stone subiram lentamente a escada para o interior do helicóptero.

Não retiraram suas roupas, mas instalaram uma segunda garrafa de oxigênio, a fim de possibilitar-lhes mais duas horas de respiração. Isso seria o suficiente para chegarem às instalações Wildfire.

O piloto estabeleceu contato radiofônico com Vandenberg para que Stone pudesse falar com o Major Manchek

- O que foi que descobriram? - perguntou Manchek
- A cidade está morta. Temos boas provas de que se trata de um processo desconhecido.
- Cuidado - alertou Manchek - Estamos num circuito aberto.
- Compreendo. Ordenará um Esquema 7-12?
- Vou tentar. Deverá ser agora?
- Sim, agora.
- Piedmont?
- Sim.
- O satélite está em seu poder?
- Sim, está conosco.
- Muito bem. Vou providenciar a ordem.

ESQUEMA 7-12

O Esquema 7-12 fazia parte do estágio final do protocolo 77 Wildfire, dispondo sobre a atitude a ser tomada no caso de uma emergência biológica. Era previsto o lançamento de uma arma termonuclear de potência limitada no local onde houvesse ocorrido a exposição da vida terrestre aos organismos exógenos. O código designativo de tal esquema era o Cautério, uma vez que o mecanismo da bomba visaria a cauterizar a infecção, queimando-a totalmente, evitando dessa forma a sua disseminação.

Como etapa isolada do protocolo Wildfire, a Operação Cautério fora decidida depois de prolongados debates entre as autoridades envolvidas no processo, ou sejam, o Executivo, o Estado, a Defesa e a Comissão de Energia Atômica. A CEA, já desgostosa com a concessão de um dispositivo nuclear ao Laboratório Wildfire, opunha-se a que o Cautério fosse aceito como um programa. O Estado e a Defesa alegavam que uma detonação termonuclear na superfície, qualquer que fosse o seu propósito, teria inevitáveis e sérias repercussões internacionais.

O presidente, por fim, concordou com a criação do Esquema 7-12, insistindo, porém, para que lhe fosse concedido o controle da decisão sobre a utilização de uma bomba para o Cautério. Essa solução não agradou a Stone, mas ele se viu forçado a aceitá-la. O presidente sofrera fortes pressões para rejeitar a ideia in totum, e só tinha concordado com aquela solução depois de muita discussão. Além disso, havia ainda o estudo realizado pelo Instituto Hudson.

O Instituto Hudson fora contratado para examinar as possíveis consequências do Cautério. Em seu relatório, o instituto indicava que o presidente poderia defrontar-se com quatro diferentes circunstâncias que talvez o obrigassem a emitir a ordem de Cautério. De acordo com o grau de seriedade, tais circunstâncias seriam, a saber:

1. Um satélite ou cápsula tripulada aterrissa em área desabitada dos Estados Unidos.

O presidente pode cauterizar a área sem causar grande rebuliço interno e com reduzidas perdas de vidas. Os russos podem ser informados confidencialmente das razões determinantes de quebra do Tratado de Moscou, de 1963, que proíbe experiências nucleares de superfície.

2. Um satélite ou cápsula tripulada aterrissa numa importante cidade americana.

(O exemplo era Chicago.) O Cautério ocasionará a destruição de extensa área de terreno e grande parcela da população, com graves consequências internas e consequências internacionais secundárias.

3. Um satélite ou cápsula tripulada aterrissa num importante centro urbano neutro.

(O exemplo era Nova Deli.) O Cautério determinará a intervenção americana com uso de armas nucleares, visando a deter a disseminação da moléstia em grande escala. De acordo com os estudos, havia dezessete possíveis consequências da interação americano-soviética devidas à destruição de Nova Deli. Dentre essas, doze conduziriam diretamente à guerra termonuclear.

4. Um satélite ou cápsula tripulada aterrissa num importante centro urbano soviético.

(O exemplo era Stalingrado.) O Cautério determinará que os Estados Unidos informem a União Soviética do acontecido, aconselhando que os próprios russos procedam à destruição da cidade. De acordo com o Instituto Hudson, haveria seis consequências possíveis da interação americano-soviética devidas a tal acontecimento, todas elas conduzindo diretamente à deflagração da guerra. Aconselhava-se, portanto, que no caso da queda de um satélite dentro da União Soviética ou do Bloco Oriental, os Estados Unidos não informassem os russos do acontecido. A base para esta decisão consistia no cálculo de que a praga russa exterminaria de dois a cinco milhões de pessoas, enquanto as perdas russo-americanas no caso de uma guerra termonuclear, consideradas todas as possibilidades, chegariam a uma cifra superior a 250 milhões de pessoas.

Como consequência do relatório apresentado pelo Instituto Hudson, o presidente e seus assessores concluíram que o controle e a responsabilidade envolvendo a Operação Cautério deveriam permanecer em mãos políticas e não científicas. Evidentemente, as consequências finais da decisão do presidente não poderiam ser previstas na época em que foram tomadas.

Decorrida apenas uma hora da apresentação do relatório de Manchek, Washington tomou uma decisão. O raciocínio que levou o presidente a essa decisão nunca chegou a ser esclarecido; entretanto, o resultado final era bastante claro: O presidente decidiu adiar-por 24 a 48 horas a convocação do Esquema 7-12. Em vez disso, convocou a Guarda Nacional e isolou a área em torno de Piedmont num raio de 160 quilômetros. E ficou aguardando.

FLATROCK

O Dr. Mark William Hall estava sentado no apertado assento traseiro do caça F-104, olhando por cima da máscara de oxigênio para a pasta que tinha no colo.

Leavitt lhe entregara aquela pasta antes da decolagem. Tratava-se de um pesado e grosso maço de folhas de papel, reunidas numa capa de papelão cinzento. Hall deveria ler o seu conteúdo durante o voo, mas evidentemente o F-104 não fora previsto para leitura e não havia espaço suficiente nem mesmo para manter as mãos postas, quanto mais para abrir uma pasta e ler.

Mas apesar disso Hall lia.

A capa da pasta exibia a palavra WILDFIRE em letra de forma, e, mais abaixo, a seguinte nota agourenta:

O CONTEÚDO DESTA PASTA É ABSOLUTAMENTE CONFIDENCIAL

Seu exame por pessoas não autorizadas a fazê-lo importa em crime sujeito à pena de prisão de 20 anos e multa de US\$ 20.000.

Hall assobiou ao ler a nota, quando Leavitt lhe entregou a pasta.

- Não acredite - disse Leavitt.

- É só para intimidar?

- Só para intimidar uma ova. Se a pessoa errada ler esta pasta, ela simplesmente desaparecerá.

- Bonito.

- Leia e vai compreender por quê.

A viagem levou uma hora e quarenta minutos, em meio a um silêncio total e sinistro, e a 1,8 vezes a velocidade do som. Hall conseguiu repassar grande parte da pasta, chegando à conclusão de que lê-la realmente seria impossível. A maioria de suas 274 páginas consistia em referências indiretas e anotações internas, totalmente incompreensíveis para ele. Mesmo a primeira página era tão ruim quanto qualquer outra:

PROJETO: WILDFIRE

AUTORIDADE: NASA/AMC

CLASSIFICAÇÃO: ALTAMENTE SECRETA (BASE NTK)

PRIORIDADE: NACIONAL (DX)

ASSUNTO: *Implantação de um estabelecimento de alta segurança, visando a prevenir disseminação de agentes tóxicos de origem extraterrestre.*

REFERÊNCIAS: *Projeto CLEAN, Projeto CONTAMINANTES ZERO, Projeto CAUTÉRIO.*

RESUMO DO CONTEÚDO DA PASTA:

Por ordem executiva, iniciado o programa de construção das instalações em janeiro de 1965. Estágio de planejamento, março de 1965.

Consultores: Fort Detrick e General Dynamics (EBD), julho de 1965. Recomendação no sentido de uma instalação em diversos pavimentos, situada em região isolada visando à investigação de possíveis ou prováveis agentes contaminantes. Especificações revistas em agosto de 1965. Aprovação com revisão na mesma data. Planos finais delineados e designados AMC sob título WILDFIRE. (Cópias Detrick, Hawkins.)

Escolha de local a nordeste de Montana, revista em agosto de 1965. Escolha de local a sudoeste do Arizona, revista em agosto de 1965. Escolha de local a noroeste de Nevada, revista em setembro de 1965. Local em Nevada aprovado em outubro de 1965.

Construção concluída em julho de 1966. Financiamento: NASA, AMC, DEFESA (RESERVAS NÃO ESPECIFICADAS). Verba do Congresso para manutenção e pessoal, sob a mesma categoria. Alterações de vulto: filtros milipore, ver página 74. Capacidade de auto destruição (nuclear), página 88. Instrumentos de irradiação ultravioleta removidos, ver página 81. Hipótese do Homem Solteiro (Hipótese do Homem Só), página 255.

AS RELAÇÕES DE PESSOAL FORAM ELIMINADAS DESTA PASTA. OS NOMES DO PESSOAL PODERÃO SER ENCONTRADOS UNICAMENTE NOS ARQUIVOS AMC (WILDFIRE)

.....

A segunda página enumerava os parâmetros básicos do sistema, conforme fora estabelecido pelo primeiro grupo de planejamento do programa Wildfire. Era uma especificação dos principais conceitos da instalação, que consistiriam de níveis basicamente similares, descendentes, todos subterrâneos. Cada um deles teria um nível de esterilidade mais elevada do que o do imediatamente superior.

PROJETO: WILDFIRE
PARÂMETROS BÁSICOS

1-DEVERÃO EXISTIR CINCO ESTÁGIOS

1º Estágio: Não descontaminado, porém limpo. Esterilidade aproximada de uma sala de operações de um hospital ou uma sala limpa da NASA. Não haverá demora para o ingresso.

2º Estágio: Processos mínimos de esterilização: banho com hexaclorofeno e metitol, sem a necessidade de imersão total. Demora de uma hora, incluindo o tempo para a troca de roupa.

3º Estágio: Processos moderados de esterilização: banho de imersão total, irradiação UV, seguida de uma demora de duas horas para execução de testes preliminares. Infecções sem febre dos tratos urinário e gastrointestinal permitem ultrapassagem. Sintomatologia virótica admitida.

4º Estágio: Processo de esterilização máxima: imersão total em quatro banhos de biocaína, monoclorofina, xantolisina e profina, com irradiações intermediárias de UV e IV com duração de trinta minutos. Toda espécie de infecção detida neste estágio, com base em sintomatologia ou sinais clínicos. Triagem rotineira de todo o pessoal. Demora de seis horas.

5º Estágio: Processos de esterilização redundante: sem novas imersões ou testes, porém com destruição do vestuário duas vezes ao dia. Antibióticos em caráter profilático por 48 horas. Triagem diária, com vistas à superinfecção, durante os oito primeiros dias.

2-CADA UM DOS ESTÁGIOS INCLUI:

- 1. Local de repouso, individual.**
- 2. Locais de recreação, inclusive cinema e sala de jogos.**
- 3. Bar automático.**
- 4. Biblioteca, com os principais jornais transmitidos por xerox ou TV e provenientes da biblioteca principal situada no Nível I.**
- 5. Abrigo, um complexo antimicrobiano de segurança para o caso de contaminação daquele nível.**
- 6. Laboratórios:**

a) **bioquímica, com todo o equipamento necessário para análises de aminoácidos, determinação sequencial, potenciais O/R, determinação de lipídios e carboidratos em seres humanos, animais e outros.**

b) patologia, com EM, fase e LM, micrótomos e salas de secagem. Cinco técnicos em regime de tempo integral em cada nível Uma sala de autópsia. Uma sala para animais experimentais.

c) microbiologia, com instalações completas para cultura, nutrição, estudos analíticos e imunológicos. Subseções: bacteriana, virótica, parasitológica e outras.

d) farmacologia, com material para dosagem e local de recepção para estudos da especificidade de compostos conhecidos. A farmácia deverá conter as drogas relacionadas no apêndice.

e) sala principal, animais para experiências. 75 espécies de camundongos geneticamente puros; 27 de ratos; 17 de gatos; 12 de cães e 8 de primatas.

f) sala sem classificação específica para experiências não programadas.

7. Cirurgia: para assistência e tratamento do pessoal, incluindo sala de operações para emergências agudas.

8. Comunicações: para contato com os demais níveis, através de sistema audiovisuais e outros.

FAVOR CONTAR SUAS PÁGINAS NOTIFIQUE IMEDIATAMENTE A FALTA DE QUALQUER PÁGINA. FAVOR CONTAR SUAS PÁGINAS

.....

Ao continuar a leitura, Hall descobriu que somente no Nível I, o andar mais alto, haveria um grande complexo de computadores para a análise de dados, mas que este computador serviria a todos os outros andares em base de tempo dividido. Tal expediente era exequível, uma vez que nos problemas biológicos o tempo real não tinha importância comparado ao tempo computado, havendo possibilidade de programação e análise simultânea de múltiplos problemas.

Hall estava folheando o resto da pasta, à procura da parte que lhe interessava - a **Hipótese do Homem Só** - quando deparou com uma página um tanto incomum.

.....

ESTA É PÁGINA 255 DE 274 PÁGINAS

POR ORDEM DO DEPARTAMENTO DE DEFESA, ESTA PÁGINA DE UMA PASTA ALTAMENTE CONFIDENCIAL FOI CANCELADA.

A PÁGINA É A DE NÚMERO: duzentos e cinquenta e cinco/255

*A PASTA TEM O CÓDIGO: **Wildfire***

*O ASSUNTO CANCELADO É: **Hipótese do Homem Só***

FAVOR OBSERVAR QUE O PRESENTE CANCELAMENTO É DE CARÁTER LEGAL, NÃO HAVENDO, PORTANTO, NECESSIDADE DE NOTIFICAÇÃO POR PARTE DO LEITOR REGISTRO DOS PONTOS DA MÁQUINA ABAIXO

255 WILDFIRE 255

.....

Hall olhava para a página, com sobrolho franzido, imaginando o significado daquilo, quando ouviu o piloto falar-lhe:

- Dr. Hall?

- Sim?

- Acabamos de passar pelo último ponto de referência. Estaremos aterrissando dentro de quatro minutos.

- Muito bem - disse Hall. E, depois de uma pausa: - E sabe me dizer onde exatamente estamos descendo?

- Creio que seja Flatrock, Nevada.

- Compreendo.

Decorridos alguns instantes, os flapes foram baixados e Hall percebeu um zunido, enquanto o avião diminuía a velocidade.

Nevada era o local ideal para o Projeto Wildfire. O chamado Silver State situa-se em sétimo lugar quanto à área, sendo o quadragésimo-nono em população; é, depois do Alasca, o estado menos denso da União. Principalmente se consideramos que oitenta por cento de sua população de 440.000 habitantes situam-se em Las Vegas, Reno ou Carson City, a densidade demográfica de 0,8 habitantes por quilômetro quadrado parece ideal para projeto da categoria do Wildfire. Na realidade, muitos desses projetos foram levados a cabo nesse estado.

Além da famosa instalação atômica em Vinton Flats, existe a Estação de Testes de Ultra-Energia, em Martindale e a Unidade Medivator da Força Aérea, nas proximidades de Los Gados. A maioria dessas instalações está situada no triângulo sul do estado, tendo sido ali estabelecida em tempos que precederam o período da expansão de Las Vegas, que chega atualmente a receber vinte milhões de visitantes por ano. Mais recentemente, as áreas para experiências governamentais têm sido localizadas no canto noroeste de Nevada, região que ainda permanece relativamente isolada. As listas secretas do Pentágono incluem cinco novas instalações, de natureza desconhecida, situada nessa região.

ESTÁGIO 1

Hall aterrissou pouco depois do meio-dia, na hora do calor mais forte. O sol ardia num céu pálido e sem nuvens, e ele sentiu o asfalto macio sob os seus pés, enquanto caminhava do avião até o barracão situado na extremidade da pista. Ao sentir os pés afundarem naquela superfície, Hall imaginou que aquele campo teria sido concebido principalmente para utilização noturna. Durante a noite; com a temperatura fria, o asfalto estaria sólido.

O barracão era refrigerado por dois aparelhos de ar condicionado grandes e barulhentos e estava precariamente mobiliado: uma mesa de jogo num dos cantos, à qual estavam sentados dois pilotos jogando pôquer e bebendo café. No outro canto, um guarda fazia uma ligação telefônica. De seu ombro pendia uma metralhadora.

Não levantou os olhos quando Hall entrou.

Havia uma máquina de café junto ao telefone. Hall caminhou até lá, acompanhado pelo seu piloto, e ambos serviram-se. Hall tomou um gole e perguntou:

- Onde fica a cidade, afinal? Não a vi quando nos aproximávamos.
- Não sei, senhor.
- Já esteve aqui antes?
- Não senhor. Isto aqui não fica dentro das rotas habituais.
- Bem, então para que serve realmente este campo?

Nesse exato momento, entrou Leavitt, fazendo um sinal para Hall. O bacteriologista conduziu-o através dos fundos do barracão, de volta ao calor exterior, e em seguida fê-lo entrar num Falcon sedã, azul-claro ali estacionado. O veículo não apresentava qualquer marca de identificação externa e também não havia motorista. Leavitt deslizou por trás do volante e fez sinal para que Hall entrasse.

Quando Leavitt engrenou o carro, Hall disse:

- Parece que por aqui não temos muito prestígio.
- Está enganado, temos sim. Acontece que por aqui não usamos motoristas. Na realidade, só empregamos o pessoal estritamente necessário. O número de possíveis línguas faladoras é reduzido a um mínimo.

Partiram através de uma paisagem desolada e montanhosa. A distância, viam-se

montanhas azuladas, faiscando ao calor líquido do deserto. A estrada era esburacada e poeirenta; parecia não ter sido utilizada havia anos.

Hall comentou esse fato.

- É para disfarçar - informou Leavitt. - Na realidade, nos deu grande trabalho para conseguir esse aspecto. Gastamos quase cinco mil dólares nessa estrada.

- Por quê?

Leavitt deu de ombros.

- Para dar sumiço nas marcas deixadas pelos tratores. Uma grande quantidade de equipamento pesado passou por estas estradas e nós não queríamos que as pessoas comesçassem a dar tratos à bola.

- Por falar em cautela - disse Hall, depois de uma pausa. - Estive lendo a pasta. Há algo referente a um dispositivo de autodestruição...

- E então?

- Ele existe mesmo?

- Existe, sim.

A instalação desse dispositivo constituía um dos maiores problemas nos estágios iniciais do planejamento do Projeto Wildfire. Stone e os outros haviam insistido para que lhes fosse entregue o controle sobre a decisão de detonar ou não detonar. A Comissão de Energia Atômica e o Executivo resistiram. Nunca até então um dispositivo nuclear fora posto em mãos particulares. Stone argumentara que no caso de uma falha no Laboratório Wildfire poderia não haver tempo suficiente para consultar Washington visando a obter uma ordem presidencial para a detonação. O . Presidente custara a concordar com a viabilidade dessa hipótese.

- Eu estive lendo também - continuou Hall - que esse dispositivo está de alguma forma ligado à **Hipótese do Homem Só**.

- Isso mesmo.

- Que espécie de ligação é essa? A página sobre esse assunto foi cancelada.

- Eu sei disso. Falaremos sobre o assunto depois.

O Falcon deixou a estrada esburacada, enveredando por caminho de terra macia.

O carro levantou uma pesada nuvem de poeira e, apesar do calor, foram obrigados a subir os vidros. Hall acendeu um cigarro.

- Esse será o seu último cigarro.

- Sei disso. Por isso mesmo deixe-me aproveitar.

- Ultrapassaram uma placa à direita com os dizeres:

PROPRIEDADE DO GOVERNO. ENTRADA PROIBIDA.

Entretanto não havia cerca, ou guardas, ou cachorros; apenas aquela placa, já desbotada e gasta.

- Belas medidas de segurança - comentou Hall.

- Fazemos o possível para não despertar suspeitas. O sistema de segurança é melhor do que parece.

Continuaram por mais um quilômetro meio, aos trancos, chegando então ao topo de uma colina. Subitamente Hall avistou uma grande área circular cercada, tendo uns cem metros de diâmetro. Observou que a cerca tinha aproximadamente três metros de altura e era consideravelmente resistente; de quando em quando, era guarnecida com arame farpado. Em seu interior, via-se uma construção de madeira, de aspecto funcional, e uma plantação de milho.

- Milho? - perguntou Hall.

- Bem achado, me parece.

Aproximaram-se do portão de entrada. Surgiu um homem vestindo calças jeans e camisa de malha; vinha abrir o portão para que entrassem. Tinha nas mãos um sanduíche e mastigava vigorosamente, enquanto o destrancava. Acenou, sorriu e fez sinal para que passassem, continuando a mastigar. Junto ao portão, havia uma placa com os dizeres:

*PROPRIEDADE DO GOVERNO
DEPARTAMENTO DE AGRICULTURA DOS EUA
ESTAÇÃO DE TESTES PARA RECUPERAÇÃO DO DESERTO*

Leavitt atravessou o portão, indo estacionar junto à construção de madeira. Deixou as chaves no painel e saltou. Hall seguiu-o .

- E agora?

- Para dentro - disse Leavitt.

Entraram na casa, chegando diretamente a uma pequena sala. Junto a uma mesa frágil sentava-se um homem usando chapéu Stetson, camisa esporte xadrez e gravata fininha. Lia jornal e comia o seu almoço, tal qual o homem do portão. Olhou para eles e sorriu amavelmente.

- Olá - saudou.

- Olá - respondeu Leavitt.

- Em que posso servi-los, camaradas?
- Estamos só de passagem. A caminho de Roma. O sujeito meneou a cabeça. – Tem horas aí?
- O meu relógio parou ontem - disse Leavitt.
- Que pena - comentou o homem.
- E por causa do calor.

Uma vez concluído o ritual, o homem fez outro sinal com a cabeça e os dois passaram por ele, deixando a ante-sala e penetrando num corredor. As portas ostentavam tabuletas escritas a mão: INCUBAÇÃO DE MUDAS, CONTROLE DE UMIDADE, ANÁLISE DO SOLO. Havia uma meia dúzia de pessoas trabalhando na. casa, todas elas Parecendo muito ocupadas, se bem que trajadas informalmente.

- Isto aqui é realmente um posto de agricultura - comentou Leavitt. - Se necessário, aquele homem lá da mesa poderia conduzi-lo através da casa, explicando a finalidade do posto e das experiências que estão sendo feitas. Basicamente estão procurando desenvolver uma espécie de milho capaz de crescer em solo de baixo teor de umidade e elevada alcalinidade.

- E a instalação Wildfire?
- Aqui.

Dizendo isso, Leavitt abriu uma porta com os dizeres: DEPÓSITO e os dois depararam com um cubículo estreito, cheio de ancinhos, enxadas e mangueiras para regar.

- Entre - ordenou Leavitt.

Hall obedeceu. Leavitt seguiu-o, fechando a porta atrás de si. Hall percebeu que o piso afundava e que começavam a descer, junto com os ancinhos, mangueiras e tudo o mais.

Um instante depois, viram-se numa sala moderna e vazia, iluminada por aparelhos de luz fluorescente presos ao teto. As paredes eram pintadas de vermelho. O único objeto existente na sala era uma caixa retangular, de cerca de oitenta centímetros de altura, lembrando um podium. A face superior era um vidro verde brilhante.

- Aproxime-se do analisador - disse Leavitt. - Coloque as mãos espalmadas sobre o vidro.

Hall obedeceu. Sentiu um ligeiro formigamento nos dedos, seguido por um zumbido emitido pela máquina.

- Muito bem, pode sair. - Leavitt colocou também as suas mãos sobre o vidro, esperou pelo zumbido, dizendo então: - Agora vamos por aqui. Você se referiu às

medidas de segurança. Vou mostrá-las a você antes de entrarmos em Wildfire.

Fez um sinal em direção a uma porta do outro lado da sala.

- O que era aquilo? .

- Analisador das impressões digitais e palmares. É totalmente automático. Faz a leitura de combinações de dez mil linhas dermatográficas, de modo que não há possibilidade de engano. Suas memórias têm registradas as impressões de todos aqueles que têm permissão de acesso a Wildfire.

Leavitt empurrou a porta.

Viram-se diante de outra porta, com a inscrição: SEGURANÇA. A porta deslizou sem ruído. Entraram numa sala mergulhada em penumbra, onde havia um só homem sentado diante de painéis cheios de mostradores verdes.

- Olá, John - saudou Leavitt. - Como vai você?

- Bem, Dr. Leavitt. Eu o vi chegar.

Leavitt apresentou Hall ao homem da segurança. Este explicou-lhe o funcionamento do equipamento. Esclareceu que havia duas antenas de radar situadas nas colinas acima do estabelecimento. Essas antenas estavam escondidas, mas eram extremamente eficientes. Em local mais próximo, havia dispositivos de impedância enterrados no solo; esses dispositivos assinalavam a aproximação de qualquer ser vivo pesando mais de cinquenta quilos, alertando então a base.

- Até agora nunca deixamos passar coisa alguma. E assim mesmo, se isso acontece...

- E então dirigindo-se a Leavitt: - Vamos mostrar-lhe os cães?

-Sim.

Dirigiram-se para uma sala contígua. Havia ali nove enormes jaulas, e o aposento estava impregnado de forte odor denunciando a presença de animais. Hall viu-se diante dos nove maiores pastores alemães que já vira.

Quando entrou na sala, os cães latiram para ele, sem que contudo se ouvisse qualquer som. Hall ficou espantado ao vê-los abrindo as bocas e atirando as cabeças para a frente em movimentos característicos de latido.

Porém, não se ouvia qualquer som.

- São cães de guarda treinados pelo Exército - explicou o encarregado da segurança. - São preparados para a violência. Quando se anda com eles, é preciso usar roupas de couro e luvas grossas. Foram submetidos a laringotomia, por isso não pode ouvi-los. São silenciosos e ferozes.

- Já tiveram que usá-los alguma vez? - indagou Hall.

- Não. Felizmente não.

Estava agora num reduzido aposento, com escaninhos. Hall encontrou um com o seu nome.

- Aqui mudamos de roupa - informou Leavitt, mostrando-lhe uma pilha de uniformes cor-de-rosa num dos cantos. - Coloque um daqueles, depois de tirar absolutamente tudo que tem sobre o corpo.

Hall mudou de roupa rapidamente. Os uniformes eram folgados, de uma só peça e fechados com fecho eclair. Depois de prontos, prosseguiram através de um corredor.

De repente, soou um alarma, e um portão deslizante fechou-se abruptamente diante deles. Acima de suas cabeças, uma luz branca começou a piscar. Hall sentia-se confuso e somente depois se lembraria ter visto Leavitt desviar o olhar da luz que piscava.

- Alguma coisa está errada - disse Leavitt. - Você tirou tudo?

- Tirei, sim.

- Tudo, tudo? Anéis, relógio?

Hall examinou as mãos. Seu relógio continuava no pulso.

- Volte lá e guarde o relógio no armário.

Quando voltou, os dois recomeçaram sua caminhada pelo corredor. Desta vez o portão permaneceu aberto e não houve alarma.

- Isso também é automático?

- É sim. Detecta qualquer objeto estranho. Quando o instalamos, ficamos um pouco preocupados, pois sabíamos que detectaria óculos, marca-passos cardíacos, dentaduras postiças, enfim qualquer coisa. Felizmente nenhum dos participantes do projeto tem dessas coisas.

- E as obturações?

- O dispositivo está programado para ignorá-las.

- E como é o funcionamento?

- Para falar a verdade, não sei bem. É algo relativo ao fenômeno da capacitância.

Passaram por uma placa com os seguintes dizeres:

*VOCÊ ESTÁ AGORA ENTRANDO NO NÍVEL I
PROSSIGA DIRETAMENTE PARA O CONTROLE DE IMUNIZAÇÃO*

Hall notou que todas as paredes eram vermelhas. Comentou o fato com Leavitt.

- É isso mesmo. Cada um dos níveis tem uma cor diferente. O Nível I é vermelho; o II, amarelo; o III, branco; o IV, verde e o V, azul.

- Alguma razão especial orientou essa escolha?

- Aparentemente, a Marinha subvencionou há tempos um estudo sobre os efeitos psicológicos dos ambientes coloridos. Os resultados desses estudos foram aplicados aqui.

Tinham chegado à Imunização. Uma porta correu, revelando quatro cabinas de vidro.

- Vá sentar-se numa delas - ordenou Leavitt.

- Imagino que também isso é automático, não?

- Claro.

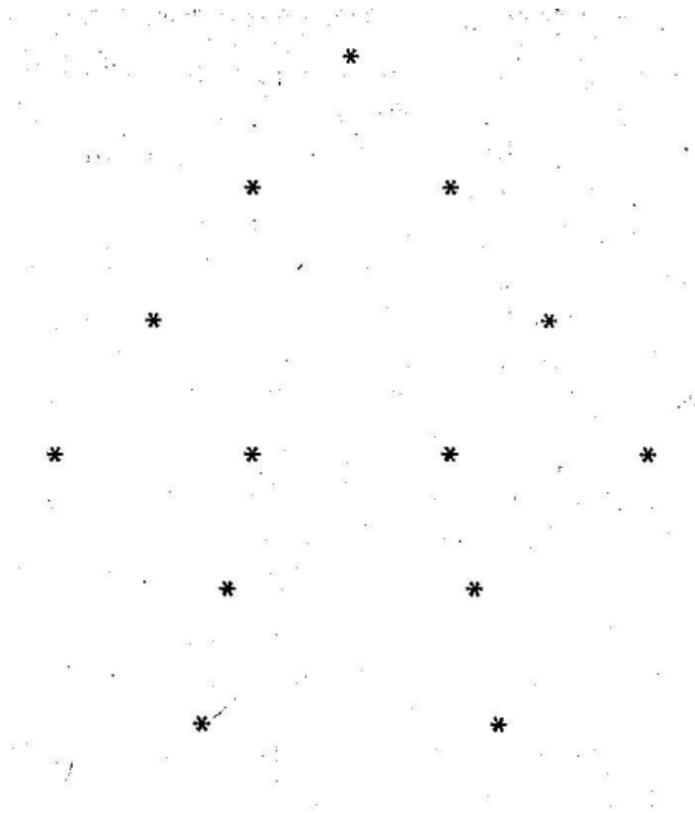
Hall entrou numa das cabinas, fechando a porta atrás de si. Lá dentro, havia um divã, além de um variado e complexo equipamento. Diante do divã, estava colocada uma tela de televisão exibindo diversos pontos luminosos.

- Sente-se - ordenou uma voz mecânica e monótona. - Sente-se, sente-se.

Hall obedeceu, sentando-se no divã.

- Observe a tela que tem diante de si. Agora acomode o corpo no divã de forma a obliterar todos os pontos.

Hall olhou para a tela, percebendo que os pontos estavam dispostos de forma a esboçar o contorno de um corpo humano.



Foi mudando sucessivamente a posição do corpo até que um por um os pontos desaparecessem.

- Muito bem - continuou a voz - Agora podemos continuar. Diga o seu nome para confronto com os registros. O último nome primeiro, o primeiro nome por último.

- Mark Hall.

- Diga o seu nome para confronto com os registros. O último nome primeiro, o primeiro nome por último.

Simultaneamente, as seguintes palavras surgiram na tela:

ELEMENTO FORNECEU RESPOSTA
NÃO CODIFICADA

>

- Hall, Mark

- Obrigado por sua colaboração - disse então a voz - Agora, por favor, queira recitar "Mary had a little lamb"

- Você deve estar brincando - protestou Hall.

Uma pausa e em seguida o ruído característico de relês e circuitos em funcionamento.

E depois novamente as palavras na tela:

ELEMENTO FORNECEU RESPOSTA
NÃO CODIFICADA

>

- Queira recitar - insistiu a voz.

Hall sentiu-se um tanto ridículo, entretanto obedeceu e recitou: "Mary had a little lamb, her fleece was white as snow, and every where that Mary went, the lamb was sure to go."

Nova pausa e em seguida a voz: - Obrigado por sua colaboração.

Na tela, apareceram as seguintes palavras:



ANALISADOR CONFIRMA IDENTIDADE

HALL, MARK

>

- Queira, por favor, ouvir com atenção - pediu a voz mecânica. - Deverá responder às perguntas seguintes com um sim ou com um não. Não forneça qualquer outro tipo de resposta. Nestes últimos doze meses recebeu vacina de varíola?

- Sim.

- Difteria?

- Sim.

- Tifo e paratifo, A e B?

- Sim.

- Toxóide tetânico?

- Sim.

- Febre amarela?

- Sim, sim, sim, Eu tomei tudo.

- Limite-se responder o que é perguntado. Elementos que não colaboram apenas contribuem para o desperdício do precioso tempo do computador.

- Sim - disse Hall, vencido.

Ao ingressar na Equipe Wildfire fora imunizado contra todas as moléstias

possíveis e imagináveis, até mesmo peste e cólera, e essas eram compulsoriamente renovadas a cada seis meses, isso além das injeções de gama globulina contra infecções de vírus.

- Alguma vez contraiu tuberculose ou outra moléstia micro-bacteriana, ou já teve algum teste intradérmico positivo?

- Não.

- Alguma vez contraiu sífilis ou outra espiroquetose, ou já teve algum teste serológico positivo?

- Não.

- No decorrer do último ano, teve qualquer infecção bacteriana gram-positiva, como estreptococo, estafilococo ou pneumococo?

- Não.

- Alguma infecção gram-negativa, como gonococo, meningococo, proteus, pseudomona ou salmonela?

- Não.

- Alguma infecção por fungo, recente ou passada, inclusive blastomicose, histoplasmosose ou coccidiomicose, ou já teve algum teste dérmico positivo para doenças fúngicas?

- Não.

- Teve recentemente alguma infecção de vírus, incluindo poliomielite, mononucleose, caxumba, sarampo, catapora ou herpes?

-Não.

- Tem alguma verruga?

- Não.

- Tem alguma alergia comprovada?

- Tenho sim, ao pólen da erva-de-santiago.

Uma pausa, seguida do aparecimento na tela de uma confusão incompreensível composta por sílabas de sua última resposta.

Por fim as palavras:

RESPOSTA NÃO CODIFICADA



- Por favor, queira repetir lentamente para registro em nossas células de memória.

Hall repetiu lenta e claramente:

- Pólen de erva-de-santiago.

Imediatamente surgiram na tela as palavras:

PÓLEN DE ERVA-DE-SANTIAGO CODIFICADO

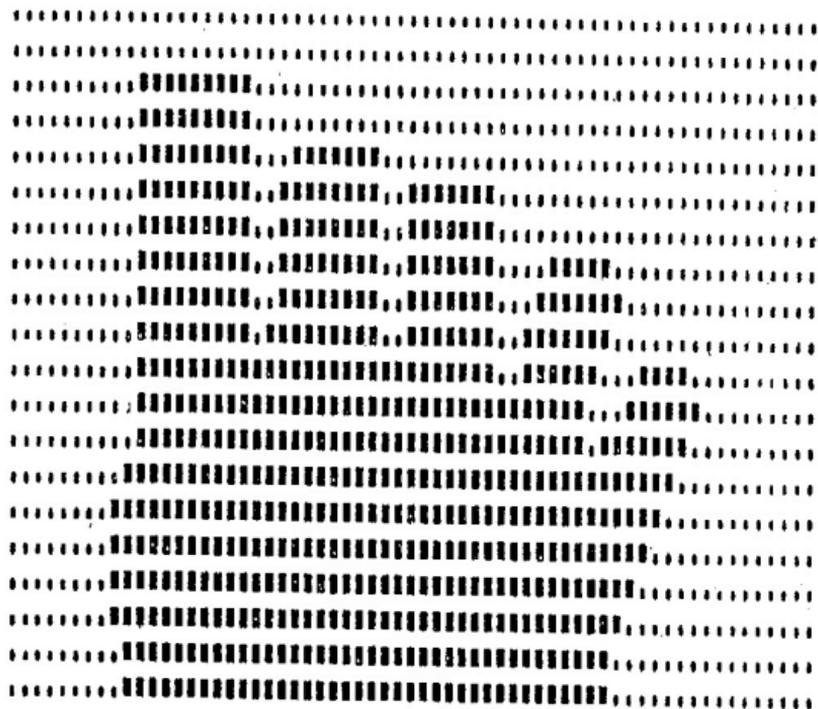


- Tem alergia à albumina? - prosseguiu a voz.

- Não.

- Com isso, encerramos as perguntas formais. Queira agora despir-se e, em seguida, voltar ao divã, na mesma posição, obliterando os pontos.

Hall seguiu as instruções. Logo em seguida, uma lâmpada ultravioleta, presa a um longo braço, aproximou-se de seu corpo. Junto à lâmpada uma unidade visual, uma espécie de olho perscrutador. Olhando para a tela, Hall pôde ver a impressão computada da área sob exame, começando pelos seus pés .



- Este é um exame para fungos - esclareceu a voz. Decorridos alguns minutos, Hall recebeu ordem de deitar-se de bruços e a operação foi repetida. Depois lhe ordenaram que se deitasse novamente de costas, alinhando-se de acordo com os pontos.

- Agora procederemos à medição dos parâmetros físicos - anunciou a voz - Queira, por obséquio, permanecer deitado, quieto, durante o exame.

Uma série de dutos e cabos aproximou-se do seu corpo, sendo os mesmos ajustados por mãos mecânicas. Hall identificava alguns deles: uma meia dúzia deles ajustada ao seu peito procederia ao eletrocardiograma, enquanto outros vinte e um em sua cabeça destinavam-se ao eletroencefalograma. Entretanto, havia inúmeros outros aplicados ao seu estômago, braços e pernas.

- Queira levantar sua mão esquerda - pediu a voz.

Hall obedeceu. De algum ponto acima dele, surgiu uma mão mecânica, com um olho elétrico de cada lado. A mão mecânica examinou a de Hall.

- Coloque sua mão sobre a placa à sua esquerda. Não se mova agora. Sentirá uma ligeira picada correspondente à inserção da agulha intravenosa.

Hall olhou para a tela. Ela mostrava uma imagem colorida da sua mão, com as veias constituindo um desenho verde sobre um fundo azul. Obviamente, o funcionamento da máquina baseava-se em calor. Estava prestes a protestar quando sentiu uma rápida espetadela.

Olhou novamente. A agulha já estava no lugar.

- Agora trate de ficar deitado quieto e descontraído.

Durante uns quinze segundos, a máquina emitiu mais ruídos e estalidos. Em seguida, os cabos foram todos removidos. As mãos mecânicas colocaram um band-aid limpo no local da picada.

- Com isto ficam concluídos os seus parâmetros físicos.

- Posso me vestir agora?

- Por favor, queira sentar-se com o ombro direito voltado para a tela de televisão. Receberá injeções pneumáticas.

De uma das paredes surgiu uma pistola presa a um cabo grosso. Pressionou a pele de seu ombro e disparou. Ouviu-se um chiado e Hall sentiu uma ligeira dor.

- Agora pode vestir-se. Fique ciente de que poderá eventualmente ser acometido de tonteiras nas próximas horas. Recebeu imunizações de reforço e gama globulina. No caso de tonteira, procure sentar-se. Se sentir outros efeitos orgânicos, tais como náuseas, vômitos ou febre, queira apresentar-se imediatamente ao Controle do Nível. Entendido?

-Sim.

- A saída fica à sua direita. Obrigado por sua colaboração. Esta gravação termina aqui.

Hall acompanhou Leavitt ao longo de um corredor vermelho. Seu braço doía no local da injeção.

- Aquela máquina... - disse ele. - E melhor não deixar que a AMA fique sabendo da sua existência.

- Pode deixar, nós não vamos permitir que isso aconteça. Na realidade, aquele analisador eletrônico do corpo fora aperfeiçoado pelas indústrias Sandeman, em 1965, sob um contrato do governo e com a finalidade de produzir monitores físicos para os astronautas no espaço. Na época, o governo era de opinião que tal dispositivo, se bem que muito dispendioso - oitenta e sete mil dólares cada -, poderia substituir um médico humano na elaboração do diagnóstico. As dificuldades de ajustamento à máquina, tanto por parte do médico quanto do paciente, eram reconhecidas por todos. O governo não pretendia liberar tais

analisadores até 1971, e mesmo então exclusivamente para certas instalações hospitalares de vulto.

Enquanto caminhavam pelo corredor, Hall percebeu que as paredes eram ligeiramente curvas.

- Onde estamos agora?

- No perímetro do Nível I. A nossa esquerda, situam-se os laboratórios. A direita, não há nada além de rocha sólida.

Havia diversas pessoas andando pelo corredor. Todas elas trajavam macacões cor-de-rosa e pareciam sérias e atarefadas.

- E onde estão os outros da equipe? - perguntou Hall.

- Aqui mesmo - respondeu Leavitt, abrindo uma porta com os dizeres CONFERÊNCIA 7, e entrando numa sala ampla com uma grande mesa de carvalho. Stone encontrava-se na sala. Estava em pé, ereto e alerta, parecendo alguém acabado de sair de um chuveiro frio. Ao seu lado estava Burton, o patologista, com o seu aspecto desleixado e confuso e uma espécie de medo fatigado em seu olhar.

Todos trocaram saudações e sentaram-se. Stone meteu a mão no bolso e retirou duas chaves. Uma delas era prateada e a outra, vermelha. A chave vermelha estava presa a uma corrente. Stone entregou-a a Hall.

- Ponha-a em seu pescoço.

Hall olhou para a chave.

- O que é isso?

Leavitt interferiu.

- Creio que Mark não esteja ainda a par do Homem Só.

- Pensei que ele teria lido a respeito no avião....

- A pasta dele foi expurgada.

- Compreendo - disse Stone, voltando-se para Hall. - Não sabe nada a respeito do Homem Só?

- Nada - confirmou Hall, continuando a examinar a chave.

- Ninguém jamais lhe disse que o fator decisivo da sua seleção para integrar a equipe foi o fato de você ser solteiro?

- E qual é a relação disso com...

- O fato é - interrompeu Stone - que você é o Homem Só. Você é literalmente a chave para tudo isso.

Dizendo isso, Stone pegou a sua chave e dirigiu-se para um dos cantos da sala.

Apertou um botão oculto, e uma parte do revestimento de madeira deslizou para o lado, revelando um console metálico polido. Stone inseriu a chave numa fechadura e virou-a. Imediatamente surgiu uma luz verde no console. Ele deu um passo para trás e o revestimento retornou ao seu lugar.

- No nível mais baixo deste laboratório, há um dispositivo automático de autodestruição nuclear. É controlado de dentro do laboratório. Colocando a minha chave eu armei o mecanismo. Assim, o dispositivo está pronto para detonar. A chave deste nível não pode ser removida, pois agora está presa no lugar. A sua chave, porém, pode ser, inserida e removida novamente. Há uma demora de três minutos entre a confirmação da detonação e o disparo da bomba. Este período de tempo destina-se a lhe permitir pensar e talvez cancelar a ordem.

Hall continuava com o cenho franzido. - Mas por que eu?

- Porque é solteiro. Era preciso que tivéssemos um homem que não fosse casado.

Stone abriu uma maleta, e do seu interior retirou uma pasta, entregando-a a Hall.

- Leia isto.

Era uma pasta do Projeto Wildfire. - Veja a página 255.

Hall folheou até encontrá-la.

.....
Projeto: Wildfire

ALTERAÇÕES

1. Filtros Milipore, inserção no sistema de ventilação. Filtros inicialmente especificados com uma única camada de estirilene, com eficiência máxima de retenção de 97,4%. Substituído em 1966, quando a Upjohn aperfeiçoou filtros capazes de reter organismos de tamanhos inferiores a um micron. Retenção com eficiência de 90% por camada, obrigando ao uso de camada tripla com resultado de 99,9%. O remanescente de 0,1% demasiado baixo para causar efeitos nocivos. O fator despesa resultante da utilização de quatro ou cinco camadas que aumentariam a eficiência em 0,001% considerado proibitivo em vista da reduzida vantagem adicional. Parâmetro de tolerância de 1/1000 considerado satisfatório. Instalação concluída em 8-12-66.

2. Dispositivo de autodestruição atômica, modificação nos reguladores do tempo de detonação. Ver pasta def. AEC/77-12-0918.

3. Dispositivo de autodestruição atômica, revisão das escalas de manutenção para técnicos K, ver AEC/Warburg, pasta 77-14-0004.

4. Dispositivo de autodestruição atômica, modificação na decisão, final de

comando. Ver pasta AEC/Def. 77-14-0023. Sumário anexo.

SUMÁRIO DA HIPÓTESE DO HOMEM SÓ: Inicialmente examinada como hipótese nula pelo comitê consultivo do projeto Wildfire. Originária dos testes levados a cabo pela USAF (NORAD) visando a determinar o índice de confiança a ser depositado em comandantes nas questões envolvendo decisões de vida ou morte. Os testes incluíram decisões em circunstâncias diversas, com alternativas pré-estruturadas e delineadas pela Divisão Psiquiátrica de Walter Reed, após análises feitas pela unidade bioestatística de NIH, Bethesda.

Foram submetidos aos testes os pilotos e o pessoal de terra da SAC, trabalhadores da NORAD e outros possivelmente envolvidos em necessidade de decisões ou com capacidade ativa positiva. O Instituto Hudson elaborou dez situações: os elementos deveriam tomar decisão SIM/NÃO em cada um dos casos. Essas decisões sempre diziam respeito à destruição termonuclear ou quimiobiológica de alvos inimigos.

Foram coletados dados referentes a 7.420 elementos testados pelo programa H1 H2 para análise multifatorial de variância; último teste feito por intermédio do programa ANOVAR; discriminação final através do programa CLASSIF. A unidade bioestatística do NIH resume o programa da forma seguinte:

É finalidade deste programa determinar a eficiência na designação de indivíduos pertencentes a grupos distintos com base em escores que poderão, ser estabelecidos quantitativamente. O programa estabelece os limites do grupo e a probabilidade de classificação de indivíduos como um controle de dados.

O Programa registra: contagem média para grupos, limites de confiança genéricos e contagem para elementos submetidos a teste individual

K. G. Borgrand, Ph. D. NIH

RESULTADOS DO ESTUDO DO HOMEM SÓ: Através deste estudo, chegou-se à conclusão de que os indivíduos casados reagem de forma diversa daquela observada em indivíduos solteiros em diferentes fases do teste. O Instituto Hudson forneceu respostas médias, isto é, decisões teoricamente acertadas, feitas por um computador com base em dados fornecidos para determinada circunstância. A comparação dos estudos por grupo através dessas respostas certas resultou num índice de eficiência, ou seja, uma medida do alcance da correção das decisões.

Grupo Índice de eficiência

Homem casados.....	343
Mulheres casadas.....	399
Mulheres solteiras....	402
Homens solteiros	824

Os dados indicam que os homens casados apontaram a decisão acertada somente uma vez em cada três, enquanto os solteiros acertam quatro em cada cinco vezes.

Em seguida, o grupo dos homens solteiros foi novamente desdobrado, em busca de subgrupos mais apurados dentro dessa classificação:

Grupo Índice de Eficiência

Homem solteiros, total.....	824
Militares:	
oficiais comissionados	655
sargentos	624
Técnicos:	
engenheiros	877
pessoal de terra	901
Serviços:	
manutenção e auxiliares	758
Profissionais:	
cientistas	946

Estes resultados, correspondentes à capacidade relativa na tomada de decisões por parte dos indivíduos, não deverão ser interpretados precipitadamente. Por mais que possa parecer que os serventes sejam melhores do que os generais quando se trata de uma decisão, o fato é que a realidade é extremamente mais complexa.

OS NÚMEROS IMPRESSOS REPRESENTAM SOMAS DE TESTES E

VARIAÇÕES INDIVIDUAIS. OS DADOS DEVEM SER INTERPRETADOS TENDO-SE ISSO EM MENTE.

Deixar de fazê-lo poderá levar a conclusões errôneas e perigosas.

A aplicação desse estudo ao pessoal de chefia do Projeto Wildfire foi levada a efeito a pedido da Comissão de Energia Atômica por ocasião da instalação da capacidade de autodestruição nuclear: O teste foi aplicado a todo o pessoal da Equipe Wildfire e os resultados estão arquivados sob CLASSIF WILDFIRE: PESSOAL GERAL.

(Ver ref. 77-14-0023).

Testes especiais para o grupo de chefia

<i>Nome</i>	<i>Índice de eficiência</i>
-------------	-----------------------------

<i>Burton</i>	<i>543</i>
<i>Reynolds</i>	<i>601</i>
<i>Kirke</i>	<i>614</i>
<i>Stone</i>	<i>687</i>
<i>Hall</i>	<i>899</i>

Os resultados dos testes especiais confirmam a Hipótese do Homem Só, segundo a qual um homem solteiro deverá ser o encarregado de tomar as decisões de comando referentes a contextos de destruição termonuclear ou quimiobiológica.

.....

- Isto é uma loucura - disse Hall, ao terminar a leitura.
- Entretanto, foi a única maneira pela qual conseguimos que o governo colocasse o controle da arma em nossas mãos - explicou Stone.
- Vocês realmente esperam que eu coloque a minha chave e faça disparar aquela coisa?
- Parece que você não compreendeu. O mecanismo de detonação é automático. Se houver ruptura do isolamento em que se encontre o organismo, com a consequente contaminação de todo o Nível V, a detonação se fará em três minutos... a menos que você coloque a sua chave na fechadura e a cancele.
- Ah... - murmurou Hall, baixinho.

DESCONTAMINAÇÃO

Ouviu-se uma campainha tocar em algum ponto do nível. Stone lançou um olhar rápido para o relógio de parede. Era tarde. Começou a fornecer as instruções, falando rapidamente, enquanto andava de um lado para outro da sala, com suas mãos em constante movimento.

- Conforme sabem, encontramos-nos no mais alto nível de uma estrutura subterrânea de cinco pavimentos. De acordo com o protocolo, levaremos 24 horas até alcançar o nível inferior, passando por processos de esterilização e descontaminação. É preciso, portanto, que comecemos imediatamente. A cápsula já está a caminho.

Apertou um botão num painel existente na cabeceira da mesa, e uma tela de televisão iluminou-se instantaneamente, mostrando o satélite de formato cônico, dentro de um saco plástico, fazendo sua descida. Sua manipulação era feita por mãos mecânicas.

- O núcleo central deste edifício circular abriga os elevadores e as unidades de manutenção como canos, fios e outros itens desse gênero. E por aí que estão vendo a cápsula passar. Logo será depositada num local no nível mais baixo e em condições de esterilidade máxima.

Stone continuou com as suas explicações, revelando que tinha trazido mais duas surpresas de Piedmont. A imagem da tela revelou Peter Jackson deitado numa maca, com tubos intravenosos aplicados aos seus dois braços.

- Este homem aparentemente sobreviveu à noite. Era ele quem andava de um lado para o outro na ocasião em que os aviões sobrevoaram a cidade e era o único ainda vivo esta manhã. .

- E qual é o seu estado agora?

- Incerto - informou Stone. - Está inconsciente e vomitou sangue hoje cedo. Começamos a aplicar-lhe dextrose na veia, a fim de mantê-lo alimentado e hidratado até que possamos chegar lá embaixo.

Stone apertou um botão e a tela apresentou nova imagem, mostrando o bebê, que gritava, preso a um leito diminuto. Recebia soro por uma veia em sua cabeça.

- Este pequenino indivíduo também sobreviveu à última noite - disse Stone. - De modo que nós o trouxemos. Não poderíamos deixá-lo uma vez que o Esquema 7-12 estava sendo convocado. A cidade já está agora destruída por uma explosão nuclear. Além disso, ele e Jackson são as pistas vivas que poderão nos auxiliar a

desvendar essa confusão.

Em seguida, para melhor compreensão de Hall e Leavitt, os dois homens relataram o que haviam visto e apreendido em Piedmont. Fizeram uma revisão das mortes rápidas, dos suicídios estranhos, das artérias solidificadas e da ausência de sangramento.

Hall escutava, aturdido. Leavitt sacudia a cabeça.

- Alguma pergunta? - indagou Stone ao concluir a narrativa.

- Nada que valha a pena - disse Leavitt.

- Então, mãos à obra.

Começaram o seu trajeto junto a uma porta com os seguintes dizeres em letras brancas e simples: PARA O NÍVEL II. Era um aviso simples, inócuo e direto. Hall imaginara algo mais, talvez um guarda compenetrado, munido de metralhadora, ou uma sentinela para verificar os passes. Não havia, porém, nada disso, e ele observou que ninguém ostentava distintivos ou possuía cartões de qualquer espécie. Comentou esse fato com Stone.

- É isso mesmo - respondeu Stone. - Decidimos abolir os distintivos há tempos. São de fácil contaminação e difíceis de esterilizar. Geralmente são de plástico e a temperatura elevada utilizada na sua esterilização os derrete.

Os quatro homens transpuseram a porta, que bateu pesadamente às suas costas, seguida por um silvo ao ser selada. Era hermética. Hall viu-se numa sala azulejada, onde havia apenas um grande depósito com os dizeres: ROUPAS. Abriu o seu macacão e jogou-o no depósito. Seguiu-se um rápido clarão enquanto a roupa era incinerada.

Então, olhando para trás, viu que a porta por onde tinha entrado ostentava uma placa com os dizeres: NÃO É POSSÍVEL O RETORNO AO NÍVEL I POR ESTE CAMINHO.

Deu de ombros. Os outros homens já se encaminhavam para uma segunda porta com um aviso simples: SAÍDA. Seguiu-os, mergulhando em nuvens de vapor. O odor era característico, cheirando a bosque, e ele adivinhou que se tratava de desinfetante perfumado. Sentou-se num banco, descansando, deixando que o vapor o envolvesse.

Era bem fácil imaginar a finalidade daquela sala de vapor: o calor abria os poros e o vapor era inalado pelos pulmões.

Os quatro homens esperaram, falando pouco, até que seus corpos ficassem recobertos por umidade lustrosa. Então penetraram na sala seguinte.

- Que lhe parece isso? - perguntou Leavitt a Hall.

- Parece um maldito banho romano.

A sala seguinte continha uma banheira rasa - IMERGIR APENAS OS PÉS - e um chuveiro - NÃO ENGOLIR A SOLUÇÃO DO CHUVEIRO. EVITAR EXPOSIÇÃO INDEVIDA DOS OLHOS E DAS MUCOSAS. Tudo aquilo era muito assustador. Hall tentou identificar as soluções pelo cheiro, mas não o conseguiu; o chuveiro, porém, era escorregadio, o que indicava que se tratava de solução alcalina. Perguntou a Leavitt, e este respondeu que se tratava de solução alfaclorofina num pH 7.7. Leavitt informou ainda que, sempre que possível, alternavam soluções ácidas e alcalinas.

- Pensando bem, você verá que nos defrontamos aqui com graves problemas de planejamento. Por exemplo: como desinfetar o corpo humano, uma das mais sujas coisas do universo, sem ao mesmo tempo matar o indivíduo. É interessante.

Leavitt afastou-se. Hall, que saíra do chuveiro pingando, olhou ao redor à procura de uma toalha. Não encontrou nada. Entrou na sala seguinte, onde secadores instalados no teto emitiam ar quente. Dos lados da sala surgiram lâmpadas UV, banhando o ambiente em luz vermelha intensa. Ficou parado ali, aguardando, até que uma campainha tocou e os secadores foram desligados. Sentia um ligeiro formigamento na pele ao entrar na última sala que continha roupas. Desta vez não eram macacões, assemelhando-se mais a uniformes cirúrgicos, de cor amarelo-claro, compostos de blusão frouxo com gola em V e mangas curtas; calças com elástico; sapatos com solas finas de borracha, muito confortáveis, como se fossem sapatilhas. de balé.

O tecido era macio, um sintético qualquer. Vestiu-se e saiu com os outros por uma porta indicando SAÍDA PARA O NÍVEL II. Entrou no elevador, aguardando sua descida.

Deixando o elevador, viu-se num corredor. Aqui as paredes eram amarelas e não vermelhas como as do Nível I. O pessoal trajava uniformes amarelos. Junto ao elevador, havia uma enfermeira que informou:

- São 14h47, senhores. Poderão continuar a descer dentro de uma hora.

Entraram num pequeno aposento identificado como CONFINAMENTO INTERMEDIÁRIO.

Em seu interior, havia meia dúzia de divãs, recobertos com plástico substituível.

- É melhor descansarem - disse Stone. - Durmam se puderem. Vamos precisar de todas as nossas energias ao chegarmos ao Nível V. - E dirigindo-se a Hall: - Que tal achou o processo de descontaminação?

- Interessante. Vocês poderiam vendê-lo aos suecos e ganhar uma fortuna. Confesso que no fundo esperava algo mais rigoroso.

- Espere só, que vai piorar. Haverá exames médicos nos Níveis III e IV. Depois disso, teremos uma breve conferência.

Stone deitou-se num dos divãs e adormeceu instantaneamente. Essa sua capacidade era um truque que aprendera anos antes, na época em que fazia experiências noite e dia. Aprendera a dormir uma hora aqui, duas ali. Era um bom expediente.

O segundo processo de descontaminação era igual ao primeiro. As roupas de Hall, apesar de usadas apenas por uma hora, foram incineradas.

- Isso não será um desperdício? - perguntou Hall a Burton.

Burton deu de ombros.

- É papel.

- Papel? Esse tecido é papel?

Burton confirmou.

- Não é tecido. É papel mesmo. Um novo processo.

Entraram no primeiro tanque de imersão total. As instruções afixadas na parede ordenaram que Hall mantivesse os olhos abertos por baixo da água. Logo descobriria que a imersão total era garantida pela ligação entre a primeira sala e a segunda, sob a forma de passagem subaquática. Nadando através dessa passagem, sentiu os olhos arderem ligeiramente, mas nada de insuportável:

A segunda sala continha uma fileira de seis cabinas com paredes de vidro, semelhantes a cabinas telefônicas. Hall aproximou-se de uma delas, avistando uma placa com os dizeres: ENTRE E FECHÉ OS DOIS OLHOS. MANTENHA OS BRAÇOS LIGEIRAMENTE AFASTADOS DO CORPO E OS PÉS DISTANTES TRINTA CENTÍMETROS UM DO OUTRO. NÃO ABRA OS OLHOS ATÉ O SOAR DE UMA CIGARRA. A EXPOSIÇÃO PROLONGADA À IRRADIAÇÃO POR ONDAS LONGAS PODERÁ RESULTAR EM CEGUEIRA.

Seguiu as instruções, sentindo uma estranha modalidade de calor envolvendo seu corpo. Teria durado talvez uns cinco minutos, quando então soou a cigarra e ele abriu os olhos. Seu corpo estava seco. Seguiu os outros em direção a um corredor composto de quatro chuveiros consecutivos. Desta forma, passou por baixo de cada chuveiro uma vez. No final, havia sopradores, que o secaram, e roupas. Desta feita as roupas eram brancas.

Os quatro homens vestiram-se e tomaram o elevador que descia para o Nível III.

Encontraram quatro enfermeiras à sua espera. Uma delas conduziu Hall para uma sala de exame. Nesse local, foi submetido a um exame médico de duas horas, feito dessa vez não por uma máquina, mas sim por um jovem eficiente de fisionomia inexpressiva. Hall sentia-se aborrecido e pensava com os seus botões que a final a máquina era melhor.

O médico fez um exame minucioso, incluindo uma anamnese completa: nascimento, educação, viagens, condições familiares, hospitalizações e doenças passadas. Hall ficou zangado. Aquilo tudo era absolutamente desnecessário. O médico, porém, informou-lhe em tom inabalável que aquilo era simples rotina.

Decorridas duas horas, juntou-se ao resto do grupo e seguiu em direção ao Nível IV.

Quatro banhos de imersão total, três séries de ultravioleta e infravermelho, duas de ultrassom e, por fim, algo totalmente espantoso: um cubículo com paredes de aço, contendo um capacete preso a um suporte. As instruções esclareciam: TRATA-SE DE UM APARELHO ULTRALUMINOSO. PARA PROTEGER OS CABELOS DA CABEÇA E OS PELOS FACIAIS, COLOQUE O APARELHO SOBRE A CABEÇA APERTANDO EM SEGUIDA O BOTÃO SITUADO ABAIXO.

Hall jamais ouvira falar naquele tipo de aparelho e portanto seguiu as instruções, ignorando o que o esperava. Colocou o capacete na cabeça e apertou o botão.

Seguiu-se uma única e breve explosão de luz ofuscante, seguida por uma onda de calor que encheu o cubículo. Hall sentiu uma dor muito rápida, tão rápida que não conseguiu sequer identificá-la antes que terminasse. Retirou cuidadosamente o capacete e examinou o corpo. Sua pele estava recoberta por uma fina cinza branca. Compreendeu então que aquela cinza era a sua pele, ou melhor, tinha sido a sua pele. A máquina incinerara as camadas epiteliais externas. Seguiu para um chuveiro, retirando a cinza. Quando finalmente chegou à sala de vestir, encontrou uniformes verdes.

Outro exame médico. Desta vez, foram exigidas amostras de tudo: escarro, sangue, urina, fezes. Hall submeteu-se passivamente aos testes, exames, perguntas. Estava cansado e começava a sentir-se desorientado. As repetições, as novas experiências, as cores das paredes, a mesma luz artificial suave...

Finalmente foi levado de volta para a companhia de Stone e dos outros.

- Ficaremos seis horas neste nível - informou Stone. Isso é previsto pelo protocolo. Temos que esperar, enquanto eles fazem os nossos exames de laboratório. Poderíamos muito bem aproveitar para dormir. No fim do corredor, há quartos com os seus nomes nas portas. Mais adiante encontra-se o bar. Vamos nos encontrar lá, dentro de cinco horas, para uma conferência. Está certo?

Hall encontrou o seu quarto, com uma placa de plástico na porta. Ficou surpreso ao entrar e verificar que o aposento era bastante espaçoso. Esperava dar com algo do tamanho de uma cabina de trem, mas na verdade o quarto era grande e bem mobiliado. Havia uma cama, uma cadeira, uma pequena mesa, e um

console de computador com um aparelho de TV embutido. O computador despertou sua curiosidade, contudo sentia-se por demais cansado. Deitou-se na cama e adormeceu rapidamente.

Burton não conseguia dormir. Estava deitado em sua cama no Nível IV, olhando para o teto e pensando. Não podia afastar de sua mente a visão daquela cidade, com aqueles corpos espalhados pela rua, sem sangramento.

Burton não era hematologista, mas em seu trabalho tinha contato com alguns estudos referentes ao sangue. Não ignorava a existência de uma grande variedade de bactérias com efeitos sobre o sangue. Em suas próprias pesquisas com os estafilococos chegara à conclusão de que esses organismos produziam duas enzimas que alteravam o sangue.

Uma delas, denominada exotoxina, destruía a pele e dissolvia os glóbulos vermelhos.

A outra, um coagulase, revestia as bactérias com proteína, visando a impedir sua destruição pelos glóbulos brancos.

Era possível, portanto, que bactérias alterassem o sangue. E poderiam fazê-lo de muitas maneiras diferentes: o estreptococo produzia uma enzima, estreptoquinase, que dissolvia o plasma coagulado. Clostrídios e pneumococos produziam uma variedade de hemolisinas, que destruíam glóbulos vermelhos. A malária e as amebas também destruíam os glóbulos vermelhos, devorando-os como se fossem alimento.

Diversos outros parasitas faziam o mesmo.

Portanto era possível.

Isso, porém, não o ajudava a deslindar o funcionamento do organismo trazido pelo Scoop.

Burton tentou rememorar a sequência do processo de coagulação do sangue. Lembrou-se de que podia ser comparado a uma catarata: uma enzima liberada e ativada, agindo sobre outra enzima, que então agia sobre uma terceira, e essa sobre uma quarta e assim por diante, por doze ou treze estágios até a final coagulação do sangue.

Então recordou vagamente tudo o mais: os detalhes, todos os estágios intermediários, as enzimas necessárias, os metais, íons, condições locais etc. Tratava-se de algo terrivelmente complexo.

Sacudiu a cabeça e tentou dormir.

Leavitt, o microbiologista clínico, meditava sobre os estágios de isolamento e

identificação do organismo causador. Já tinha imaginado antes essa possibilidade; era um dos fundadores do grupo, um dos homens responsáveis pela elaboração do Protocolo de Análise da Vida. Agora, entretanto, no limiar da efetivação do plano, sentia dúvidas.

Dois anos antes, aquilo parecera maravilhoso ao ser discutido, em tese, depois do almoço. Tratava-se, então, de um jogo intelectual divertido, uma espécie de teste abstrato das destrezas individuais. Mas agora, face a face com a realidade, diante do agente causador de mortes reais e estranhas, não sabia se todos os seus planos se mostrariam tão eficientes e completos quanto havia imaginado.

As etapas iniciais seriam bastante simples. Examinariam a cápsula minuciosamente e colocariam tudo em meio de cultura. Nutririam então a furiosa esperança de deparar com um organismo com o qual pudessem trabalhar, submetendo-o a experiências e identificando-o.

Depois, então, seria o momento de procurar descobrir o seu mecanismo de ataque. Existia já a suposição de que matava por coagulação do sangue; caso essa suposição fosse comprovada, teriam um bom ponto de partida. Mas, em caso contrário, teriam perdido um tempo precioso seguindo essa pista errada.

O caso da cólera veio à sua mente. Os homens sabiam há séculos que a cólera era uma moléstia fatal, ocasionando diarreia grave, chegando a produzir por vezes, até vinte e oito litros de fluido por dia. Isso era fato sabido, mas de certa forma não se admitia que os efeitos letais da moléstia tivessem relação com a diarreia, buscando-se descobrir algo além disso: um antídoto, uma droga, uma maneira de debelar o organismo.

Foi somente nos tempos modernos que se constatou ser a cólera uma moléstia que matava basicamente por desidratação. Havendo a possibilidade de reposição rápida das perdas de líquido sofridas pela vítima, esta conseguiria sobreviver à infecção sem outras drogas ou tratamentos.

Curar a moléstia curando os sintomas.

Mas, no caso do organismos do Scoop, pensava Leavitt, seria possível curar a moléstia curando-se a coagulação do sangue? Ou seria a coagulação apenas um detalhe secundário num contexto geral de problemas mais sérios?

Leavitt nutria mais outra preocupação, um temor desagradável que o vinha acompanhando desde os tempos que remontavam aos estágios iniciais do planejamento do Projeto Wildfire. Naquelas primeiras reuniões, Leavitt argumentara que a Equipe Wildfire poderia estar cometendo assassinato extraterrestre.

Defendera a tese de que todos os homens, por mais cientificamente objetivos, nutriam diversos preconceitos ao discutirem os problemas da vida. Um deles era

a suposição de que a vida complexa era maior do que a vida simples. Isso, evidentemente, aplicava-se como verdadeiro em relação à Terra. Ao se tornarem mais inteligentes, os organismos cresciam, deixando o estágio unicelular, para se transformarem em criaturas multicelulares e posteriormente em animais de células diferenciadas, trabalhando em grupos denominados órgãos. Na Terra, a tendência desenvolvera-se no sentido de animais maiores e mais complexos.

Entretanto, o mesmo poderia não se aplicar a outras partes do universo. Em outros planetas, a vida poderia progredir em sentido inverso - em direção a formas cada vez menores. Assim como a moderna tecnologia humana aprendera a fazer coisas cada vez menores, talvez existissem pressões evolutivas super-avançadas conduzindo a formas de vida menores. Haveria indubitáveis vantagens nessas formas menores: menor consumo de matérias-primas, viagens espaciais menos dispendiosas, menores problemas de alimentação...

Talvez a forma de vida mais inteligente num planeta distante não fosse maior do que uma pulga. Talvez até mesmo não fosse maior do que uma bactéria. Nesse caso, o Projeto Wildfire poderia estar envolvido e engajado na destruição de uma forma de vida altamente desenvolvida, sem sequer perceber o que estava fazendo.

Esse conceito não era exclusivamente de Leavitt. Fora igualmente proposto por Merton, em Harvard, e por Chalmers, em Oxford. Chalmers, um homem possuidor de um senso de humor muito ferino, definira a coisa dando o exemplo de um indivíduo examinando uma lâmina ao microscópio e percebendo as bactérias dispostas de maneira a formar a frase: "Leve-nos ao seu chefe." Todos acharam a ideia de Chalmers extremamente divertida.

Leavitt, porém, não conseguia tirá-la da cabeça. Pois poderia revelar-se verdadeira.

Antes de adormecer, Stone ficou pensando sobre a conferência que se aproximava.

E o caso do meteorito. Imaginou o que diriam Nagy, ou Karp, se soubessem a respeito do meteorito.

Provavelmente isso os levaria à loucura, pensou. Provavelmente nos levará todos à loucura.

E então adormeceu.

O Setor Delta era a designação para as três salas localizadas no Nível I e que abrigavam todo o equipamento de comunicação utilizado pela instalação Wildfire.

Todos os circuitos de interfonos e comunicação visual passavam por ali, o mesmo acontecendo com os cabos telefônicos e de teletipo vindos do exterior. Os troncos de ligação com a biblioteca e a unidade central de armazenagem também eram regulados pelo Setor Delta.

Basicamente, o seu funcionamento assemelhava-se ao de uma central telefônica gigantesca, totalmente controlada por computador. As três salas que compunham o Setor Delta eram quietas; só se ouvia o zumbido suave dos tambores magnéticos e o estalar dos relês. Havia uma única pessoa trabalhando no local, um único homem sentado junto ao console, rodeado pelas luzes cintilantes do computador.

Não havia propriamente necessidade de sua presença ali, já que não desempenhava qualquer função concreta. Os computadores eram auto-reguláveis, construídos de forma a realizar correções automáticas de seus circuitos de doze em doze minutos.

No caso de alguma leitura anormal, os computadores eram automaticamente desligados.

De acordo com o protocolo, a função do homem era controlar a chegada das comunicações MCN, quais eram assinaladas por um toque de campainha na teleimpressora. Ao tocar essa campainha, ele notificava os centros de comando de cada um dos níveis, quanto ao recebimento da transmissão. Caberia a ele, igualmente, comunicar qualquer ocorrência de disfunção do computador ao comando do Nível I, caso se registrasse esse acontecimento tão pouco provável.

dia 3 / WILDFIRE



A CONFERÊNCIA

- É hora de acordar, senhor.

Mark Hall abriu os olhos. O quarto estava iluminado por uma luz fluorescente, pálida e uniforme. Piscou e virou, deitando sobre o estômago.

- É hora de acordar, senhor.

Era uma bela voz feminina, suave e sedutora. Hall sentou-se na cama e examinou o quarto: estava sozinho.

- Alô?!

- É hora de acordar, senhor.

- Quem é você?

- É hora de acordar, senhor.

Hall esticou o braço e apertou um botão na mesa de cabeceira junto à sua cama.

Uma luz apagou-se. Ficou aguardando nova manifestação da voz, ela, porém, não voltou a falar.

Que maneira diabolicamente eficiente para acordar um homem, pensou Hall. Enquanto se vestia, ficou imaginando como seria o seu funcionamento. Não se tratava de simples fita, pois aparentemente reagia a alguma espécie de estímulo. A mensagem só era repetida quando Hall falava.

Desejando testar a sua teoria apertou novamente o botão.

- Deseja alguma coisa, senhor? - indagou a voz, suavemente.

- Gostaria de saber o seu nome, por favor.

- É só isso, senhor?

- Sim, creio que sim.

- E só isso, senhor?

Ficou esperando. A luz apagou-se. Enfiou os sapatos e estava prestes a sair, quando soou uma voz masculina dizendo:

- Aqui fala o supervisor do serviço de respostas. Dr. Hall. Gostaria que tratasse o projeto com maior seriedade.

Hall riu. Isso queria dizer, portanto, que a voz reagia aos comentários e gravava suas respostas. Era, sem dúvida, um sistema inteligente.

- Sinto muito. Eu não estava certo quanto ao funcionamento dessa coisa. E a voz é

verdadeiramente deliciosa.

- Essa voz pertence à Srta. Gladys Stevens, que tem 63 anos. Ela reside em Omaha e faz as gravações de mensagens para as tripulações do SAC e para outros sistemas vocais de informação. - A voz do supervisor parecia grave.

- Compreendo.

Hall deixou o seu quarto e caminhou pelo corredor em direção ao bar. A caminho, começou a entender a razão pela qual os desenhistas de submarinos haviam sido contratados para planejar as instalações Wildfire. Sem o seu relógio de pulso, não tinha a menor ideia das horas, não sabendo sequer se era dia ou noite. Estaria o bar cheio? Seria hora do jantar ou do café da manhã?

Ao chegar, verificou que o bar estava quase vazio. Leavitt o esperava. Informou que os demais já se encontravam na sala de conferências. Empurrou em direção a Hall um copo contendo um líquido marrom-escuro, sugerindo que tomasse o seu desjejum.

- O que é isto?

- Alimento quarenta-dois-cinco. Contém tudo o que é necessário para o sustento por dezoito horas de um homem de 70 quilos, em média.

Hall bebeu o líquido que era xaroposo e aromatizado artificialmente, fazendo com que o seu gosto se assemelhasse ao de suco de laranja. Beber suco de laranja marrom era uma sensação estranha, sem ser desagradável, uma vez passado o primeiro choque. Leavitt explicou que aquilo fora aperfeiçoado para a alimentação de astronautas e que continha tudo, excetuadas as vitaminas aerossolúveis.

- E para isso você tem que tomar esta pílula.

Hall engoliu a pílula e serviu-se de uma xícara de café da máquina que havia num dos cantos.

- Tem açúcar?

- Nada de açúcar por aqui. Não utilizamos nada que possa constituir meio de cultura para bactérias. Daqui por diante, receberemos dietas ricas em proteínas. O organismo produzirá o açúcar necessário através da decomposição das proteínas. Mas nada de meter açúcar nas entranhas. Aliás, justamente o oposto. - Dizendo isso, meteu a mão no bolso.

- Oh, não! - protestou Hall.

- Sim - insistiu Leavitt, entregando-lhe uma pequena cápsula acondicionada em alumínio.

- Não - continuou Hall.

- Todos recebem. É de amplo espectro. Vá até o seu quarto e coloque-o antes de

partirmos para os processos finais de descontaminação.

- Não me incomodo de me meter em todos esses banhos imundos. Não me incomodo com as irradiações todas. Mas quero ser...

- Escute - interrompeu Leavitt. - A intenção disso é fazer com que esteja o mais estéril possível ao chegarmos ao Nível V. Esterilizamos sua pele e as mucosas do trato respiratório o melhor possível. Mas até agora nada tinha sido feito quanto ao trato gastrointestinal.

- Está certo - concordou Hall. - Mas por que supositórios?

- Vai se acostumar. Todos temos que usá-los nos quatro primeiros dias. Isso ainda não quer dizer que adiante - disse ele, com aquela sua expressão pessimista e estranha com a qual Hall já se familiarizara. Levantou-se. - Vamos para a sala de conferências. Stone deseja falar sobre Karp.

- Sobre quem?

- Karp, Rudolph Karp.

Rudolph Karp era um bioquímico nascido na Hungria e que chegara aos Estados Unidos em 1951, proveniente da Inglaterra. Obteve um posto na Universidade de Michigan e trabalhara metódica e silenciosamente por cinco anos. Então, por sugestão de colegas do observatório de Ann Arbor, Karp começara a estudar meteoritos, visando a determinar se os mesmos abrigavam alguma espécie de vida ou se havia indícios de o terem feito no passado. Levava o assunto muito a sério, sem publicar nada a respeito, trabalhando com afinco, até o início da década de sessenta, quando Calvin, Vaughn, Nagy e outros começaram a publicar trabalhos explosivos sobre assuntos similares.

Os argumentos e contra-argumentos eram complexos, levando todos, porém, a um único substrato: toda a vez que alguém relatasse ter encontrado um fóssil ou um carboidrato proteico, ou qualquer outro indicio de vida num meteorito, os críticos logo alegavam técnica laboratorial displicente e contaminação por matéria e organismos da Terra.

Karp, com seus métodos lentos e cuidadosos, estava decidido a encerrar essa discussão de uma vez por todas. Anunciou que tinha tomado cuidados extremos para evitar contaminação: cada meteorito por ele examinado fora lavado em doze soluções, inclusive peróxido, iodo, solução salina hipertônica e ácidos diluídos. Em seguida, era exposto à luz ultravioleta intensa durante um período de doze dias. Finalmente era submerso em solução germicida e colocado em câmara de isolamento estéril, livre de germes. Todo o trabalho subsequente era desenvolvido no interior dessa câmara.

Karp, ao fragmentar os meteoritos, encontrara e isolara bactérias. Descobriam

que se tratava de organismos com formato anular, capazes de crescer e de multiplicar-se.

Alegava que, sendo essencialmente similares em sua estrutura às bactérias terrestres, baseados em proteína, carboidratos e lipídios, não dispunham, contudo, de núcleo celular, sendo assim a sua forma de propagação um mistério.

Karp apresentara essa sua informação da maneira discreta e desprovida de sensacionalismo que lhe era peculiar, esperando obter boa receptividade. Entretanto, não foi isso o que aconteceu; foi ridicularizado pela VII Conferência de Astrofísica e Geofísica reunida em Londres em 1961. Sentindo-se desencorajado, deixou de lado o seu trabalho referente aos meteoritos; os organismos acabaram sendo destruídos, numa explosão acidental do laboratório, na noite de 27 de junho de 1963.

A experiência de Karp era quase idêntica às de Nagy e outros. Entretanto, os cientistas da década de sessenta não estavam interessados em acolher noções sobre a existência de vida em meteoritos. Desse modo, todas as provas apresentadas nesse sentido eram menosprezadas, afastadas e ignoradas.

Restou, porém, um reduzido número de pessoas, espalhadas por uma dúzia de países, que continuavam intrigadas com o problema. Um deles era Jeremy Stone, o outro, Peter Leavitt. Fora Leavitt que, alguns anos antes, formulara a Regra dos 48; esta funcionava como um lembrete jocoso para os cientistas e referia-se à maciça literatura reunida nos fins das décadas de quarenta e cinquenta com relação ao número de cromossomos humanos.

Durante anos e anos, afirmava-se que os seres humanos possuíam quarenta e oito cromossomos em suas células; havia fotografias para prová-la e um extenso número de cuidadosos estudos. Em 1953, um grupo de pesquisadores americanos anunciou ao mundo que o número de cromossomos humanos era quarenta e seis. Mais uma vez, foram apresentadas fotos para prová-lo e estudos para confirmá-lo. E esses pesquisadores deram-se ao trabalho de re-examinar as velhas fotos e os antigos estudos, nos quais encontraram tão-somente 46 cromossomos e não 48.

A Regra dos 48, formulada por Leavitt, rezava simplesmente: "Todos os cientistas são cegos." E Leavitt invocara a sua regra ao ver a receptividade encontrada por Karp e outros. Leavitt reviu os relatórios e os trabalhos, não encontrando qualquer razão para rejeitar os estudos referentes aos meteoritos; muitas das experiências eram cuidadosas, bem encadeadas e constrangedoras.

Ele lembrara-se disso ao elaborar, junto com os demais planejadores do Projeto Wildfire, o estudo conhecido como Vetor Três. Junto com o Tóxico Cinco, esse estudo constituía uma das firmes bases teóricas do programa Wildfire.

O Vetor Três era um relatório que tratava de uma indagação crucial: caso uma bactéria invadisse a Terra, causando uma nova moléstia, de onde viria essa

bactéria?

Depois de consultas feitas a astrônomos e a teorias evolucionárias, a Equipe Wildfire acabou por concluir que as bactérias poderiam originar-se de três fontes, a saber:

A primeira e também a mais óbvia: seria um organismo de outro planeta ou galáxia, tendo a necessária proteção para resistir às temperaturas extremas e ao vácuo existente no espaço. Quanto à capacidade de sobrevivência dos organismos, não havia dúvida; existia, por exemplo, uma espécie de bactéria conhecida como termofílica que vicejava sob calor extremo, multiplicando-se entusiasticamente em temperaturas que chegavam a 700°C. Além disso, era notória a recuperação de bactérias em sepulturas egípcias, onde elas haviam permanecido seladas por milhares de anos. Essas bactérias continuavam a apresentar perfeitas condições de vida.

O segredo residia na habilidade das bactérias em formarem esporos, moldando uma casca calcificada e dura em seu redor. Essa casca permitia a sobrevivência do organismo em condições de congelamento ou fervura, e, se necessário, sem alimentação milhares de anos. Combinava ainda todas as vantagens de um traje espacial com as de morte aparente.

Não havia dúvidas de que um esporo poderia viajar através do espaço. Mas seria um outro planeta ou galáxia a fonte mais provável de contaminação para a Terra?

Aqui a resposta era não. A fonte mais provável era justamente a fonte mais próxima: a própria Terra.

O relatório sugeria a possibilidade de as bactérias terem deixado a superfície terrestre muitas eras antes, na época em que a vida começava a emergir dos oceanos e dos continentes quentes, crestados. Tais bactérias teriam partido antes do aparecimento dos peixes, dos mamíferos primitivos, muito antes do primeiro homem-macaco.

Elas teriam se erguido no ar, ascendendo lentamente até ficar literalmente no espaço.

Uma vez lá chegadas, poderiam ter evoluído em formas incomuns, chegando talvez, até mesmo a aprender como obter diretamente do Sol as energias necessárias à sua sobrevivência, sem precisar recorrer a alimentos como fonte de energia.

Tais organismos poderiam igualmente ser capazes da conversão direta de energia em matéria.

O próprio Leavitt lembrara a analogia existente entre as camadas superiores da atmosfera e as profundezas dos mares, ambos os meios igualmente inóspitos e

igualmente viáveis. Sabia-se da existência de formas de vida em abundância nas mais profundas e negras regiões dos oceanos, onde a oxigenação é pobre e onde a luz não chega jamais. Por que o mesmo não poderia ocorrer nas regiões longínquas da atmosfera? Era verdade que o oxigênio era pobre. Era verdade também que os alimentos não existiam. Mas havendo criaturas capazes de viver quilômetros abaixo da superfície, por que não poderiam também viver quilômetros acima dela?

E se realmente houvesse organismos nessa região, e se tivessem deixado a crosta terrestre muito antes do aparecimento dos primeiros homens, esses organismos seriam estranhos ao homem. Não teria sido desenvolvida qualquer imunidade, adaptação ou produção de anticorpos. Seriam seres primitivos, estranhos ao homem moderno, assim como o tubarão, um peixe primitivo que permanecera imutável por centenas de milhares de anos, era estranho e perigoso ao homem moderno, invadindo o oceano pela primeira vez.

A terceira fonte de contaminação, o terceiro dos vetores, era ao mesmo tempo o mais provável e também o mais problemático. Seriam organismos terrestres contemporâneos, levados ao espaço por espaçonave inadequadamente esterilizada. Uma vez chegados ao espaço, esses organismos seriam expostos a forte radiação, imponderabilidade e outros fatores do meio ambiente, os quais poderiam exercer um efeito mutagênico, alterando a natureza desses organismos.

E assim, ao retomarem à Terra, eles seriam diferentes. Pegue-se uma bactéria inofensiva - por exemplo, o organismo responsável pelo aparecimento de espinhas ou pela dor de garganta - e faça-se com que ele assuma nova forma, virulenta e inesperada.

É possível que não faça nada. É possível, porém, que demonstre uma preferência especial pelo humor aquoso interno e que invada o globo ocular. Poderá também vicejar nas secreções ácidas do estômago. Ou ainda multiplicar-se sob a ação de ligeiras descargas elétricas fornecidas pelo próprio cérebro humano, ocasionando a loucura.

Aos olhos da equipe Wildfire, toda essa hipótese de bactérias transformadas afigurava-se como algo forçado e improvável. É irônico que tenha sido essa a sua atitude, principalmente considerando-se o que aconteceu com a Espécie Andrômeda. Mas a Equipe Wildfire não dera atenção aos resultados de suas próprias experiências - a transformação rápida e radical das bactérias - e nem às provas apresentadas pelos testes feitos pelo Biossatélite, em que uma série de formas terrestres fora levada ao espaço e posteriormente recuperada.

O Biossatélite II continha, entre outras coisas, diversas espécies de bactérias. Mais tarde, foi divulgado que as bactérias tinham-se reproduzido numa proporção

de vinte a trinta vezes maior do que o normal. As razões para tal eram ainda desconhecidas, mas os resultados eram inequívocos: o espaço era capaz de afetar a reprodução e o crescimento.

E no entanto, apesar disso tudo, ninguém em Wildfire prestara atenção ao fato, até que fosse demasiado tarde.

Stone repassou rapidamente as informações, entregando em seguida a cada um do grupo uma pasta de papelão.

- Estas pastas - esclareceu ele - contêm uma transcrição dos registros cronográficos de toda a viagem do Scoop VII. O nosso propósito ao rever essa transcrição é determinar, se possível, o que sucedeu ao satélite, enquanto ele se encontrava em órbita.

- E aconteceu alguma coisa com ele? - indagou Hall.

Leavitt forneceu as necessárias explicações.

- O satélite foi programado para uma órbita de seis dias, uma vez que a probabilidade de coleta de organismos é proporcional ao tempo de permanência em órbita. Após o lançamento, ele penetrou em órbita estável. E então, no segundo dia de viagem, escapou da órbita.

Hall anuiu.

- Comecem pela primeira página - recomendou Stone.

Hall abriu a sua pasta.

TRANSCRIÇÃO CRONOGRÁFICA

PROJETO: SCOOP VII

DIA DO LANÇAMENTO:

VERSÃO RESUMIDA. TRANSCRIÇÃO TOTAL

ARQUIVADAS GALERIAS 179-99, VDBG COMPLEXO

EPSILON

T TEMPO PARA O LANÇAMENTO

HORAS	MIN	SEG	
0002	01	05	Plataforma de lançamento Bloco 9 de Vandenberg. Controle da Missão <i>Scoop</i> informa cheque dos sistemas no tempo previsto.
0001	39	52	CM <i>Scoop</i> aguarda cheque combustível conforme informação do Controle de Terra.
RELÓGIO PARADO			RELÓGIO PARADO. PERDA TEMPO REAL 12 MIN.
0001	39	52	Contagem retomada. Relógio corrigido.
0000	41	12	CM <i>Scoop</i> aguarda 20 segundos para o cheque da plataforma de lançamento Bloco 9.
0000	30	00	Guindaste removido.
0000	24	00	Cheques finais dos sistemas da nave.
0000	19	00	Cheques finais dos sistemas da cápsula
0000	13	00	Leituras dos cheques finais dos sistemas negativas.
0000	07	12	Desacoplamento do cabo.
0000	01	07	Desacoplamento da ponte.
0000	00	05	Ignição.
0000	00	04	Plataforma de lançamento Bloco 9 libera todos os sistemas.
0000	00	00	Grampos do núcleo soltos. Lançamento.

T TEMPO PARA O LANÇAMENTO

HORAS	MIN	SEG	
0000	00	06	Estável. Velocidade 1,8 mps. Aproximação EV suave.
0000	00	09	Rastreamento informado.
0000	00	11	Rastreamento confirmado.

0000	00	27	Monitores da cápsula a 1,9 g. Cheque do equipamento livre.
0000	01	00	Plataforma de lançamento Bloco 9 libera foguete e cápsula para entrada em órbita.

.....

- Não adianta perdermos mais tempo com esses detalhes. Trata-se aqui do relato de um lançamento perfeito. Na realidade, não há nada, absolutamente nada, nas primeiras 96 horas de voo, que indique qualquer problema a bordo da espaçonave. Agora queiram pular para a página 10.

Todos eles viraram as páginas.

CONTINUAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO DA TRAJETÓRIA

SCOOP VII

DATA DO LANÇAMENTO:

VERSÃO RESUMIDA

HORAS	MIN	SEG	
0096	10	12	Cheque orbital estável segundo informação da Estação Grand Bahama.
0096	34	19	Cheque orbital estável segundo informação de Sidney.
0096	47	34	Cheque orbital estável segundo informação de Vandenberg.
0097	04	12	Estação Kennedy informa cheque orbital estável porém registra disfunção no sistema.
0097	05	18	Disfunção confirmada.
0097	07	22	Disfunção confirmada por Grand Bahama, Computador registra instabilidade orbital.
0097	34	54	Sidney informa instabilidade orbital.
0097	39	02	Computador de Vandenberg indicam inclinação orbital.
0098	27	14	Controle da Missão <i>Scoop</i> em Vandenberg ordena re-entrada por radiocontrole.
0099	12	56	Código de re-entrada transmitido.
0099	13	13	Houston informa início da re-entrada Faixa de voo estabilizada.

- E quanto às comunicações verbais durante o período crítico?

- Houve comunicações com Sidney, Kennedy e Grand Bahama, todas elas encaminhadas

através de Houston. Houston tinha também o grande computador, mas nesse caso estava apenas auxiliando. Todas as decisões estavam sendo tomadas pelo Controle

da Missão Scoop, em Vandenberg. Temos a transcrição das comunicações verbais no fim da pasta. Aliás, elas são bastante esclarecedoras.

TRANSCRIÇÃO DAS COMUNICAÇÕES VERBAIS
CONTROLE DA MISSÃO SCOOP
VANDEBERG AFB
PERÍODO HORAS 0096:59 a 0097:39

TRATA-SE DE TRANSCRIÇÃO CONFIDENCIAL
NÃO FOI RESUMIDA OU CENSURADA

HORAS	MIN	SEG	COMUNICAÇÃO
0096	59	00	ALÔ, KENNEDY. AQUI CONTROLE MISSÃO SCOOP. AO FIM DE 96 HORAS TEMPO DE VOO TEMOS ÓRBITAS ESTÁVEIS DE TODAS ESTAÇÕES VOCÊS CONFIRMAM.
0097	00	00	Creio que sim, <i>Scoop</i> . Estamos verificando agora. Mantenha a faixa livre por alguns minutos, pessoal.
0097	03	31	Alô, CM <i>Scoop</i> . Aqui Kennedy. Temos confirmação de órbita estável em sua última passagem. Desculpem a demora, mas parece haver alguma falha de instrumento por aqui.
0097	03	34	KENNEDY, ESCLAREÇA POR FAVOR. O PROBLEMA ESTÁ EM TERRA OU NO AR?
0097	03	38	Sinto muito mas ainda não temos qualquer indicação segura. Achamos que seja em terra.
0097	04	12	Alô, CM <i>Scoop</i> . Aqui Kennedy. Temos um relatório preliminar de disfunção de sistema a bordo de sua espaçonave. Repetimos, temos um relatório preliminar de disfunção no espaço. Aguardamos confirmação.
0097	04	15	KENNEDY QUEIRA ESCLARECER INDICANDO SISTEMA ATINGIDO.
0097	04	18	Sinto muito, mas não recebi essa informação. Devem estar aguardando confirmação final da disfunção.
0097	04	21	INDAGAMOS SE SEU CHEQUE ORBITAL CONTINUA SENDO ESTÁVEL.

0097	04	22	Vandenberg, confirmamos seu cheque orbital como sendo estável. Repetimos a órbita é estável.
0097	05	18	Ah, Vandenberg, sinto muito confirmar leituras compatíveis com disfunção de sistema a bordo de sua espaçonave. Elas incluem os elementos do rotor estacionário e unidades de parafuso encaminhando-se para marca doze. Repito marca doze.
0097	05	30	FIZERAM CHEQUE DE CONSISTÊNCIA EM SEUS COMPUTADORES?
0097	05	35	Sinto muito pessoal, mas nossos computadores confirmam. A leitura é de real disfunção.
0097	05	35	ALÔ, HOUSTON. ABRAM A FAIXA PARA SIDNEY, POR FAVOR. QUEREMOS CONFIRMAÇÃO DE DADOS.
0097	05	51	Controle da Missão <i>Scoop</i> . Fala Estação de Sidney. Confirmamos nossa última leitura. Não havia qualquer problema com a nave por ocasião da sua última passagem por aqui.
0097	06	12	NOSSA VERIFICAÇÃO POR COMPUTADOR INDICA INEXISTÊNCIA QUALQUER DISFUNÇÃO NOS SISTEMAS E BOA ESTABILIDADE ORBITAL RELATIVA AOS DADOS FORNECIDOS. INDAGAMOS DE KENNEDY POSSIBILIDADE DE FALHA DE INSTRUMENTOS EM TERRA.
0097	06	18	Fala Kennedy, <i>CM Scoop</i> . Fizemos repetidos cheques aqui. Nossas leituras quanto à disfunção de sistemas permanecem em vigor. Vocês conseguiram alguma informação de Bahama?
0097	06	23	NEGATIVO, KENNEDY, ESTAMOS AGUARDANDO.
0097	06	36	HOUSTON, FALA <i>CM SCOOP</i> SERÁ QUE SUA TURMA DE PLANEJAMENTO PODERIA INFORMAR ALGO?
0097	06	46	Desta vez não podemos, <i>Scoop</i> . Nossos computadores têm dados insuficientes. Continuam fornecendo leitura de órbita estável com todos os sistemas em funcionamento.
0097	07	22	<i>CM Scoop</i> , aqui Estação de Grand Bahama. Informamos passagem de sua nave <i>Scoop VII</i> de acordo com o previsto. Os ajustes iniciais por radar pareciam normais, havendo um problema de trânsito aumentado. Favor aguardar para telemetria dos sistemas.
0097	07	25	ESTAMOS AGUARDADO, GRAND BAHAMA.
0097	07	29	<i>CM Scoop</i> , lamentamos informar que as observações de Kennedy foram confirmadas. Repito, confirmamos observações de Kennedy quanto à disfunção nos sistemas. Nossos dados encontram-se a caminho de Houston. Deveremos encaminhá-los igualmente a vocês.

0097	07	34	NÃO, AGUARDAREMOS A COPIA DE HOUSTON. ELES POSSUEM MAIORES UNIDADES CENTRAIS DE PROCESSAMENTO.
0097	07	36	CM <i>Scoop</i> , Houston já está de posse dos dados fornecidos por Bahama. Eles estão sendo submetidos ao Programa Dispar. Deem-nos dez segundos.
0097	07	47	CM <i>Scoop</i> , aqui é Houston. O programa Dispar confirma disfunção de sistemas. Seu veículo encontra-se agora em órbita instável com tempo de trânsito aumentado de zero ponto três segundos por unidade de arco. Estamos procedendo agora à análise dos parâmetros orbitais. Desejam algo mais em interpretação de dados?
0097	07	59	NÃO, HOUSTON, APARENTEMENTE VOCÊS ESTÃO SE SAINDO MARAVILHOSAMENTE BEM.
0097	08	10	Lamentamos muito a sua pouca sorte, <i>Scoop</i> .
0097	08	18	FORNEÇAM-NOS OS ÍNDICES DE DECLINAÇÃO LOGO QUE POSSÍVEL COMANDO DESEJA DECIDIR SOBRE DESCIDA POR INSTRUMENTOS DENTRO DAS DUAS PRÓXIMAS ÓRBITAS.
0097	08	32	Entendido, <i>Scoop</i> . Aceitem nossas condolências.
0097	11	35	<i>Scoop</i> , a turma de planejamento de Houston confirmou a instabilidade orbital, e os índices de declinação estão sendo fornecidos agora através do tronco de dados para a sua estação.
0097	11	44	QUE TAL O ASPECTO DELES, HOUSTON?
0097	11	51	Mau.
0097	11	59	NÃO COMPREENDEMOS. QUEIRAM REPETIR.
0097	12	07	Mau: M de maldição, A de azarado, U de urubu.
0097	12	15	HOUSTON, VOCÊS TÊM ALGUMA EXPLICAÇÃO? ESSE SATÉLITE PERMANECEU EM EXCELENTE ÓRBITA DURANTE QUASE CEM HORAS. QUE HOUVE COM ELE?
0097	12	29	Não sabemos. Imaginamos a possibilidade de uma colisão. Essa nova órbita contém um considerável componente de oscilação.
0097	12	44	HOUSTON, NOSSOS COMPUTADORES ESTÃO ANALISANDO OS DADOS TRANSMITIDOS. CONCORDAMOS COM UMA COLISÃO. SERÁ QUE VOCÊS TÊM ALGO NAS PROXIMIDADES?
0097	13	01	o Skywatch da Força Aérea confirma nossa informação de que não temos nada por perto do seu brinquedo, <i>Scoop</i> .
0097	13	50	HOUSTON, NOSSOS COMPUTADORES REGISTRAM OCORRÊNCIA DE UM FATO ESTRANHO. PROBABILIDADES MAIORES DO QUE ZERO PONTO SETE NOVE.

0097	15	00	Não podemos acrescentar nada. Parece razoável. Vocês o trarão de volta.
0097	15	15	ESTAMOS AINDA ADIANDO ESSA DECISÃO, HOUSTON. NOTIFICAREMOS ASSIM QUE SEJA TOMADA.
0097	17	54	HOUSTON, NOSSA EQUIPE DE COMANDO AVENTOU A POSSIBILIDADE
0097	17	59	(resposta de Houston suprimida)
0097	18	43	(indagação de <i>Scoop</i> para Houston suprimida)
0097	19	03	(resposta de Houston suprimida)
0097	19	11	DE ACORDO, HOUSTON. VAMOS TOMAR NOSSA DECISÃO LOGO QUE TENHAMOS CONFIRMAÇÃO FINAL DE SIDNEY QUANTO À DECAÍDA ORBITAL. SERÁ ISSO ACEITÁVEL?
0097	19	50	Perfeitamente, <i>Scoop</i> . Estamos aguardando.
0097	24	32	HOUSTON, ESTAMOS REFORMULANDO OS NOSSOS DADOS E NÃO MAIS NOS PARECE QUE SEJA PROVÁVEL.
0097	24	39	Entendido, <i>Scoop</i> .
0097	29	13	HOUSTON CONTINUAMOS AGUARDANDO SIDNEY.
0097	34	54	Controle da Missão <i>Scoop</i> , fala Estação de Sidney. Acabamos de acompanhar passagem de seu veículo. Nossas leituras iniciais confirmam um prolongado tempo de trânsito. Desta vez é muito evidente.
0097	35	12	OBRIGADO, SIDNEY.
0097	35	22	Que falta de sorte, <i>Scoop</i> . Lamentamos muito.
0097	39	02	AQUI FALA CONTROLE DA MISSÃO SCOOP PARA TODAS AS ESTAÇÕES. NOSSOS COMPUTADORES ACABARAM DE CALCULAR A DECLINAÇÃO ORBITAL PARA O VEICULO E CONCLUÍMOS QUE ESTÁ EM DESCIDA À RAZÃO DE MAIS QUATRO. AGUARDEM DECISÃO FINAL QUANTO AO MOMENTO EM QUE O FAREMOS DESCER.

- E quanto àquelas passagens que foram suprimidas? perguntou Hall.

- O Major Manček, de Vandenberg, informou que se referiam a um engenho russo ue se encontrava naquela área. As duas estações acabaram chegando à conclusão e os russos não tinham provocado a descida do satélite Scoop, proposital ou acidentalmente ue fosse. Não houve qualquer voz discordante.

Todos concordaram.

- É fascinante - comentou Stone. - A Força Aérea mantém uma instalação de vigia ocalizada no Kentucky, que rastreia todos os satélites em órbita da Terra. Tem a dupla unção de seguir os velhos satélites, cuja existência em órbita é conhecida, e rastrear s novos. Há, no momento, em órbita, doze satélites que não foram identificados.

Em outras palavras: não são nossos, e seu lançamento não foi divulgado pelos soviéticos. Dizem que alguns deles deverão ser satélites de navegação para submarinos soviéticos. Os demais são considerados satélites espíões. Mas o que importa é que, russos ou não, há um bocado de satélites lá em cima. Na última sexta-feira, a Força Aérea informou que existem 587 corpos em órbita da Terra. Esse número inclui alguns velhos satélites, que já não funcionam mais, da série americana Explorer e da série russa Sputnik Inclui igualmente os propulsores e estágios finais, enfim, qualquer coisa que esteja em órbita estável e que tenha o volume suficiente para refletir um feixe de ondas radar.

- É um bocado de coisa.

- Sim, e provavelmente deve haver muito mais ainda. A Força Aérea acha que há um monte de lixo lá por cima: porcas, parafusos, pedaços de metal, tudo isso em órbita mais ou menos estável. Não havendo correções periódicas, qualquer satélite acabará por entrar em declive e em espiral de retorno à Terra, queimando-se na atmosfera. Entretanto, até que isso aconteça, poderão escoar-se anos, e até mesmo décadas, do seu lançamento. De qualquer forma, a Força Aérea calcula que o número total de objetos em órbita individual poderia situar-se em torno dos 75 mil.

- Portanto, é bem possível a ocorrência de uma colisão com um desses detritos.

- Sim, é possível.

- E quanto a um meteoro?

- E outra possibilidade, e aliás aquela que Vandenberg parece preferir. Teria sido um acontecimento imprevisto, provavelmente choque com um meteoro.

- Foram registradas "chuvas" nesses últimos dias?

- Aparentemente não. Mas isso ainda não exclui a possibilidade de colisão com um meteoro.

Leavitt pigarreou.

- Há outra possibilidade ainda.

Stone franziu o sobrolho. Conhecía a capacidade imaginativa de Leavitt e sabia que essa sua característica era, ao mesmo tempo, uma qualidade e um defeito. Por vezes, suas idéias eram espantosas e excitantes. Em outras ocasiões, porém, tornava-se apenas irritante.

- Seria um tanto forçado - disse Stone - pressupor a possibilidade de fragmentos provenientes de alguma fonte extragaláctica, que não fosse...

- Concordo - interrompeu Leavitt. - Isso é realmente muito forçado e não há qualquer prova nesse sentido. Entretanto, não creio que possamos nos dar ao luxo de desprezar totalmente essa hipótese.

Nesse instante, soou um gongo suave. Em seguida, ouviu-se uma voz deliciosamente feminina, que Hall identificou como sendo a de Gladys Stevens, de Omaha, informando suavemente:

- Podem prosseguir para o nível seguinte, senhores.

NÍVEL V

O Nível V era pintado de um azul suave, e todos os homens trajavam uniformes azuis. Burton mostrou o local a Hall.

- Este pavimento - informou ele - tem a mesma disposição dos demais. É circular, arranjado numa série de círculos concêntricos. Encontramo-nos agora no perímetro externo que é onde vivemos e trabalhamos. O bar, os dormitórios, tudo isto fica por aqui. Mais para dentro, há um anel formado pelos laboratórios. E no interior dele, hermeticamente separado de nós, encontra-se o núcleo central. E lá que estão agora o satélite e dois sobreviventes.

- Quer dizer que eles estão separados de nós?

- Isso mesmo.

- E como é que teremos acesso a eles?

- Alguma vez já usou uma caixa de luvas?

Hall sacudiu a cabeça.

Burton explicou-lhe então que as caixas de luvas eram caixas plásticas grandes e claras, utilizadas para a manipulação de materiais estéreis. As caixas dispunham de orifícios abertos dos lados com luvas presas aos orifícios por intermédio de junções absolutamente herméticas. Para manipular o conteúdo das caixas, as mãos eram colocadas no interior das luvas, permitindo assim movimentação livre. Dessa forma, apenas as luvas tocavam o material, sem qualquer contato com os dedos.

- Nós aperfeiçoamos a coisa um pouco mais e fomos mais longe. - Informou Burton. - Temos salas inteiras que na realidade não são nada mais que enormes caixas de luvas. Só que em vez de uma luva para cada mão, há um traje plástico completo envolvendo o seu corpo inteiro. Vendo, você compreenderá. .

Percorreram um corredor curvo e chegaram a uma sala com os dizeres: CONTROLE CENTRAL. Leavitt e Stone encontravam-se no aposento, trabalhando em silêncio.

O Controle Central era um aposento apertado, cheio de equipamento eletrônico. Uma das paredes era de vidro, permitindo que seus, ocupantes pudessem olhar para interior da sala contígua.

Através do vidro, Hall pôde avistar as mãos mecânicas levando a cápsula até uma mesa e colocando-a sobre a mesma. Hall, que até então nunca vira uma cápsula, olhava com interesse. Era menor do que ele imaginara, não tendo mais

de um metro de comprimento; uma das suas extremidades estava queimada e enegrecida em consequência do calor da reentrada

As mãos mecânicas, sob o comando de Stone, abriram o pequeno orifício arredondado num ponto da superfície da cápsula, a fim de exhibir o seu interior.

- Aí está - disse Stone, retirando as mãos dos controles.

Os controles tinham o aspecto de um par de articulações de bronze; o operador colocava suas próprias mãos em seu interior, onde as movimentava exatamente como desejava que as mãos mecânicas procedessem.

- A nossa próxima etapa será determinar se há dentro da cápsula: alguma coisa que seja biologicamente ativa. Alguma sugestão?

- Um rato - disse Leavitt. - Do tipo preto da Noruega.

O rato preto da Noruega não era absolutamente preto. O nome servia tão-somente para designar uma determinada espécie de animal de laboratório, talvez a mais conhecida. É evidente que em certa época ele fora tanto preto quanto norueguês, mas gerações e mais gerações incontáveis o haviam transformado num animal branco, pequeno e dócil. A explosão biológica criara uma demanda por animais geneticamente uniformes. Nos últimos trinta anos, tinham sido desenvolvidas artificialmente mais de mil espécies de animais "puros". No caso de rato preto da Noruega, qualquer cientista, em qualquer parte do mundo, poderia agora utilizar esse animal em suas experiências na certeza de que outros cientistas, em outras partes, poderiam repetir ou aperfeiçoar o seu trabalho, utilizando organismos virtualmente idênticos.

- Em seguida, utilize um rhesus - acrescentou Burton. - Mais cedo ou mais tarde vamos querer chegar aos primatas.

Os demais do grupo concordaram. O Laboratório Wildfire estava preparado para conduzir experiências com macacos de grande e pequeno porte, bem como utilizando animais menores e mais baratos. O trabalho com macacos era extremamente difícil: os pequenos primatas eram hostis, rápidos e inteligentes. Os cientistas consideravam o macaco do Novo Mundo, com seu rabo preênsil, especialmente penoso. Muitos cientistas, depois de terem convocado três ou quatro ajudantes de laboratório para segurar um macaco, enquanto lhe administravam uma injeção, viam o seu rabo preênsil erguer-se de repente para agarrar a seringa e atirá-la longe.

A teoria por trás das experiências com os primatas era de que esses animais eram os mais próximos biologicamente ao homem. Durante a década de cinquenta, inúmeros laboratórios chegaram a utilizar gorilas em suas experiências, apesar das dificuldades e das despesas elevadas, por serem esses animais aparentemente mais humanos.

Entretanto, por volta de 1960, ficou provado que, dentre os macacos, o chimpanzé e não o gorila era o que bioquimicamente mais se assemelhava ao homem.

(Levando-se em conta a semelhança com o homem, a escolha de animais de laboratório é frequentemente surpreendente. O criceto, por exemplo, é o preferido para os estudos imunológicos e do câncer, uma vez que nesses setores suas reações são extremamente semelhantes às do homem; por outro lado, no estudo do coração e da circulação, o preferido é o porco, por serem esses seus sistemas considerados os mais semelhantes aos do homem.)

Stone recolocou as mãos nos controles, fazendo movimentos lentos. Através do vidro, puderam ver os dedos de metal escuro que se deslocavam em direção à parede da sala contígua, onde eram guardados diversos animais de laboratório, colocados em cubículos separados do aposento por portas fechadas a vácuo.

As mãos mecânicas abriram uma das portas e retiraram um rato, junto com a sua gaiola, colocando-a no centro da sala, nas proximidades da cápsula.

O rato olhou ao redor do aposento, cheirou o ar e fez alguns movimentos como que para esticar o pescoço. Um instante depois, caiu de lado, esperneou uma vez e logo ficou imóvel.

Tudo aconteceu com incrível rapidez. Hall mal podia crer no que seus olhos haviam presenciado.

- Meu Deus... - murmurou Stone -... que rapidez!

- Isso vai dificultar as coisas - comentou Leavitt.

- Podemos tentar traçadores - sugeriu Burton.

- Sim, vamos ter que recorrer aos traçadores - concordou Stone. - Que velocidade podemos obter?

- Milissegundos, caso seja necessário.

- Será necessário.

- Faça a experiência com o rhesus - disse Burton. - De qualquer maneira, vai depois precisar dessa referência.

Stone voltou a comandar as mãos mecânicas, dirigindo-as para a parede, abrindo outra porta e retirando uma gaiola que continha um macaco rhesus adulto, grande e marrom. O macaco soltou um guincho ao ser levantado, batendo de encontro às grades.

E logo em seguida morreu, depois de colocar uma das mãos sobre o peito, com um olhar de surpresa e espanto.

Stone meneou a cabeça.

- Bem, pelo menos já sabemos que a coisa está biologicamente ativa. O que quer que seja que tenha sido responsável pela morte de todos em Piedmont, continua ali, mantendo-se tão potente quanto antes. Se é que potente é a palavra adequada – concluiu Stone com um suspiro.

- E melhor procedermos ao exame da cápsula - disse Leavitt.

- Vou pegar os animais mortos e iniciar os estudos vetoriais. Depois, então, vou autopsiá-los - disse Burton.

Stone utilizou mais uma vez as mãos mecânicas. Apanhou as gaiolas contendo o rato e o macaco, colocando-as sobre uma esteira mecânica no fundo do aposento.

Em seguida, apertou o botão no painel de controle. correspondente à palavra AUTÓPSIA.

A esteira rolante entrou logo em funcionamento.

Burton afastou-se, caminhando pelo corredor rumo à sala de autópsia, sabendo que a esteira, projetada para deslocar os materiais de um laboratório para outro, teria automaticamente feito a entrega das gaiolas.

Stone voltou-se para Hall:

- Você é o único entre nós que exerce a medicina. Creio que tem diante de si um trabalho bastante árduo.

- De pediatra e geriatra?

- Exatamente. Veja o que pode fazer por eles. Os dois se encontraram agora na nossa sala de DIVERSOS, construída especialmente para enfrentar circunstâncias especiais e extraordinárias como esta. Lá existe uma unidade de computador que poderá ajudá-lo, A técnica lhe explicará o seu funcionamento.

DIVERSOS

Hall abriu a porta da sala de DIVERSOS imaginando que iria defrontar-se com tarefas realmente diversas: tratar da sobrevivência de um velho e de um bebezinho. Ambos eram vitais ao projeto e seriam, indubitavelmente, casos problemáticos.

Viu-se no interior de uma pequena sala semelhante àquela que acabara de deixar.

Também esta tinha uma janela voltada para uma sala interna central. Nessa sala, havia duas camas e sobre elas estavam Peter Jackson e o bebê. Mas a coisa mais incrível eram os trajes: na sala, em pé, eretos, havia quatro trajes plásticos inflados com o formato do corpo de um homem. De cada traje partia um túnel em direção à parede.

Obviamente seria preciso arrastar-se através desse túnel para então por-se de pé no interior do traje. Com isso, poder-se-ia trabalhar junto aos doentes dentro da sala.

A moça que seria sua assistente estava ocupada, trabalhando na sala, debruçada sobre o console do computador. Ao ver Hall apresentou-se, dizendo chamar-se Karen Anson, e em seguida explicou-lhe o funcionamento do computador.

- Isto aqui é apenas uma subestação do computador Wildfire que se encontra no primeiro nível. Há trinta subestações espalhadas por todo o laboratório, todas elas ligadas ao computador central. Há possibilidade de trinta poderem usá-lo simultaneamente,

Hall anuiu. O conceito de utilização simultânea no tempo era coisa do seu conhecimento.

Sabia que até mesmo duzentas pessoas poderiam utilizar o mesmo computador ao mesmo tempo; essa possibilidade era regida pelo princípio de que os computadores trabalham extraordinariamente rápido, em frações de segundo, enquanto as pessoas operam lentamente, em segundos e minutos. Uma só pessoa a utilizar um computador era ineficiente, pois levava diversos minutos para programar instruções, tempo durante o qual o computador permanecia ocioso, aguardando. Uma vez programadas as instruções, o computador era capaz de responder quase instantaneamente.

Isso queria dizer que o computador raramente "trabalhava" na realidade; e, assim, possibilitando a diversas pessoas utilizá-lo simultaneamente, manter-se-ia

a máquina mais continuamente operante.

- Caso o computador esteja realmente sobrecarregado - informou a técnica - poderá haver uma demora de um ou dois segundos até que receba a resposta pedida. Geralmente, entretanto, ela é imediata, Aqui estamos utilizando o programa MEDCON. O senhor o conhece?

Hall meneou a cabeça,

- Trata-se de um analisador de dados médicos - explicou ela. - A pessoa fornece as informações e ele responde em seguida, indicando o tratamento a fazer ou confirmando o diagnóstico.

- Isso me parece muito conveniente.

- Sobretudo rápido. Todos os exames de laboratório são processados automaticamente. Dessa forma, é possível obter-se diagnósticos complexos, em questão de minutos.

Hall olhou através do vidro para os seus dois pacientes.

- O que foi feito por eles até agora?

- Nada. No Nível I, começaram a administrar-lhes infusões intravenosas, Plasma para Peter Jackson e dextrose e água para o bebê. Ambos parecem agora bem hidratados e sem qualquer desconforto, Jackson continua inconsciente. Não tem sinais pupilares, mas não reage e parece anêmico.

- O nosso laboratório é capaz de executar todos os exames?

- Absolutamente tudo. Até mesmo ensaios de hormônios da supra-renal e coisas como tempo de tromboplastina parcial. Enfim, qualquer teste médico conhecido.

- Muito bem, acho bom começarmos.

A moça ligou o computador.

- Vou lhe mostrar como se processam os exames de laboratório. Use esta lanterna e marque os exames que lhe interessarem. Basta tocar a tela com a lanterna no item desejado.

Dizendo isso, passou-lhe uma pequena lanterna e apertou o botão de partida.

A tela iluminou-se, surgindo os dizeres:

PROGRAMA MEDCON
LABORATÓRIO DE ANÁLISES
CK/JGG/1223098

SANGUE

PROTEÍNA

CONTAGENS HEMÁCIAS
RETICULÓCITOS
PLAQUETAS
LEUCÓCITOS
DIFERENCIAL

ALBUMINA
GLOBULINA
FIBRINA
TOTAL
FRAÇÃO

HEMATÓCRITO
HEMOGLOBINA
VOLUME CORPUSCULAR MÉDIO
CONCENTRAÇÃO DE HEMOGLOBINA MÉDIA
TEMPO DE PROTROMBINA
TEMPO DE PROTROMBOPLASTINA
VELOCIDADE DE HEMOSSEDIMENTAÇÃO

QUÍMICA

DIAGNÓSTICOS

BROMETO
CÁLCIO
CLORO

COLESTEROL
CREATININA
GLICOSE

MAGNÉSIO
FÓSFORO
POTÁSSIO
SÓDIO
CO₂

IODO LIGADO A PROTEÍNA
IODO EXTRAÍDO POR
BUTANOL
IODO
IBC
NITROGÊNIO NÃO PROTEICO
BILIRRUBINA E FRAÇÕES
FLOCULAÇÃO DA CEFALINA
TURVAÇÃO DO TIMOL
BROMO-SULFOTALEÍNA

ENZIMAS

AMILASE
COLINESTERASE
LIPASE
FOSFATASE, ÁCIDA ALCALINA
DESIDROGENASE LÁCTICA
TRANSAMINASE GLUTÂMICA
OXAL-ACÉTICA TRANSAMINASE
G. PIRÚVICA

ESTEROIDES

ALDOSTERONA
17-HIDROXI-CORTICOESTEROIDE
17-CETOSTEROIDES
ACTH

VITAMINAS

A
TODAS B
C
E
K

PULMONARES

CAPACIDADE VITAL TOTAL
VOLUME RESPIRATÓRIO CORRENTE
CAPACIDADE INSPIRATÓRIA
VOLUME DE RESERVA INSPIRATÓRIA
VOLUME DE RESERVA EXPIRATÓRIA

MBC

URINA

DENSIDADE ESPECÍFICA
PH
PROTEÍNA
GLICOSE
ACETONA

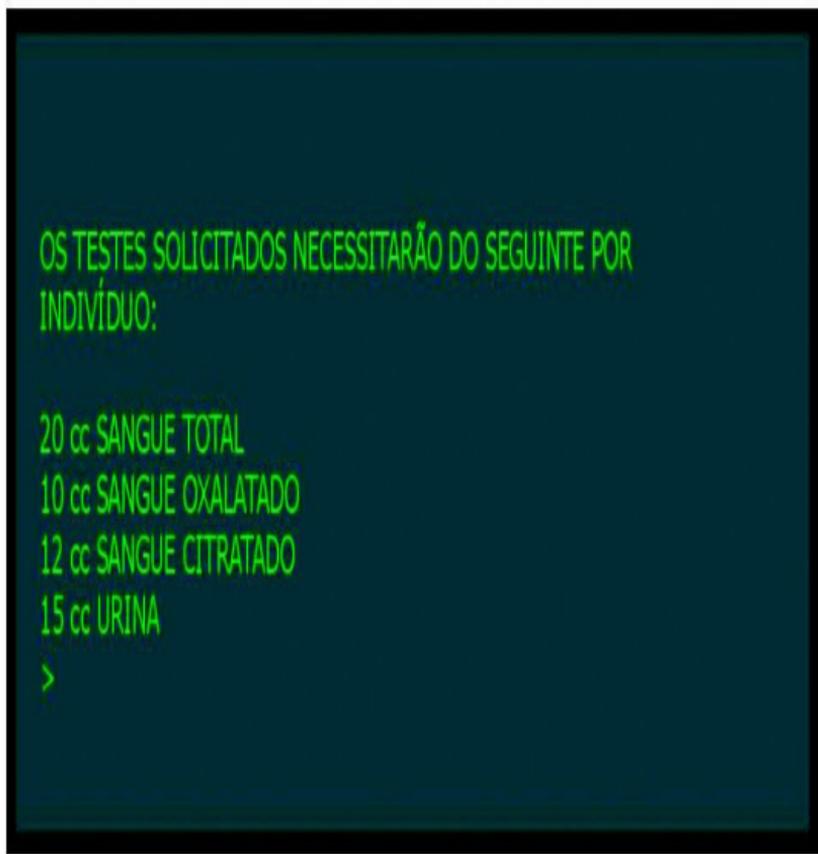
TODOS ELETRÓLITOS
TODOS ESTEROIDES
TODOS INORGÂNICOS
CATECOLAMINAS
PORFIRINAS
UROBILINA
ÁCIDO-5-HIDROXI-INDOL-ACÉTICO

>

Hall ficou olhando detidamente para toda aquela lista. Em seguida, marcou os exames que desejava com a lanterna; os nomes desapareceram da tela.

Encomendou uns quinze ou vinte e em seguida afastou-se.

A tela ficou apagada por um instante, aparecendo em seguida as seguintes palavras:



- Vou tirar o sangue, se quiser começar os exames clínicos dos pacientes - disse a sua ajudante. - Já entrou numa dessas salas?

Hall respondeu que não.

- Na realidade, a coisa é bem simples. E só arrastar-se através do túnel até a roupa. Em seguida, o túnel é selado atrás da gente.

- Selado? Para quê?

- Para o caso de acontecer alguma coisa. Por exemplo, ruptura do revestimento do traje, perda da integridade de sua superfície, para utilizar a terminologia oficial. Nesse caso, as bactérias poderiam disseminar-se, indo atingir o exterior através do túnel.

- Quer dizer que ficamos hermeticamente fechados.

- Isso mesmo. O ar necessário nos é fornecido por sistemas independentes. Lá estão os dutos. Em essência, uma vez dentro do traje, a pessoa fica totalmente isolada de tudo. Mas creio que não haja razão para preocupar-se. A única possibilidade de ruptura do traje seria um corte com um bisturi, e assim mesmo as luvas têm espessura tripla já prevenindo esse tipo de acidentes.

A moça mostrou-lhe como deveria arrastar-se, e Hall, imitando-a, percorreu o caminho até pôr-se de pé no interior do traje plástico. Sentia-se como uma espécie de réptil gigantesco, com movimentos desajeitados, arrastando o túnel atrás de si como se fosse um rabo grosso.

Decorrido um instante, ouviu um silvo: seu traje estava sendo selado. Em seguida, outro chiado, indicando a ligação da alimentação de oxigênio, tomando-se mais frio o ar ao seu redor.

A assistente entregou-lhe os instrumentos de exame. Enquanto ela tirava o sangue da criança, de uma veia do seu crânio, Hall voltou a sua atenção para Peter Jackson.

Um homem velho e pálido: anemia. Magro também: primeira ideia, câncer. Ideias subsequentes: tuberculose, alcoolismo, ou algum outro processo crônico. E inconsciente: Hall repassou mentalmente as possibilidades, da epilepsia ao choque hipoglicêmico e derrame cerebral.

Mais tarde, Hall relataria que se sentiu tolo ao receber do computador a contagem diferencial, com todas as probabilidades de diagnóstico. Na ocasião, não conhecia a extensão da qualidade do seu programa e de sua habilidade.

Verificou a pressão arterial de Jackson. Estava baixa: 85/50. Pulso rápido: 110.

Temperatura: 36. Respiração: 30 movimentos profundos.

Examinou todo o corpo, metodicamente, começando pela cabeça e descendo. Ao provocar dor, pressionado o nervo logo abaixo da sobrancelha, o homem fez uma careta, seguida de um gesto como que para afastar Hall.

Talvez afinal não estivesse inconsciente. Talvez apenas atordoado. Hall sacudiu-o.

- Sr. Jackson. Sr. Jackson.

A princípio, o homem não reagiu. Depois, lentamente, pareceu retomar à vida.

Hall gritava o seu nome ao seu ouvido, sacudindo-o vigorosamente.

Peter Jackson abriu os olhos por um breve instante, balbuciando:

- Vá... embora...

Hall continuou a sacudi-lo, mas o corpo de Jackson tornara a descontrair-se, ficando flácido e recaindo no estado de total indiferença. Hall desistiu, retomando o exame.

Os pulmões estavam limpos e o funcionamento do coração parecia normal. Percebeu uma certa tensão abdominal, e Jackson teve uma ameaça de vômito, surgindo em seus lábios um pouco de matéria sanguinolenta e espumosa. Hall fez rapidamente um teste basílico para sangue: resultado positivo. Fez um exame retal e testou as fezes. Também estas apresentaram resultado positivo quanto à presença de sangue.

Virou-se para a assistente que já concluíra a retirada do sangue e colocava agora os tubos no aparelho de análise situado num dos cantos do computador.

- Temos aqui um sujeito com problemas de sangramento no aparelho gastrointestinal - disse ele. - Quando é que vamos receber os resultados dos exames?

A moça indicou uma tela de TV colocada junto ao teto.

- Os resultados dos exames de laboratório são projetados ali, assim que sejam concluídos. São também fornecidos através do console lá da outra sala. Os mais simples vêm primeiro. Dentro de uns dois minutos, deveremos receber o hematócrito.

Hall ficou aguardando. Daí a pouco, a tela foi iluminada, surgindo o seguinte:

JACKSON, PETER

ANÁLISES DE LABORATÓRIO

TESTE	NORMAL	VALOR OBTIDO
HEMATÓCRITO	38-54	21

>

- Bem abaixo do normal - comentou Hall. Colocou uma máscara de oxigênio sobre o rosto de Jackson e ajustou as tiras, dizendo: - Vamos precisar pelo menos de quatro unidades. Mais Duas de plasma.

- Vou encomendá-las.

- Para começarmos o mais rápido possível.

A assistente afastou-se indo telefonar para o banco de sangue situado no Nível II. Solicitou que o pedido fosse atendido com urgência. Enquanto isso, Hall voltava a sua atenção para a criança.

Já se passara muito tempo desde que examinara um lactente pela última vez, e tinha esquecido como essa tarefa poderia ser difícil. Cada vez que tentava

examinar seus olhos, a criança os fechava com força. Cada vez que procurava olhar sua garganta, a criança fechava a boca. Cada vez que tentava ouvir seu coração, a criança começava a gritar, mascarando os batimentos cardíacos.

Hall entretanto insistiu, recordando as palavras de Stone. Aquelas duas pessoas, apesar de totalmente diversas, representavam, porém, os dois únicos sobreviventes de Piedmont. De alguma forma misteriosa, haviam conseguido resistir à moléstia.

Deveria haver algum ponto de contato entre os dois; entre o velho murcho que vomitava sangue e o bebê rosado, que chorava e berrava.

À primeira vista, parecia não haver qualquer semelhança entre os dois. Aparentemente encontravam-se nas extremidades opostas do espectro, sem nada em comum.

E no entanto deveria haver algo ligando os dois casos.

Hall levou meia hora até completar o exame da criança. Findo o mesmo, foi obrigado a concluir que, conforme pudera observar, a criança estava perfeitamente normal. Absolutamente normal. Não apresentava nada de estranho, por mais insignificante que fosse. Exceto o fato de ter conseguido, de alguma forma, sobreviver.

CONTROLE CENTRAL

Stone estava sentado na sala de controle central, em companhia de Leavitt, olhando para a sala interna onde se encontrava a cápsula. Apesar de sua área reduzida, o controle central continha equipamento complexo e dispendioso. Custara dois milhões de dólares, sendo o setor mais caro de toda a instalação Wildfire, e sua existência era vital para o funcionamento de todo o laboratório.

O controle central constituía a primeira etapa para o exame científico da cápsula. Sua função principal era a detecção: a sala estava equipada para detectar e isolar microrganismos. Segundo o Protocolo de Análise da Vida, havia três etapas principais dentro do programa Wildfire: detecção, caracterização e controle. Primeiramente, o organismo deveria ser encontrado. Em seguida, seria estudado e compreendido.

Somente depois de conhecidas suas características é que se poderia procurar controlá-lo.

A função do controle central era a de encontrar o organismo.

Stone e Leavitt sentavam-se lado a lado diante dos controles e mostradores. Stone manipulava as mãos mecânicas, enquanto Leavitt se ocupava dos aparelhos de microscopia.

Naturalmente não era possível entrar na sala que abrigava a cápsula para examiná-la diretamente. Havia microscópios com controle remoto, com telas dispostas dentro da sala de controle. Esses aparelhos é que iriam fazer o serviço por eles.

Na fase de planejamento, surgira o problema da dúvida se se deveria recorrer à televisão ou se seria preferível algum tipo de conexão visual direta. A televisão era mais barata e de instalação mais simples; os intensificadores da imagem de TV já estavam em uso nos microscópios eletrônicos, nos aparelhos de raio X e em outros dispositivos.

Entretanto, a Equipe Wildfire acabara chegando à conclusão de que uma tela de TV seria demasiado imprecisa nesse caso. Até mesmo uma câmara de dupla potência, que transmitisse o dobro das linhas de uma televisão convencional, ainda assim forneceria uma imagem de precisão insuficiente para as necessidades. Por fim, a equipe acabou optando por um sistema óptico em que a imagem luminosa era transmitida diretamente através de um feixe de fibras de vidro em forma de serpente e em seguida exibida nos visores. Desta forma, a

imagem obtida apresentava-se nítida e clara.

Stone colocou a cápsula em posição conveniente e manipulou os controles respectivos.

Uma caixa negra desceu do teto, passando à perscrutar a superfície da cápsula.

Os dois homens olhavam para as telas dos visores.

- Comece aumentando cinco vezes - disse Stone.

Leavitt ajustou os controles. Ficaram olhando para o dispositivo óptico que se deslocava automaticamente em torno da cápsula, focalizando a sua superfície metálica.

Fizeram uma visada completa e em seguida passaram ao exame com um aumento de vinte vezes. Desta vez, o exame levou mais tempo, pois o campo visual era mais reduzido. Ainda assim, não puderam perceber nada na superfície: não havia qualquer perfuração visível, nem depressão, nada que se identificasse como uma pequena protuberância.

- Vamos passar para cem - pediu Stone. Leavitt ajustou os controles e recostou-se,

Estavam começando o que, segundo sabiam, seria uma busca demorada e cansativa. Provavelmente não encontrariam nada. Logo passariam para o exame do interior da cápsula. Lá dentro, talvez encontrassem alguma coisa ou talvez não. De qualquer modo, porém, retirariam amostras para exame, fazendo lâminas e semeando os raspados e esfregaços num meio de cultura.

Leavitt desviou o olhar dos visores para observar diretamente o interior da sala. O dispositivo óptico, suspenso do teto por meio de um conjunto de cabos e tirantes, deslocava-se automaticamente em círculos lentos ao redor da cápsula. Voltou o olhar para as telas.

Havia três telas no controle central, todas elas exibindo exatamente o mesmo campo visual. Teoricamente poderiam utilizar três dispositivos, projetando três imagens diversas em três telas, cobrindo assim a cápsula na terça parte do tempo. Não queriam, porém, proceder dessa forma. Pelo menos por enquanto. Ambos sabiam perfeitamente que o seu interesse e a sua atenção seriam prejudicados pela fadiga com o correr do dia. Por mais que se esforçassem, não conseguiriam manter-se alerta o tempo todo. Portanto, se dois homens vigiassem a mesma imagem haveria menos probabilidade de que deixassem passar algum detalhe importante.

A área total da cápsula cônica, que tinha 94 centímetros de altura e 30 de diâmetro na base, media pouco mais de um metro e meio quadrado. Três visadas, com aumentos de cinco, vinte e cem vezes, levaram pouco mais de duas horas. Ao fim da terceira visada, Stone sugeriu que recorressem também ao

aumento de 440.

- Mas...

- Mas, o quê? - perguntou Leavitt.

- Estou tentado a começar o exame do interior. Se não acharmos nada, poderemos voltar ao exterior e fazer um exame a 440.

- De acordo.

- Muito bem. Então comece com cinco na parte interna.

Agora Leavitt operaria os controles. Desta vez, isso não poderia ser feito automaticamente, já que o dispositivo estava programado para acompanhar os contornos de qualquer objeto de forma regular, como um cubo, uma esfera ou um cone. O interior da cápsula, entretanto, não poderia ser examinado sem o controle humano. Leavitt ajustou as lentes para o aumento de cinco vezes e passou o dispositivo para controle manual. Então encaminhou-o em direção à abertura na cápsula.

- Mais luz - pediu Stone que estava com o olhar fixo na tela.

Leavitt fez os ajustes. Cinco luzes adicionais desceram do teto, sendo ligadas e passando a iluminar a abertura.

- Está melhor assim?

- Está ótimo.

Leavitt começou a operar o dispositivo óptico, enquanto olhava para a tela. Passaram-se alguns minutos até que conseguisse fazê-lo suavemente; a coordenação era difícil, do mesmo modo, que tentar escrever olhando num espelho. Logo, porém, conseguiu fazer a visada suavemente.

O exame utilizando o aumento de cinco vezes levou vinte minutos. Não descobriram nada além de uma pequena depressão do tamanho de uma ponta de lápis. Por sugestão de Stone, ao passarem para o aumento de vinte vezes, começaram logo por essa depressão.

Avistaram-na imediatamente. Era uma pequena partícula negra de material recortado, cujo tamanho não seria maior do que de um grão de areia. Pareceu-lhes haver porções verdes misturadas ao preto.

Nenhum dos dois demonstrou qualquer reação, se bem que mais tarde Leavitt recordasse ter tremido de agitação.

- Eu não podia deixar de pensar se era realmente aquilo realmente algo novo, alguma nova forma de vida... - diria ele.

Na ocasião, contudo, seu comentário foi lacônico:

- Interessante.

- É melhor completarmos o exame nessa potência - disse Stone.

Esforçava-se por manter a voz calma, sendo porém evidente que também ele estava extremamente agitado.

Leavitt ansiava por examinar aquela porção de material com um aumento maior imediatamente. Compreendeu, entretanto, o ponto de vista de Stone. Não podiam dar-se ao luxo de conclusões precipitadas, quaisquer que elas fossem. Só podiam esperar algo de concreto se procedessem meticulosa e metodicamente para ter certeza absoluta de não haver qualquer detalhe esquecido ou passado despercebido; senão poderiam tomar um rumo em suas investigações, insistindo por horas e dias, para finalmente chegarem à conclusão de que a pista seguida não dava em nada e que haviam cometido um erro, superestimando certos detalhes, desprezando possíveis provas e perdendo tempo precioso .

Assim sendo, Leavitt continuou com o exame do interior, com aumento de vinte vezes, até completá-lo. Deteve-se por uma ou duas vezes, quando imaginaram ter avistado outras manchas verdes, determinando suas coordenadas para que pudessem encontrar as mesmas áreas quando da maior potência. Escoou-se mais meia hora até que Stone se desse por satisfeito.

Fizeram uma pausa para a cafeína, engolindo duas pilulas com água. A equipe concordara em que não deveriam usar anfetaminas a não ser em caso de emergência.

Elas se encontravam estocadas na farmácia do Nível V, mas como rotina dava-se preferência à cafeína.

Leavitt sentia um gosto amargo deixado em sua boca pela cafeína, enquanto ajustava as lentes para o aumento de cem vezes e começava a terceira visada. Como da vez anterior, começaram pela depressão e pela pequena porção preta antes percebida.

Ficaram desapontados: com aquele aumento, a coisa não parecia diferente do que das outras vezes; apenas maior. Puderam notar, entretanto, que era um pedaço de material de forma irregular, inerte, assemelhando-se a uma porção de rocha. E puderam perceber também que, sem sombra de dúvida, havia porções verdes misturadas à superfície material.

- Que lhe parece? - perguntou Stone.

- Se for esse o objeto com que a cápsula colidiu, ou o mesmo se deslocava em grande velocidade ou então era muito pesado. Pois não é suficientemente grande...

- Para desviar o satélite de sua órbita. Concordo. Contudo não fez uma depressão muito profunda.

- O que quer dizer?

- Quero dizer que ou não foi isso o responsável pela alteração orbital, ou que possui propriedades elásticas que ainda desconhecemos.

- E o que é que você acha das porções verdes?

Stone sorriu.

- Espere aí... não vou me arriscar ainda. Estou apenas curioso.

Leavitt deu uma risada e continuou com o exame. Os dois homens agora sentiam-se estimulados e intimamente seguros de terem feito uma descoberta. Examinaram as demais áreas onde haviam percebido a cor verde e confirmaram a existência das manchas.

Entretanto, essas outras manchas diferiam do verde na porção de rocha. Eram maiores e de certa forma pareciam mais luminosas. Por outro lado, seus contornos pareciam regulares e arredondados.

- Parecem pequenas gotas de tinta verde espalhadas pelo interior da cápsula - comentou Stone.

- Espero que não seja isso.

- Poderíamos examinar.

- Vamos esperar o resultado do exame a 440.

Stone concordou. Já haviam decorrido quatro horas desde o início do exame da cápsula, entretanto não se sentiam fatigados. Ficaram atentos, enquanto as telas eram obscurecidas momentaneamente com a mudança das lentes. Quando a imagem voltou ao foco, depararam com a depressão, a porção preta e as áreas verdes.

Ampliada assim, a superfície da rocha apresentava irregularidades espantosas: parecia um planeta em miniatura, com picos recortados e vales pronunciados. Leavitt imaginou que talvez fosse exatamente isso o que tinham diante de seus olhos: um planeta minúsculo porém completo, com suas formas de vida intatas. Sacudiu a cabeça para afastar essa ideia impossível.

- Se isso é um meteoro, o seu aspecto é muito esquisito - disse Stone.

- Alguma coisa que lhe chame atenção?

- Aquele ponto ali na extremidade à esquerda - Stone apontava para a tela. - A superfície da pedra, se é que isso é pedra, é áspera por toda a parte, exceto ali onde se apresenta lisa e um tanto plana.

- Como se fosse uma superfície artificial?

Stone suspirou.

- Se eu continuar olhando, pode ser que comece a pensar assim. Vamos dar uma olhada nas outras manchas verdes.

Leavitt ajustou as coordenadas e focalizou a imagem. Algo de novo surgiu nas telas.

Desta vez, tratava-se de um close-up de uma das manchas verdes. Ampliadas assim, suas bordas podiam ser claramente distinguidas. Não eram lisas e sim ligeiramente denteadas, assemelhando-se quase a uma engrenagem de relógio.

- Macacos me mordam! - exclamou Leavitt.

- Não é tinta. O denteado é por demais regular.

Foi então, enquanto olhavam, que a coisa aconteceu. Por uma fração de segundo, mais rápida que o piscar de um olho, a mancha verde tornou-se escarlate, voltando imediatamente a ficar verde.

- Você viu isso?

- Vi. Você não fez qualquer alteração na iluminação?

- Não. Nem mexi nela.

Decorrido um instante, o fenômeno repetiu-se: verde, um lampejo de escarlate e verde novamente.

- Espantoso.

- Isto pode ser...

Então, enquanto continuavam conjecturando, o ponto tornou-se escarlate e assim permaneceu. O denteado desapareceu, a mancha aumentou ligeiramente, ocupando toda a abertura em forma de V. Era agora um círculo completo .. Depois voltou a tomar a coloração verde.

- Está crescendo - observou Stone.

Trabalharam rapidamente. Foram descidas as câmaras de filmagem, registrando a imagem de cinco ângulos diferentes a uma velocidade de 96 quadros por segundo.

Outra máquina intermitente registrava quadros a intervalos de meio segundo. Leavitt fez descer ainda outras duas câmaras de controle remoto e as dispôs em ângulos diferentes da principal.

No controle central, as três telas exibiam agora aspectos diferentes da mancha verde.

- Será que poderíamos obter maior aumento? - indagou Stone.

- Não. Lembre-se que decidimos que o limite seria 440.

Stone praguejou. Desejando maior aumento, seriam obrigados a dirigir-se para uma outra sala ou então recorrer aos microscópios eletrônicos. Em qualquer uma dessas duas hipóteses, haveria perda de tempo.

- Será que devemos começar a cultura e o isolamento? - perguntou Leavitt.

- Sim, acho que poderíamos.

Leavitt diminuiu a potência do dispositivo óptico para aumento de vinte vezes.

Agora podiam verificar que existiam quatro áreas de interesse: três manchas verdes isoladas e a rocha com a sua depressão. Apertou o botão de CULTURA existente no console, surgindo logo uma bandeja, numa das extremidades da sala. Sobre a bandeja, uma pilha de placas de petri circulares cobertas com plástico. Dentro de cada placa havia uma fina camada de caldo de cultura.

O Projeto Wildfire utilizava quase todos os meios de cultura conhecidos. Esses meios eram compostos gelatinosos, contendo diversas substâncias nas quais as bactérias poderiam alimentar-se e multiplicar-se. Além dos materiais habitualmente utilizados em laboratório: ágar sanguíneo de cavalo e carneiro, ágar de chocolate, simplex, meio Sabourad, havia ainda outros trinta meios de diagnóstico, contendo variados açúcares e minerais. Além disso, 43 meios de cultura especializada, incluindo aqueles visando ao crescimento de bacilos da tuberculose e fungos especiais, bem como os meios altamente especializados, designados pelos números: ME-997, ME423, ME-A12, e assim por diante.

Junto com a bandeja, foi fornecida uma pilha de mechas de algodão estéril. Utilizando as mãos mecânicas, Stone apanhava as mechas, uma por uma, tocando com elas a superfície da cápsula e, em seguida, colocando-as no meio de cultura. Leavitt, simultaneamente, fornecia dados ao computador, para que mais tarde soubessem o destino de cada uma das mechas. Esfregaram assim toda a superfície exterior da cápsula, dirigindo-se em seguida para o seu interior. Muito cautelosamente, empregando visores de maior potência, Stone apanhou porções das manchas verdes, transferindo-as para os diferentes meios.

Por fim, utilizando fórceps delicados, pegou a rocha e colocou-a intacta sobre um prato de vidro limpo.

Todo o processo levou aproximadamente duas horas. Uma vez concluído, Leavitt ligou o computador para o programa MAXCULT. Este programa instruiria a máquina automaticamente na manipulação das centenas de placas de petri que haviam coletado.

Algumas delas seriam depositadas em temperatura e pressão ambiente, com atmosfera terrestre normal. Outras seriam submetidas a calor e frio; pressão alta e vácuo; níveis de oxigênio baixos e elevados; luz e escuridão. A distribuição dessas placas nas diversas câmaras de cultura era um trabalho que um homem levaria dias para concluir. O computador, porém, era capaz de fazê-lo em questão de segundos.

Uma vez o programa iniciado, Stone colocou as pilhas de placas na esteira

rolante.

Os dois homens ficaram contemplando as placas que se afastavam rumo às câmaras de cultura.

Não havia nada mais que pudessem fazer, exceto aguardar de 24 a 48 horas para então examinar os resultados.

- Enquanto isso, poderíamos começar a análise deste pedaço de rocha, se é que se trata de rocha. Que tal você está na manipulação de um ME?

- Meio enferrujado - disse Leavitt. Na realidade, não utilizava um microscópio eletrônico havia quase um ano.

- Nesse caso, eu vou preparar a lâmina. Vamos também precisar fazer espectrometria de massa. Tudo isso está computado. Mas antes disso é preciso ter um acréscimo. Qual é o maior aumento que podemos conseguir na Morfologia?

- Mil diâmetros.

- Vamos então começar por aí. Envie a rocha para a Morfologia. .

Leavitt olhou para o painel e então apertou o botão referente a MORFOLOGIA. As mãos mecânicas, sob o comando de Stone, colocaram o prato de vidro com a rocha sobre a esteira rolante.

Olharam para o relógio de parede que tinham atrás de si. Ele marcava 11h00 estavam trabalhando por onze horas seguidas.

- Por enquanto tudo corre bem - comentou Stone.

Leavitt sorriu, cruzando os dedos.

AUTÓPSIA

Burton estava trabalhando na sala de autópsia. Sentia-se nervoso e tenso, perturbado ainda por suas lembranças de Piedmont. Semanas mais tarde, rememorando seu trabalho e seus pensamentos durante a permanência no Nível V, lamentaria sua incapacidade em concentrar-se.

Isso porque na série inicial de suas experiências, Burton cometeu diversos erros.

De acordo com o protocolo, ele deveria executar as autópsias dos animais mortos, sendo também encarregado das experiências vetoriais preliminares. Com toda a justiça, Burton não era o homem indicado para executar essa tarefa; Leavitt seria mais apropriado para tal. Entretanto, fora decidido que Leavitt seria mais útil trabalhando no isolamento e identificação preliminares.

Assim, as experiências vetoriais recaíram sobre Burton. Essas experiências eram razoavelmente simples e diretas, visando a determinar a forma pela qual a moléstia era transmitida. Burton começou com uma série de gaiolas, dispostas em fila. Cada uma delas dispunha de fornecimento de ar independente, e esses fornecimentos poderiam ser interligados de formas variadas.

Burton colocou o cadáver do rato morto dentro de uma gaiola fechada a vácuo, junto de outra gaiola contendo um rato vivo. Pressionou botões, permitindo que o ar passasse livremente de uma gaiola para outra.

Ato contínuo, o rato vivo caiu de costas e morreu.

Interessante, pensou ele. Disseminação através do ar. Pegou outra gaiola com um rato vivo, colocando porém um filtro milipore entre as duas gaiolas. Esse filtro tinha perfurações de 100 Angstroms de diâmetro, ou seja do tamanho de um vírus pequeno.

Abriu a passagem entre as duas gaiolas. O rato continuou vivo.

Ficou olhando por alguns instantes, até dar-se por - satisfeito. Fosse qual fosse o agente transmissor da moléstia, indubitavelmente o seu tamanho era superior ao de um vírus. Trocou, então, o filtro, substituindo-o por um maior, e depois por um maior ainda. Continuou aumentando sempre os filtros, até que o rato morresse.

O último filtro permitira a passagem do agente. Burton verificou-o: dois microns de diâmetro, o tamanho aproximado de uma pequena célula. Pensou consigo mesmo que tinha acabado de descobrir algo realmente importante: o tamanho do agente infeccioso.

Isso era importante, pois numa só experiência simples ele afastara a possibilidade

de uma proteína ou uma molécula química ser a causadora do mal. Em Piedmont, ele e Stone haviam pensado na possibilidade de ser um gás, possivelmente um gás despreendido de um organismo vivo.

Agora, porém, era evidente que o responsável não era nenhum gás. A moléstia seria transmitida por algum agente do tamanho de uma célula que era muito maior do que uma molécula ou uma gotinha de gás.

A etapa seguinte era igualmente simples: determinar se os animais mortos eram potencialmente infecciosos.

Pegou um dos ratos mortos e bombeou o ar para fora de sua gaiola. Esperou até que o ar fosse totalmente evacuado. Com a queda de pressão, o rato rompeu-se, ficando aberto, rasgado. Burton não deu importância ao fato.

Tendo-se certificado de que todo o ar fora removido, substituiu-o por ar fresco, limpo e filtrado. Então fez a ligação dessa gaiola com uma que continha um animal vivo.

Não aconteceu nada.

Interessante, pensou. Utilizando um bisturi de controle remoto, abriu mais ainda o animal morto para ter certeza de que quaisquer organismos, porventura existentes no interior de sua carcaça, pudessem ser liberados saindo para a atmosfera.

Não aconteceu nada. O rato vivo continuava a saltar alegremente em sua gaiola.

Os resultados eram bem claros: os animais mortos não eram infecciosos. Por isso, pensou ele, os abutres haviam comido as vítimas de Piedmont sem que lhes acontecesse nada. Os cadáveres não podiam transmitir a moléstia; somente os próprios micróbios, levados pelo ar, eram capazes de fazê-lo.

Micróbios no ar eram letais.

Micróbios nos cadáveres eram inócuos.

Isso de certa forma era previsível. Relacionava-se com as teorias de acomodação e adaptação mútua entre as bactérias e o homem. Burton se interessara longamente por esse problema, tendo inclusive pronunciado conferências a respeito na Escola de Medicina de Baylor.

A maioria das pessoas quando pensa em bactérias pensa automaticamente em moléstias. Na verdade, contudo, apenas três por cento das bactérias ocasionam moléstias humanas; as demais são inofensivas ou até mesmo benéficas. No intestino humano, por exemplo, há uma grande variedade de bactérias que são auxiliares do processo digestivo. O homem precisa delas e depende delas.

Na realidade, o homem vive em meio a um oceano de bactérias. Elas se

encontram por toda parte: em sua pele, seus ouvidos e sua boca, dentro dos seus pulmões e no seu estômago. Tudo o que ele possui, toca ou respira, está impregnado de bactérias.

As bactérias são onipresentes. A maior parte do tempo, a pessoa não se dá conta do fato.

E há uma boa razão para tal. Tanto o homem quanto as bactérias habituaram-se um ao outro, desenvolvendo uma espécie de imunidade mútua. Cada qual adaptouse ao outro.

E também por trás disso há uma razão. Segundo um princípio da biologia, a evolução foi dirigida no sentido da potencialidade reprodutiva. Um homem facilmente destrutível por bactérias seria mal adaptado, não vivendo o suficiente para reproduzir-se.

Uma bactéria que destrua o seu hospedeiro também não está bem adaptada. Pois qualquer parasita que mate o seu hospedeiro é um fracasso. Deverá morrer com a morte do hospedeiro. Os parasitas bem sucedidos são os capazes de viver do hospedeiro sem destruí-lo.

E os hospedeiros mais bem sucedidos são os capazes de tolerar os parasitas e até mesmo tirar vantagens deles, fazendo-os trabalhar em seu proveito.

- As bactérias mais bem adaptadas - costumava dizer Burton - são as inofensivas ou que causam moléstias insignificantes. Um indivíduo pode ser o portador em seu corpo de um célula *Strep viridians* por 60 ou 70 anos. Durante esse período, o indivíduo cresce, e reproduz-se o mesmo acontecendo com o *Strep*. Uma pessoa pode ser portadora de um *Staph aureus*, levando-o por toda a parte, pagando o preço de alguma acne ou espinha esporádica. Pode, igualmente, ser portadora da tuberculose durante décadas e da sífilis por toda a vida. Não se pode dizer que essas sejam moléstias insignificantes, entretanto são bem menos graves do que já o foram em certa época, pois o homem e o organismo adaptaram-se um ao outro.

Era fato notório, por exemplo, que a sífilis tinha sido moléstia altamente virulenta por centenas de anos, responsável por enormes feridas supuradas por todo o corpo e frequentemente matando o seu portador em questão de semanas. Através dos séculos, porém, o homem e os espiroquetas haviam aprendido a tolerar-se mutuamente.

Tais considerações não eram tão abstratas e acadêmicas como poderiam parecer à primeira vista. Nos primórdios do Projeto Wildfire, Stone observara que 40 por cento de todas as doenças humanas eram causadas por microrganismos. Burton protestara, alegando que apenas três por cento de todos os microrganismos causavam doenças. Obviamente, apesar de poder-se atribuir boa parte das desgraças humanas às bactérias, as possibilidades de uma bactéria

especial ser perigosa para o homem eram bem pequenas. E isto era devido ao fato do processo de adaptação do homem à bactéria ser muito complexo.

- A maioria das bactérias - observara Burton - simplesmente são incapazes de sobreviver dentro de um homem o tempo suficiente para poder causar-lhe qualquer dano. De uma forma ou de outra, as condições são geralmente desfavoráveis. O corpo ou é quente demais ou demasiado frio; ácido demais ou demasiado alcalino; o oxigênio é excessivo ou insuficiente. O corpo do homem é tão hostil para as bactérias quanto a Antártica.

Isto significava que as probabilidades de um organismo vindo do espaço ser danoso ao homem eram bem poucas. Todos concordavam, achando ainda assim que o Projeto Wildfire deveria ser levado a efeito de qualquer maneira. Burton certamente concordara, mas com um estranho sentimento de que suas profecias se haviam concretizado.

Era evidente que o organismo encontrado era capaz de matar os homens. Não estava, porém, propriamente adaptado já que o matava morrendo ele próprio junto com a vítima. Não havia possibilidade de transmissão de cadáver para cadáver. Sobrevivia por um segundo ou dois em seu hospedeiro e em seguida morria com ele.

Intelectualmente satisfatório, pensou Burton.

Na prática, porém, seria necessário isolá-lo, compreendê-lo e descobrir a cura.

Burton já sabia alguma coisa a respeito da transmissão e também alguma coisa referente ao mecanismo da morte: por coagulação do sangue. Restava, todavia, a indagação: de que forma os organismos penetravam no corpo?

Pelo fato de a transmissão ser aparentemente feita pelo ar, seria provável o contato com a pele e com os pulmões. Os organismos poderiam abrir caminho através da pele. Ou poderiam ser inalados. Ou talvez ainda as duas coisas conjugadas. Como determiná-lo?

Pensou em recobrir com uma proteção o corpo todo de um animal de laboratório, deixando exposta apenas a boca. Isso seria possível, mas levaria muito tempo. Sentou-se e ficou pensando no assunto por uma hora, muito preocupado. Finalmente decidiu-se por um expediente mais viável.

Sabia que o organismo matava por coagulação do sangue. Possivelmente a coagulação seria iniciada no ponto de penetração no corpo. Se a entrada fosse pela pele, a coagulação começaria próximo à superfície. No caso dos pulmões, seria iniciada pelo peito, irradiando-se dali pelo resto do corpo.

Isso era algo que poderia determinar. Usando proteínas sanguíneas carregadas de radioatividade e então examinando os animais com dispositivos cintilométricos,

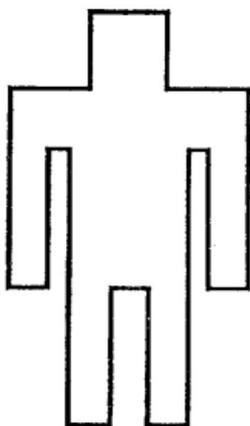
poderia determinar o ponto do corpo em que a coagulação era iniciada.

Preparou um animal adequado, decidindo-se por um macaco rhesus devido a semelhança de sua anatomia com a do homem, injetou-lhe a substância radioativa, um isótopo de magnésio, e ajustou o aparelho. Em seguida, prendeu o macaco e posicionou o aparelho acima do seu corpo.

Agora estava pronto para começar.

O dispositivo faria com que os resultados fossem marcados numa série de representações gráficas sobre contornos de um corpo humano. Ajustou o programa do computador e em seguida expôs o rhesus ao ar contendo o microrganismo letal.

Imediatamente ouviu-se a impressora do computador começar a exibir os resultados:



-2

-1

EXP

+1

+2

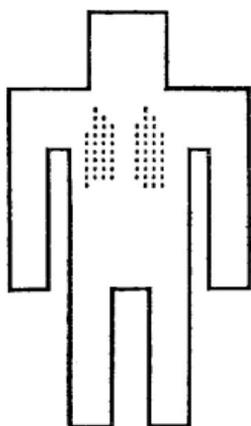
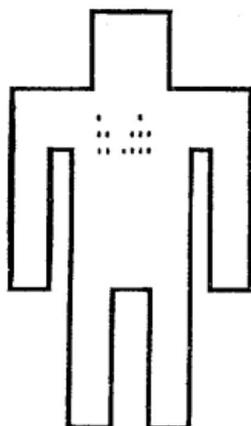
+3

+4

+5

+6

+7



+8

+9

+10

+11

+12

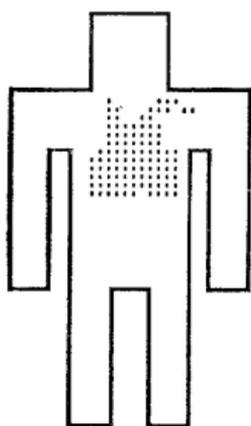
+13

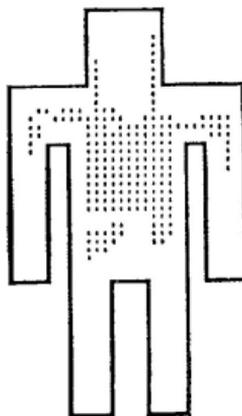
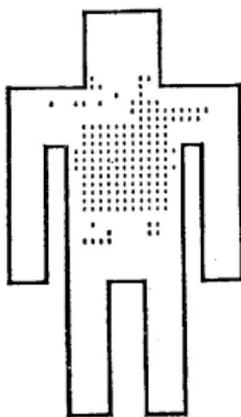
+14

+15

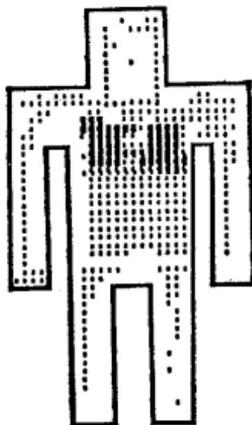
+16

+17





1.6 1.9 2.0 2.1 2.2 2.3 2.4 2.5 2.6 2.7



2.8 2.9 3.0 3.1 3.2 3.3 3.4

SEM ALTERAÇÃO. FIM DO PROGRAMA
FIM DA IMPRESSÃO EM 03,50

Em três segundos estava tudo terminado. A impressão fornecera-lhe a informação de que precisava: a coagulação iniciava-se nos pulmões, espalhando-se em seguida através do resto do corpo.

Além dessa, fora obtida mais uma informação adicional. Burton diria mais tarde:

- Eu estava preocupado com o fato de que talvez a morte e a coagulação não coincidissem, ou pelo menos não coincidissem exatamente. Parecia-me impossível que a morte pudesse ocorrer em apenas três segundos, sendo porém mais improvável ainda que o volume total do sangue - quase cinco litros - pudesse solidificar-se num espaço de tempo tão curto. Estava curioso por descobrir se haveria a possibilidade da formação de um só coágulo crucial no cérebro, desencadeando-se pelo resto do corpo um processo mais lento.

Burton já se preocupava com o cérebro nesse estágio inicial de suas experiências.

É frustrante verificar, em retrospecto, que ele não tenha prosseguido nessa linha de raciocínio até chegar à sua conclusão lógica. Deixara de fazê-lo em virtude dos resultados obtidos, segundo os quais a coagulação principiava pelos pulmões, prosseguindo então para as carótidas e o cérebro um ou dois segundos depois.

Assim sendo, Burton desviou o seu interesse imediato do cérebro. E o seu erro foi consolidado em sua experiência subsequente.

Tratava-se de um teste simples, que não fazia parte do Protocolo Wildfire. Burton sabia que a morte coincidia com a coagulação do sangue. Se a coagulação pudesse ser impedida, poderia a morte ser evitada?

Pegou diversos ratos, injetando-lhes heparina, uma droga anticoagulante, de ação rápida, amplamente utilizada em medicina, cujo mecanismo de ação era bem conhecido.

Burton injetou a droga nas veias dos ratos, variando desde uma dose normal e baixa até uma dose maciça e excessiva.

Em seguida, expôs os ratos ao ar contendo o agente letal.

O primeiro rato, com uma dose baixa, morreu em cinco segundos. Os demais seguiram— no dentro de um minuto. Um só rato, no qual fora aplicada uma dose maciça, sobreviveu por quase três minutos, acabando por sucumbir também.

Esses resultados deixaram Burton deprimido. Apesar de poder ser retardada, a morte não poderia ser evitada. O tratamento sintomático não dava resultado.

Colocou de lado os ratos mortos, cometendo então o seu erro básico.

Burton não autopsiou os ratos anti-coagulados.

Em vez disso, voltou aos espécimes da autópsia original, o primeiro rato e o

primeiro rhesus expostos à cápsula. Procedeu a uma autópsia completa desses animais, sem contudo dar atenção àqueles em que injetara substância anticoagulante.

Transcorreriam 48 horas até que ele compreendesse o seu erro.

As autópsias feitas foram cuidadosas e bem conduzidas. Procedera lentamente, lembrando-se que não deveria deixar passar qualquer detalhe. Retirou os órgãos internos do rato e do macaco, examinando cada um deles e preparando lâminas tanto para o microscópio óptico quanto para o eletrônico.

A grosso modo, os animais haviam morrido de coagulação intravascular total. Todos os órgãos que contêm sangue, as artérias, o coração, os pulmões, os rins, o fígado e o baço estavam duros como pedra. Isso correspondia às suas expectativas.

Levou as porções do tecido para o outro lado da sala, a fim de preparar seções congeladas para exame microscópico. A medida em que cada seção era preparada pela assistente, ele a submetia ao microscópio, examinando-a e fotografando-a.

Os tecidos eram normais. À exceção do sangue coagulado, não havia nada de estranho a seu respeito. Sabia que essas mesmas porções de tecido seriam agora enviadas ao laboratório de microscopia, onde outro técnico prepararia seções coloridas, utilizando colorações por hematoxilina-eosina, PAS, e Zenker-formol. Seções de nervos seriam coloridas com preparados de ouro Nissl e Cajal. O processo consumiria mais 12 a 15 horas. Podia ter esperanças, evidentemente, que as seções coloridas revelassem algo a mais. Entretanto, não tinha razões para acreditar que tal coisa sucedesse.

Da mesma forma, não nutria grande entusiasmo a respeito dos resultados que seriam obtidos pelo microscópio eletrônico. Tratava-se de um equipamento de grande valor, o qual, entretanto, por vezes dificultava as coisas em vez de facilitá-las. O microscópio eletrônico era capaz de um possante aumento e detalhes nítidos - mas somente para alguém que soubesse exatamente como olhar. Era excelente no exame de uma única célula ou parte de uma célula. Mas inicialmente era preciso saber com exatidão qual a célula a examinar. E havia bilhões de células num corpo humano.

Ao fim de dez horas de trabalho, recostou-se e passou a rememorar as coisas que aprendera. Elaborou uma lista resumida:

1. O agente letal tem aproximadamente 1 micron de tamanho. Portanto não se trata de um gás ou molécula, ou mesmo uma proteína grande ou vírus. Tem o tamanho de uma célula e é possível que seja realmente uma célula de alguma espécie.

- 2. O agente letal é transmitido através do ar. Os organismos mortos não são infecciosos.*
- 3. O agente letal é inspirado pela vítima, penetrando em seus pulmões. Provavelmente é nos pulmões que passa para a corrente sanguínea, onde então se inicia a coagulação.*
- 4. O agente letal ocasiona morte por coagulação. Isto ocorre no espaço de segundos e coincide com a coagulação total do sistema vascular de todo o corpo.*
- 5. As drogas anticoagulantes não evitam o processo.*
- 6. Não são registradas quaisquer outras anormalidades patológicas no animal que morre.*

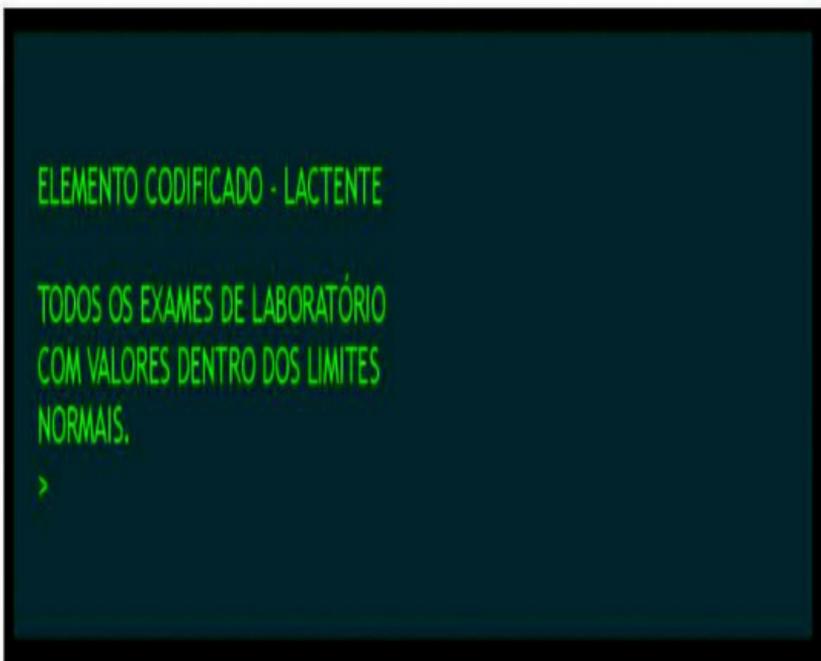
Burton olhou para sua lista e sacudiu a cabeça. Os anticoagulantes poderiam não funcionar, mas o fato era que havia alguma coisa capaz de deter o processo. Havia alguma forma de fazê-lo. Quanto a isso ele estava certo.

Pois que duas pessoas haviam sobrevivido.

RECUPERAÇÃO

Às 11h47, Mark Hall estava debruçado sobre o computador, fitando o console que exibia os resultados dos exames de laboratório de Peter Jackson e do bebê. O computador fornecia esses resultados à medida em que os mesmos iam sendo concluídos pelo equipamento automatizado do laboratório. Àquela hora, quase todos os resultados estavam prontos.

Hall verificou que a criança estava normal. O computador falara bem claro:



Entretanto, no caso de Peter Jackson, o problema mudava inteiramente de figura. Os seus resultados revelavam-se anormais sob diversos aspectos.

ELEMENTO CODIFICADO - JACKSON, PETER

RESULTADOS DOS EXAMES DE LABORATÓRIO FORA DOS LIMITES NORMAIS
SEGUEM VALORES OBTIDOS

TESTE	NORMAL	VALOR OBTIDO
HEMATÓCRITO	38-54	21 INICIAL 25 REPETIÇÃO 29 REPETIÇÃO 33 REPETIÇÃO 37 REPETIÇÃO
UREIA	10-20	50
CONTAGEM DE RETICULÓCITOS	1	6
LÂMINA REVELA INÚMERAS FORMAS IMATURAS DE ERITRÓCITOS		

>

TESTE	NORMAL	VALOR OBTIDO
TEMPO DE PROTROMBINA	L2	12
PH DO SANGUE	7,40	7,31
TRANSAMINASE-GLUTÂMICA OXAL-ACÉTICA	40	75
ÍNDICE DE SEDIMENTAÇÃO	9	29
AMILASE	70-200	450

>

Alguns dos resultados eram fáceis de compreender; outros não. Por exemplo, o hematócrito estava em alta em virtude de Jackson estar recebendo transfusões de sangue rico em glóbulos vermelhos. O resultado da ureia, feito por intermédio de um teste do funcionamento renal, estava ligeiramente elevado provavelmente em virtude da diminuição do fluxo sanguíneo. .

Outros resultados eram coerentes com a perda de sangue. A contagem de reticulócitos subira de 1 para 6 por cento - Jackson estivera anêmico por algum tempo. Havia vestígios de glóbulos vermelhos imaturos, o que significava que o seu organismo estava lutando para repor o sangue perdido, lançando glóbulos vermelhos jovens e imaturos na corrente sanguínea.

O exame da protrombina revelava que, apesar do sangramento em um ponto do seu sistema gastrointestinal, Jackson não tinha problemas básicos de sangramento; sua coagulação era normal.

O índice de sedimentação e a transaminase indicavam destruição de tecidos. Num determinado ponto do corpo de Jackson, estaria ocorrendo morte de tecidos.

Mas a questão do pH do sangue de Jackson era um quebra-cabeças. A 7.31 apresentava-se demasiado ácido, sem que contudo fosse exagerado. Hall não sabia como explicá-lo. O mesmo acontecia com o computador.

ELEMENTO CODIFICADO JACKSON, PETER
DIAGNÓSTICOS PROVÁVEIS

1. PERDA DE SANGUE AGUDA E CRÔNICA

ETIOLOGIA GASTRINTESTINAL. 884

NENHUMA OUTRA FONTE ESTATÍSTICA MENTE SIGNIFICATIVA;

2. ACIDOSE

ETIOLOGIA DESCONHECIDA NECESSIDADE DE DADOS ADICIONAIS

SUGERE-SE ANAMNESE

>

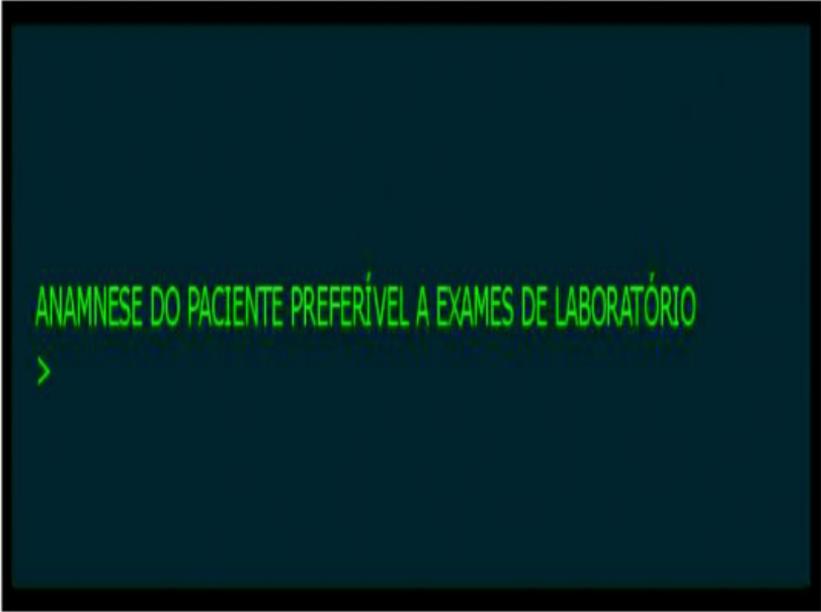
Hall leu a informação e deu de ombros. O computador podia sugerir que conversasse com o paciente. Falar era fácil, mas na prática a coisa era bem mais complicada.

Jackson estava em coma e, caso tivesse ingerido alguma coisa responsável pela acidez de seu sangue, somente poderiam descobrir isso quando recobrasse os

sentidos.

Por outro lado, talvez fosse possível examinar os gases sanguíneos. Dirigiu-se ao computador fazendo a solicitação de exame dos gases sanguíneos.

O computador reagiu com teimosia:



ANAMNESE DO PACIENTE PREFERÍVEL A EXAMES DE LABORATÓRIO



- Paciente em coma - informou Hall.

Desta vez, o computador pareceu levar o fato em consideração. Entretanto, depois de uma pausa, forneceu a seguinte informação:

TRANSMISSÕES DO PACIENTE INCOMPATÍVEIS COM ESTADO DE COMA.

EEG DEMONSTRA ONDAS ALFA LEVANDO A DIAGNÓSTICO DE SONO.



Com os diabos - murmurou Hall.

Olhando através da vidraça pôde verificar que realmente Jackson parecia dormir.

Arrastou-se através do túnel até o seu traje plástico e inclinou-se sobre o paciente.

- Sr. Jackson, acorde...

O homem abriu lentamente os olhos e fitou Hall. Em seguida, piscou, incrédulo.

- Não se assuste - pediu Hall, calmamente. - O senhor está doente e eu o estou tratando. Está se sentindo melhor?

Jackson engoliu em seco fazendo um sinal afirmativo. Parecia ter medo de falar.

Mas a palidez de sua pele desaparecera, suas bochechas estavam ligeiramente rosadas e suas unhas não tinham mais aquele tom acinzentado.

- Como se sente agora?

- Bem. Quem é você?

- Sou o Dr. Hall. Estou cuidando do senhor. O senhor perdeu muito sangue. Foi

preciso dar-lhe uma transfusão.

O velho meneou a cabeça, parecendo acolher a informação com extraordinária calma.

Esse detalhe despertou a atenção de Hall, que então perguntou:

- Isso já lhe tinha acontecido alguma vez?

- Já, sim. Duas vezes.

- E como foi que aconteceu das outras vezes?

- Não sei onde estou - disse Jackson - correndo o olhar pela sala. - Isto é um hospital? E por que está metido nessa coisa? .

- Não, isto não é um hospital. Isto aqui é um laboratório especial em Nevada.

- Nevada?- Fechou os olhos e sacudiu a cabeça. Mas eu estou no Arizona...

- Não, agora não está mais. Nós o trouxemos até aqui para que pudéssemos ajudá-lo.

- E este traje?

- Nós o trouxemos de Piedmont. Houve uma doença em Piedmont. Agora o senhor se encontra dentro de uma câmara de isolamento.

- Quer dizer que o que tenho é contagioso?

- Bem, não temos certeza ainda. Mas é preciso...

- Escute - interrompeu Jackson, subitamente, tentando levantar-se. - Este lugar aqui me dá arrepios. Eu vou é dar o fora. Isto não me agrada nem um pouco. .

Lutava, tentando mexer-se apesar das tiras que o prendiam à cama. Hall fez com que se deitasse novamente, procurando agir com suavidade.

- Fique calmo, Sr. Jackson. Tudo vai dar certo, mas agora é preciso que fique calmo. O senhor esteve muito mal.

Jackson acabou obedecendo, se bem que relutantemente.

- Quero um cigarro.

- Sinto muito, mas não é possível.

- Mas que diabo, eu quero.

- Lamento, mas é proibido fumar.

- Escute aqui, rapaz. Quando você tiver vivido tanto tempo quanto eu já vivi, então vai saber o que se pode e o que não se pode fazer. Essa conversa eu já ouvi antes. Nada de comida muito condimentada, nada de bebida e cigarros. Eu tentei obedecer por algum tempo. Sabe como se sente o corpo da gente? Terrível, simplesmente terrível.

- E quem foi que lhe deu essas recomendações?
 - Os médicos.
 - Que médicos? .
 - Aqueles médicos lá de Phoenix. Era um hospital grande e bacana, com todo aquele material reluzente e os uniformes de um branco luminoso. Um hospital e tanto. Eu não teria ido para lá, se não fosse a minha irmã. Ela insistiu. Sabe, ela mora em Phoenix, com aquele idiota do marido dela, George. É um bestalhão. Eu não queria saber de hospital bacana, só queria descansar. Mas ela insistiu tanto que acabei indo.
 - E quando foi isso?
 - No ano passado. Junho ou julho.
 - E por que foi internado no hospital?
 - Por que é que as pessoas vão para o hospital? Eu estava doente, é claro, ora bolas!
 - E o que é que sentia?
 - Era esse meu maldito estômago. Sempre a mesma coisa.
 - Hemorragia?
 - E que hemorragia... cada vez que eu soluçava, a boca se enchia de sangue. Nunca imaginei que num só corpo tivesse tanto sangue.
 - A hemorragia era em seu estômago?
 - Isso mesmo. Como já lhe disse, eu já tive isso antes, isso de transfusão. Todas essas agulhas espetadas na gente - dizendo isso Jackson fez um gesto mostrando a aparelhagem de alimentação intravenosa - e todo esse sangue entrando na gente. No ano passado, foi Phoenix e no ano anterior tinha sido Tucson. Mas Tucson sim é que era um lugar legal. Muito bom mesmo. Lá tinha uma enfermeirinha bacana e tudo mais. - Jackson calou-se de repente, e em seguida perguntou: - Escute, meu filho, afinal que idade você tem? Não me parece velho o suficiente para ser médico.
 - Eu sou cirurgião - informou Hall.
 - Cirurgião! Nada disso. Eles viviam dizendo que eu devia me operar, mas eu sempre respondia que nunca na vida. Não mesmo. Nada de arrancar coisas de dentro de mim.
 - Quer dizer que já tem úlcera há dois anos?
 - Mais um pouco. Sabe, as dores começaram de repente. Pensei que fosse apenas indigestão, até que começaram as hemorragias.
- Dois anos, pensou Hall. Decididamente tratava-se de úlcera e não de câncer.

- E então o senhor foi para o hospital?
- Exato. E eles lá deram um jeito em mim. E foi aí que me preveniram contra comida condimentada, bebidas fortes e cigarros. Eu tentei, sabe? Juro que tentei. Mas não foi possível sabe? Um homem acaba habituado aos seus prazeres.
- E com isso decorrido um ano estava de volta ao hospital.
- Isso mesmo. Lá naquela coisa enorme em Phoenix. Com minha irmã e o idiota do George me visitando todos os dias, sabe? Ele é um desses caras bestas metidos em livros. Advogado. Fala um bocado difícil, mas não tem bom senso nenhum.
- E lá em Phoenix eles quiseram operá-lo.
- Se queriam. Não quero ofendê-lo, meu filho, mas a verdade é que qualquer médico opera a gente, basta que a gente dê uma chance para isso. E assim que eles raciocinam. Eu simplesmente disse a eles que tinha vivido até então com o meu velho estômago e que achava que seria capaz de chegar ao fim do caminho com ele.
- Quando foi que deixou o hospital?
- Acho que foi no princípio de agosto. Deve ter sido na primeira semana.
- E quando foi que começou a fumar, beber e comer o que não devia?
- Escute aqui, rapaz. Nada de sermões, tá? Eu vivi 69 anos comendo o que não devia e fazendo tudo o que não devia. E assim que eu gosto e se não puder continuar vivendo assim então é melhor que vá tudo pro inferno de uma vez.
- Mas o senhor deve ter sentido dores.
- É claro, algumas vezes. Especialmente quando estava de estômago vazio. Mas eu conseguia dar um jeito.
- Como?
- Bem, eles me davam aquele troço leitoso lá no hospital e depois quiseram que eu continuasse a tomá-lo. Eram centenas de vezes por dia, em pequenos goles. Uma porcaria leitosa com gosto de giz. Mas eu encontrei coisa melhor.
- E que coisa foi essa?
- Aspirina.
- Aspirina?
- Isso mesmo. Funciona muito bem.
- E quanta aspirina o senhor costumava tomar?
- No fim eu já vinha tomando um bocado. Tinha chegado a um vidro por dia. Sabe aqueles vidros em que vem a aspirina?
- Sei sim.

A acidez do velho não era de admirar. A aspirina ou ácido acetil-salicílico, tomada em altas doses, era capaz de acidificar uma pessoa. Além disso, a aspirina é um irritante gástrico, sendo, portanto, capaz de exacerbar a hemorragia.

- E ninguém nunca lhe disse que a aspirina poderia piorar o problema do sangramento?

- Me disseram sim, é claro. Mas eu não dei bola porque o troço fazia passar a dor. Isso mais um pouco de Sterno [{1}](#).

- De Sterno?

- É, Sterno. Sabe como é, dama cor-de-rosa. A gente pega o troço, bota num pano e espreme...

Hall suspirou.

- Quer dizer que o senhor andou bebendo Sterno.

- Bem, só mesmo quando eu não arranjava outra coisa. Sabe, aspirina e Sterno realmente dão cabo daquela dor.

- Mas escute, Sterno não é só álcool, é também metanol.

- Mas não faz mal, faz? - perguntou Jackson, parecendo ficar subitamente preocupado.

- E óbvio que faz mal. Na realidade faz muito mal. Pode provocar cegueira e até mesmo matar.

- Bem, acontece que me fazia sentir melhor e por isso eu tomava.

- E esta aspirina mais a bebida tinham algum outro efeito? Em sua respiração por exemplo?

- Pensando bem, sim. A minha respiração era um tanto curta, ofegante. Mas na minha idade a gente não precisa de muito ar.

Em seguida, Jackson bocejou e fechou os olhos.

- Você está perguntando muita coisa, rapaz. O que eu quero agora é dormir.

Hall olhou para ele, concluindo que o homem tinha razão. O melhor seria ir devagar, pelo menos por algum tempo. Arrastou-se novamente, através do túnel, para a sala contígua.

- O nosso amigo Jackson tem uma úlcera de dois anos - informou Hall à sua assistente. - É melhor continuarmos com o sangue por mais duas unidades e então poderemos parar para ver o que acontece. Coloque um tubo de NG e comece uma lavagem com água gelada.

Nesse instante, soou um gongo, ecoando suavemente pela sala.

- O que é isso?
- O sinal das doze horas. Significa que está na hora de mudarmos de roupa e também que o senhor tem uma conferência.
- Tenho? Onde?
- Na sala de conferências, junto ao bar.

Hall agradeceu a informação e saiu.

No Setor Delta, os computadores zuniam e estalavam suavemente, enquanto o Capitão Arthur Morris procedia à perfuração de um novo programa. O Capitão Morris era um programador. Fora enviado para o Setor Delta pelo comando do Nível I para verificar qual a razão de não ter sido recebida qualquer mensagem MCN naquelas últimas nove horas. É claro que havia a possibilidade de não terem sido feitas quaisquer transmissões prioritárias. Tal hipótese, entretanto, era bem pouco provável.

E no caso da existência de mensagens MCN que não tivessem sido recebidas, isso indicaria disfunção dos computadores. O Capitão Morris aguardava a conclusão do programa rotineiro de verificação interna do computador que até então vinha revelando todos os circuitos em perfeito funcionamento.

Insatisfeito ainda, acionou o programa CHECKLIM, que era um exame mais rigoroso e apurado dos circuitos. Esse programa fornecia a resposta em 0,03 segundos: uma fileira de cinco luzes verdes brilhou no painel. Morris dirigiu-se para a unidade impressora e ficou aguardando, enquanto surgiam as palavras:

FUNCIONAMENTO DA MÁQUINA EM TODOS OS CIRCUITOS DENTRO DOS ÍNDICES RACIONAIS.

Diante disso, sacudiu a cabeça, satisfeito. Estando ali diante da impressora; não poderia imaginar que na realidade havia uma falha, mas que era puramente mecânica e não eletrônica, razão pela qual não poderia ser testada através dos programas de exame. Essa falha localizava-se dentro da própria caixa impressora. Um pedaço de papel da extremidade do rolo rasgara-se, enrolando-se para cima e alojando-se entre a campainha e o percussor, impedindo assim que a campainha tocasse. Por essa razão, não fora registrada nenhuma transmissão MCN. Tanto a máquina quanto o homem eram incapazes de perceber este erro.

A CONFERÊNCIA DO MEIO-DIA

De acordo com o protocolo, a equipe reunia-se a cada doze horas para uma breve conferência, ocasião em que eram resumidos os resultados obtidos e planejados novos rumos. Visando a ganhar tempo, essas conferências eram realizadas numa pequena sala situada junto ao bar; assim podiam comer e conversar ao mesmo tempo.

Hall foi o último a chegar. Deixou-se cair numa cadeira diante do seu almoço, dois copos de líquido e três pílulas de cores diferentes. Stone tinha acabado de dizer:

- Vamos ouvir primeiro o que Burton tem a nos relatar.

Burton pôs-se de pé e passou a descrever, em voz lenta e hesitante, suas experiências e conclusões. Em primeiro lugar, informou que havia determinado o tamanho do agente letal, o qual seria de 1 micron.

Stone e Leavitt entreolharam-se. As porções verdes que tinham visto eram bem maiores do que isso. Evidentemente, porém, a infecção poderia ser transmitida através de uma mera fração daquela porção verde.

Em seguida, Burton relatou as suas experiências quanto à transmissão pelo ar e quanto à coagulação, iniciando-se pelos pulmões. Terminou narrando as suas tentativas no terreno de terapia anti-coagulativa

- E as autópsias? - perguntou Stone - O que foi que elas revelaram?

- Nada de novo. Sangue coagulado por toda a parte. Nenhuma outra anormalidade visível ao microscópio convencional.

- E a coagulação realmente começa pelos pulmões?

- Sim. Provavelmente é aí que os organismos passam para a corrente sanguínea. Ou talvez liberem aí uma substância tóxica. Quanto a isso poderemos ter uma resposta definitiva depois que as seções coloridas ficarem prontas. Devemos ficar atentos principalmente aos danos causados nos vasos sanguíneos, uma vez que aí é liberado a tromboplastina estimulando a coagulação no local do dano.

Stone concordou, voltando-se então para Hall, que lhes falou dos exames feitos em seus dois pacientes. Relatou que a criança apresentava um estado normal, de acordo com todos os testes, e que Jackson tinha uma úlcera com sangramento, razão pela qual estava recebendo transfusões.

- Ele recobrou os sentidos - informou Hall. - Eu conversei um pouco com ele.

Todos sentaram-se.

- O Sr. Jackson é um velho teimoso e mal-humorado. Tem 69 anos e há dois anos é portador de uma úlcera. Já por duas vezes teve hemorragias: a primeira há dois anos atrás e novamente no ano passado. Nas duas ocasiões foi advertido quanto à necessidade de modificar seus hábitos, mas retornou aos seus velhos costumes, voltando a sangrar. No momento do contato estabelecido em Piedmont, ele tratava de seus problemas através de um regime particular: um vidro de aspirina por dia e, além disso, um pouco de Sterno. Diz ele que isso o deixava com a respiração um tanto ofegante.

- E o tomava acidótico à beça - atalhou Burton.

- Exatamente.

- O metanol, decomposto pelo organismo, convertia-se em formaldeído e ácido fórmico. Isso, em combinação com a aspirina, fazia com que na realidade Jackson fosse um grande consumidor de ácido. O corpo era obrigado a manter o equilíbrio ácido-base dentro de limites muito estreitos, pois do contrário sobreviria a morte. Uma das maneiras de conseguir esse equilíbrio era respirando rapidamente, expirando dessa forma o dióxido de carbono, o que diminuía o nível do ácido carbônico no corpo.

- E esse ácido poderia ser responsável pela sua resistência ao organismo?

Hall deu de ombros.

- Não se pode afirmar.

- E a criança? - perguntou Leavitt. - Estava anêmica?

- Não. Mas por outro lado, não temos certeza se teria sido protegida através do mesmo mecanismo. Poderia ser algo completamente diverso.

- E quanto ao equilíbrio ácido-base da criança?

- Normal - disse Hall - perfeitamente normal. Pelo menos é assim que se apresenta no momento.

Seguiu-se um instante de silêncio, interrompido finalmente por Stone.

- Bem, acho que já estamos de posse de algumas pistas boas. O problema consiste agora em descobrir qual é, se é que existe; o ponto em comum entre o velho e o bebê. Talvez, conforme foi dito, não haja absolutamente nada em comum entre os dois. Mas, para termos um ponto de partida, temos que admitir que os dois foram protegidos pela mesma forma, pelo mesmo mecanismo.

Hall concordou.

Então Burton voltou-se para Stone.

- E o que foi que vocês encontraram na cápsula?

- Será melhor mostrar-lhes.
- Mostrar o quê?
- Algo que acreditamos possa representar o organismo.

A placa da porta dizia simplesmente: MORFOLOGIA. A sala era dividida em duas partes: um lugar para que os experimentadores ficassem de pé e uma câmara de isolamento, separada por uma parede de vidro. Havia luvas dispostas de forma a permitir a manipulação no interior da câmara.

Stone apontou para o prato de vidro com a pequena porção preta sobre o mesmo.

- Acreditamos que isso aí seja o nosso "meteoro" disse ele. - Em sua superfície, encontramos algo aparentemente vivo. Havia também outras áreas no interior da cápsula que poderiam representar porções de matéria viva. Trouxemos o meteoro para cá para que pudéssemos dar-lhe uma olhada ao microscópio.

Utilizando as luvas, Stone colocou o prato de vidro na abertura de uma grande caixa cromada, retirando em seguida as mãos.

- A caixa - informou ele - é simplesmente um microscópio, equipado com intensificadores de imagem usuais e dispositivos ópticos de resolução. Com isso poderemos obter um aumento de até mil diâmetros, cuja imagem será então projetada nesta tela.

Leavitt fez os ajustes necessários, enquanto Hall e os demais olhavam para a tela.

- Aumento de dez vezes - informou Leavitt.

Hall pôde ver na tela que a rocha era recortada, enegrecida e inerte. Stone mostrou então as porções verdes.

- Aumento de cem vezes.

As porções verdes estavam agora maiores, bem visíveis.

-Acreditamos que isso aí seja o nosso organismo. Nós o vimos crescer, tomando-se escarlate aparentemente no momento da mitose.

- Alteração de espectro?

- De certa forma.

- Aumento de mil vezes - disse Leavitt.

A tela toda foi tomada por um só ponto verde, abrigado nos recortes da rocha.

Hall notou que sua superfície verde era lisa, brilhante, parecendo quase oleosa.

- Acha que isso seja uma única colônia de bactérias?

- Não podemos estar certos, principalmente no sentido convencional da palavra colônia - disse Stone. - Antes de ouvirmos o relato de Burton não tínhamos sequer pensado nessa hipótese. Imaginávamos que fosse um organismo único. Mas

obviamente sabemos agora que as unidades devem ter o tamanho de 1 micron ou talvez um pouco menos. Isto aí é grande demais. Provavelmente será uma estrutura maior, talvez uma colônia, talvez outra coisa.

Enquanto olhavam, o ponto tornou-se escarlate, voltando em seguida à sua coloração verde.

- Está se dividindo agora - disse Stone. - Ótimo.

Leavitt ligou as câmaras.

- Agora prestem muita atenção.

O ponto tornou-se escarlate e permaneceu dessa cor. Parecia expandir-se ligeiramente e por um momento sua superfície fragmentou-se em porções de formato hexagonal, assemelhando-se a ladrilho de piso.

- Vocês viram isso?

- Parecia dividir-se.

- Formando figuras de seis lados.

- Gostaria de saber se essas figuras representam as unidades.

- E se conservam o formato geométrico regular o tempo todo ou apenas por ocasião da divisão.

- Saberemos de maiores informes depois do ME disse Stone. E voltando-se para Burton: - Já terminou com as suas autópsias?

- Já, sim.

- Sabe manipular um espectrômetro?

- Creio que sim.

- Então faça-o. De qualquer forma está tudo computado. Vamos precisar de uma análise das amostras da rocha e do organismo verde.

- Vão me fornecer um pedaço?

- Sim - disse Stone. E para Leavitt: - Você sabe operar o analisador AA?

- Sim.

- Os mesmos testes por esse meio.

- E um fracionamento?

- Creio que sim, mais isso terá que ser feito manualmente.

Leavitt fez que compreendia. Stone voltou-se mais uma vez para a câmara de isolamento e retirou o prato de vidro do microscópio. Colocou-o do lado, sob um pequeno dispositivo que se assemelhava a um andaime em miniatura. Tratava-se de uma unidade microcirúrgica.

A microcirurgia era uma atividade relativamente recente dentro da biologia. Consistia em efetuar operações delicadas numa única célula. Com a utilização de técnicas microcirúrgicas, tornava-se possível a remoção do núcleo de uma célula, ou parte do citoplasma, com a mesma habilidade e apuro utilizados numa amputação feita por um cirurgião.

O dispositivo era construído de maneira a transformar os movimentos da mão humana em movimentos precisos muito reduzidos. Uma série de engrenagens e servomecanismos encarregavam-se dessa redução. O movimento de um polegar era traduzido no deslocamento de uma lâmina em porções de milionésimo de polegada.

Utilizando um visor de grande aumento, Stone começou a cortar delicadamente a rocha preta até obter dois pequeninos fragmentos. Colocou-os, em seguida, sobre placas de vidro separadas e começou então a raspar duas pequenas porções das áreas verdes.

Então o verde tornou-se escarlate e expandiu-se.

- Não gostou de você - gracejou Leavitt.

Stone franziu a testa .

- É interessante. Você acha que seja uma reação não específica de crescimento, ou será uma reação trófica ao dano e irradiação?

- O que eu acho - respondeu Leavitt - é que essa coisa não gosta de ser cutucada.

- Vamos ter que investigar isso mais minuciosamente.

DESASTRE

Para Arthur Manchek houve um certo componente de terror naquela conversa telefônica.

Recebeu o chamado em casa, logo depois do jantar, quando acabara de acomodar-se na sala para ler os jornais. Naqueles últimos dois dias, não tinha sequer visto os jornais, pois estivera terrivelmente ocupado com o caso de Piedmont.

Quando o telefone tocou, ele imaginou que seria para a sua mulher. Entretanto, decorrido apenas um instante, ela entrou dizendo:

- É para você. A base.

Uma sensação desagradável invadiu-o, enquanto pegava o fone.

- Aqui fala o Major Manchek

- Boa noite, major. Aqui fala o Coronel Burns da Unidade Oito.

A Unidade Oito era a encarregada do processamento e identificação. O pessoal da base apresentava-se nas entradas e saídas sob o controle dessa unidade e também todas as chamadas eram transmitidas por seu intermédio.

- Sim, coronel?

- Major, estamos entrando em contato com o senhor para notificá-lo de certas ocorrências. - Sua voz era reticente e ele visivelmente escolhia as palavras com cuidado por se tratar de uma linha aberta. - Devo informá-lo de um acidente RTM ocorrido há 42 minutos em Big Head, Utah.

Manchek estava surpreso. Qual seria a razão para avisarem-no a respeito de um desastre ocorrido numa missão de treinamento rotineiro? Aquilo decididamente não era de sua alçada .

- Que avião era?

- Um Phantom, senhor. Voava de São Francisco para Topela.

- Compreendo - disse Manchek, apesar de não estar compreendendo coisa alguma.

- Goddard queria que o senhor fosse avisado para que pudesse juntar-se à equipe técnica.

- Goddard? Por que Goddard?

Por um instante, sentado ali na sala e olhando distraidamente para a manchete do

jornal que dizia TEME-SE NOVA CRISE EM BERLIM, imaginou que o coronel estivesse se referindo a Lewis Goddard, chefe da seção de códigos de Vandenberg. Subitamente, porém, compreendeu que se tratava de Centro do Voos Especiais de Goddard, situado nos arredores de Washington. Entre outras atribuições, Goddard funcionava como centro verificador para determinados projetos especiais enquadrados entre a alçada de Houston e as agências governamentais de Washington.

- Major - continuou Burns. - O Phantom desviou-se do seu plano de voo, quando se encontrava a 40 minutos de São Francisco e passou pela área WF.

Manchek sentiu-se encolher. Pareceu-lhe que uma espécie de sonolência o invadia.

- Disse área WF?

- Exato, senhor.

- Quando?

- Vinte minutos antes do acidente.

- E a que altitude?

- Sete mil metros.

- E quando é que a equipe vai partir?

- Dentro de meia hora, saindo da base.

- Muito bem. Lá estarei.

Manchek desligou e continuou a olhar distraidamente para o telefone. Sentia-se cansado. Gostaria de poder estar na cama. Área WF era o código utilizado para designar a área dentro do raio de isolamento ao redor de Piedmont, Arizona.

Eles deveriam ter detonado a bomba, pensou. Deveriam tê-la lançado dois dias atrás.

No momento da decisão em retardar o Esquema 7-12 Manchek não ficara satisfeito.

Entretanto, não lhe cabia oficialmente expressar sua opinião, e ele esperara em vão que a Equipe Wildfire, agora encerrada dentro do laboratório subterrâneo, se manifestasse queixando-se a Washington. Sabia que Wildfire fora notificado a respeito dessa decisão. Ele próprio vira o telegrama enviado para todas as unidades de segurança e cujos termos eram perfeitamente claros.

E no entanto, por alguma razão misteriosa, Wildfire não se manifestara. Parecia, até, que não haviam prestado ao fato a mínima atenção.

Muito estranho.

E agora havia o acidente. Manchek acendeu o seu cachimbo e começou a pitá-lo

enquanto examinava as possibilidades. O mais provável seria que algum piloto inexperiente em treinamento se tivesse distraído, saindo da sua rota, entrando em pânico e então perdendo o controle do avião. Tal fato já tinha acontecido centenas de vezes.

A equipe técnica, constituída por um grupo de especialistas, ao dirigir-se para o local do desastre, a fim de investigar as condições do acidente, geralmente retomava com o veredicto de "falha dos sistemas agnoscênicos". Tratava-se de uma expressão militar para designar acidente sem causa conhecida. Desta maneira não havia distinção entre falha mecânica e falha humana, mas era notório que a maioria das falhas de sistemas eram devidas a falhas humanas. Um homem não podia dar-se ao luxo de sonhar de olhos abertos, enquanto pilotavam uma máquina extremamente complexa a uma velocidade de 3.200 quilômetros por hora. A prova podia ser encontrada nas estatísticas: se bem que apenas 9 por cento dos voos fossem realizados logo depois que o piloto tivesse tido uma folga ou retomasse de um fim-de-semana, eram ainda assim esses os voos responsáveis por 27 por cento dos casos fatais.

O cachimbo de Manchek apagou. Ele pôs-se de pé, deixando cair o jornal, e dirigiu-se para a cozinha, a fim de avisar à mulher que estava de saída.

- Isto aí é terra de cinema - comentou alguém, olhando para os penhascos de arenito,

para o vermelho luminoso que contrastava com o azul do céu que estava escurecendo.

E na verdade inúmeros filmes haviam sido rodados naquela região do Utah.

Mas Manchek não conseguia pensar em filmes naquela hora. Sentado atrás, enquanto a limousine deixava o aeroporto de Utah, rememorava as informações que tivera a respeito daquele desastre.

Durante a viagem aérea de Vandenberg para a região sul do Utah, a equipe pudera ouvir as transcrições das comunicações entre o Phantom e a Central de Topela. A maior parte dessas comunicações era inexpressiva, excetuando-se os momentos finais que precederam o desastre.

- Algo está errado - dissera o piloto. - E então, logo em seguida: - O duto de borracha da minha máscara de oxigênio está se desmanchando. Deve ser a vibração. Está se desintegrando, virando pó.

Uns dez segundos depois, ouviu-se uma voz fraca, quase sumindo, que dizia:

- Tudo o que é feito de borracha aqui na cabina está se desmanchando.

E depois disso não houve mais transmissões.

Manchek podia ouvir aquela breve comunicação ressoando dentro do seu crânio, repetidas vezes. A cada repetição o seu conteúdo parecia-lhe mais estranho e aterrorizante.

Olhou pela janela em direção aos penhascos. O sol se punha e agora somente os cumes continuavam iluminados por uma luz avermelhada e desmaiada. Os vales mergulhavam na escuridão. Olhou para diante, para a outra limousine que levantava uma nuvem de poeira ao conduzir o resto da equipe para o local do sinistro.

- Eu costumava apreciar filmes de faroeste - comentou alguém. - Todos eles foram rodados por aqui. Linda região.

Manchek franziu o sobrolho. Era espantosa a quantidade de pessoas capazes de perder tanto tempo com coisas irrelevantes. Ou talvez fosse apenas uma forma de fuga, o temor de encarar a realidade.

A realidade era bastante desagradável: o Phantom desviara-se em direção à área WF, penetrando nela bem profundamente, escoando-se uns seis minutos até que o piloto percebesse o erro e se desviasse novamente retomando o rumo certo. Entretanto, ao penetrar em WF, o avião começara a perder estabilidade. E acabara caindo.

- Informaram a Wildfire? - perguntou Manchek.

Um dos membros da equipe, um psiquiatra com cabelo cortado à escovinha - essas equipes sempre contavam com pelo menos um psiquiatra - indagou:

- Está se referindo ao pessoal dos germes?

- Isso mesmo.

- Eles foram avisados - informou outra pessoa. - A notícia lhes foi transmitida uma hora atrás.

Então, pensou Manchek, certamente haveria alguma reação da parte da Equipe Wildfire. Eles evidentemente não poderiam ignorar o fato.

A menos que não estivessem lendo os telegramas. Isso nunca antes lhe passara pela cabeça, mas talvez fosse possível. Talvez eles não estivessem lendo as notícias.

Talvez eles se encontrassem tão absorvidos em seu trabalho que não se interessassem por nada mais.

- Lá estão os destroços - disse alguém. - Ali diante.

Cada vez que Manchek se via diante dos destroços de um acidente, ficava estarrecido.

Era difícil habituar-se à ideia da extensão do alastramento, da confusão gerada pela força destrutiva de um vasto objeto metálico ao atingir o solo a milhares de

quilômetros por hora. De certa forma, sempre nutria a esperança de deparar com um monte de metal pequeno e arrumado. Entretanto, as coisas nunca se passavam dessa forma.

Os destroços do Phantom estavam espalhados por uma área de três quilômetros quadrados em pleno deserto. Postando-se ali junto aos fragmentos carbonizados da asa esquerda, mal conseguia avistar os demais, no horizonte, junto à asa direita.

Para onde quer que se olhasse, viam-se pedaços de metal retorcido, enegrecido, com a pintura descascando. Avistou um pedaço contendo uma parte de uma placa ainda intata, vendo-se claramente o que restava dos dizeres: NÃO; o resto desaparecera.

A julgar pelos destroços, tomava-se impossível chegar a qualquer conclusão. A fuselagem, a cabina, a coberta, estava tudo despedaçado, desintegrado em milhões de pedaços desfigurados pelo fogo.

Enquanto o sol se punha, Manchek viu-se junto aos restos de uma seção da cauda, onde o metal ainda irradiava o calor do fogo. Avistou então, meio enterrado na areia, um pedaço de osso. Apanhou-o e descobriu horrorizado que se tratava de um osso humano. Era comprido e estava quebrado e chamado numa das extremidades.

Certamente provinha de um braço ou uma perna. O estranho, porém, é que estava espantosamente limpo; não havia recobrimo-o qualquer resto de carne; apenas a superfície óssea absolutamente lisa.

A escuridão desceu finalmente, e a equipe munuiu-se de lanternas. O grupo de homens, uma meia duzia deles, deslocava-se por entre os pedaços de metal fumegante lançando fochos de luz amarela.

Já era bem tarde da noite quando um bioquímico, cujo nome Manchek ignorava, aproximou-se dele para falar-lhe.

- Sabe, há um detalhe engraçado... Aquela comunicação a respeito da borracha se desmanchando na cabina...

- Não estou compreendendo...

- Bem, acontece que não se usou borracha neste avião. Tudo era feito de plástico sintético. Era uma material recentemente aperfeiçoado pela Ancro. Aliás, eles estão muito orgulhosos com esse seu novo produto. Trata-se de um polímero que possui algumas das características do tecido humano. E muito flexível e tem inúmeras aplicações.

- Acha que as vibrações poderiam ocasionar a desintegração?

- Não. Há milhares de Phantoms voando pelo mundo afora. Todos eles são equipados com esse mesmo plástico. Jamais foi registrado qualquer problema.

- E isso indica o quê?

- Indica que não sei que diabo está acontecendo - respondeu o bioquímico.

ROTINA

Aos poucos, todo o Laboratório Wildfire entrou num esquema de rotina, realizando um trabalho regular em câmaras subterrâneas, onde não havia dia ou noite, manhã ou tarde. Os homens dormiam quando cansados, acordavam quando repousados e prosseguiam com as suas tarefas nos diversos setores.

Grande parte desse trabalho não levaria a qualquer resultado. Os homens tinham consciência disso e o admitiam a priori. Conforme Stone gostava de dizer, a pesquisa científica assemelha-se à mineração; sai-se à procura, munido de mapas e instrumentos para, no fim, descobrir que nem os preparativos nem a intuição tinham valor.

O necessário mesmo é ter sorte, e os resultados obtidos só são alcançados por meio de trabalho duro, estafante e perseverante.

Burton encontrava-se na sala que abrigava o espectrômetro, além de diversas outras peças do equipamento destinado a ensaios de radioatividade, fotometria de densidade relativa, análise de temo-acoplamento e preparação para a cristalografia ao raio X.

O espectrômetro utilizado no Nível V era de marca Whittington, modelo K-S. Basicamente era composto de um vaporizador, um prisma e uma tela de registro. O material a ser testado era introduzido no vaporizador e queimado. A luz produzida por sua queima passava então pelo prisma, onde era decomposta num espectro, o qual se projetava sobre uma tela. Uma vez que elementos diferentes produziam diferentes comprimentos de onda luminosa por ocasião da queima, tomava-se possível analisar a composição química de uma substância através da análise do espectro luminoso por ela produzido.

Teoricamente era simples, mas na prática a leitura de um espectrômetro era uma operação complexa e difícil. Não havia no Laboratório Wildfire ninguém que estivesse treinado para fazê-lo eficientemente. Desta forma, os resultados obtidos eram fornecidos diretamente a um computador, o qual então procedia à sua análise. Devido à sensibilidade do computador podiam igualmente ser determinadas as percentagens aproximadas dos componentes.

Burton inseriu o primeiro pedaço de rocha preta no vaporizador e apertou o botão.

Seguiu-se uma única explosão intensamente luminosa e quente. Desviou o rosto

para evitar a luz e então colocou o segundo pedaço. Já então, sabia ele, o computador estaria analisando o espectro do primeiro pedaço.

Burton repetiu a mesma operação com a porção de material verde e verificou as horas. O computador estaria agora examinando as chapas fotográficas reveladas automaticamente e que ficavam prontas para exame em questão de segundos. A análise propriamente dita, entretanto, levaria duas horas, já que o olho elétrico era muito lento.

Uma vez concluído o exame, o computador analisaria os resultados e fornecia os dados necessários em cinco segundos.

O relógio da parede indicava que eram 15h00. Subitamente sentiu o cansaço invadi-lo. Forneceu instruções ao computador para que fosse acordado, quando a análise estivesse pronta. Em seguida, saiu, indo para a cama.

Em outra sala, Leavitt colocava cuidadosamente pedaços semelhantes numa máquina diferente: um analisador de aminoácido. Sorria ao fazê-lo, lembrando-se como eram efetuadas as coisas antigamente, antes da automatização da análise AA

No início da década de cinquenta, a análise dos aminoácidos de uma proteína poderia levar semanas ou até mesmo meses. Por vezes, chegava a anos. Agora, porém, bastavam apenas algumas horas - ou no máximo um dia - e tudo era feito automaticamente.

Os aminoácidos são os componentes das proteínas. Existem 24 aminoácidos conhecidos, cada qual composto por meia dúzia de moléculas de carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio. As proteínas são constituídas pelo enfileiramento desses aminoácidos, formando o que poderia ser comparado a um trem de carga. A ordem dos elementos na fila determina a natureza da proteína, diferenciando a insulina da hemoglobina ou do hormônio de crescimento. Todas as proteínas compõem-se dos mesmos vagões de carga, ou seja, das mesma unidades. Algumas possuem mais carros de um tipo do que as outras, ou então os têm dispostos em ordem diferente.

Essa, entretanto, é a única diferença entre elas. Os mesmos aminoácidos, ou os mesmos vagões de carga, existem tanto nas proteínas humanas como nas de uma pulga.

Foram precisos vinte anos para que fosse feita essa descoberta.

Mas o que controla a disposição dos aminoácidos na proteína? A resposta foi o ADN, a substância do código genético, funcionando como chefe de manobras.

E foi preciso que se escoassem mais vinte anos para que esse detalhe específico fosse descoberto.

Então, uma vez alinhados e unidos, os aminoácidos começavam a revirar-se e a serpear sobre si mesmos; nesse ponto, a analogia passou a aproximar-se mais de uma serpente do que de um trem. A maneira de torcer-se era determinada pela ordem dos ácidos, sendo perfeitamente específica. Uma determinada proteína deveria retorcer-se de uma determinada forma e de nenhuma outra, pois, nesse caso, deixaria de funcionar. Mais dez anos.

Estranho, pensou Leavitt. Centenas de laboratórios, milhares de pessoas trabalhando por todo o mundo, todos esforçando-se no sentido da descoberta de fatos essencialmente muito simples. Tudo isso consumira anos e mais anos, décadas de esforços pacientes.

E agora havia essa máquina. E claro que ela não forneceria a disposição precisa dos aminoácidos. Forneceria, entretanto, a composição percentual aproximada: tanta valina, tanta cistina, tanta arginina, e prolina e leucina. E isso, por sua vez, representaria boa dose de informação.

E, no entanto, aquilo tudo não passava de um tiro no escuro. Não tinham qualquer motivo para crer que a rocha ou a matéria verde fossem compostos de proteínas, mesmo que só em parte. É verdade que toda a coisa viva existente sobre a Terra possui pelo menos algumas proteínas. Mas isso ainda não queria dizer que a vida originária de outras paragens tivesse que obedecer ao mesmo esquema.

Leavitt, por um instante, tentou imaginar vida sem proteínas. Isso seria praticamente impossível: na Terra, as proteínas fazem parte da parede da célula, compreendendo todas as enzimas conhecidas pelo homem. E a vida sem enzimas? Seria isso possível?

Lembrou-se do comentário feito por George Thompson, o bioquímico britânico, ao chamar as enzimas de "casamenteiros da vida". E isso era verdadeiro: as enzimas funcionavam como catalisadores de todas as reações químicas, fornecendo condições para que duas moléculas se encontrassem e reagissem. Havia centenas de milhares, milhões talvez, de enzimas, cada qual existindo tão-somente com a finalidade de auxiliar uma única reação química. Sem enzimas, não poderia haver reações químicas.

Sem reações químicas não poderia haver vida.

Ou será que poderia?

Esse era um problema antigo. A questão fora proposta nos estágios iniciais do planejamento de Wildfire. Como estudar uma forma de vida que seja totalmente diversa de tudo o que se conhece? Como seria possível saber mesmo que está viva?

Não se tratava de questão acadêmica. A biologia, de acordo com George Wald, era uma ciência singular por ser incapaz de definir sua matéria básica. Ninguém

tinha uma definição para a vida. Ninguém sabia realmente do que se tratava. As velhas definições - um organismo que demonstra ingestão, excreção, metabolismo, reprodução, e assim por diante - não tinham qualquer consistência. Sempre se poderia apontar exceções.

A equipe acabara concluindo que a conversão da energia era a característica principal da vida. Todos os organismos vivos consumiam energia de alguma forma - sob forma de alimento, ou luz solar - convertendo-a em outra forma de energia e utilizando-a. (Os vírus constituíam uma exceção a essa regra, mas a equipe estava preparada para definir os vírus como não-vivos.)

Fora solicitado que para a reunião seguinte, Leavitt apresentasse uma réplica para essa definição. Ele pensara no assunto por uma semana e ao apresentar-se trazia três elementos: uma amostra de tecido preto, um relógio e um pedaço de granito.

Colocou os objetos diante dos demais, declarando:

- Cavalheiros, aqui têm três coisas vivas.

E, ato contínuo, desafiou-os a provar que não eram vivas. Colocou o tecido sob a luz do Sol; ele adquiriu calor.

- Isso - anunciou então - representa uma conversão de energia, energia irradiante transformada em calor.

Os demais objetaram que se tratava apenas de absorção passiva de energia e não de conversão, alegando ainda que a conversão - se e que poderiam chamá-la assim - não tinha, no caso, qualquer finalidade.

- E como é que podem afirmar que não tem finalidade? - indagara Leavitt.

Em seguida, passaram ao relógio. Leavitt exibiu o mostrador que brilhava no escuro.

Havia uma decomposição, com produção de luz.

Os circundantes alegaram que se tratava de mero desprendimento de energia potencial, mantida em níveis eletrônicos instáveis. Entretanto, estava ocorrendo uma confusão crescente. Leavitt estava chegando onde desejava chegar.

Finalmente passaram ao granito.

- Isto está vivo - disse Leavitt. - Está vivo, respirando, caminhando e falando. Apenas nós não somos capazes de vê-lo, pois tudo isso está acontecendo muito lentamente. A rocha tem um período de vida de três bilhões de anos. A nossa vida média é de 70 ou 80 anos. Não podemos perceber o que está acontecendo com esta rocha pela mesma razão por que não poderíamos ouvir a melodia de um disco tocado à velocidade de uma revolução por século. E a rocha, por seu lado, nem sequer percebe a nossa existência, pois nós vivemos apenas por um

breve instante de sua vida. Para ela, não passamos de clarões na escuridão.

Leavitt ergueu seu relógio.

Seu ponto de vista era bem claro, e o grupo teve que fazer uma revisão das idéias num aspecto importante. Viram-se obrigados a concordar que não seria possível analisar certas formas de vida. Era preciso admitir a hipótese da total impossibilidade de fazer qualquer avanço por menor que fosse em tal análise.

Mas a preocupação de Leavitt foi mais longe ainda, para defrontar-se com o problema geral de ação e incerteza. Lembrou a leitura de *Planning the Unplanned*, de autoria de Talbert Gregson, muito atentamente, detendo-se nos modelos matemáticos complexos levantados pelo autor para possibilitar a análise do problema.

Gregson tinha a convicção de que todas as decisões envolvendo circunstâncias de incerteza enquadram-se em duas categorias distintas: as com fatos inesperados e as sem. Essas últimas são indubitavelmente as mais difíceis.

A maioria das decisões e quase todas as interações humanas podem ser incorporadas num só modelo. Por exemplo: um presidente pode deflagrar uma guerra, um homem pode desfazer-se do seu negócio ou divorciar-se de sua mulher. Uma ação desse tipo produzirá uma reação; o número de reações é infinito, entretanto o de reações prováveis é razoavelmente reduzido. Antes de tomar uma decisão, um indivíduo pode prever inúmeras reações e, dessa forma, pode estabelecer com maior eficiência a sua decisão original ou primária.

Há, contudo, uma categoria que não pode ser analisada à luz das probabilidades.

Essa categoria é a que incorpora acontecimentos e situações absolutamente imprevisíveis; não somente os desastres de toda espécie, como também os raros momentos de descoberta e visão, como por exemplo aqueles que resultaram no laser ou na penicilina.

Isso porque tais momentos são imprevisíveis, não podendo, portanto, ser planejados de nenhuma forma lógica. Nesses casos, então, a matemática é ainda insatisfatória.

A única coisa capaz de reconfortar-nos é o fato de que tais situações, para o bem ou para o mal, são extremamente raras.

Jeremy Stone, trabalhando com infinita paciência, apanhou um floco do material verde e deixou-o cair em plástico derretido. O plástico tinha o tamanho e o formato de uma cápsula de remédio. Aguardou até que o floco estivesse firmemente engastado e então derramou mais plástico sobre ele. Em seguida, transferiu a cápsula plástica para a sala de secagem.

Stone invejava aos outros as suas rotinas mecanizadas. A preparação de lâminas

para o microscópio eletrônico continuava sendo ainda uma tarefa delicada, necessitando para tal de mãos humanas habilidosas. A preparação de uma boa amostra era uma tarefa tão complexa quanto a de um artesão, e o seu aprendizado era quase tão demorado quanto o do artesanato. Stone trabalhara por cinco anos antes de tomar-se um perito nesse assunto.

A secagem do plástico era feita numa unidade de processamento especial muito rápida, mas mesmo assim escoar-se-iam cinco horas até que fosse obtido o endurecimento e a consistência desejáveis. A sala de secagem manteria uma temperatura constante de 61° C, com a umidade relativa de 10 por cento.

Uma vez o plástico convenientemente endurecido, Stone o rasparia, cortando então um pequeno pedaço verde com um micrótomo. O floco apresentaria então a espessura e o tamanho exato, ou seja, uma pequena fatia redonda, com 1.500 Angstroms de profundidade e não mais. Somente então ele poderia examinar aquela coisa verde, fosse ela o que fosse, utilizando um aumento de 60 mil diâmetros.

Isso seria bem interessante, pensou ele.

Stone era de opinião que, de modo geral, tudo estava correndo bem. Progrediam razoavelmente, adiantando-se em diversos setores da investigação de forma bastante promissora. O mais importante, porém, era o fato de que dispunham de tempo.

Não havia pressa, pânico, ou qualquer coisa a temer.

A bomba fora lançada sobre Piedmont. Sua potência teria destruído os organismos que eram transportados pelo ar, neutralizando a fonte da infecção. Wildfire era o único lugar de onde a infecção poderia propagar-se, mas o laboratório estava projetado justamente visando a evitar essa possibilidade. Caso ocorresse ruptura de isolamento no interior do laboratório, as áreas contaminadas seriam automaticamente seladas.

Em questão de segundos, fechar-se-iam portas deslizantes e herméticas, dando ao laboratório nova configuração.

Isso se tomava necessário, pois, de acordo com experiência passada, os demais laboratórios, funcionando em atmosferas chamadas axênicas ou livres de germes, apresentavam ainda assim ocorrência de contaminação em 15 por cento dos casos.

Geralmente as causas eram estruturais: falha na selagem, uma luva rasgada, uma costura aberta. Independente da causa, o fato é que a contaminação ocorria.

Em Wildfire ele estavam preparados para essa eventualidade. Mas se nada acontecesse, e as probabilidades indicavam que não aconteceria, então poderiam trabalhar em segurança, por um período indefinido. Poderiam dedicar-se ao

organismo por um mês, até mesmo um ano, se necessário. Não havia qualquer problema.

Hall caminhava pelo corredor, examinando as subestações do detonador atômico.

Tentava memorizar sua localização. Havia cinco subestações naquele andar, dispostas a intervalos ao longo do corredor central. Eram todas iguais: pequenas caixas prateadas, cujo tamanho não era maior do que o de um maço de cigarros. Cada uma delas dispunha de uma fechadura para a chave, tendo ainda uma luz verde que brilhava e uma luz vermelho-escura.

Burton lhe explicara o funcionamento.

- Há dispositivos sensoriais em todo o sistema de dutos e em todos os laboratórios. Sua função é a de controlar o ar das salas por meio de uma série de dispositivos químicos, eletrônicos e de dosagem biológica. A dosagem biológica é feita por meio de um camundongo, cujos batimentos cardíacos são controlados. Se alguma coisa acontece com os dispositivos sensoriais, o laboratório é selado imediatamente. Caso haja a contaminação de todo o andar, o mesmo será isolado e o dispositivo atômico ligado automaticamente. Nesse caso, a luz verde se apagará e a luz vermelha passará a piscar. Isto será o sinal para o início do período de três minutos. A menos que coloque a sua chave na fechadura, a bomba detonará, decorridos esses três minutos.

- E sou eu pessoalmente que tenho de fazê-lo?

Burton anuiu.

- A chave é de aço. É condutora. A fechadura possui um sistema capaz de analisar a pessoa que esteja de posse da chave. Reage ao volume geral do corpo, especialmente ao peso, e também ao conteúdo de sal no suor. É, na realidade, específica de sua pessoa.

- Isso quer dizer que sou mesmo o único.

- Você é mesmo o único. E você só tem uma chave. Mas existe ainda: mais um problema complicado. As plantas não foram seguidas com exatidão. Só descobrimos o erro depois que o laboratório estava concluído e o dispositivo instalado. O erro é o seguinte: faltam três subestações de detonador. Contamos com apenas cinco, quando deveriam ser oito.

- E então?

- Isso quer dizer que caso se inicie a contaminação do pavimento, você deverá apressar-se para chegar logo junto a uma das subestações. Caso contrário, haverá a possibilidade de ficar isolado num setor em que não haja nenhuma subestação. E então, caso tenha ocorrido alguma disfunção dos dispositivos

sensoriais bacteriológicos, fornecendo um resultado positivo falso, o laboratório será destruído inutilmente.

- Isso me parece um erro de planejamento bastante grave.

- Acontece que as novas três subestações seriam acrescentadas no próximo mês. Agora isso não nos adianta em nada. Trate de lembrar-se deste detalhe e tudo correrá bem.

Leavitt acordou rapidamente, pulando para fora da cama e começando a se vestir.

Estava agitado: acabara ter uma ideia. Uma coisa fascinante; louca, furiosa, mas verdadeiramente fascinante.

Provinha do seu sonho.

Sonhara a respeito de uma casa e então de uma cidade. Uma cidade enorme, complexa e intercomunicada, desenvolvendo-se ao redor da casa. Nessa casa morava um homem com a sua família. Esse homem vivia, trabalhava e viajava pela cidade, deslocando-se, agindo, reagindo.

E então, em seu sonho, a cidade era subitamente eliminada, restando apenas a casa. Que modificação radical! A casa única, isolada, sem as coisas de que necessitava: água, esgotos, eletricidade, ruas. E a família sem acesso aos supermercados, às escolas, farmácias. E o homem, cujo trabalho era na cidade, ligado aos demais da cidade, subitamente fracassava.

A casa transformava-se, então, num organismo totalmente diverso. E daí para o organismo que estavam pesquisando em Wildfire havia apenas um passo, um simples salto de imaginação...

Teria que discutir isso com Stone. Este riria, como sempre, mas também prestaria atenção. Leavitt tinha consciência de que, num certo sentido, funcionava como o homem das idéias dentro da equipe. O homem que fornecia as teorias improváveis, mas que faziam meditar.

Bem, ao menos Stone ficaria interessado.

Olhou para o relógio: 22h00. A meia-noite aproximava-se. Apressou-se no vestir.

Pegou uma nova roupa de papel e colocou os seus pés dentro. Sentiu o papel frio em contato com a sua pele nua.

E então subitamente tornou-se quente. Uma sensação estranha. Acabou de se vestir, pôs-se de pé e fechou a roupa que era uma peça única. Ao sair, olhou mais uma vez para o relógio: 22h10.

Oh, Cristo - pensou ele.

Aquilo voltara a acontecer. E desta vez por dez minutos, O que teria acontecido?

Não era capaz de lembrar-se. Entretanto, dez minutos tinham fugido, desaparecido, enquanto ele se vestia. E este ato não lhe poderia tomar mais do que uns trinta segundos.

Sentou-se na cama, novamente, tentando lembrar. Mas não conseguia.

Dez minutos perdidos.

Era aterrorizante. Estava acontecendo novamente, apesar de ter alimentado esperanças de que jamais voltasse a suceder. Deixara de repetir-se durante meses, mas agora, com toda a agitação, os horários irregulares, a quebra de sua rotina hospitalar, a coisa reaparecera.

Por um breve instante, cogitou em contar tudo aos outros, mas logo sacudiu a cabeça.

Ele ficaria bom. Não voltaria a acontecer. Tudo daria certo.

Pôs-se de pé. Ia ao encontro de Stone para lhe contar algo. Algo importante e excitante.

Parou.

Não conseguia recordar.

A ideia, a imagem, a agitação, tudo se fora. Desaparecera e se apagara de sua mente.

Leavitt sabia que deveria contar tudo a Stone, admitindo a realidade. Contudo sabia também o que Stone diria e faria quando descobrisse. Sabia igualmente quais as consequências para o seu futuro, para o resto de sua vida, uma vez concluído o Projeto Wildfire. Tudo mudaria quando as pessoas soubessem. Jamais poderia retomar ao normal. Seria obrigado a deixar o seu trabalho, passando a fazer outras coisas, como ajustamentos intermináveis. Nem mesmo poderia voltar a dirigir um carro.

Não, decidiu ele. Não diria nada. E tudo acabaria bem, contanto que não olhasse para luzes que piscavam.

Jeremy Stone estava cansado, mas sabia que não estava ainda pronto para dormir.

Caminhava de um lado para outro pelos corredores do laboratório, pensando a respeito daquelas aves de Piedmont. Repassara em sua mente tudo o que tinha sido feito: como haviam percebido as aves, como as haviam gaseificado e como elas haviam morrido. Repassou em sua mente todos os detalhes por diversas vezes.

E isso porque parecia-lhe faltar algo. E isso o preocupava.

Na ocasião em que estavam dentro de Piedmont, já essa preocupação o assaltara.

Depois, ele a esquecera, mas as suas dúvidas haviam reaparecido por ocasião da conferência do meio-dia, enquanto Hall expunha os problemas de seus pacientes.

Algo dito por Hall, algo mencionado por ele, parecia relacionar-se longinquamente que fosse, com aquelas aves. Mas o que seria? Qual seria o detalhe ou as palavras exatas que teriam deflagrado a associação?

Stone sacudiu a cabeça. Não conseguia atinar com o que seria. As chaves, as pistas, as associações, tudo estava no fundo de sua mente, mas ele não se sentia capaz de fazê-las aflorar à superfície.

Apertou as mãos na cabeça, pressionando os ossos e amaldiçoando o seu cérebro por sua teimosia.

Como acontece com muitos homens inteligentes, Stone mantinha uma atitude um tanto desconfiada em relação ao seu próprio cérebro. Considerava-o uma máquina precisa e habilidosa, porém temperamental. Não se surpreendia jamais quando a mesma não funcionava, se bem que temesse e odiasse essas ocasiões. Nas horas mais negras, Stone chegava a duvidar da utilidade do pensamento e da inteligência.

Havia, inclusive, ocasiões em que chegava a invejar os ratos de laboratório com os quais trabalhava; seus cérebros eram tão simples... Certamente eles não possuíam inteligência para destruí-los; isso era uma característica do homem.

Frequentemente costumava alegar que a inteligência humana trazia mais problemas do que vantagens. Era mais destrutiva do que criativa, mais confusa do que reveladora, mais desencorajante do que satisfatória, mais maligna do que caridosa.

Havia ainda ocasiões em que aos seus olhos o homem, com o seu cérebro gigante, equivalia-se aos dinossauros. Qualquer menino de escola sabia que os dinossauros haviam crescido em demasia, chegando o momento em que seu tamanho passou a impedir sua sobrevivência. Ninguém até então aventara a possibilidade de uma situação análoga com o cérebro humano, a mais complexa estrutura do universo conhecido, com as suas fantásticas exigências ao corpo humano em termos de alimentação e sangue. Talvez o cérebro humano se tivesse transformado numa espécie de dinossauro para o homem e talvez acabasse ocasionando o seu declínio.

O cérebro já consumia um quarto do abastecimento de sangue do corpo. Um quarto de todo o sangue bombeado pelo coração destinava-se ao cérebro, um órgão responsável por apenas uma reduzida percentagem da massa corpórea. Se

os cérebros se tornassem maiores e melhores, talvez chegassem a consumir mais ainda, talvez chegassem ao ponto de, como uma infecção, sobrepujar seus hospedeiros e matar os corpos que os haviam sustentado.

Ou talvez ainda, em sua infinita sabedoria, descobrissem uma forma de destruir a si e aos demais. Havia ocasiões em que Stone, nas reuniões do Departamento de Estado ou do Departamento de Defesa, olhava ao redor da mesa e só via uma dúzia de cérebros cinzentos e retorcidos sentando-se à mesma. Sem carne ou sangue, sem mãos, olhos ou dedos. Sem bocas ou órgãos sexuais - tudo isso era supérfluo.

Nada mais que cérebros. Sentados ali, procurando decidir sobre a maneira de sobrepujar outros cérebros, em outras mesas de conferência.

Estúpido.

Sacudiu a cabeça, imaginando que já começava a assemelhar-se a Leavitt, com todos aqueles seus esquemas fantásticos e improváveis.

E, no entanto, havia uma certa lógica nas idéias de Stone. Alguém que realmente temesse e odiasse seu próprio cérebro, conseguiria destruí-lo. Destruir o seu próprio, destruindo os demais.

- Estou cansado - disse em voz alta, olhando para o relógio de parede.

Eram 23h40, quase hora da conferência da meia-noite.

A CONFERÊNCIA DA MEIA-NOITE

Voltaram a reunir-se, na mesma sala, da mesma forma. Stone olhou para os demais e verificou que estavam todos cansados; nenhum deles, incluindo o próprio Stone, dormira o suficiente.

- Nós estamos levando a coisa por demais arduamente - disse ele. - Não há necessidade de trabalharmos sem trégua e aliás nem deveríamos fazê-lo. Homens fatigados estão sujeitos a cometer erros, tanto em pensamentos quanto em ações. Vamos começar a deixar cair coisas, fazer ajustamentos errados, trabalhar relaxadamente. E também faremos suposições falsas, chegando a conclusões incorretas. Não devemos permitir que isto aconteça.

A equipe concordou em dormir pelo menos seis horas em cada período de 24 horas. Isso parecia razoável, uma vez que não havia problemas na superfície; a infecção em Piedmont fora sustada pela explosão da bomba atômica.

Essa sua crença poderia jamais ter sido modificada não fosse Leavitt sugerir que seria oportuno solicitar uma denominação em código. Alegou ele que uma vez de posse de um novo organismo, deveriam providenciar a sua codificação. Os demais concordaram.

Num dos cantos da sala, encontrava-se a teleimpressora. Estivera funcionando o dia inteiro, datilografando a matéria proveniente de fora. Tratava-se de uma máquina que funcionava nos dois sentidos; a matéria a ser transmitida deveria ser datilografada em caixa baixa, enquanto que a recebida aparecia em maiúsculas.

Ninguém tinha realmente se preocupado em examinar o material recebido desde a sua chegada ao Nível V.

Tinham todos estado por demais ocupados. Além disso, grande parte do que chegava não passava de despachos militares de rotina que eram enviados também a Wildfire sem contudo serem do seu interesse.

E tal fato sucedia por ser Wildfire uma das vinte subestações do circuito Cooler, conhecidas jocosamente como as "Vinte Maiores".

Essas subestações eram todas ligadas ao porão da Casa Branca e situadas nas vinte localidades estratégicas de maior importância do país. Entre elas, estavam também Vandenberg, Kennedy, NORAD, Patterson, Detricke Virginia Key.

Stone dirigiu-se para o teletipo e datilografou sua mensagem. Essa mensagem

seria enviada, através do computador, aos Códigos Centrais, estação encarregada de codificar todos os projetos enquadrados no sistema Cooler.

Essa transmissão foi a seguinte:

abrir canal para transmissão

ENTENDIDO TRANSMITA DECLARANDO ORIGEM

sitone Projeto Wildfire

DECLARE DESTINO

códigos centrais

ENTENDIDO CÓDIGOS CENTRAIS

segue mensagem

TRANSMITA

isolamos organismo extraterrestre consequente ao retorno de Scoop sete

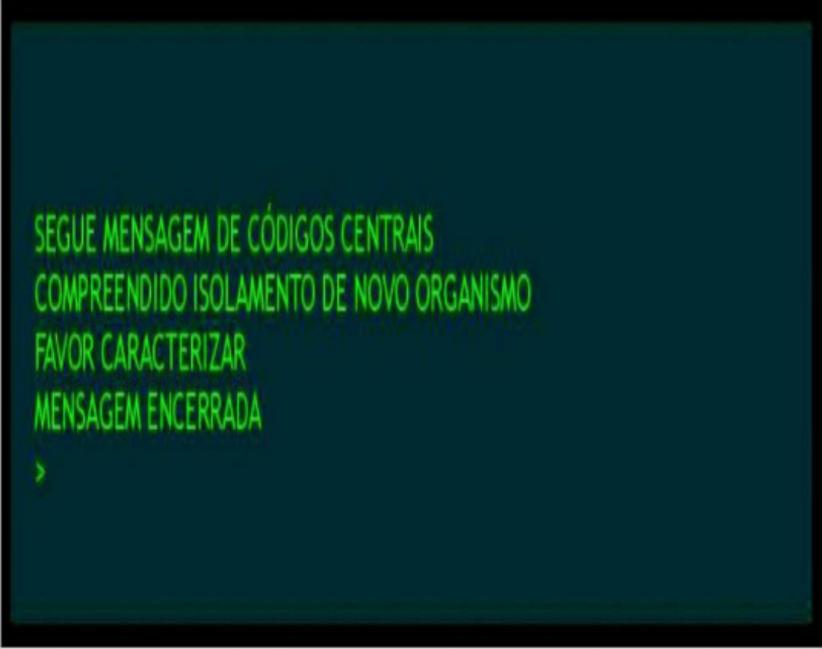
desejamos codificação para organismo

mensagem encerrada

TRANSMITIDA

>

Seguiu-se uma longa pausa. O teletipo chiava e retinia, mas não datilografava nada. Decorrido algum tempo, a máquina passou a fornecer uma mensagem num longo rolo de papel.



SEGUIE MENSAGEM DE CÓDIGOS CENTRAIS
COMPREENDIDO ISOLAMENTO DE NOVO ORGANISMO
FAVOR CARACTERIZAR
MENSAGEM ENCERRADA
>

Stone franziu o sobrolho.

- Mas nós ainda não sabemos o suficiente.

O teletipo, entretanto, mostrava-se impaciente:

TRANSMITA RESPOSTA PARA CÓDIGOS CENTRAIS



Decorrido um momento de reflexão, Stone respondeu:

segue mensagem para códigos centrais

não podemos caracterizar no momento porém sugerimos classificação provisória como espécie bacteriana mensagem encerrada

SEGUE MENSAGEM DOS CÓDIGOS CENTRAIS

COMPREENDIDA SOLICITAÇÃO PARA CLASSIFICAÇÃO BACTERIANA

ABRINDO UMA NOVA CLASSIFICAÇÃO DE CATEGORIA DE ACORDO

COM REFERÊNCIA STANDARD ICDA

CÓDIGO PARA SEU ORGANISMO SERÁ ANDRÔMEDA

CÓDIGO REZARÁ ESPÉCIE ANDRÔMEDA

ARQUIVADO AS RELAÇÕES ICDA COMO 053.9 (ORGANISMO INESPECÍFICO)

ARQUIVAMENTO ADICIONAL COMO E866 (ACIDENTE AÉREO)

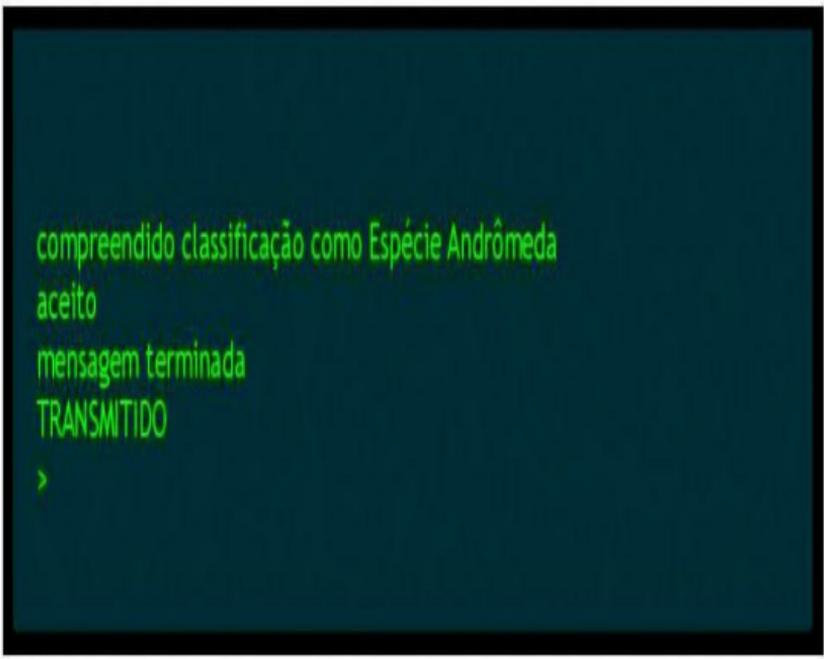
ESSE ARQUIVAMENTO REPRESENTA ENQUADRAMENTO MAIS PRÓXIMO

NAS CATEGORIAS ESTABELECIDAS

>

- Aparentemente não nos enquadrámos nas categorias estabelecidas.

Em seguida respondeu:



compreendido classificação como Espécie Andrômeda
aceito
mensagem terminada
TRANSMITIDO
>

- Bem - disse Stone. - Aí está.

Enquanto isso, Burton estivera olhando para o papel que estava amontoado por trás da máquina de teletipo. A teleimpressora escrevia suas mensagens num longo rolo de papel, o qual ia cair numa caixa. Amontoavam-se ali dezenas de metros de papel para o qual ninguém havia olhado.

Silenciosamente, leu uma das mensagens, separando-a então das demais e entregando-a a Stone.

1134/443/KK/Y-U/9

ESTADO DE INFORMAÇÃO

TRANSMITIR PARA TODAS ESTAÇÕES

CLASSIFICAÇÃO ALTAMENTE SECRETA

SOLICITAÇÃO PARA ESQUEMA 7-12 RECEBIDA HOJE POR

EXEC E NSC-COBRA

ORIGEM VANDEBERG WILDFIRE

CORROBORAÇÃO NASA/AMC

AUTORIDADE RESPONSÁVEL MANCHEK, ARTHUR,

MAJOR EUA

EM SESSÃO FECHADA ESSE ESQUEMA NÃO FOI POSTO EM PRÁTICA

DECISÃO FINAL ADIADA VINTE E QUATRO

A QUARENTA E OITO HORAS

RECONSIDERAÇÃO NESSA OCASIÃO

ALTERNATIVA ENVIO DE TROPAS DE ACORDO COM

ESQUEMA 7-11 AGORA EM CURSO

NENHUMA NOTIFICAÇÃO

MENSAGEM TERMINADA,

TRANSMITIR PARA TODAS ESTAÇÕES

CLASSIFICAÇÃO ALTAMENTE SECRETA

TRANSMISSÃO TERMINADA

>

A equipe olhou para aquela mensagem com descrença. Ninguém falou por algum tempo. Finalmente Stone correu os dedos pelo canto superior da folha, dizendo em voz baixa:

- Isto aqui foi um 443. O que significa que se tratava de uma transmissão MCN. A campanha deveria ter tocado aqui embaixo.
- Não há campanha nesta teleimpressora - informou Leavitt - Somente no Nível I, setor cinco. Mas eles estão encarregados de nos prevenir toda a vez que...
- Chame o setor cinco pelo interfone - interrompeu Stone.

Dez minutos depois, o apavorado Capitão Morris ligava Stone com Robertson, chefe do Comitê Consultivo Científico da Presidência. Robertson encontrava-se em Houston.

Stone conversou longamente com Robertson. Este demonstrou surpresa inicial por não ter tido notícias anteriores de Wildfire. Seguiu-se uma discussão acalorada referente à decisão do presidente em não ordenar um Esquema 7-12.

- O presidente não acredita em cientistas - disse Robertson. - Ele não se sente à vontade com eles.
- Pois a sua tarefa é fazê-lo sentir-se à vontade - protestou Stone. - E não é isso o que tem feito.
- Escute Jeremy...
- Existem apenas duas fontes de contaminação. Piedmont e este laboratório. Aqui nós estamos convenientemente protegidos, mas Piedmont...
- Jeremy, eu concordo com você que a bomba deveria ter sido lançada.
- Então insistia com ele, fique em cima dele. Faça com que ordene o Esquema 7-12 o mais rápido possível. Talvez agora já seja demasiado tarde.

Robertson declarou que o faria e que voltaria a chamar. Antes de desligar, disse ainda: .

- A propósito, vocês têm alguma ideia a respeito do Phantom?
- Do quê?
- Do Phantom que caiu no Utah.

Houve um instante de confusão até que a equipe de Wildfire compreendesse que tinham deixado de tomar conhecimento de mais alguma mensagem importante retransmitida pelo teletipo.

- Missão de treinamento rotineira. Entretanto o jato passou sobre a área isolada. É um mistério.

- Mais alguma informação a respeito?
- O piloto falou alguma coisa a respeito do seu duto de ar estar se desintegrando. Seria vibração ou algo parecido. A sua última comunicação foi muito estranha.
- Dava impressão de estar louco? - indagou Stone.
- Eu diria que sim.
- E há uma equipe agora no local do desastre?
- Há, sim. Estamos aguardando informações. Devem chegar a qualquer instante.
- Forneçam-nos essas informações - disse Stone e então parou. - Escute, se foi ordenado um esquema 7-11 em vez de 7-12, isso quer dizer que vocês estão com tropas na região dos arredores de Piedmont.
- Isso mesmo, a Guarda Nacional.
- Mas isso é uma imbecilidade.
- Escute, Jeremy, eu concordo...
- Quando o primeiro morrer, quero saber quando e como. E principalmente onde. O vento nessa região é predominante de leste. Se começarem a perder homens a oeste de Piedmont...
- Eu o chamarei, Jeremy - disse Robertson.

A conversa terminou aí, e a equipe abandonou a sala. Hall deixou-se ficar ainda por um instante, revendo alguns dos rolos da caixa e examinando as mensagens. A maior parte tratava de assuntos totalmente ininteligíveis para ele, um estranho amontoado de mensagens e códigos incompreensíveis. Acabou desistindo. E o fez antes de deparar com as notícias referentes à estranha morte do Capitão Martin Willis, membro da patrulha rodoviária do Arizona.

dia 4 / DISSEMINAÇÃO



A ANÁLISE

Com o tempo agora urgindo, os resultados da espectrometria e da análise dos aminoácidos, inicialmente de interesse secundário, transformaram-se em assuntos da maior importância. Esperava-se que tais análises revelassem, de forma aproximada, o grau de diferença que separava a Espécie Andrômeda das formas vivas terrestres. Foi, portanto, com grande interesse que Leavitt e Burton olharam para o resultado fornecido pelo computador, uma coluna de números escritos sobre papel verde.

RESULTADO GRÁFICO DA ESPECTROMETRIA DE MASSA

RESULTADO PERCENTUAL AMOSTRA 1 -
OBJETO NEGRO DE ORIGEM
NÃO IDENTIFICADA.

H	HE
21.07	0

LI	BE	B	C	N	O	F
0	0	0	54.90	0	18.00	0

NA	MG	AL	SI	P	S	CL
0	0	0	00.20	-	01.01	0

K	CA	SC	TI	V	CR	MN	FE	CO	NI
0	0	0	-	-	-	-	-	-	-

CU	ZN	GA	GE	AS	SE	BR
-	-	0	0	0	00.34	0

TODOS OS METAIS MAIS PESADOS DEMONSTRAM CONTEÚDO ZERO

AMOSTRA 2 - OBJETO VERDE DE ORIGEM NÃO IDENTIFICADA

H	HE
27.00	0

LI	BE	B	C	N	O	F
0	0	0	45.00	05.00	23.00	0

TODOS OS METAIS MAIS PESADOS DEMONSTRAM CONTEÚDO ZERO

FIM DO RESULTADO

FIM DO PROGRAMA

- TERMINADO -

O significado disso tudo era bastante simples. A rocha preta continha hidrogênio, carbono e oxigênio, com quantidades significativas de enxofre, silício e selênio, além de traços de diversos outros elementos. .

A porção verde, por outro lado, continha hidrogênio, carbono, nitrogênio e oxigênio.

E absolutamente mais nada. Os dois homens acharam muito estranho que a rocha e a porção verde pudessem apresentar tamanha similitude em sua conformação química. E era estranho também que o ponto verde contivesse nitrogênio, enquanto que a rocha não o continha de todo.

A conclusão era óbvia: a "rocha preta" não era de todo uma rocha e sim alguma espécie de material similar à vida orgânica terrestre. Era algo aparentado com o plástico.

E a porção verde, presumivelmente viva, seria composta de elementos em proporção aproximada ao encontrado na vida terrestre. Na Terra, esses mesmos elementos - hidrogênio, carbono, nitrogênio e oxigênio - representavam 99 por cento de todos os elementos encontrados nos organismos vivos.

Os integrantes da Equipe Wildfire sentiram-se encorajados por esses resultados, pois que os mesmos indicavam similitude entre a porção verde e as formas de vida terrestre. Suas esperanças, contudo, tiveram vida curta, sendo desfeitas diante do resultado da análise dos aminoácidos.

RESULTADOS GRÁFICOS DA ANÁLISE DOS AMINOÁCIDOS

AMOSTRA 1 - OBJETO NEGRO ORIGEM NÃO IDENTIFICADA

AMOSTRA 2 - OBJETO VERDE ORIGEM NÃO IDENTIFICADA

AMINIÁCIOS NEUTROS	AMOSTRA 1	AMOSTRA 2
GLICINA	00.00	00.00
ALANINA	00.00	00.00
VALINA	00.00	00.00
ISOLEUCINA	00.00	00.00
SERINA	00.00	00.00
TREONINA	00.00	00.00
LEUCINA	00.00	00.00
AMINOÁCIDOS AROMÁTICOS		
FINILANINA	00.00	00.00
TIROSINA	00.00	00.00
TRIPTOFANO	00.00	00.00
AMINOÁCIDOS SULFÚRICOS		
CISTINA	00.00	00.00
CISTEÍNA	00.00	00.00
METIONINA	00.00	00.00
AMINOÁCIDOS SECUNDÁRIOS		
PROLINA	00.00	00.00
HIDROXIPROLINA	00.00	00.00
AMINOÁCIDOS DICARBOXÍLICOS		
ÁCIDO ASPÁRTICO	00.00	00.00
ÁCIDO GLUTÂMICO	00.00	00.00
AMINOÁCIDOS BÁSICOS		
HISTIDINA	00.00	00.00
ARGININA	00.00	00.00
HIDROXILINA	00.00	00.00
CONTEÚDO TOTAL DOS AMINOÁCIDOS	00.00	00.00

FIM DO RESULTADO
FIM DO PROGRAMA

- TERMINADO -

- Meu Deus! - exclamou Leavitt, olhando para a folha impressa. - Olhe só para isto!

- Nenhum aminoácido - disse Burton. - Não há proteínas.

- Vida sem proteínas. - Leavitt sacudiu a cabeça. Parecia-lhe que os seus mais negros temores se concretizavam.

Na Terra, os organismos haviam evoluído, aprendendo a realizar reações bioquímicas. Os bioquímicos agora estavam aprendendo a duplicar tais reações através do isolamento de uma reação das demais.

As células vivas eram diferentes. No caso delas, numa área reduzida, efetuavam-se reações que forneciam energia, crescimento e movimento. Não havia separação, e o homem não conseguiria sua duplicação do mesmo modo como não poderia preparar um jantar inteiro, da entrada à sobremesa, misturando simplesmente todos os ingredientes e cozinhando-os juntos na esperança de poder mais tarde separar a torta de maçã da pasta de queijo.

As células eram capazes de manter em ordem as centenas de reações separadas através do uso das enzimas. Cada enzima representava como que um único empregado numa cozinha preparando uma só coisa. Desta forma, um pasteleiro não poderia fazer bifês, como também um encarregado das carnes não poderia utilizar o seu equipamento no preparo de aperitivos.

Mas as enzimas tinham outras utilidades. Possibilitavam todas as reações químicas que de outra forma não se realizariam. Um bioquímico poderia duplicar as reações com a utilização de temperatura elevada, pressão alta ou ácidos fortes. Mas o corpo humano, ou a célula individual, não poderia tolerar esses extremos em seu meio ambiente.

Assim, as enzimas, "os casamenteiros da vida", possibilitavam a realização das reações químicas na temperatura do corpo e à pressão atmosférica.

As enzimas eram essenciais para a vida na Terra. Mas se outra forma de vida tivesse aprendido a sobreviver sem elas, então teria que ser fruto de uma evolução totalmente diversa.

E assim estavam eles diante de um organismo totalmente alienígena.

E isso, por sua vez, significava que sua análise e neutralização levaria muito, muito mais tempo.

Na sala de Morfologia, Jeremy Stone retirou a pequena cápsula plástica em que o floco verde fora aprisionado. Colocou a cápsula, agora solidificada, num torno, prendendo-a firmemente. Em seguida, começou a trabalhá-la com uma broca dentária, raspando o plástico até expor o material verde.

Tratava-se de um processo delicado, exigindo muitos minutos de concentração. Por fim, tinha cortado o plástico, de forma a obter uma pirâmide com a porção verde situada em seu vértice.

Desaparafusou o torno e retirou o plástico. Levou-o ao micrótomo, ou seja, uma faca com uma lâmina giratória capaz de cortar fatias muito finas, Cortou fatias de plástico junto com a porção verde. Tais fatias eram redondas e caíam do bloco sobre um prato com água. A espessura da fatia era avaliada através do exame da luz refletida- se a luz se apresentasse de um prateado fraco, a fatia estaria excessivamente grossa; se, por outro lado, apresentasse as cores do arco-íris, então a espessura estaria certa, ou seja, apenas algumas moléculas de profundidade.

E era essa a espessura desejada para que uma fatia de tecido fosse examinada ao microscópio eletrônico.

Uma vez obtido o pedaço de tecido nas condições desejadas, Stone levantou-o cuidadosamente com o fórceps, colocando-o sobre uma tela de cobre pequena e redonda.

Esta, por sua vez, foi inserida numa espécie de botão metálico. Finalmente, esse botão foi colocado no microscópio eletrônico, o qual foi fechado hermeticamente.

O microscópio eletrônico utilizado em Wildfire era um BJV, modelo JJ42. Tratava-se de um aparelho de grande intensidade, com um acessório para resolução de imagem.

Em princípio, o microscópio eletrônico é bastante simples: funciona exatamente como um microscópio convencional, porém em lugar de focalizar raios luminosos, ele focaliza um feixe eletrônico. A luz é focalizada através de lentes de vidro curvo; os elétrons são focalizados por intermédio de campos magnéticos.

Em diversos sentidos, o microscópio eletrônico não difere muito da televisão e, na realidade, a imagem é exibida numa tela de televisão, uma superfície revestida, que brilha ao ser atingida pelos elétrons. A grande vantagem do microscópio eletrônico reside no fato de ser ele capaz de aumentos bem maiores do que os obtidos por intermédio de um microscópio óptico. A razão para tal relaciona-se com a mecânica do quantum e a teoria da forma de ondas irradiadas. A melhor e a mais simples explicação fora dada pelo microscopista eletrônico Sidney Polton, também um entusiasta das corridas de automóveis.

- Imaginem - dissera ele - uma estrada com uma curva fechada. Imaginem agora dois automóveis, um carro esporte e um veículo pesado. Quando o

caminhão tenta fazer a curva, ele desliza para fora da estrada, enquanto o carro esporte é capaz de fazê-lo com grande facilidade. Por quê? O carro esporte é mais leve, menor e mais veloz; é mais apropriado para curvas fechadas. Em curvas largas e suaves, os dois veículos se comportarão igualmente bem, mas diante de curvas fechadas, o carro esporte sair-se-á bem melhor. Da mesma forma, um microscópio eletrônico "gruda nas curvas" melhor do que o óptico. Todos os objetos possuem cantos e arestas. O comprimento de onda do elétron é menor do que o quantum de luz. Contorna os cantos melhor, acompanha melhor a estrada e adere com maior precisão. No caso do microscópio, com maior precisão. No caso do microscópio óptico, como no do caminhão, só se pode seguir por uma estrada larga. Em termos de microscópio, isso será apenas um objeto grande, com arestas amplas e curvas suaves; células e núcleos.

Mas um microscópio eletrônico é capaz de seguir todas as estradas secundárias, os atalhos, contornando estruturas muito reduzidas da célula: mitocôndria, ribossomas, membranas e retícula.

Na prática, havia inúmeras limitações para o microscópio eletrônico, as quais contrabalançavam sua grande potência de aumento. Por exemplo, utilizando elétrons em vez de luz, o seu interior tinha que ser de vácuo. Isso resultava na impossibilidade de exame de criaturas vivas com o seu auxílio.

Mas a limitação mais séria relacionava-se com as seções da amostra para exame.

Essas seções tinham que ser tão finas, que tornavam difícil o estabelecimento de um bom conceito tridimensional do objeto estudado.

Também aí, Polton expunha uma analogia simples:

- Digamos que você corte um automóvel ao meio. Nesse caso, seria fácil adivinhar toda a sua estrutura. Entretanto, se cortar uma fatia fina do mesmo automóvel, e se o fizer num ângulo estranho, essa dedução poderia ser difícil. Tal fatia poderia conter apenas um pedaço do para-choque, um pneu e a janela. Dessa forma, seria difícil deduzir a forma e a função de toda a estrutura.

Stone conhecia todas as limitações ao colocar o botão metálico no microscópio eletrônico, fechando-o hermeticamente e pondo em funcionamento a bomba de vácuo. Sabia das desvantagens e as ignorava por não ter outra escolha. Apesar de limitado, o microscópio eletrônico era o único dispositivo de alta potência com que poderia contar.

Desligou as luzes da sala e ligou o feixe. Ajustou os diversos mostradores, a fim de focalizá-lo. Logo a imagem estava em foco, aparecendo em verde e preto sobre a tela.

Era incrível.

Jeremy Stone estava diante de uma simples unidade do organismo. Tratava-se de um hexágono perfeito, de seis lados iguais interligado com outros hexágonos de cada um dos lados. A parte interna do hexágono era dividida em cunhas, encontrando-se no centro exato da estrutura.: A aparência geral era de exatidão, uma espécie de precisão matemática que ele não associava com qualquer forma de vida da Terra.

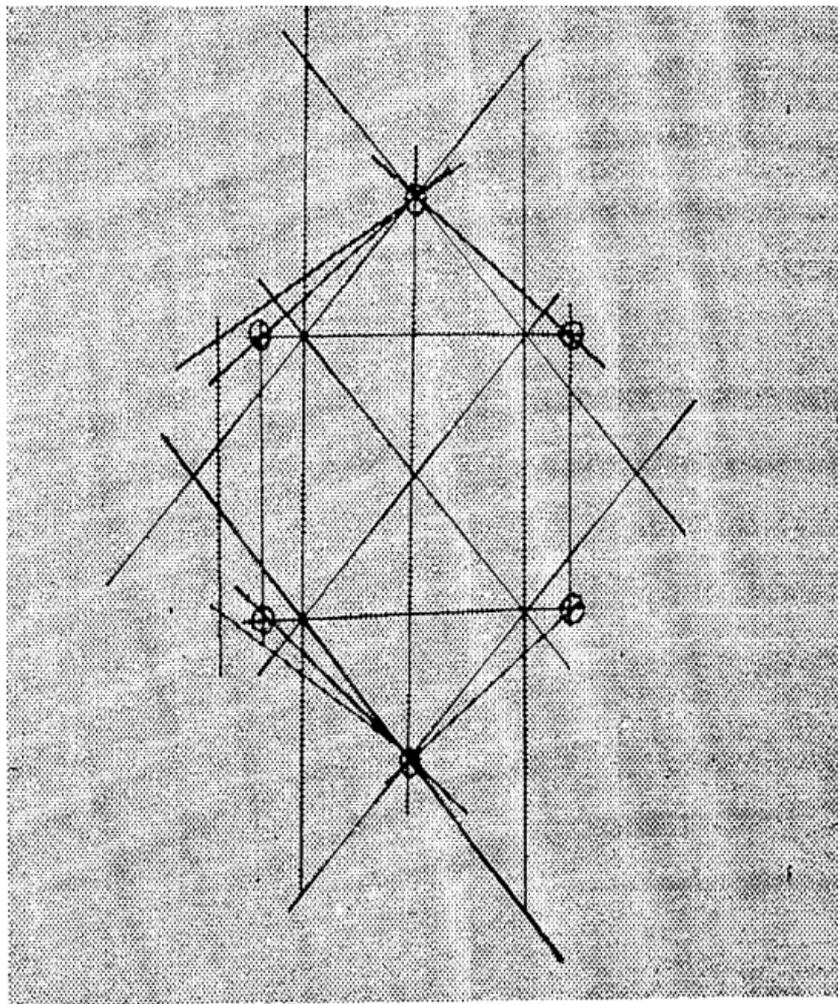
Parecia mais um cristal.

Stone sorriu. Leavitt gostaria daquilo. Leavitt apreciava coisas espetaculares, imaginosas. Leavitt também aventara frequentemente a possibilidade de a vida ser baseada em cristais de alguma espécie que poderiam ser organizados de acordo com algum padrão regular.

Decidiu chamar Leavitt.

- Bem, aí está a nossa resposta - disse Leavitt assim que chegou.

- Resposta a quê?



Esboço original da forma hexagonal de
Andrômeda, feito por Jeremy Stone.

Foto gentilmente cedida pelo Projeto
Wildfire.

- Às nossas perguntas quanto ao funcionamento deste organismo - respondeu Leavitt.

- Eu vi os resultados da espectrometria e da análise dos aminoácidos,

- E então?

- O organismo é composto de hidrogênio, carbono, oxigênio e nitrogênio. Mas não contém aminoácido de espécie alguma. Nenhum. O que significa que não contém qualquer proteína sob a forma conhecida e também nenhuma enzima. Eu estava imaginando como seria capaz de sobreviver sem organização de base proteica Agora já sei.

- A estrutura cristalina.

- Pelo menos é o que parece - disse Leavitt, olhando para a tela. - Em três dimensões será provavelmente uma placa hexagonal, como um ladrilho. Com oito faces, cada uma sendo um hexágono. E no seu interior, esses compartimentos cuneiformes voltados para o centro.

- E que serviriam perfeitamente para a separação de funções bioquímicas.

- Exatamente - concordou Leavitt pensativo.

- Alguma coisa?

Leavitt pensava, tentando lembrar alguma coisa esquecida. Um sonho, algo referente a uma casa e uma cidade. Depois de um momento, começou a relembrar tudo. uma casa e uma cidade. A maneira pela qual a casa funcionava sozinha e como era o seu funcionamento dentro de uma cidade.

Agora lembrava-se de tudo.

- Sabe - disse ele. - É interessante como esta unidade está entrosada com as demais que a rodeiam.

- Está imaginando que poderíamos estar nos defrontando com uma parte de um organismo superior?

- Exatamente. Será essa uma unidade auto-suficiente, como uma bactéria, ou se tratará de simples porção de um órgão ou organismo maior? Afinal de contas, se você olhasse uma única célula do fígado, seria capaz de imaginar a espécie de órgão ao qual ela pertenceria? Não. E de que adiantaria uma só célula do cérebro, sem o resto do cérebro?

Stone fitou detidamente a tela.

- Um par de analogias um tanto incomuns, pois o fígado é capaz de regeneração, voltando a crescer, enquanto o cérebro não.

Leavitt sorriu.

- A Teoria do Mensageiro.

- Dá o que pensar.

A Teoria do Mensageiro era de autoria de John R. Samuels, engenheiro de comunicações.

Falando diante da V Conferência de Astronáutica e Comunicações, fizera a revisão de algumas teorias, quanto à forma pela qual uma cultura alienígena poderia resolver estabelecer contato com outras culturas. Alegara que os mais avançados conceitos no terreno das comunicações dentro da tecnologia terrestre eram inadequados e que culturas adiantadas encontrariam métodos melhores.

- Digamos que uma cultura deseje fazer um levantamento do universo - dissera ele. - Digamos que deseje realizar uma espécie de "festa de apresentação" em escala galáctica visando a anunciar oficialmente a sua existência. Que deseje provocar verdadeira chuva de informações e pistas quanto à sua existência e em todas as direções. Qual seria a melhor maneira de fazê-lo? Rádio? Dificilmente. O rádio é excessivamente lento, dispendioso e de alcance limitado. Os mais fortes sinais enfraquecem em poucos bilhões de quilômetros. A televisão é pior ainda. A geração de raios luminosos é fantásticamente cara. Mesmo conseguindo detonar estrelas inteiras, explodir um sol como uma espécie de sinal, ainda assim seria custoso.

- Além da despesa, todos esses métodos estão sujeitos às tradicionais limitações impostas a qualquer radiação, ou seja, o decréscimo da força em consequência do aumento da distância. Uma lâmpada pode ser insuportavelmente luminosa a três metros de distância, pode ser poderosa a trezentos metros; pode ser visível a quinze quilômetros. Mas a um milhão de quilômetros, torna-se totalmente invisível, pois a energia radiante é proporcional à distância. Trata-se de inegável lei da física.

- De modo que não se recorre à física para levar o sinal. Usa-se a biologia. Cria-se um sistema de comunicações que não diminua com a distância, permanecendo igualmente potente a milhões de quilômetros de distância como o era no ponto de origem. Em resumo, procura-se um organismo para ser o portador da mensagem. O organismo teria que ser capaz de se reproduzir sozinho, de ser barato, podendo ser produzido em quantidades fantásticas. Por alguns dólares apenas, poder-se-ia enviá-los ao espaço em todas as direções. Seriam micróbios fortes, resistentes, capazes de sobreviver aos rigores do espaço, crescendo, duplicando-se, dividindo-se. Decorridos alguns anos, haveria um número incontável desses espécimes na galáxia, deslocando-se em todas as direções, aguardando o momento de entrar em contato com vida.

- E quando o fizessem? Cada um desses organismos contaria com o potencial necessário para desenvolver-se, transformando-se em órgão ou organismo

completo. Começariam, ao entrar em contato com a vida, a crescer, transformando-se num completo mecanismo de comunicação. Seria como lançar um bilhão de células cerebrais, cada uma delas capaz de gerar um cérebro completo ao encontrar as necessárias condições. O novo cérebro então se dirigiria à nova cultura, informando-a da presença de outra e anunciando as maneiras pelas quais o contato poderia ser estabelecido.

A teoria de Samuels, na época considerada hilariante pelos cientistas práticos, não poderia agora ser menosprezada.

- Você acredita que isso aí já se esteja transformando numa espécie de órgão de comunicação? - perguntou Stone.

- Talvez as culturas nos digam mais coisas - respondeu Leavitt.

- Ou então a cristalografia ao raio X. Vou providenciá-la agora.

O Nível V dispunha de aparelhamento para a cristalografia ao raio X, apesar de ter havido muita discussão acalorada durante o planejamento de Wildfire, quanto à necessidade ou não desse equipamento.

Esse tipo de cristalografia representava o método mais avançado, complexo e dispendioso para análise estrutural dentro da biologia moderna. Era comparável a um pequeno microscópio eletrônico, representando, porém, uma etapa adiante. Era mais sensível, capaz de investigações mais profundas, tudo isso, porém, às custas de tempo, equipamento e pessoal.

O biologista R. A. Janek dissera que "o aumento da capacidade de visão é crescentemente dispendiosa", querendo dizer com isso que qualquer máquina que possibilitasse ao homem divisar detalhes menores e mais delicados; aumentava em custo mais rapidamente do que em capacidade de solução apresentada. Esta verdade já fora dolorosamente comprovada pelos astrônomos, que haviam verificado que a construção de um espelho de telescópio de 250 polegadas era muito mais difícil e dispendiosa do que a construção de um espelho de cem polegadas.

O mesmo se aplicava à biologia. Um microscópio óptico, por exemplo, era um aparelho pequeno, podendo ser facilmente transportado por um técnico com uma só mão. Tal aparelho era capaz de delinear uma célula e, por essa capacidade, o cientista pagava aproximadamente mil dólares.

Já o microscópio eletrônico, capaz de examinar pequenas estruturas do interior da célula, era um equipamento enorme e pesado, chegando a custar até cem mil dólares.

No caso da cristalografia ao raio X, essa era capaz de delinear moléculas

individuais.

Mantidas as limitações da ciência, seria capaz até de fotografar átomos. Entretanto, esse equipamento era do tamanho de um automóvel grande, ocupava toda uma sala, necessitava de operadores especialmente treinados e precisava de um computador para a interpretação dos resultados.

E isso porque a cristalografia desse tipo não produzia uma imagem visual direta do objeto estudado. esse sentido, não se assemelhava a qualquer tipo de microscópio.

Produzia uma difração em vez de imagem, a qual se apresentava sob a forma de um desenho constituído por pontos geométricos sobre uma chapa fotográfica, tendo aspecto bastante misterioso. Com o auxílio de um computador, esse conjunto era então analisado, fornecendo informações referentes à estrutura estudada.

Tratava-se de ciência relativamente recente, apesar de conservar um nome antiquado.

Os cristais não eram mais utilizados e a denominação datava da época em que os mesmos eram empregados como corpos de prova. Os cristais possuíam estruturas regulares e assim o desenho formado por pontos resultantes de um feixe de raios X aplicado a um cristal era mais fácil de analisar. Mais recentemente, porém, os raios X passaram a ser projetados sobre objetos de naturezas diversas. Os raios eram lançados de ângulos diferentes. O computador era capaz de "ler" a chapa fotográfica, medindo os ângulos e determinando a forma do objeto que causara tal reflexão.

O computador de Wildfire efetuava os cálculos intermináveis e tediosos. Isso tudo, caso fosse feito por mãos humanas, levaria anos, talvez até mesmo séculos. O computador, porém, era capaz de fazê-lo em questão de segundos.

- Como se sente, Sr. Jackson? - perguntou Hall.

O velho piscou e olhou para Hall dentro do seu traje plástico.

- Bem. Não posso dizer que esteja ótimo, mas estou bastante bem.

Dizendo isso deu um sorriso.

- Está disposto a conversar um pouquinho?

- Sobre o quê?

- Sobre Piedmont.

- Que quer saber?

- A respeito daquela noite. Da noite em que tudo aconteceu,

- Bem, vou lhe contar. Eu vivi toda a minha vida em Piedmont. Viajei um pouco, estive do lado mexicano e em São Francisco. Cheguei mesmo a ir para o leste, até St. Louis, o que para mim era bastante longe. Mas Piedmont era o lugar onde eu vivia. E tenho que lhe dizer...

- A noite em que tudo aconteceu... - repetiu Hall.

O velho desviou o rosto.

- Não quero pensar nisso.

- Mas o senhor tem que pensar.

- Não.

Jackson continuava a olhar para o outro lado. Decorrido algum tempo, voltou a encarar Hall.

- Eles morreram todos, não foi?

- Todos não. Houve mais um sobrevivente.

Dizendo isso, Hall apontou para o berço ao lado de Jackson.

O velho olhou para o monte de cobertas.

- Quem é?

- Um bebê.

- Bebê? Deve ser o filho dos Ritter. Jamie Ritter. Muito novo, não é?

- Uns dois meses.

- É ele. Um berrador e tanto. Bem como o pai. O velho Ritter adora botar a boca no trombone e o seu filho saiu igual. Berrava de manhã, de tarde, de noite. A família já não podia abrir as janelas por causa dos seus berros.

- Sabe de mais alguma coisa fora do comum a respeito de Jamie?

- Neca. É saudável que nem um touro, é que chora à beça. Lembro-me que naquela noite estava berrando feito um desatinado.

- Que noite?

- Na noite em que Charley Thomas trouxe aquela coisa maldita. É claro que fomos todos ver. O negócio veio descendo como se fosse uma dessas estrelas cadentes, muito brilhante, indo cair um pouco ao norte. Todos estavam agitados, e Charley Thomas foi lá buscar a coisa. Voltou depois de uns vinte minutos, trazendo o troço na parte de trás da sua camioneta Ford. Uma camioneta nova em folha. Ele está todo prosa por causa dela.

- E então o que foi que aconteceu?

- Bem. Nós nos reunimos todos ao redor, olhando. Imaginávamos que fosse uma dessas coisas do espaço. Annie disse que deveria ser de Marte, mas sabe como é

Annie. Deixa-se levar pela imaginação. Os outros não achavam que fosse de Marte, todos pensavam que era um desses troços lançados de Cabo Canaveral. Sabe, aquele lugar lá na Flórida de onde dispararam os foguetes?

- Sei. Continue.

- Pois é, depois de pensar muito no assunto, continuávamos sem saber o que fazer. Sabe como é, nunca tinha acontecido nada igual lá em Piedmont. Quero dizer, uma vez tivemos aquele forasteiro armado que desandou a dar tiros no motel Comanche Chief, mas isso foi ainda em 48, e ele era apenas um soldado que tinha bebido demais e havia circunstâncias especiais. A garota tinha dado o fora nele, enquanto ele estava na Alemanha, ou um outro lugar maldito como esse. Ninguém lhe fez nada. Todos compreenderam. Mas desde então, nada mais aconteceu. E uma cidade sossegada. Acho que é por isso que gostamos dela.

- E o que foi que fizeram com a cápsula?

- Bem, nós não sabíamos o que fazer com ela. Al disse para abrir, mas achamos que não era direito, pois dentro podia haver algum negócio científico. Pensamos um pouco. Então Charley, que foi o que apanhou a coisa, disse para entregar ao doutor. É o Dr. Benedict. Ele é o médico da cidade. Na verdade, é ele que cuida de todos nos arredores, até mesmo dos Índios. Sabe, todos aqueles diplomas na parede? Pois bem, chegamos à conclusão de que o Dr. Benedict saberia o que fazer. E assim levamos a coisa para ele.

- E então?

- O velho Dr. Benedict, na verdade ele não é tão velho assim, ele olhou a coisa com cuidado, como se fosse um doente, e então disse que poderia ser uma coisa do espaço e que poderia ser nossa, como também poderia ser deles. E ele disse que vai cuidar da coisa e que talvez vai dar uns telefonemas e que depois vai explicar tudo. Sabe, o doutor sempre jogava pôquer nas noites de segunda-feira com Charley, Al e Herb Johnston, lá na casa de Herb e então achamos que ele daria as notícias lá. Além disso, estava chegando a hora do jantar e a maioria de nós estava com fome, de modo de saímos, deixando a coisa com ele.

- Quando foi isso?

- Por volta das sete e meia, mais ou menos.

- E o que foi que o Dr. Benedict fez com o satélite?

- Levou para dentro de casa. Nenhum de nós voltou a vê-lo. Eram mais ou menos oito ou oito e meia, quando a coisa começou. Eu estava no posto de gasolina, batendo papo com Al que estava de plantão na bomba naquela noite. Fazia muito frio, mas eu estava querendo conversar para não pensar na dor. E também pegar um pouco de soda na máquina para fazer descer a aspirina. Sabe, eu também estava com sede. Esse negócio de Sterno dá uma sede danada.

- O senhor andou bebendo Sterno naquele dia?

- Tomei um pouco por volta das seis horas.

- E como se sentia?

- Quando eu estava com Al, eu estava me sentindo bem. Um pouco tonto e com dor no estômago, mas bem, E Al e eu estávamos no escritório, sentados, conversando, quando de repente dá um grito: "Meu Deus, minha cabeça!" Aí ele levantava e corre para fora e cai. Bem ali na rua, sem dizer mais uma palavra. Eu não sabia o que pensar. Imaginei que talvez tivesse tido um ataque do coração, ou um colapso, mas ele era muito novo pra isso, e então fui atrás dele. Só que ele estava morto. E então... todos eles começaram a sair para a rua. Acho que a Sra. Langdon, viúva Langdon, foi a próxima. Depois disso não me lembro, eram tantos. Parecia que estavam sendo despejados para fora de suas casas. E só agarravam o peito e caíam como se tivessem escorregado. Só que não se levantavam mais. E nenhum deles pronunciou mais uma palavra.

- E o que foi que o senhor imaginou?

- Eu nem sabia o que pensar, era tudo tão estranho. Eu estava assustado, não me envergonho de dizer, mas me esforcei para ficar calmo. Naturalmente não conseguia. O meu velho coração estava palpitando e eu resfolegava e ofegava. Estava com medo. Pensei que todos estivessem mortos, mas aí ouvi o bebê chorando e assim soube que nem todos haviam morrido. E foi então que vi o general.

- O general?

- Bem, nós o chamávamos assim. Não era general coisa alguma, apenas esteve na guerra e gostava que se lembrasse disso. Era mais velho do que eu, Bom sujeito, Peter Arnold. Sempre firme, como um rochedo, toda a vida. E lá estava ele junto à entrada, todo vestido em seus trajes militares. Estava escuro, mas havia lua e ele me viu na rua e disse: "É você, Peter?" Sabe, os dois temos o mesmo nome. E eu disse "Sim, sou eu". E ele disse: "Que diabo está acontecendo? Serão os japoneses que estão chegando?" E aí eu penso que é bem esquisito ele fazer uma pergunta dessas. E então ele disse: "Acho que devem ser os japoneses que vêm nos matar a todos." E eu disse: "Escute, Peter, você está biruta?" E aí ele disse que não estava se sentindo bem e entrou. Claro que devia ter ficado louco, pois deu um tiro na cabeça. Mas outros também ficaram loucos. Foi a doença.

- Como é que sabe?

- As pessoas não se queimam ou se afogam quando têm algum juízo, não é? Toda a gente daquela cidade era gente boa e normal até aquela noite. E então parecem ter ficado malucos.

- E o que foi que o senhor fez?

- Pensei cá contigo: Peter, você está sonhando. Você bebeu demais. E assim fui para casa e me meti na cama, achando que me sentiria melhor na manhã seguinte. Só por volta das dez horas, escutei um barulho. Era um carro, de modo que saí para ver o que era. Era um carro especial, sabe, um desses furgões. Dois sujeitos dentro. Eu me aproximo deles, mas, que diabo, também eles caíram mortos. A coisa mais apavorante que já se viu. Mas é engraçado.

- O que é que é engraçado?

- Esse foi o único carro, além daquele outro que passou durante toda a noite. E normalmente passam muitos carros.

- Quer dizer que houve um outro carro?

- Sim, o de Willis, da patrulha rodoviária. Ele passou por lá uns quinze ou trinta segundos antes de tudo começar. Mas não parou. Às vezes, ele não para. Tudo depende se está na hora ou atrasado. Ele faz uma patrulha com horário certo e tem que ser pontual.

Jackson suspirou e deixou a cabeça voltar a cair sobre o travesseiro.

- Agora - acrescentou - se não se importa, vou dormir mais um pouco. Já falei demais e estou exausto.

Fechou os olhos. Hall arrastou-se de volta, pelo interior do túnel, para fora da sala e foi sentar-se no aposento contíguo, olhando através do vidro para Jackson e o bebê dentro do berço a seu lado. Deixou-se ficar ali, apenas olhando, por muito tempo.

TOPEKA

A sala era enorme, do tamanho de um campo de futebol. O mobiliário escasso resumia-se em algumas mesas espalhadas. Os técnicos trocavam informações em altos brados, enquanto distribuíam as peças dos destroços do avião. Suas vozes ecoavam pela sala. A equipe técnica encontrava-se ali para reconstituir o desastre, colocando os pedaços de metal retorcido provenientes do Phantom nas mesmas posições em que tinham sido encontrados espalhados pela areia.

Somente então seria iniciado o exame intensivo.

O Major Manchek estava cansado, com o olhar baço, e permanecia num dos cantos da sala segurando sua xícara de café e olhando para aquilo tudo. A cena se lhe afigurava um tanto surrealista: uma dúzia de homens numa comprida sala caiada de branco, em Topeka, reconstituindo um desastre.

Um dos biofísicos aproximou-se empunhando um saco plástico transparente. Sacudiu o seu conteúdo debaixo do nariz de Manchek

- Isso acabou de chegar do laboratório.

- E o que é isso?

- Duvido que o senhor adivinhe.

Os olhos do homem brilhavam de entusiasmo.

Manchek irritou-se. Não era capaz de adivinhar.

- Q que é? - insistiu.

- E um polímero despolimerizado - declarou o bioquímico, estalando os lábios com satisfação. - Acabado de chegar do laboratório.

- Que espécie de polímero?

Um polímero é uma molécula repetitiva, constituída por centenas de unidades iguais, dispostas como uma pilha de dominós. A maioria dos plásticos, como o náilon, o raíom, a celulose e até mesmo o glicogênio do corpo humano são polímeros.

- Um polímero do plástico utilizado na mangueira de ar do jato Phantom. Da máscara facial do piloto. Nós investigamos esse detalhe.

Manchek franziu o sobrolho. Olhou detidamente para o pó negro dentro do saco.

- Plástico?

- Exatamente. Um polímero despolimerizado. Foi decomposto. E isso não é consequência de vibração. Trata-se de efeito bioquímico, puramente orgânico.

Lentamente, Manchek começava a compreender.

- Está querendo dizer que alguma coisa provocou a desintegração do plástico?

- Sim, é o que se pode dizer. Se bem que seja uma simplificação, é claro, mas...

- E o que seria responsável pela desintegração?

O bioquímico deu de ombros.

- Seria alguma espécie de reação química. Um ácido seria capaz de fazê-lo, ou então o calor intenso, ou ainda...

- Sim?

- Um microrganismo, creio eu. Se houvesse algum capaz de devorar plástico. Se é que compreende o que estou querendo dizer.

- Creio que compreendo o que está querendo dizer. Manchek deixou a sala e dirigiu-se para o teletipo localizado em outra parte do edifício. Escreveu sua mensagem dirigida à equipe Wildfire e entregou-a ao técnico para que providenciasse a transmissão.

Enquanto esperava indagou:

- Já veio alguma resposta?

- Resposta? - perguntou o técnico.

- De Wildfire

Manchek achava inacreditável que ninguém tivesse tomado qualquer atitude depois da notícia do desastre ocorrido com o Phantom. Havia uma ligação tão óbvia...

- Wildfire? - perguntou novamente o técnico, parecendo não entender.

Manchek esfregou os olhos. Estava cansado. Tinha que lembrar-se de ficar com a boca fechada.

- Esqueça - disse ao técnico.

Depois de sua conversa com Peter Jackson, Hall foi ao encontro de Burton, na sala de autópsia, onde estava revendo as lâminas do dia anterior.

- Encontrou alguma coisa? - perguntou Hall.

Burton afastou-se do microscópio e suspirou.

- Não. Nada.

- Pois eu continuo pensando no problema da insanidade. A conversa com Jackson fez com que voltasse a me lembrar do assunto. Naquela noite, houve um grande número de pessoas na cidade que foram acometidas de loucura. Ou pelo menos passaram a agir de forma estranha e sentiram-se inclinados ao suicídio. E muitas dessas pessoas eram velhos.

- E daí?

- Gente velha como Jackson. Gente com inúmeros problemas de saúde. Seus corpos apresentando variadas formas de decomposição, seus pulmões em mau estado, seus corações fora de forma, seus fígados depauperados. Seus vasos sanguíneos esclerosados.

- E isso tudo seria capaz de alterar o curso da moléstia?

- Talvez. Eu continuo meditando a respeito. O que é capaz de enlouquecer rapidamente uma pessoa?.

Burton sacudiu a cabeça.

- E há mais uma coisa. Jackson recorda-se de ter ouvido uma das vítimas dizer, imediatamente antes da morte: "Oh, Deus, minha cabeça."

O olhar de Burton vagava no espaço.

- Imediatamente antes de morrer?

- Isso mesmo.

- Está pensando em hemorragia?

Hall anuiu.

- Acho que faz sentido. Pelo menos vale a pena verificar.

- Se a Espécie Andrômada fosse responsável por hemorragia cerebral, então poderia também produzir aberrações mentais rápidas e incomuns.

- Mas nós já sabemos que o organismo age produzindo coagulação...

- Sei disso. É o que acontece com a maioria das pessoas. Mas não com todas. Algumas sobrevivem e outras enlouquecem.

Burton concordou. Subitamente sentia-se agitado. Admitindo-se que o organismo agisse ocasionando danos nos vasos sanguíneos, esses danos iniciariam a coagulação.

Cada vez que a parede de um vaso fosse rompida, cortada ou queimada, a sequência da coagulação teria início. Primeiramente as plaquetas se amontoariam ao redor da ferida, protegendo-a e visando a prevenir a perda de sangue. Em seguida, haveria acúmulo de glóbulos vermelhos. E então uma rede de fibrina interligaria todos os elementos. Finalmente o coágulo se tomaria duro e firme.

Essa era a sequência normal.

Entretanto, se o dano fosse muito extenso, iniciando-se nos pulmões e então propagando-se...

- Estou imaginando - disse Hall - se esse estranho organismo ataca as paredes dos vasos. Em caso afirmativo, isso iniciaria a coagulação. Mas se em certas pessoas a coagulação fosse evitada, então o organismo poderia corroer os vasos e ocasionar hemorragias.

- E insanidade - acrescentou Hall, enquanto procurava algo por entre as suas lâminas.

Finalmente encontrou três lâminas do cérebro e foi examiná-las.

- Não havia vacilações.

A patologia era surpreendente. Dentro da camada interna dos vasos cerebrais, encontravam-se pequenos depósitos de matéria verde. Burton não tinha qualquer dúvida de que, examinados com maior aumento, esses depósitos revelariam o seu formato hexagonal.

Passou rapidamente a examinar as outras lâminas, referentes aos vasos dos pulmões, do fígado e do baço. Em várias delas, encontrou pontos verdes nas paredes dos vasos, jamais porém com a mesma profusão como a dos encontrados nos vasos cerebrais.

Era obviamente visível a predileção da Espécie Andrômeda pela vascularização cerebral. Era impossível explicar a razão para tal, sendo, porém, notório que os vasos do cérebro possuem algumas características particulares. Por exemplo: submetida a condições em que os demais vasos normais do corpo se dilatam ou contraem - como sob frio excessivo ou em consequência de exercício - a vascularização cerebral não se altera, mantendo o suprimento de sangue ao cérebro em nível constante e regular.

Por ocasião de exercícios, o suprimento de sangue aos músculos pode aumentar de cinco a vinte vezes. O cérebro, porém, continua sempre a receber um fluxo constante, inalterável, quer esteja seu proprietário fazendo um exame ou assistindo a TV, cochilando ou rachando lenha. O cérebro recebe sempre a mesma quantidade de sangue, a cada minuto, hora, dia.

Os cientistas desconhecem a razão para tal ou, mais precisamente, ignoram o mecanismo de sua auto-regulação. Entretanto, o fenômeno é notório e os vasos sanguíneos do cérebro são considerados como um caso especial dentre as artérias e veias do corpo.

E agora havia o exemplo de um organismo que tinha preferência em destruí-los.

Mas quanto mais Burton pensava sobre o assunto, menos peculiar lhe parecia a ação de Andrômeda. Por exemplo, a sífilis é responsável por uma inflamação da aorta, o que, sem dúvida, é uma reação muito específica. A esquistossomose, uma infecção parasitária, tem preferência pelos vasos da vesícula, dos intestinos ou do cólon, dependendo da variedade. Portanto, essa especificidade não era impossível.

- Mas há outro problema - declarou Burton. - Na maioria das pessoas, o organismo inicia a coagulação pelos pulmões. Isso é coisa que sabemos. Provavelmente a destruição dos vasos também começa aí. O que há de diferente...

Deteve-se subitamente.

Lembrou-se dos ratos que tinha anti-coagulado Os que acabaram morrendo, mas que não haviam sido autopsiados.

- Deus do céu... - murmurou.

Retirou um dos ratos do congelador e fez a incisão, abrindo-o. O animal sangrou. Abriu rapidamente o cérebro, encontrando uma vasta hemorragia sobre sua superfície cinzenta.

- Aí está - disse Hall.

- Se o animal é normal, morre por coagulação iniciada nos pulmões. Entretanto, se a coagulação é evitada, então o organismo corrói os vasos do cérebro, ocasionando hemorragia.

- E loucura.

- Isso mesmo. - Burton estava novamente muito agitado. - E a coagulação poderia ser evitada por alguma perturbação sanguínea. Ou insuficiência de vitamina K. Síndrome de má absorção. Disfunção hepática. Síntese proteica prejudicada. E muitas outras coisas mais.

- Coisas cuja incidência é mais provável em pessoas idosas.

- Jackson sofre de alguma dessas coisas?

Hall custou a responder. Finalmente, depois de uma longa pausa, disse:

- Não. Ele tem um problema hepático, mas nada significativo.

Burton suspirou.

- Com isso, voltamos ao ponto de partida.

- Nem tanto, uma vez que tanto Jackson como o bebê sobreviveram. Ao que nos consta, não sofreram qualquer hemorragia e sobreviveram incólumes. Completamente invulneráveis.

- E isso quer dizer o quê?

- Quer dizer que de alguma forma escaparam ao processo inicial, ou seja à invasão do organismo e sua penetração nas paredes dos vasos do corpo. Neles, o organismo não alcançou os pulmões ou o cérebro. Não chegou a lugar nenhum.

- Mas por quê?

- Isso é coisa que vamos saber depois que descobirmos qual é a semelhança existente entre um velho de 69 anos, bebedor de Serno e portador de uma úlcera gástrica, e um bebê de dois meses.

- Eles parecem justamente opostos.

- Parecem mesmo.

Diversas horas se escoariam antes que Hall compreendesse que Burton na realidade lhe fornecera a solução para aquele quebra-cabeças - contudo uma solução inútil.

AVALIAÇÃO

Sir Winston Churchill disse certa vez que "o verdadeiro gênio consiste na capacidade de avaliação das informações duvidosas, arriscadas e conflitantes". O que caracteriza a Equipe Wildfire, porém, é que, apesar do brilho individual dos seus membros, a equipe como um todo frequentemente interpretou de forma totalmente errônea as informações a seu dispor.

Isto leva a recordar o comentário amargo de Montaigne: "Indivíduos sob tensão tomam-se tolos e se tapeiam." É certo que a Equipe Wildfire se encontrava sob tensão grave, mas também estava preparada para cometer enganos. Inclusive sua ocorrência fora prevista.

O que não tinha sido previsto era a sua extensão, a surpreendente dimensão do seu erro. Não poderiam prever que o seu erro básico fosse, em última instância, composto de uma dúzia de pequenas pistas desprezadas, um punhado de fatos essenciais passados despercebidos.

A equipe tinha uma "ponto cego" que mais tarde seria definido por Stone da seguinte forma:

- Estávamos totalmente voltados para o problema. Tudo o que fazíamos ou pensávamos visava a encontrar uma solução, uma cura para Andrômeda. E obviamente estávamos fixados nos acontecimentos observados em Piedmont. Era nossa impressão que se não descobrissemos uma solução, não haveria qualquer solução possível e que todo o mundo acabaria encontrando o mesmo fim dos habitantes de Piedmont. Não voávamos mais alto em nossas conjeturas.

O erro começou a assumir maiores proporções com referência às culturas.

Stone e Leavitt haviam retirado milhares de culturas da cápsula original, que tinham sido incubadas numa enorme variedade de condições atmosféricas, de temperatura e de pressão. Os resultados somente poderiam ser analisados pelo computador. Utilizando o programa GROWTH / TRANSMATRIX, o computador não fornecia os resultados de todas as possíveis combinações e sim apenas os resultados substancialmente positivos e negativos. Isto era feito após a interpretação de cada placa de Petri e o exame de todas as culturas com auxílio de seu olho fotoelétrico.

Ao examinar os resultados, Stone e Leavitt depararam com diversas tendências surpreendentes. A sua conclusão inicial foi a de que o meio de cultura não influía, desenvolvendo-se o organismo com igual eficiência em açúcar, sangue, chocolate, ágar puro ou simplesmente vidro.

Entretanto, os gases aos quais as placas tinham sido submetidas pareciam fundamentais, o mesmo referindo-se à luz.

A luz ultravioleta estimulava o crescimento em quaisquer condições. Escuridão total e, até certo ponto, a luz infravermelha, inibiam o crescimento.

O oxigênio inibia o crescimento em todas as circunstâncias, mas o dióxido de carbono o estimulava. O nitrogênio não exercia qualquer influência.

Desta forma, o crescimento mais eficiente era obtido em dióxido de carbono a 100 por cento, com iluminação por luz ultravioleta. O crescimento mais pobre ocorria em presença de oxigênio puro e escuridão total.

- Que lhe parece? - perguntou Stone.

- Parece um simples sistema de conversão - respondeu Leavitt.

- Não sei, não.

Forneceu os parâmetros, via teclado, num sistema de cultura fechada. Os sistemas de cultura fechada visam ao estudo do metabolismo bacteriano por intermédio da medida do consumo de gases e substâncias nutritivas e desprendimento de subprodutos.

São completamente fechados e auto-suficientes.

Por exemplo, uma fábrica que funcionasse dentro desse sistema, consumiria dióxido de carbono e desprenderia água e oxigênio.

Mas ao olhar para a Espécie Andrômeda, descobriram algo realmente extraordinário: o organismo não apresentava quaisquer excreções. Se incubado em presença de dióxido de carbono e luz ultravioleta, crescia lentamente até que todo o dióxido de carbono fosse consumido. Então o crescimento seria detido. Não havia qualquer espécie de excreção, fosse gás ou resíduo.

Nada.

- Que eficiência - comentou Stone.

- Era de se esperar.

Tratava-se de organismo perfeitamente adaptado ao seu meio. Consumia tudo, sem desperdiçar nada. Perfeito para a existência estéril do espaço.

Stone deteve-se a pensar nesse aspecto por alguns instantes. E então, subitamente, o pensamento pareceu atingi-lo como um raio. O mesmo aconteceu com Leavitt, quase simultaneamente.

- Deus do céu!

Leavitt já estava a caminho do telefone.

- Chame Robertson. Chame-o imediatamente!

- Incrível- murmurou Stone. - Nenhum resíduo. Não necessita de meio de cultura. Pode crescer em presença de carbono, oxigênio e luz solar. Ponto.

- Espero que não seja ainda demasiado tarde - disse Leavitt, olhando com impaciência para a tela do painel do computador.

Stone anuiu:

- Se esse organismo estiver realmente convertendo matéria em energia e energia em matéria, diretamente, então estará funcionando como se fosse um pequeno reator...

- E nesse caso, uma detonação atômica...

- E incrível! - interrompeu Stone. - Simplesmente incrível!

A tela acendeu-se, e eles puderam ver Robertson, parecendo cansado, fumando.

- Jeremy, escute, você ainda não me deu o tempo suficiente. Não consegui

entrar em contato com...

- Escute - retrucou Stone, interrompendo-o. - Quero que você garanta que o Esquema 7-12 não seja posto em prática. Isto é fundamental: nenhum dispositivo atômico deverá ser detonado nas proximidades dos organismos. Isso seria, literalmente, a última coisa a fazer no mundo.

Em seguida, explicou resumidamente o que havia descoberto.

Robertson assobiou.

- Isso quer dizer que desta forma forneceríamos um meio de cultura fantasticamente rico.

- Exatamente.

O problema de um meio de cultura rico era particularmente aflitivo para a Equipe Wildfire. Sabia-se, por exemplo, que controles e equilíbrios existem no meio ambiente normal. Eles se encarregam de refrear o crescimento exuberante de bactérias.

A matemática do crescimento descontrolado é assustadora. uma única célula da bactéria *E. coli* poderia, em circunstâncias ideais, dividir-se a cada vinte minutos.

Isso não parece especialmente perturbador até que a pessoa detenha-se a pensar em sua extensão, pois o fato é que a multiplicação das bactérias é feita em progressão geométrica: uma se transforma em duas, duas em quatro, quatro em oito, e assim por diante. Desta forma, é possível demonstrar que num só dia uma célula de *E. coli* poderia produzir uma super-colônia igual em tamanho e peso ao do todo o planeta Terra.

E isto não ocorre jamais por uma razão perfeitamente simples: o crescimento não pode prolongar-se indefinidamente em "circunstâncias ideais". O alimento escasseia. O oxigênio se extingue. As condições locais no interior da colônia modificam-se, freando o crescimento dos organismos.

Por outro lado, no caso de um organismo capaz de converter matéria em energia de forma direta, e dispondo de uma fonte de energia enorme e rica, como por exemplo uma explosão atômica...

- Vou comunicar sua recomendação ao presidente disse Robertson. - Ele vai ficar satisfeito em saber que a sua decisão em sustar o Esquema 7-12 foi acertada.

- Pode dar-lhe os parabéns em meu nome por seu discernimento científico.

Robertson estava coçando a cabeça.

- Tenho aqui mais alguns dados referentes ao desastre do Phantom. Ele se encontrava sobre a área a oeste de Piedmont, a uma altitude de sete mil metros. A equipe técnica encontrou provas da desintegração comunicada pelo piloto. Entretanto, o material destruído não era borracha e sim um plástico especial. Ele foi despolimerizado.

- E qual é a conclusão da equipe?

- Eles não têm a mínima ideia - admitiu Robertson. - E há mais um detalhe. Encontraram alguns pedaços de ossos que foram identificados como sendo humanos. Pedaços de úmero e tibia. O detalhe que chamou a atenção foi a incrível limpeza desses ossos, quase como se tivessem sido polidos.

- A carne desapareceu por queimadura?

- Não é o que parece.

Stone e Leavitt entreolharam-se.

- E parece o quê?

- Parece osso limpo, polido. Os técnicos dizem que é tudo muito estranho. E há mais uma coisa. Fizemos investigações quanto à Guarda Nacional nos arredores de Piedmont. A 112ª Divisão está aquartelada num raio de 160 quilômetros e, segundo soubemos, tem enviado patrulhas para dentro da área até uma distância de 80 quilômetros. Chegaram a ter cem homens a oeste de Piedmont. Não se registraram mortes.

- Nenhuma? Tem certeza absoluta?

- Absoluta.

- E havia homens em terra, na região sobrevoada pelo Phantom?

- Havia; sim. Doze homens. Na realidade, foram eles que alertaram a base.

- Pelo visto, o desastre aéreo é simples acaso - admitiu Leavitt.

Stone concordou. E então, dirigindo-se a Robertson:

- Estou inclinado a concordar com Peter. Não havendo vítimas em terra...

- Talvez a coisa só esteja no ar.

- É possível. Entretanto, há uma coisa pelo menos a respeito da qual estamos certos: sabemos como Andrômeda mata. E é por coagulação. Não há desintegração, ou limpeza de ossos, nada no gênero. O organismo mata por coagulação.

- Está bem - disse Robertson. - Por enquanto, deixemos o avião de lado.

E desta forma encerrou-se a reunião.

- Acho melhor examinarmos a potência biológica dos organismos em cultura -

disse Stone.

- Vamos expor um rato?

- Sim. Para termos a certeza se continua virulento. Se continua na mesma.

Leavitt concordou. Deviam estar alerta para que o organismo não sofresse qualquer mutação, transformando-se em algo radicalmente diverso em seus efeitos.

Quando já estavam prestes a começar, o monitor do Nivel V foi ligado e uma voz chamou:

- Dr. Leavitt, Dr. Leavitt.

Leavitt atendeu. Na tela do computador, surgiu a imagem de um jovem agradável, trajando um guarda-pó branco.

- Sim?

- Desculpe Dr. Leavitt, mas acontece que recebemos de volta os nossos encefalogramas do centro de computação. Estou certo de que tudo não passa de um erro, mas... - Sua voz parecia sumir.

- Sim? - indagou Leavitt. - Há alguma coisa errada?

- Bem, o resultado do seu é grau quatro, atípico, provavelmente benigno. Mas gostaríamos de fazer uma nova série.

- Deve haver algum engano - protestou Stone.

- Sim, certamente há um engano - insistiu Leavitt.

- Sem dúvida, doutor, - concordou o jovem - mas ainda assim gostaríamos de uma nova série, só para termos certeza.

- No momento estou muito ocupado.

Stone interrompeu, dirigindo-se diretamente ao técnico:

- O Dr. Leavitt repetirá o EEG na primeira oportunidade.

- Está muito bem, doutor.

A imagem desapareceu, e a tela voltou a escurecer.

- Há ocasiões em que essa maldita rotina dá nos nervos de qualquer um - disse Stone.

- É verdade.

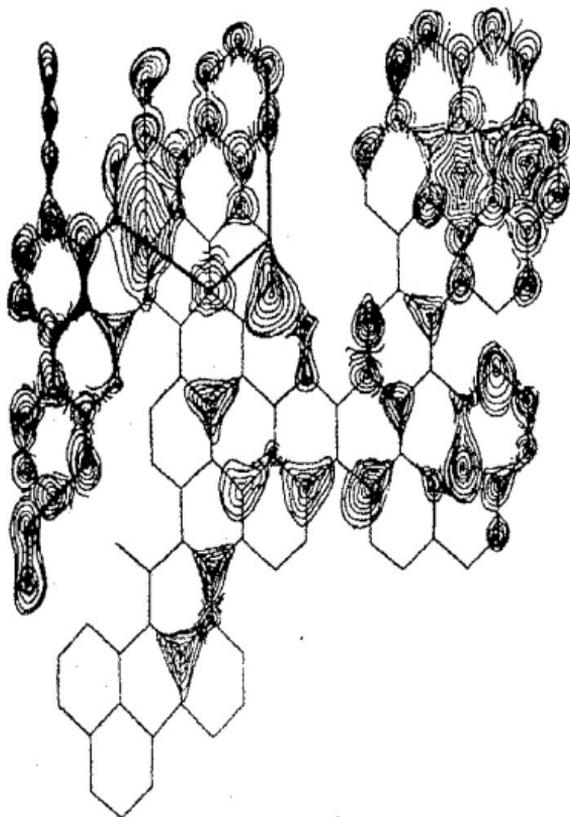
Iam justamente começar o exame da atividade biológica dos diversos meios, quando o computador avisou que estavam prontos os resultados preliminares da cristalografia ao raio X. Stone e Leavitt abandonaram a sala, a fim de examinar esses resultados, deixando para depois os testes biológicos dos meios. Esta foi uma decisão extremamente infeliz, pois, se tivessem examinado os meios, teriam

verificado que o curso de raciocínio deles se extraviara e que estavam na pista errada.

WILLIS

A análise cristalográfica ao raio X revelou que a Espécie Andrômeda não era formada de partes componentes como a célula normal, que é constituída por núcleo, mitocôndria e ribossomas. Andrômeda não possuía subunidades ou partículas menores.

Tratava-se aparentemente de uma substância única formando tanto as paredes como o interior. Essa substância dava origem a uma foto de precessão característica, ou um padrão de raios X dispersos.



Mapeamento por densidade eletrônica da estrutura de Andrômeda resultante de estudos micrográficos. Este mapeamento revelou variações de atividade dentro de uma estrutura aparentemente uniforme.

Foto cedida por gentileza do Projeto Wildfire.

- Uma série de anéis hexagonais - afirmou Stone ao ver os resultados.
- E nada mais - acrescentou Leavitt. - Como será que essa coisa funciona?

Os dois homens sentiam-se impotentes para explicar como um organismo tão simples era capaz de utilizar energia para o seu crescimento.

- Uma estrutura anular bastante comum - disse Leavitt. Apenas um grupo fenólico e nada mais. Deveria ser razoavelmente inerte.
- E, no entanto, é capaz de converter energia em matéria.

Leavitt coçou a cabeça. Voltou a pensar na analogia com a cidade e a analogia das células cerebrais. A molécula era simples em seus componentes. Não possuía quaisquer poderes extraordinários, se considerados como unidades isoladas. Coletivamente, porém, dispunha de grandes poderes.

- Talvez haja um nível crítico - arriscou Leavitt. Uma complexidade estrutural que torne possível o que não o seria numa estrutura similar, porém simples.
- A. velha discussão sobre o cérebro do macaco.

Leavitt anuiu. Tanto quanto seria possível determinar, o cérebro de um macaco era tão complexo quanto o de um homem. Havia pequenas diferenças estruturais, porém a diferença principal referia-se ao tamanho: o cérebro humano era maior, possuindo mais células, mais interconexões.

E isso fazia, de alguma forma sutil, com que o cérebro humano fosse diferente.

(Thomas Waldren, o neurofisiologista, dissera certa vez, gracejando, que a maior diferença entre o cérebro de um macaco e o de um homem era o fato de que nós podemos usar o macaco como animal experimental, já não sendo possível o contrário.)

Stone e Leavitt detiveram-se, perplexos, sobre o problema, até chegarem ao avaliador de densidade eletrônica Fourier. Aí a probabilidade de existência de elétrons era traçada numa carta que se assemelhava a um levantamento topográfico.

Notaram algo de estranho. Apesar da presença da estrutura, o mapeamento Fourier era inconstante.

- Parece até que uma parte da estrutura está desligada de alguma forma.
- O que indica que, afinal de contas, não se trata de estrutura uniforme.

Stone suspirou, olhando para o mapa.

- Nem imagina como eu gostaria que pudéssemos ter na equipe um físico-químico.

E subentendido havia o comentário adicional: em vez de Hall.

Hall estava cansado. Esfregava os olhos e bebericava café, ansiando por açúcar. Encontrava-se sozinho no bar silencioso, onde o único som era o ruído abafado da teleimpressora localizada num dos cantos.

Depois de algum tempo, levantou-se indo até a máquina, a fim de examinar os rolos de papel que saíam dela. A maior parte das informações não tinha para ele qualquer sentido.

Foi então que percebeu uma parte proveniente do programa DEATHMATCH; este era um programa do computador analisador de notícias e que registrava todas as mortes que poderiam ter alguma importância dentro do critério programado. Naquele caso, o computador fora alertado no sentido de registrar todos os óbitos ocorridos na região Arizona-Nevada-Califórnia e informar a seu respeito.

A parte que leu, então, poderia ter passado despercebida, não fosse a conversa de Hall com Jackson. Na ocasião, a conversa parecera a Hall sem qualquer finalidade, pouco produtiva e tendo tomado muito tempo.

Agora, entretanto, lhe dava o que pensar.

.....
REGISTRO PROGRAMA NOTICIAS DEATHMATCH/998
ESCALA 7,Y,O. X,4,O
NOTICIAS DA ASSOCIATED PRESS VERBATIM 778-778

BRUSH RIDGE, ARIZ - - -: Um oficial da Polícia Rodoviária do Arizona foi hoje supostamente envolvido na morte de cinco pessoas num restaurante de beira de estrada.

A Srta. Sally Conover, garçonete do restaurante Dineeze, na Via 15, a quinze quilômetros ao sul de Flagstaff, foi a única sobrevivente do incidente.

A Srta. Conover informou aos investigadores que, às 2h40 da madrugada, entrou no restaurante o Capitão Martin Willis, pedindo um café e rosca. O Capitão Willis tinha o hábito de visitar frequentemente o restaurante. Depois de comer, declarou que sentia forte dor de cabeça e que sua úlcera estava se manifestando. A Srta. Conover lhe deu duas aspirinas e uma colher de sopa de bicarbonato de sódio. Segundo suas declarações, o Capitão Willis olhou então desconfiado para as demais pessoas presentes no restaurante e murmurou: "Eles estão me perseguindo."

Antes que a garçonete pudesse retrucar, Willis sacou o revólver e começou a atirar nos outros fregueses do restaurante, indo metodicamente de um para outro desferindo em cada um deles um tiro na testa. Então teria supostamente

se voltado para a Srta. Conover, dizendo-lhe: "Eu a amo, Shirley Temple"; colocando em seguida o cano da arma na boca e disparando a última bala.

A Srta. Conover foi deixada em liberdade após o interrogatório. Até agora não são conhecidos os nomes dos fregueses mortos.

FIM DA NOTICIA VERBATIM

FIM DA TRANSMISSÃO

FIM DO PROGRAMA

ENCERRAR

.....

Hall lembrava-se de que o Capitão Willis havia passado por Piedmont naquela noite, pouco antes do aparecimento da moléstia. Passara pelo local sem parar.

E mais tarde enlouquecera.

Haveria alguma relação?

Hall ficou imaginando. Poderia haver. E certamente era capaz de perceber muitos pontos em comum: Willis tinha uma úlcera, tomara aspirina e acabara suicidando-se.

Obviamente isso ainda não provava coisa alguma. Poderia representar uma série de acontecimentos sem qualquer correlação. Entretanto, sem dúvida, era um caso digno de investigação.

Apertou um botão no console do computador. A tela de TV iluminou-se surgindo a imagem de uma garota junto a uma mesa telefônica, com os fones comprimindo o seu cabelo. A garota sorriu-lhe.

- Quero falar com o chefe do serviço médico da Polícia Rodoviária do Arizona. Setor ocidental, se houver essa subdivisão.

- Sim senhor - respondeu a moça, sucintamente.

Decorridos alguns instantes, a tela voltou a iluminar-se. Era a telefonista. .

- Há um certo Dr. Smithson que é o médico da Polícia Rodoviária do Arizona a oeste de Flagstaff. Ele não possui monitor de TV, mas o senhor poderá falar com ele pelo áudio.

- Está muito bem.

Ouviu alguns estalidos e um zumbido mecânico. Ficou fitando a tela, mas a moça desligara o áudio e agora estava ocupada atendendo a outro chamado de outro ponto de Wildfire. Enquanto ainda a olhava, ouviu uma voz profunda e arrastada perguntando:

- Quem fala?

- Alô, doutor - disse Hall - aqui fala o Dr. Mark Hall, de Phoenix. Estou chamando o senhor para pedir-lhe umas informações a respeito de um dos seus patrulheiros, Capitão Willis.

- A telefonista disse que se tratava de alguma coisa do governo. Isso confere?

- Confere. Nós precisamos...

- Escute, Dr. Hall - interrompeu Smithson, com sua voz arrastada. - Que tal se o senhor se identificasse, informando a seção à qual pertence.

Hall imaginou que provavelmente haveria o aspecto legal da morte de Willis. Smithson poderia estar preocupado com isso.

- Não tenho autorização para lhe dizer exatamente do que se trata.

- Bem, então escute, doutor. Eu não forneço informações pelo telefone, e especialmente quando o sujeito do outro lado da linha não quer explicar do que se trata.

Hall respirou fundo.

- Dr. Smithson, sou obrigado a lhe pedir...

- Pode pedir o que quiser. Sinto muito, mas eu não...

Nesse instante, ouviu-se na linha o soar de uma campainha, seguida pela voz mecânica e monótona que dizia:

"Atenção, por favor. Isto é uma gravação. Os monitores do computador procederam à análise das propriedades desta comunicação, concluindo que a mesma está sendo gravada pela parte externa. Todas as partes deverão ser informadas de que a pena para gravação de uma comunicação governamental confidencial é passível da sentença mínima de cinco anos de prisão. Se a gravação prosseguir, esta ligação será automaticamente cortada. Isto é uma gravação. Obrigado."

Seguiu-se um prolongado silêncio. Hall podia bem imaginar a surpresa de Smithson.

Na verdade, até ele mesmo ficara surpreso.

- Afinal de contas que diabo de lugar é esse de onde o senhor está falando? - perguntou Smithson finalmente.

- Desligue esse negócio - ordenou Hall.

. Uma pausa, um estalido e então:

- Muito bem, já está desligado.

- Estou chamando de uma instalação secreta do governo.

- Bem, escute aqui, meu amigo...

- Deixe que eu fale bem claro - interrompeu Hall. - Trata-se de um assunto muito importante e que está relacionado com o caso do Capitão Willis. Imagino que esteja havendo um inquérito legal sobre o caso e que sem dúvida o senhor será envolvido. Entretanto, talvez nós possamos demonstrar que o Capitão Willis não era dono de seus atos e que o problema de que sofria era puramente médico.

- Mas não será possível fazê-lo a menos que nos diga tudo o que sabe a respeito do seu estado físico. E se não o fizer, e ainda por cima bem rápido, nós poderemos trancafiá-lo por vinte anos com base em obstrução de inquérito governamental oficial. Não estou interessado se o senhor acredita ou não. Estou apenas prevenindo-o e será melhor que acredite.

Outra longa pausa e finalmente a voz arrastada:

- Não precisa ficar nervoso, doutor. Naturalmente, agora estou entendendo de que se trata...

- Willis tinha úlcera?

- Úlcera? Não. Ele apenas costumava dizer que tinha, ou pelo menos contam que o dizia. Que eu saiba ele jamais teve úlcera.

- E tinha algum outro problema de saúde?

- Diabete.

- Diabete?

- Isso mesmo. Mas ele não ligava muito. Fizemos o diagnóstico da doença há seis anos, quando ele tinha 30 anos. Seu caso era bastante grave. Tinha que tomar insulina, cinquenta unidades por dia, mas conforme eu já disse ele não ligava muito. Por uma ou duas vezes, chegou a ser internado por insuficiência de insulina. Costumava dizer que tinha horror a agulhas. Quase foi demitido, pois tínhamos deixá-lo ao volante de um carro. Imaginávamos que ele poderia ter uma crise que chegasse a provocar um acidente. Isso foi há uns três anos, e ao que parece daí em diante ele passou a tomar insulina com regularidade.

- Tem certeza?

- Bem, creio que sim. Mas a garçonete de restaurante, Sally Conover, disse a um dos nossos investigadores que achava que Willis tinha bebido, pois sentiu álcool em sua respiração. E uma coisa de que tenho certeza é que Willis jamais tomava uma gota que fosse. Era um desses sujeitos muito religiosos. Não fumava nem bebia. E sempre levou uma vida muito decente. Por isso se revoltava tanto com a sua diabete. Achava que não a merecia.

Hall recostou-se em sua cadeira. Agora estava próximo, cada vez mais perto. A resposta estava ao seu alcance; a resposta final, a chave para tudo.

- Uma última pergunta. Willis passou por Piedmont na noite de sua morte?

- Sim, senhor. Ele informou a respeito pelo rádio Estava um pouco atrasado, mas passou por lá. Por quê? E algo relacionado com as experiências que o governo está fazendo por lá?

- Não - retrucou Hall, certo, porém de que Smithson não acreditaria.

- Bem, escute, o caso que temos aqui é bastante difícil e se tiverem alguma informação que possa...

- Pode deixar. Ficaremos em contato. - Feita a promessa Hall desligou.

A telefonista reapareceu na tela.

- Terminou a sua ligação, Dr. Hall?

- Terminei, mas preciso de uma informação.

- Que espécie de informação?

- Quero saber se tenho autoridade para mandar prender uma pessoa.

- Eu vou averiguar, doutor. E qual é a queixa?

- Não há queixa, só quero que a pessoa fique fora de circulação.

Demorou um momento, enquanto a moça examinava o painel do seu computador.

- Dr. Hall, o senhor pode ordenar uma entrevista oficial militar com qualquer pessoa relacionada com o projeto. Essa entrevista poderá ter a duração de até 48 horas.

- Muito bem. Queira providenciar.

- Sim senhor. Quem é a pessoa?

- Dr. Smithson.

A moça fez um gesto afirmativo e desapareceu da tela. Hall sentiu pena de Smithson; mas não em demasia. O sujeito suaria frio por algumas horas, mas nada além disso. E tal providência era essencial tendo em vista a necessidade de sustar rumores sobre Piedmont.

Recostou-se novamente e ficou repassando as informações reunidas. Estava agitado e sentia-se no limiar de uma importante descoberta.

Três pessoas.

Um diabético em acidose, por ter deixado de tomar insulina.

Um velho que bebia Sterno e tomava aspirina, igualmente em acidose.

Um bebezinho novo.

Um sobrevivera por horas, os outros aparentemente em caráter definitivo. Um deles enlouquecera, os outros não. De alguma forma, os três estavam inter-relacionados. E deveria ser de alguma forma bem simples.

Acidose. Respiração ofegante. Conteúdo de dióxido de carbono. Saturação de oxigênio. Tonteira. Cansaço. Tinha que haver alguma espécie de correlação lógica. E eles representavam a chave para a palpitante Andrômeda.

Nesse instante, soou a campainha de emergência, estridente e insistente, enquanto a luz amarela e brilhante começava a piscar.

Hall pôs-se de pé num salto e deixou a sala.

O ISOLAMENTO

Chegando ao corredor, pôde avistar a luz que piscava indicando o local de onde se originava o problema: AUTOPSIA. Já podia adivinhar o que acontecera: de alguma forma, ocorrera ruptura no isolamento, com a consequente contaminação. Isso então teria acionado o alarma.

Enquanto corria pelo corredor, ouviu uma voz calma e suave que dizia, através dos alto-falantes:

- Houve quebra de isolamento na autópsia. Houve quebra de isolamento na autópsia. Isto é uma emergência.

Sua assistente saiu do laboratório e ao vê-lo perguntou:

- O que é que está acontecendo? .

- Creio que seja Burton. Disseminação da infecção.

- E ele está bem?

- Duvido - respondeu Hall, continuando a correr. Ela acompanhou-o.

Leavitt saiu da sala de Morfologia juntando-se aos dois, na corrida ao longo das curvas suaves. Hall estava justamente pensando que para um homem da sua idade, Leavitt era muito lépido, quando ele repentinamente estacou.

Parecia atarraxado ao solo. Seu olhar estava fixo no sinal luminoso e na luz acima dele que acendia e apagava.

Hall olhou para trás. - Vamos, venha,

Foi então que a assistente chamou sua atenção:

- Dr. Hall, ele não está bem.

Leavitt não se movia. Estava em pé, com os olhos abertos, mas quanto ao resto parecia adormecido. Seus braços pendiam soltos dos lados.

- Dr. Hall.

Hall parou e voltou atrás.

- Peter, meu rapaz, vamos, precisamos de sua...

Não disse mais nada, pois percebeu que Leavitt não ouvia. Olhava fixo a luz que piscava. Quando Hall passou a mão diante do seu rosto ele não reagiu. E foi então que Hall lembrou-se das outras luzes, aquelas das quais Leavitt desviara o olhar gracejando.

- Este filho da puta - praguejou Hall. - Logo agora.

- O que é que ele tem?

Uma pequena gota de saliva saía pelo canto da boca de Leavitt. Hall colocou-se rapidamente atrás dele, dizendo para a assistente:

- Fique atrás dele e proteja os seus olhos. Não deixe que olhe para essas luzes. .

- Por quê?

- Porque elas estão piscando à razão de três vezes por segundo.

- Quer dizer que então...

- Ele vai cair a qualquer momento.

E foi o que aconteceu.

Seus joelhos cederam com rapidez assustadora e Leavitt caiu ao chão. Ficou deitado de costas, enquanto todo o seu corpo começava a vibrar. A vibração começou por suas mãos e pés, envolvendo, em seguida, os seus braços e pernas, por fim tomando conta do corpo todo. Apertou os dentes e emitiu um grito alto e penoso. Sua cabeça batia de encontro ao chão. Hall enfiou o seu pé por baixo da cabeça de Leavitt para não deixar que batesse no chão duro.

- Não tente abrir a sua boca - avisou Hall. - Não conseguirá. Ele está com os dentes trincados.

Enquanto olhavam, uma mancha amarela começou a espalhar-se na altura da cintura de Leavitt.

- Ele é capaz de entrar em estado epiléptico - informou Hall. - Vá à farmácia e providencie cem miligramas de fenobarbital. Já. Numa seringa. Mais tarde, se for preciso, lhe daremos Dilantina.

Leavitt gritava por entre os dentes trincados, parecendo um animal. Seu corpo golpeava o chão como se fosse uma haste rígida.

Decorridos alguns momentos, a assistente retornou com a seringa. Hall aguardou até que o corpo de Leavitt relaxasse, cessando as convulsões, e então injetou o barbitúrico.

- Fique com ele - pediu à moça. - Se ele tiver outra crise, faça o que eu fiz, coloque um pé sob a sua cabeça. Acho que ele vai melhorar. Não tente movê-lo.

E dizendo isso, Hall saiu novamente, correndo em direção ao laboratório de autópsia.

Por alguns segundos, tentou abrir a porta do laboratório, só então compreendendo que ela fora trancada: O laboratório estava contaminado. Dirigiu-se para o controle central onde encontrou Stone olhando para Burton através dos monitores de TV em circuito fechado.

Burton estava apavorado. Seu rosto estava branco e ele respirava ofegante, incapaz de falar. Parecia a imagem exata da realidade: um homem à espera da morte.

Stone procurava tranquiliza-lo.

- Fique calmo, rapaz. Vamos acalme-se. Tudo se resolverá. Trate apenas de ficar calmo.

- Estou com medo - disse Burton. - Oh, meu Deus, estou com tanto medo...

- Trate de se acalmar - repetiu Stone com voz suave.

- Já sabemos que Andrômeda não funciona bem em presença de oxigênio. Estamos bombeando oxigênio puro para o interior do seu laboratório. Isso por enquanto o ajudará.

E então, dirigindo-se a Hall.

- Você não se apressou em vir para cá. Onde está Leavitt?

- Ele teve um ataque.

- O que?!

- As luzes piscam à razão de três por segundo e ele teve uma convulsão.

- Uma o quê? - Stone continuava não compreendendo.

- Petit mal. Que continuou, passando a uma crise de grand-mal: convulsões tônicoclônicas, incontinência urinária, o quadro todo. Eu lhe administrei fenobarbital e vim o mais depressa que pude.

- Quer dizer que Leavitt tem epilepsia?

- Isso mesmo.

- Ele não devia saber - disse Stone. - Certamente não se dava conta. .

E então Stone lembrou-se daquele pedido para que fosse feito um novo encefalograma.

- Oh, não. Ele bem que sabia - protestou Hall. - Ele sempre evitava as luzes que piscavam e que desencadeiam a crise. Estou certo de que sabia. Certamente tem ataques naquelas suas fases de ausência, quando diz perder alguns minutos da sua vida sem conseguir lembrar o que lhe aconteceu.

- E ele está bem?

- Será mantido sob efeito de sedativos.

- Estamos fornecendo a Burton oxigênio puro - informou então Stone. - Isso deverá ajudar até que possamos descobrir mais alguma coisa. - Stone desligara a comunicação vocal com Burton. - A verdade é que o oxigênio ainda vai demorar alguns minutos, mas eu disse a ele que já começamos. Ele está selado aí dentro,

de modo que a infecção está restrita a esse ponto. Pelo menos o resto da instalação está a salvo.

- Como foi que aconteceu? Como foi que começou a contaminação?

- Deve ter havido ruptura em algum ponto da vedação. - E em voz mais baixa: - Sabíamos que isso acabaria acontecendo mais cedo ou mais tarde. A verdade é que qualquer unidade de isolamento acaba falhando depois de algum tempo.

- Acredita que tenha sido casual?

- Sim - afirmou Stone. - Mero acidente. Tanta vedação, tanta borracha, tantas espessuras. Tudo isso teria que ceder com o tempo. Burton apenas estava por perto quando ocorreu.

Para Hall as coisas não pareciam tão simples assim. Olhava para Burton que respirava com dificuldade, seu peito arfando com o terror.

- Há quanto tempo que aconteceu?

Stone olhou para os cronômetros de parede, que marcavam automaticamente o início de uma emergência, passando a contar o tempo desde o primeiro momento da ruptura do isolamento.

- Quatro minutos.

- E Burton continua vivo.

- Graças a Deus - disse Stone, franzindo o sobrolho. Começava a compreender onde Hall queria chegar.

- E por que ele ainda está vivo? - perguntou Hall.

- O oxigênio...

- Mas você mesmo acabou de dizer que o oxigênio não está entrando ainda. O que é que está protegendo Burton?

Nesse instante, ouviu-se a voz de Burton pelo interfone:

- Escutem. Quero que me façam um favor.

Stone ligou o microfone.

- O quê?

- Kalocin.

Stone reagiu imediatamente.

- Não.

- Mas que diabo, a vida é minha.

- Não - repetiu Stone.

- Talvez devêssemos tentar - sugeriu Hall.

- Não e não. Não ousaríamos. Nem mesmo uma só vez.

O Kalocin talvez tenha sido o segredo americano mais bem guardado na última década. Tratava-se de uma droga desenvolvida pela Jensen Pharmaceuticals, na primavera de 1965. Era uma substância química experimental, denominada UJ-44759W, também conhecida pela abreviação K-9. Fora descoberta em consequência de testes de triagem utilizados pela Jensen para todos os novos compostos.

Como a maioria dos laboratórios farmacêuticos, a Jensen experimentava todas as suas drogas por meio de uma série de testes padronizados, visando a descobrir qualquer atividade biológica significativa. Tais testes eram efetuados em animais de laboratório: ratos, cães e macacos. Eram ao todo 24 testes.

A Jensen descobrira algo especial quanto à K-9. A droga inibia o crescimento. Um animal recém-nascido que recebesse a droga jamais chegaria à estatura adulta total.

Essa descoberta desencadeou novos testes, os quais apresentaram resultados ainda mais estranhos. A Jensen descobriu que a droga inibia a metaplasia, ou seja a transformação das células do corpo em novas e estranhas formas, precursora do câncer. Houve agitação na Jensen, e a droga foi submetida a um programa de estudos intensivos.

Por volta de setembro de 1965, parecia não haver mais dúvidas: o Kalocin detinha o câncer. Por meio de um mecanismo misterioso, inibia a reprodução do vírus responsável pela leucemia mielogênica. Os animais submetidos à ação da droga não contraíam a moléstia, enquanto os que já revelassem seus sintomas começavam a apresentar uma evidente regressão após a administração da droga.

O entusiasmo reinante na Jensen não podia ser contido.

Não demorou para que a droga fosse reconhecida como agente antivirótico de amplo espectro. Exterminava os vírus do pólio, da raiva, da leucemia e simples verrugas.

E também, o que era estranho, o Kalocin matava bactérias.

E fungos.

E parasitas.

De alguma forma, a droga destruía todos os organismos de estrutura unicelular.

Não tinha qualquer efeito sobre sistemas orgânicos, ou seja; grupos de células organizadas e em unidades maiores. Nesse sentido, a droga era perfeitamente seletiva.

Na realidade, o Kalocin era o antibiótico universal. Matava tudo, até mesmo os germes insignificantes responsáveis pelo resfriado comum. Evidentemente apresentava efeitos secundários: as bactérias normais nos intestinos eram destruídas, de modo que todos os pacientes em tratamento com a droga eram acometidos por diarreia violenta. Isso, porém, parecia um preço bem baixo a se pagar por uma cura de câncer.

Em dezembro de 1965, notícias sobre a droga circulavam exclusivamente entre os setores do governo e elementos de destaque do setor da saúde. E foi então que, pela primeira vez, levantaram-se vozes de combate à droga. Muitos homens, entre os quais se encontrava Jeremy Stone, alegavam que essa droga deveria ser suprimida.

Entretanto, os argumentos para tal supressão pareciam teóricos, e a Jensen, vendo bilhões de dólares ao seu alcance, lutou arduamente para que fosse autorizado um teste clínico. Finalmente, o governo, o HEW e o FDA acabaram concordando com a Jensen, autorizando a realização de novas experiências, apesar dos protestos de Stone e de outros.

Em fevereiro de 1966, foi feita uma experiência-piloto. Envolveu vinte pacientes portadores de câncer incurável e vinte voluntários saudáveis, entre os presos da penitenciária estadual do Alabama. Esses quarenta indivíduos receberam a droga diariamente durante um mês. Os resultados obtidos corresponderam às expectativas: os indivíduos normais foram acometidos de efeitos secundários desagradáveis, porém perfeitamente suportáveis. Enquanto os pacientes cancerosos apresentavam notável remissão de sintomas compatíveis com a cura final.

Em 1º de março de 1966, essas quarenta pessoas deixaram de tomar a droga. Seis horas depois, todas elas estavam mortas.

Era o que Stone previra desde o início. Chamara a atenção para o fato de que a humanidade, através de séculos de exposição, desenvolvera imunidades cuidadosamente controladas diante da maior parte de organismos. Na pele, no ar, nos pulmões, no estômago, e até mesmo na corrente sanguínea, havia centenas de vírus e bactérias dos mais variados tipos. Muitos potencialmente letais; entretanto, o homem se adaptara através dos tempos e restavam bem poucos deles ainda capazes de deflagrar moléstias.

Tudo isso representava uma situação cuidadosamente equilibrada. Com a introdução de uma nova droga, que exterminava todas as bactérias, o equilíbrio era interrompido, arruinando o trabalho evolucionário desenvolvido através dos séculos. E abria-se o caminho para a superinfecção, o problema de novos organismos, portadores de novas moléstias.

Stone tinha razão: os quarenta voluntários morreram, cada qual vítima das mais

obscuras e terríveis moléstias até então jamais vistas. Um deles sofreu um inchamento geral, da cabeça aos pés, ficando quente e inflado até sufocar por edema pulmonar.

Outro viu-se presa de um organismo que devorou o seu estômago em questão de horas.

Um terceiro, ainda, foi atingido por um vírus que transformou o seu cérebro em geléia

E assim por diante.

A Jensen, relutantemente, retirou a droga para que a mesma fosse submetida a novos estudos. O governo, percebendo o profundo conteúdo das alegações de Stone, concordou com as suas propostas iniciais e ordenou a supressão radical de todos os conhecimentos e experiências referentes à droga Kalocin.

E as coisas haviam permanecido nesse pé por dois anos. Agora; porém, Burton estava querendo tomar a droga.

- Não - voltou a insistir Stone. - Não há possibilidade. Isso poderia curá-lo por algum tempo, mas você não sobreviveria depois que a droga fosse suspensa.

- Isto é muito fácil de falar daí onde você está.

- Pois saiba que não é nada fácil de dizer. Pode crer que não é. - E colocando a mão sobre o microfone voltou-se para Hall: - Sabemos que o oxigênio inibe o crescimento da Espécie Andrômeda. E isso o que daremos a Burton. Será bom para ele, fará com que fique um pouco tonto, provocará sua descontração e fará com que respire um pouco mais lentamente. O coitado está mortalmente assustado.

Hall anuiu. Num certo sentido, a última frase de Stone calara fundo em sua mente: mortalmente assustado. Ficou pensando a respeito, verificando então que Stone tocara em algo importante. Aquela observação constituía uma pista. Era a resposta.

Levantou-se para sair.

- Aonde vai?

- Tenho que pensar numa coisa.

- O que?

- Algo que diz respeito ao fato de se estar mortalmente assustado.

MORTALMENTE ASSUSTADO

Hall voltou ao seu laboratório e olhou através do vidro para o velho e a criança.

Tentava pensar, enquanto contemplava os dois, mas o seu cérebro parecia descrever círculos frenéticos. Não conseguia uma concatenação lógica das idéias, e também desaparecera aquela sensação anterior de que se encontrava no limiar de uma descoberta.

Ficou ali olhando para o velho alguns minutos, enquanto imagens rápidas passavam diante de seus olhos: Burton morrendo, sua mão apertada contra o peito. Los Angeles em pânico, corpos por toda parte, carros desgovernados, descontrolados...

Foi então que compreendeu que também ele estava assustado.

Mortalmente assustado.

Aquelas palavras voltaram a martelar em sua cabeça.

Mortalmente assustado.

Isso lhe parecia, de alguma forma, conter a resposta.

Lentamente foi obrigando seu cérebro a funcionar logicamente, e rememorou tudo mais uma vez.

Um policial Com diabete, que não tomava insulina e que tinha o hábito de cair em cetoacidose.

Um velho que bebia Sterno, o que o sujeitava a metabolismo e acidose.

Um bebê que... que sabia ele sobre o bebê? Qual seria a causa de sua acidose?

Hall sacudiu a cabeça. Sempre acabava voltando ao bebê, que era normal e não acidótico. Suspirou desanimado.

Vamos começar pelo princípio, disse de si para si. Trate de ser lógico. O que acontece quando um indivíduo tem acidose metabólica, ou qualquer espécie de acidose?

Ele tem ácido em demasia no seu corpo. Pode morrer em virtude do excesso de

ácido, como se tivesse injetado ácido clorídrico em suas veias.

Excesso de ácido era sinônimo de morte.

Entretanto, o corpo era capaz de compensar. Por meio da respiração rápida. E isso porque dessa forma os pulmões expiravam o dióxido de carbono e, assim, o conteúdo do ácido carbônico no corpo, formado pelo dióxido de carbono no sangue, era diminuído.

Uma forma de livrar-se do ácido.

Respiração rápida.

E quanto a Andrômeda? O que acontecia com o organismo quando a pessoa estava acidótica e respirava rápido?

Talvez a respiração rápida evitasse a penetração do organismo nos pulmões por um período de tempo que lhe permitisse o acesso aos vasos. Talvez fosse esta a resposta.

Logo depois de ter essa ideia, Hall sacudiu a cabeça. Não, não. Era outra coisa. Seria algo simples e evidente. Algo que sempre estivera diante deles, mas que de alguma forma não fora percebido.

O organismo atacava através dos pulmões.

Penetrava na corrente sanguínea.

La localizar-se nas paredes das artérias e veias, principalmente nas do cérebro.

E isso causava danos.

Isso provocava a coagulação. A qual se disseminava pelo corpo, ou então levava à hemorragia, insanidade e morte.

Contudo, para produzir danos tão rápidos e extensos era preciso que houvesse muitos organismos. Milhões e milhões reunidos nas artérias e veias. Provavelmente esse número elevado não era inspirado pela pessoa.

Portanto, os organismos deviam multiplicar-se na corrente sanguínea. Numa elevada proporção. Numa proporção verdadeiramente fantástica.

E no caso do indivíduo acidótico? Isso seria capaz de sustar a multiplicação?

Talvez.

Novamente sacudiu a cabeça. E isso porque uma pessoa com acidose, como Jackson ou Willis, era uma coisa. Mas e o bebê?

O bebê era normal. Se respirasse rapidamente tornar-se-ia alcalótico - básico, com ácido insuficiente - e não acidótico. O bebê iria cair no extremo oposto.

Hall olhou para o bebê através do vidro e, nesse instante, a criança acordou.

Quase imediatamente começou a gritar, seu rosto ficando escarlate, seus

pequenos olhos enrugando-se, a boca sem dentes e com gengivas lisas muito aberta enquanto berrava.

Mortalmente assustado.

E também o caso das aves, com o seu metabolismo rápido, seus batimentos cardíacos acelerados. As aves que faziam tudo rapidamente. Também elas haviam sobrevivido.

Respiração acelerada?

Seria tão simples assim?

Sacudiu a cabeça. Não era possível.

Sentou-se e esfregou os olhos. Estava com dor de cabeça e sentia o cansaço invadi-lo. Continuava, porém, a pensar em Burton, que poderia morrer a qualquer momento.

Burton, sentado lá dentro da sala hermeticamente fechada.

Percebeu que a tensão se tornava insuportável. Subitamente invadiu-o uma necessidade irresistível de escapar, fugir a tudo.

A tela de TV foi iluminada. Sua assistente técnica surgiu, informando:

- Dr. Hall, o Dr. Leavitt está na enfermaria.

- Já vou para lá - disse Hall.

Sentia que agia estranhamente. Não havia razão para ir ver Leavitt. Ele estava bem, perfeitamente bem, fora de qualquer perigo. Sabia que indo vê-lo tentava esquecer todos os demais problemas mais imediatos.

Ao entrar na enfermaria, sentia-se culpado.

- Ele está dormindo - informou a assistente.

- Reação pós-convulsiva. As pessoas geralmente dormem após uma convulsão.

- Devemos administrar a Dilantina?

- Não. Vamos esperar para ver o que acontece. Talvez seja possível continuar apenas

com o fenobarbital.

Iniciou um exame lento e meticuloso. Sua assistente olhava-o e acabou comentando:

- O senhor está cansado.

- Tem razão. Já passou da minha hora de dormir.

Num dia normal, àquela hora, ele estaria dirigindo seu carro de volta para casa através da auto-estrada. O mesmo estaria fazendo Leavitt, dirigindo-se ao encontro da família em sua casa em Pacific Palisades. Através da auto-estrada de Santa Mônica.

Hall visualizou a estrada nitidamente por um breve instante, com as longas filas de carros arrastando-se lentamente.

E também as placas ao longo da estrada. VELOCIDADE MÁXIMA 100. MINIMA 40.

Na hora do movimento, aqueles avisos tinham o cunho de uma piada de mau gosto.

Máxima e mínima.

Carros em baixa velocidade constituíam uma ameaça. Era necessário manter o tráfego deslocando-se em velocidade constante, com uma variação relativamente pequena entre o mais veloz e o mais lento, sendo igualmente necessário...

Parou de pensar.

- Que grande idiota tenho sido - falou consigo mesmo.

Em seguida, dirigiu-se para o computador.

Nas semanas subsequentes, Hall referir-se-ia ao episódio como sendo o "diagnóstico da auto-estrada". O princípio era tão simples, claro e óbvio que surpreendia por não ter nenhum deles pensando nisso antes.

Estava agitado ao fornecer ao computador as instruções para o programa GROTH.

Foi obrigado a repetir a operação por três vezes, pois seus dedos trêmulos teimavam em errar.

Por fim, o programa estava ajustado. A tela exibia aquilo que ele desejava ver: o crescimento de Andrômeda em função do pH, ou seja, da relação acidez alcalinidade.

Os resultados eram perfeitamente claros.

O desenvolvimento da Espécie Andrômeda processava-se num âmbito reduzido.

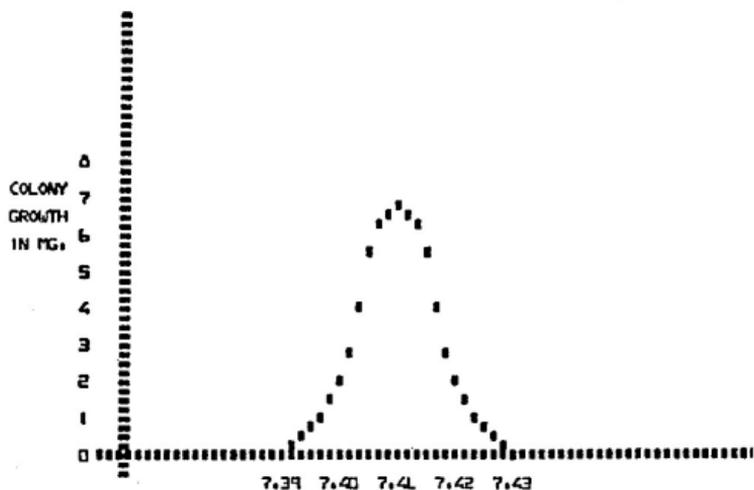
Se o meio de cultura fosse excessivamente ácido, o organismo não se multiplicaria. Se fosse excessivamente básico, "também não se multiplicaria. Seu desenvolvimento se processava satisfatoriamente apenas dentro da variação do pH de 7.39 a 7.42.

Hall ficou olhando para o gráfico por um instante e então saiu correndo em direção à porta.

No caminho, sorriu para sua assistente, dizendo:

- Está tudo terminado. Nossos problemas acabaram.

Não poderia estar mais enganado.



ACIDITY OF MEDIUM AS LOG H⁺ ION CONCENTRATION

CORRECTED FOR SKEW

CRESCIMENTO
DA COLÔNIA
EM MG

ACIDEZ DO MEIO COMO LOG DA CONCENTRAÇÃO-H⁺ IÔNICA

DEFINIÇÃO GRÁFICA

MÉDIAS, MEDIANOS DESVIO PADRÃO ENCONTRADO

MM-76

COORDENADAS DE REFERÊNCIA

0.Y.88.Z.09

REVISÃO CONFERIDA

FIM DA IMPRESSÃO

O TESTE

Na sala do controle central, Stone olhava para a tela de televisão que mostrava Burton no interior do laboratório selado.

- O oxigênio está sendo bombeado - informou Stone.

- Suspenda-o - disse Hall.

- O que?

- Pare com o fornecimento de oxigênio. Coloque-o em atmosfera ambiente.

Hail olhava para Burton. Era claramente visível que o oxigênio já começava a afetá-lo. Sua respiração não era mais tão rápida e o seu peito movia-se lentamente.

Agarrou o microfone.

- Escute Burton. Aqui é Hall. Eu já tenho a resposta. A Espécie Andrômeda se desenvolve dentro de uma variação do pH muito reduzida, compreende? Num âmbito muito estreito. Se o indivíduo for alcalótico ou acidótico, então tudo correrá bem. Quero que você entre em alcalose respiratória. Quero que respire o mais rápido que possa.

- Mas isto aqui é oxigênio puro - protestou Burton. - Vou ficar hiperventilado e desmaiar. Mesmo agora, já estou um pouco tonto.

- Não. Nós vamos voltar a lhe fornecer ar normal. Comece a respirar o mais rápido que for capaz - Dirigindo-se a Stone, pediu: - Forneça-lhe uma atmosfera com teor de dióxido de carbono mais elevado.

- Mas... o organismo simplesmente floresce em presença do dióxido de carbono! - ponderou Stone.

- Eu sei disso, mas não com um pH do sangue desfavorável. Compreenda: é aí que está o problema. Não é o ar que importa e sim o sangue. Temos que criar no sangue de Burton um equilíbrio ácido desfavorável.

Subitamente Stone pareceu compreender.

- A criança - disse ele. - A criança estava gritando .

- Isso mesmo.

- E o velho ficava hiperventilado por causa da aspirina.

- Sim, e além do mais bebia Sterno.

- E as duas coisas combinadas mandavam o equilíbrio ácido-base pro inferno.

- Exatamente. O problema era que eu estava fixado em acidose. Não compreendia como o bebê poderia tornar-se acidótico. A resposta é que isso simplesmente não acontecia. Ao contrário, tomava-se básico, com insuficiência de ácido. Mas aí é que está, poderia haver um desequilíbrio em qualquer sentido: ácido demais ou de menos, contanto que estivesse fora dos limites que propiciavam o crescimento da Espécie Andrômeda. Voltou-se novamente para Burton: - Agora está bem. Continue a respirar rapidamente. Não pare. Mantenha seus pulmões em constante funcionamento e trate de expelir o dióxido de carbono. Como se sente?

- Bem - arquejou Burton. - Assustado... mas... bem.

- Ótimo.

- Escute - disse Stone. - Não podemos manter Burton assim indefinidamente. Mais cedo ou mais tarde...

- Eu sei - interrompeu Hall - Vamos alcalinizar o seu sangue. - E falando com Burton:

- Dê uma olhada pelo laboratório. Vê alguma coisa que poderíamos utilizar para elevar o pH do seu sangue?

Burton procurou.

- Não, não vejo nada.

- Bicarbonato de sódio? Ácido ascórbico? Vinagre?

Burton remexia freneticamente os vidros e reagentes que estavam na prateleira do laboratório. Finalmente sacudiu a cabeça desanimado.

- Não há nada que sirva.

Hall nem ouviu sua resposta. Estava ocupado contando as respirações de Burton.

Elas somavam 35 movimentos respiratórios, profundos e cheios, por minuto. Isso o protegeria por algum tempo; contudo, mais cedo ou mais tarde ele acabaria exausto.

Respirar era um trabalho cansativo. Ou desmaiaria.

Examinou o laboratório do lugar privilegiado em que se encontrava. E ao fazê-lo percebeu o rato. O animal estava calmamente sentado em sua gaiola, num dos cantos da sala, olhando para Burton.

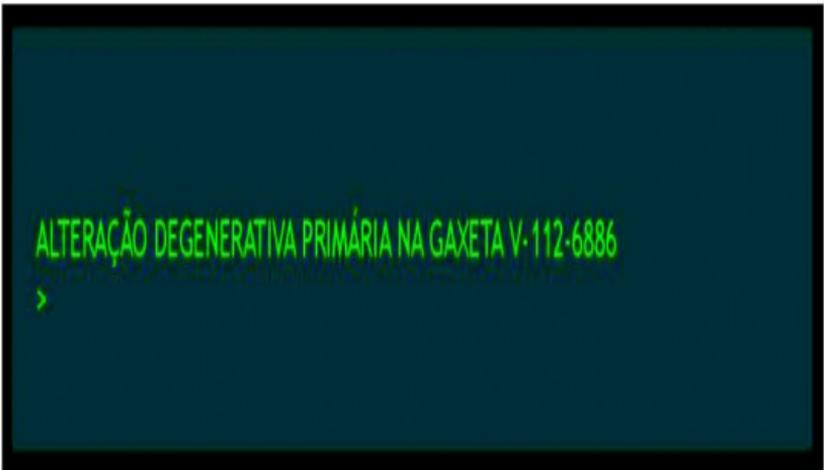
Hall deteve-se.

- Aquele rato...

O bicho respirava lenta e facilmente. Stone também viu o rato e exclamou:

- Mas que diabo!

E enquanto olhavam confusos, as luzes voltaram a piscar e o painel do computador exibiu os dizeres:



ALTERAÇÃO DEGENERATIVA PRIMÁRIA NA GAXETA V-112-6886



- Deus do céu! - exclamou Stone.

- De onde é essa gaxeta?

- É uma das gaxetas do núcleo central. Faz a interligação de todos os laboratórios.

O computador fornecia nova informação:

ALTERAÇÃO DEGENERATIVA NAS GAXETAS A-009-5478

V-430-0030

N-966-6656



Os dois homens olharam para a tela com espanto.

- Algo está errado. Terrivelmente errado.

Em rápida sucessão, o computador informou mais nove gaxetas que estavam falhando.

- Não posso compreender... - murmurou Stone.

- A criança, é claro! - exclamou Hall subitamente.

- A criança?

- E também aquele maldito avião. Agora tudo se encaixa!

- De que é que você está falando, afinal de contas?

- A criança era normal. Ela chorava, e isso rompia o equilíbrio ácido-base. Muito bem. Com isso a Espécie Andrômeda não podia penetrar em sua corrente sanguínea para aí então multiplicar-se, matando-a.

- Sim, sim. Isso você já me disse.

- Mas o que aconteceria quando a criança parasse de chorar?

Stone fitava Hall sem nada dizer.

- O que estou querendo dizer é que mais cedo ou mais tarde essa criança teria que parar de chorar. Não poderia chorar indefinidamente. E quando parasse, o

equilíbrio ácido-base voltaria ao normal. E assim estaria vulnerável à Espécie Andrômeda.

- Está certo.

- Mas acontece que a criança não morreu.

- Talvez fosse alguma forma rápida de imunidade...

- Não. Seria impossível. Só há duas explicações. Ou o organismo não estava mais lá quando a criança parou de chorar, tendo sido levado para longe, ou então esse organismo...

- Teria se transformado - concluiu Stone.

- Isso mesmo. Transformando-se em forma não infecciosa. E talvez continue se transformando. Não causa mais danos ao homem, mas devora vedações de borracha.

- O avião...

- E os homens da Guarda Nacional podiam ir ao local sem nada sofrer, enquanto o piloto teve o seu avião destruído porque o plástico desintegrou-se diante dos seus olhos. .

- O que significa que Burton está sendo exposto a um organismo inofensivo. E é por isso que o rato está vivo.

- É. por isso que Burton está vivo. A respiração rápida é desnecessária. Ele só continua vivo porque a Andrômeda se transformou.

- Pode voltar a se transformar. E se a maioria das mutações ocorre no momento da multiplicação, quando o organismo cresce mais rapidamente...

Foram interrompidos pelo soar das sirenas enquanto o computador exibia a seguinte informação:

INTEGRIDADE DA VEDAÇÃO A ZERO, NÍVEL V CONTAMINADO E ISOLADO



Stone voltou-se para Hall.

- Depressa. Saia daqui. Não há subestação neste laboratório. Você tem que ir para o outro setor.

Por um instante, Hall não entendeu, continuando sentado em sua cadeira. E então, quando finalmente compreendeu a extensão do que estava acontecendo, dirigiu-se apressadamente para a porta que levava ao corredor. Ao fazê-lo, ouviu um chiado e um estalido, enquanto uma placa de aço deslizava de uma das paredes, fechando o corredor.

Stone percebeu o que se passava e praguejou.

- Ai. está. Ficamos presos aqui. E se essa bomba explodir, ela espalhará o organismo por toda a superfície. Haverá mil mutações, cada qual matando de forma diversa. Jamais nos livraremos dele.

Através do alto-falante, puderam ouvir uma voz mecânica e inexpressiva que informava:

- O nível está fechado. O nível está fechado. Isto é uma emergência. O nível está fechado.

Houve um momento de silêncio e, em seguida, uma nova gravação com a voz da Srta. Gladys Stevens, de Omaha, Nebraska, que dizia calmamente:

- FALTAM TRÊS MINUTOS PARA A AUTODESTRUIÇÃO ATÔMICA.

TRÊS MINUTOS

Ouviu-se outra sirena, essa de frequência variável, enquanto os ponteiros de todos os relógios juntavam-se na marca de 12h00, passando a funcionar os ponteiros de segundos. Uma luz vermelha brilhava nos cronômetros em cujos mostradores havia uma linha verde indicando o momento em que deveria ocorrer a detonação.

E a voz mecânica repetia calmamente:

- *FALTAM TRÊS MINUTOS PARA A AUTODESTRUIÇÃO.*

- É automático - informou Stone. - O sistema entra em funcionamento, quando ocorre a contaminação do nível. Não podemos deixar que isso aconteça.

Hall segurava a chave em sua mão.

- Não há possibilidade de se chegar a uma subestação?

- Não neste nível. Cada um dos setores é separado dos demais.

- Mas há subestações nos outros níveis?

- Há, sim...

- E como é que eu posso subir?

- Não pode. Todos os caminhos convencionais foram selados.

- E o núcleo central? - O núcleo central comunicava-se com todos os andares.

- Há os dispositivos protetores.

Hall lembrou-se da conversa que tivera com Burton sobre os dispositivos de proteção do núcleo central. Teoricamente, uma vez dentro do núcleo haveria a possibilidade de subir até o alto. Na prática, entretanto, havia os dispositivos sensoriais, à base de ligamina para evitar que isso fosse possível. A sua finalidade prevista era a de evitar a fuga de animais do laboratório que alcançassem o núcleo. Caso isso acontecesse, os dispositivos sensoriais liberariam ligamina gasosa, um derivado do curare solúvel em água. Havia também pistolas automáticas que lançavam dardos de ligamina.

- *FALTAM AGORA DOIS MINUTOS, E QUARENTA E CINCO SEGUNDOS PARA A AUTO DESTRUIÇÃO* - informou a voz.

Hall voltava ao laboratório, e agora olhava através do vidro em direção à parte interna; mais adiante, situava-se o núcleo central.

- Quais são as minhas possibilidades? - indagou Hall.

- Elas não existem - explicou Stone.

Hall abaixou-se, arrastando através de um túnel para o interior de um traje plástico.

Esperou que este fosse selado às suas costas e então pegou uma faca, decepando o túnel como se fosse um rabo. Inspirou o ar do laboratório, que estava fresco e agradável, adicionado de organismos Andrômeda.

Nada aconteceu.

No laboratório, Stone olhava-o através do vidro. Hall pôde perceber que seus lábios se moviam, não podendo, contudo, ouvir o que dizia. Logo depois foi ligado o sistema de comunicação, e ele ouviu Stone dizer:

- ... o melhor possível.

- De que está falando?

- Do sistema de defesa.

- Obrigado - disse Hall deslocando-se em direção à gaxeta de borracha. Esta era circular e um tanto pequena, levando ao núcleo central.

- Existe apenas uma única possibilidade - disse Stone. - As doses são baixas. Foram calculadas para um animal de dez quilos, como por exemplo um macaco de bom porte, enquanto você pesa uns setenta. Será capaz de suportar doses bem elevadas antes de...

- Antes que pare de respirar - concluiu Hall.

As vítimas do curare morrem por sufocação, com paralisia do diafragma e dos músculos do peito. Hall não tinha dúvida de que se tratava de morte muito desagradável.

- Deseje-me boa sorte.

- *FALTAM AGORA DOIS MINUTOS E TRINTA SEGUNDOS PARA A AUTODESTRUIÇÃO* - informou Gladys Stevens.

Hall esmurrou a gaxeta com o punho e esta se desfez numa nuvem de poeira. Ele começou a se deslocar para o interior do núcleo central.

O lugar era silencioso. Hall estava agora afastado das sirenas e das luzes

faiscantes do nível, penetrando num espaço frio, metálico e ecoante. O núcleo central teria uns seis metros de largura e era pintado de cinza. Tinha diante de si o núcleo propriamente dito, um tronco cilíndrico, contendo cabos e maquinaria. Em suas paredes, avistou os degraus de uma escada levando para cima, em direção ao Nível IV.

- Eu o vejo em meu monitor - informou Stone. - Comece a subir a escada. O gás será lançado a qualquer momento.

Nesse instante, soou uma voz gravada:

- O NÚCLEO CENTRAL ESTÁ CONTAMINADO. O PESSOAL DA MANUTENÇÃO DEVERÁ DEIXAR A ÁREA IMEDIATAMENTE.

- Vá! - ordenou Stone.

Hall começou a subir. Enquanto galgava a parede circular, olhou para trás e avistou nuvens pálidas de fumaça branca recobrando o chão.

- É o gás - disse Stone. - Continue.

Hall subia depressa, mão após mão, deslocando-se degraus acima. Sua respiração estava ofegante, em parte devido ao cansaço e em parte em consequência da emoção.

- Os dispositivos sensoriais o localizaram - informou Stone em voz sombria.

Stone estava sentado no laboratório do Nível V, fitando os consoles, enquanto os olhos elétricos do computador acompanhavam Hall e delineavam os contornos do seu corpo que se deslocava parede acima. Aos olhos de Stone, ele parecia dolorosamente vulnerável. Stone lançou o olhar para uma terceira tela que focalizava os ejetores de ligamina que pivotavam em seus suportes murais com os seus canos delgados ajustando-se em posição de apontar.

- Continue!

Na tela, o corpo de Hall aparecia sob a forma de um contorno vermelho sobre um fundo verde-vivo. Enquanto Stone olhava, surgiu uma retícula sobre o contorno do corpo, centralizando a mira no pescoço. O computador estava programado para escolher a área de maior fluxo sanguíneo. No caso da maioria dos animais, o pescoço era melhor do que as costas.

Enquanto escalava a parede, Hall só tinha consciência da distância e do seu cansaço.

Sentia-se estranha e totalmente exausto, como se já estivesse subindo há horas.

Compreendeu então que o gás começava a afeté-lo.

- Você foi localizado pelos dispositivos sensoriais. Mas só lhe faltam dez metros.

Hall olhou para trás e viu uma das unidades que apontava diretamente para o seu corpo. Disparou no mesmo instante, saindo do cano um pouco de fumaça azulada. Seguiu-se um assobio e algo foi atingir a parede próximo ao lugar em que Hall se encontrava, caindo depois ao chão.

- Desta vez errou. Continue subindo.

Outro dardo atingiu a parede junto ao seu pescoço. Hall tentava apressar-se, procurando deslocar-se com maior rapidez. Acima de sua cabeça já podia avistar a porta com os dizeres em letras brancas: NÍVEL IV. Stone tinha razão, faltavam agora menos de dez metros.

Um terceiro dardo e, então, um quarto. Ele permanecia incólume. Foi invadido instantaneamente por uma irritação irônica: afinal aqueles malditos computadores não valiam nada, já que não eram sequer capazes de atingir um simples alvo...

O dardo seguinte foi atingi-lo no ombro, provocando dor ao penetrar em sua carne e depois mais dor e ardência, enquanto o líquido era injetado.

Hall praguejou.

Stone acompanhava tudo pelo monitor. A tela registrou que o alvo fora atingido e então exibiu uma gravação da sequência, mostrando o dardo deslocando-se através do ar, indo atingir o ombro de Hall. A cena foi repetida por três vezes.

- *FALTAM AGORA DOIS MINUTOS PARA A AUTO DESTRUIÇÃO* - informou a voz.

- A dose é pequena - disse - Stone. - Continue.

Hall continuava subindo. Sentia-se moroso, como um homem que pesasse duzentos quilos, mas ainda assim continuava subindo. Alcançou a porta no momento exato em que um dardo atingia a parede junto à sua bochecha.

- Quase.

- Vamos! Ande!

A porta tinha uma fechadura e uma maçaneta. Estava pegando a maçaneta, quando mais um dardo atingiu a parede.

- Assim, isto! Você vai conseguir - encorajava Stone

- *FALTAM NOVENTA SEGUNDOS PARA A AUTODESTRUIÇÃO* - anunciou a voz.

A maçaneta girou. A porta abriu-se com um silvo. Hall penetrou numa câmara interna, no momento em que um dardo atingia sua perna desencadeando uma rápida onda de calor. E de súbito, instantaneamente, pareceu-lhe que pensava quinhentos quilos a mais. Moveu-se em câmara lenta ao pegar a porta para fechá-la atrás de si.

- Você está dentro de um compartimento estanque informou Stone. - Gire a maçaneta da outra porta.

Hall dirigiu-se para a porta interna. Esta pareceu-lhe estar distante vários quilômetros, obrigando a uma viagem infinita, uma distância invencível. Seus pés pareciam envolvidos em chumbo, suas pernas de granito. Sentia sono e um cansaço doloroso, enquanto dava um passo, depois outro e mais outro.

- FALTAM SESSENTA SEGUNDOS PARA A AUTODESTRUIÇÃO.

O tempo estava passando rápido. Não conseguia compreender; tudo era rápido, enquanto ele era tão lento.

A maçaneta. Ele empunhou-a como que num sonho. Girou-a.

- Procure lutar contra a droga - pedia Stone - Você pode fazê-lo.

Era difícil recordar os acontecimentos seguintes. Hall girou a maçaneta, e a porta abriu-se. Teve uma vaga noção da presença de uma moça, uma assistente, que estava na passagem, quando ele passou cambaleando. Ela o olhou assustada, enquanto ele dava um único passo desajeitado para a frente.

- Ajude-me - disse ele.

A moça hesitou. Arregalou mais ainda os olhos e em seguida saiu correndo pelo corredor, afastando-se dele.

Ele a olhou estupidificado e em seguida caiu no chão.

A subestação estava apenas alguns metros adiante, uma placa polida e brilhante ali na parede.

- QUARENTA E CINCO SEGUNDOS PARA A AUTO DESTRUIÇÃO – anunciou a voz.

Hall sentiu raiva porque a voz era feminina, sedutora e não passava de uma gravação.

E também porque alguém planejara tudo dessa forma, escrevendo uma série de

regras inexoráveis, como se fosse um script, as quais eram seguidas pelos computadores, juntamente com toda aquela maquinaria de laboratório, perfeita e brilhante.

Como se aquilo fosse o seu destino previsto desde o início.

E estava irado.

Mais tarde, Hall não conseguia recordar como se arrastara vencendo aquela distância; também não se lembrava de como conseguira ajoelhar-se, alcançando a fechadura com a sua chave. Lembrava-se, contudo, do fato de tê-la girado na fechadura, vendo surgir novamente a luz verde.

- *AUTODESTRUIÇÃO SUSPensa* - anunciou a voz, como se aquilo fosse absolutamente natural. .

Hall deslizou para chão pesado, exausto, vendo as trevas envolverem-no.

Dia 5 / A SOLUÇÃO



O ÚLTIMO DIA

A voz parecia vir de muito longe:

- Ele está reagindo.

- Está?

- Está sim, olhe.

E, logo em seguida, Hall tossiu, enquanto retiravam algo de sua garganta. Tossiu novamente, ofegando e então abriu os olhos.

Um rosto feminino com expressão preocupada olhava para ele.

- Está bem? O efeito passa bastante rápido.

Hall tentou responder, mas não conseguiu. Permaneceu deitado muito quieto, de costas, e sentiu que respirava. No começo, foi muito penoso, mas logo tornou-se fácil, com suas costelas erguendo-se e baixando sem esforço. Virou a cabeça e perguntou:

- Por quanto tempo?

- Segundo os nossos cálculos, uns quarenta segundos - informou a jovem. - Quarenta segundos sem respirar. Quando o encontramos, estava um pouco azul, mas fizemos a intubação imediata e o levamos logo para o respirador.

- E há quanto tempo isso aconteceu?

- Uns doze a quinze minutos atrás. A ligamina é uma droga de duração breve, mas mesmo assim ficamos preocupados. Como está se sentindo agora?

- Bem.

Hall correu o olhar pela sala. Estava na enfermaria do Nível IV. Na parede oposta, havia um monitor de televisão, no qual surgiu o rosto de Stone.

- Olá - saudou Hall

- Parabéns - disse Stone, sorrindo.

- Quer dizer que a bomba não.

- Não, não aconteceu nada.

- Que bom - disse Hall e em seguida fechou os olhos.

Dormiu por mais de uma hora e quando acordou a televisão estava desligada. Uma enfermeira informou que o Dr. Stone estava falando com Vandenberg.

- O que está acontecendo?

- Segundo as previsões, o organismo a essa hora deverá estar sobre Los Angeles.

- E então?

- Então nada. Parece não ter mais qualquer efeito.

- Absolutamente nenhum - confirmaria Stone muito mais tarde. -
Aparentemente, sofreu mutação, transformando-se numa forma benigna. Continuamos aguardando notícias de alguma morte ou moléstia estranha, mas já se passaram seis horas e, portanto, isso nos parece cada vez menos provável. Acreditamos que acabará emigrando de volta à atmosfera, já que há oxigênio em demasia aqui embaixo. Mas é claro que se a bomba detonasse...

- Quanto tempo ainda restava? - perguntou Hall

- Quando você girou a chave? Mais ou menos trinta e quatro segundos.

Hall sorriu.

- Muito tempo. Nem mesmo dava para emocionar.

- Talvez não lá onde você estava. Mas garanto que no Nível V era muito emocionante. Eu esqueci de lhe dizer que todo o ar é bombeado para fora do Nível V, a partir trinta segundos antes da explosão, com a finalidade de melhorar as características da detonação subterrânea.

- Céus!

- Mas agora está tudo em ordem. Temos o organismo em nosso poder e continuaremos a estudá-lo. Aliás já começamos a classificar uma série de formas mutantes. Trata-se de um organismo de espantosa versatilidade.

Stone sorriu.

- Creio que podemos estar bastante confiantes de que o organismo voltará às camadas superiores da atmosfera sem causar maiores dificuldades aqui na superfície. Portanto, não há mais problema. E quanto a nós aqui embaixo, passamos a compreender o que está sucedendo agora em termos de mutação. É isso o que importa. Que compreendamos.

- Nós compreendemos - repetiu Hall.

- Sim. Nós temos que compreender.

EPÍLOGO

Oficialmente, a perda da Andros V, espaçonave tripulada que se incendiou ao reentrar na atmosfera, foi explicada como consequência de falha mecânica. A proteção contra calor excessivo, um laminado à base de tungstênio e plástico, teria sido corroída sob a tensão termal no retorno à atmosfera. A NASA instaurou um inquérito para examinar os métodos de produção da blindagem antitérmica.

No Congresso e através da imprensa, houve um clamor exigindo espaçonaves mais seguras. Em consequência das pressões governamentais e da opinião pública, a NASA resolveu adiar por período indeterminado os futuros voos tripulados. Essa decisão foi anunciada por Jack Marriot, "o porta-voz de Andros", por ocasião de uma entrevista à imprensa no Centro de Voos Tripulados de Houston. Segue-se uma transcrição parcial dessa entrevista:

P: Jack, quando é que esse adiamento entrará em vigor?

R: Imediatamente. Agora mesmo, enquanto lhes falo, estamos suspendendo as atividades.

P: E por quanto tempo será?

R: Creio ser impossível precisar.

P: Poderia ser uma questão de meses?

R: Poderia.

P: Escute, Jack. Poderia chegar até um ano?

R: Realmente não estou em condições de afirmar nada. Temos que aguardar os resultados das comissões de inquérito.

P: Esse adiamento tem qualquer relação com a decisão russa de reduzir o seu programa espacial depois do desastre ocorrido com o Zond 19?

R: Só perguntando aos russos.

P: Vejo que Jeremy Stone está na relação dos membros da comissão investigadora. Por que foi que vocês incluíram um bacteriologista?

R: O Prof. Stone tem participado de inúmeras comissões de consultoria científica. Nós respeitamos a sua opinião numa grande variedade de assuntos.

P: E esse adiamento afetará o prazo estabelecido para a descida em Marte?

R: Indubitavelmente será feito um re-escalonamento de datas.

P: E qual será o atraso, Jack?

R: Para ser franco, devo dizer-lhe que isso é coisa que todos nós aqui gostaríamos de saber. Consideramos que o fracasso dos sistemas da tecnologia, e não como um engano especificamente humano. Os cientistas estão estudando o problema, e

teremos que aguardar suas conclusões. Em realidade a decisão não está em nossas mãos.

P: Quer repetir isto, Jack?

R: A decisão não está em nossas mãos.

FIM



11 Combustível usado pelos soldados norte americanos na II guerra mundial, para aquecer alimentos, partes do corpo, etc

Sumário

Folha de Rosto	3
AGRADECIMENTOS	5
dia 1 / CONTATO	8
1	9
2	13
3	17
4	29
dia 2 / PIEDMONT	32
5	33
6	57
7	66
8	80

9	83
10	89
11	110
dia 3 / WILDFIRE	119
12	120
13	137
14	141
15	150
16	158
17	168
18	179
19	184
20	190
21	201
dia 4 /	

DISSEMINAÇÃO	210
22	211
23	229
24	235
25	243
26	252
27	259
28	266
29	272
Dia 5 / A SOLUÇÃO	278
30	279
EPÍLOGO	281